

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



DISSERTAÇÃO

**PERCURSOS E MOTIVAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DE
FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA**

Construindo Caminhos Formativos ao Longo da Vida

(Estudo de Caso)

Maria da Conceição dos Santos Lopes

**CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Área de Especialização em Formação de Adultos

2011

UNIVERSIDADE DE LISBOA

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE LISBOA



DISSERTAÇÃO

PERCURSOS E MOTIVAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DE FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA

Construindo Caminhos Formativos ao Longo da Vida

(Estudo de Caso)

Maria da Conceição dos Santos Lopes

**CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTE AO GRAU DE MESTRE EM
CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Área de Especialização em Formação de Adultos

Dissertação Orientada pelo Prof. Doutor Belmiro Cabrito

2011

AGRADECIMENTOS

Ao Nuno e ao Miguel pelo amor e paciência.

Aos meus pais, irmãos, cunhados e sobrinhos que me dão sempre a força necessária para nunca desistir.

À D. Rosa e ao Sr. Fernando pela compreensão e auxílio.

Ao grupo de alunos que integra este estudo pela prontidão com que aceitaram o convite e por toda a ajuda.

Ao Professor Romero e a todos os meus amigos pelo apoio.

Ao Professor Belmiro Cabrito pela orientação, incentivo e total disponibilidade.

Os meus sinceros agradecimentos a todos os que tornaram este trabalho possível.

RESUMO

Este trabalho de investigação situa-se no âmbito da temática “educação/formação de adultos” e procura apresentar um “*estudo de caso*” sobre os percursos e motivações de um grupo de seis alunos, com idade igual ou superior a cinquenta anos que frequenta cursos de Mestrado no Instituto Superior de Gestão.

Com o desenvolvimento do estudo pretende-se: conhecer e analisar as diversas trajectórias académicas e profissionais; identificar as razões para a realização da formação pós-graduada e detectar possíveis expectativas/mudanças com a concretização do curso.

Rica em pormenores descritivos privilegiou-se a metodologia de investigação qualitativa, recorrendo à análise de conteúdo dos dados, recolhidos através de entrevistas semi-directivas.

Em suma, o objectivo é tentar responder à questão: Quais as razões dos adultos, com idade igual ou superior a cinquenta anos, que frequentam o ISG, para a realização de formação pós-graduada?

Os resultados obtidos revelam que as motivações são sobretudo orientadas para a realização profissional e para os novos projectos que acreditam vir ainda a desenvolver. A hipótese de enveredarem por uma carreira académica, justifica o ingresso num possível doutoramento.

A família não é muito evidenciada, mas são claramente os filhos crescidos e o apoio das companheiras que lhes permitiu o investimento, nos cursos de Mestrado.

Os pares foram igualmente determinantes nesta tomada de decisão.

PALAVRAS-CHAVE: Educação/Formação de Adultos, Contextos de Trabalho, Percursos, Formação Pós-Graduada, Motivações e Expectativas

ABSTRACT

This research deals with the theme "adult education" and seeks to present a "case study" on paths and motivations of a group of six students aged greater than or equal to fifty years old, attending masters courses at Instituto Superior de Gestão.

The development of the study pretends to: understand and analyze the various academic and professional trajectories, identify reasons for pursuing post-graduate training (master degrees) and detect possible expectations / changes with the completion of the course.

Rich in descriptive details, I have privileged the methodology of qualitative research, by an exhaustive content analysis for the collected data, through semi-directive interviews.

In summary, the goal for this analysis is to find the answer to the question: What are the motives, adults aged greater than or equal to fifty years old, for attending ISG master degree courses?

The final conclusions shows that the motivations are primarily concerned with professional ends, focusing on new projects that attendees will possible develop. The scenario about joining an academic career fulfills the requirements for a possible PhD.

The family relations are not very detailed, but the majority of the enquired have adult children and the partner supports them to invest in the Masters course.

The relationships were also key impelling points for decision-making.

KEY-WORDS: Adult Education, Work Context, Postgraduate Studies, Paths; Motivations and Expectations

Índice

Introdução	3
1. Educação/Formação de Adultos	5
1.1 Marcos e Concepções	6
1.2 Matizes do Movimento da Educação Permanente	11
1.3 Contextualizando a Educação de Adultos em Portugal	15
1.4 Produção das Relações entre Dois Mundos – Formação e Trabalho	18
1.4.1 Formação, Escola e Trabalho: A Vida Social na Idade Média.....	18
1.4.2 A Produção Histórica dos Sistemas de Ensino Modernos.....	22
1.4.3 Consolidação e Alargamento dos Modernos Sistemas Educativos	24
1.4.4 Educação e Trabalho em Portugal: da Reforma Pombalina à República	26
1.4.5 O Taylorismo em Portugal	28
1.4.6 Trabalho e Formação Reflexões e Sentidos	32
1.5 Evoluindo em Contexto Universitário	34
1.6 Motivações e Expectativas	38
2. Enquadramento Metodológico	43
2.1 Estudo de Caso	43
2.2 Objecto, Objectivos e Sujeitos da Investigação.....	44
2.3 Procedimentos de Colheita de Dados	45
2.3.1 Análise Documental Informática.....	46
2.3.2 Entrevista Semi-Directiva	46
2.4 Tratamento e Análise dos Dados	47
2.5 O Campo de Estudo	49
2.6. Limitações do Estudo	51

3. Entrevistas em Análise: Apresentação, Discussão e Análise dos Dados	51
3.1 Percorrendo Trajectórias Individuais.....	51
3.2 Inferências Globais	78
Considerações Finais	86
Bibliografia.....	90

ANEXOS

ANEXO I.....	GUIÃO DA ENTREVISTA
ANEXO II.....	TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1
ANEXO III	QUADRO SÍNTESE ANÁLISE DE CONTEÚDO - ENTREVISTA 1

ANEXOS EM FORMATO DIGITAL

ANEXO I.....	GUIÃO DA ENTREVISTA
ANEXO II.....	TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS
ANEXO III	QUADRO SÍNTESE ANÁLISE DE CONTEÚDO - ENTREVISTAS

Introdução

Este trabalho de investigação, realizado no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, na área de especialização em formação de adultos, surge na sequência da actividade profissional desenvolvida durante largos anos, em domínios da formação e da docência, associada ao gosto pelo ensino, pelo acompanhar de acções de formação, pelo contacto directo com pessoas e pela intenção de futuramente enveredar por uma carreira académica. Da actividade exercida, têm surgido algumas questões intrigantes que originaram a concretização deste estudo e que se prendem com as razões que levam adultos seniores a procurar formação pós-graduada ao longo da vida.

É de conhecimento geral que o mercado da formação tem evoluído notavelmente, quer em termos de oferta, quer em termos de procura. Como refere Canário (1999:39) “*no último meio século, assistiu-se a um crescimento exponencial das actividades de formação continua*” que passou a ser praticamente uma resposta para todas as angústias, perturbações, inquietações, dos indivíduos que vivem num mundo em constantes mudanças e agravado pela crise económica.

Este investimento em formação ao longo da vida que tem vindo a ser estimulado pelo crescimento económico, pelas novas tecnologias, pelo desemprego, pela consequente maleabilidade no trabalho e pela necessidade de produzir mais com menos dinheiro, muito tem vindo a contribuir para a massificação no ensino superior. Com efeito, “*a Universidade está hoje mais democratizada, mais aberta ao meio e numa procura constante de adequação funcional às necessidades dos diferentes sistemas, especialmente o Económico e o de emprego-trabalho*” (Martins, 2008:41).

Num tempo em que a formação assume um carácter de obrigatoriedade, parece não existirem razões para a procura de formação que ultrapasse a motivação económica. Ora, porque se acredita que não é bem assim, importa compreender quais as motivações que levam os sujeitos a esta procura. No caso presente, procura-se perceber o que leva os indivíduos com idade igual ou superior a cinquenta anos a despendar do seu tempo, realizando cursos de formação pós-graduada, mais concretamente cursos de Mestrado, na área da Gestão, questão tanto ou mais perturbante quando é sabido que alguns deles não irão continuar por muito tempo na vida activa.

A instituição seleccionada para a concretização deste estudo, foi um estabelecimento de ensino superior privado, intitulado de Instituto Superior de Gestão (ISG), local onde o investigador exerce a sua actividade profissional. A escolha incidiu no facto, de já existir um breve conhecimento dos alunos, situação que permite uma maior mobilidade, no trabalho de investigação.

Face a este quadro, pretende-se esclarecer tanto quanto possível a seguinte questão: *Quais as razões dos adultos, com idade igual ou superior a cinquenta anos, que frequentam o ISG, para a realização de formação pós-graduada?*

Por conseguinte, procurou-se conhecer os seus percursos académicos e profissionais; fazer um levantamento dos cursos de formação profissional efectuados; identificar as motivações para a realização da formação pós-graduada – Mestrado - e detectar expectativas/mudanças com a concretização do curso.

O estudo que se apresenta tem uma orientação predominantemente qualitativa, primando pela metodologia de *estudo de caso*. Ainda que se tivesse recorrido à análise documental, através da pesquisa informática para a identificação da amostra, o discurso dos “actores” foi a principal fonte de informação, traduzida por entrevistas a todos os alunos, enquadrados nesta faixa etária e que ingressaram no ISG, no ano lectivo de 2010/2011.

Esta investigação que contemplou seis adultos que frequentam cursos de Mestrado, encontra-se organizada por capítulos que contemplam: *Introdução; Educação/Formação de Adultos; Enquadramento Metodológico; Entrevistas em Análise, Considerações Finais, Bibliografia e Anexos*.

O actual capítulo (*Introdução*) apresenta a justificação para a execução do trabalho e define a problemática, contextualizando o estudo.

No capítulo *Educação/Formação de Adultos*, faz-se uma breve abordagem histórica aos marcos e concepções que lhe são inerentes; desenvolve-se as matizes do movimento da educação permanente; contextualiza-se esta temática em território nacional; procede-se a uma sucinta análise retrospectiva do mundo do trabalho e da formação; enquadra-se a evolução do ensino superior universitário e compreende-se as motivações que justificam os diversos investimentos.

No que concerne ao capítulo *Enquadramento Metodológico*, referencia-se a metodologia utilizada para a realização da investigação. Neste tópico, é abordada a questão de partida e as questões subsequentes, bem com o objecto, os objectivos e os sujeitos do estudo; descreve-se ainda os procedimentos de recolha de dados (entrevista semi-directiva e análise documental informática) e os procedimentos de análise de conteúdo usados para tratar os dados empíricos e finaliza-se com uma breve reflexão sobre algumas limitações próprias deste tipo pesquisa.

Para o capítulo *Entrevistas em Análise, Apresentação, Discussão e Análise dos Dados*, expõe-se uma síntese dos resultados obtidos, percorrendo as trajectórias individuais dos adultos e que vão ao encontro das questões iniciais. Termina-se este ponto, com uma análise geral dos percursos, justificada pelo subcapítulo: inferências globais.

No capítulo *Considerações Finais*, apresenta-se um breve resumo dos resultados obtidos que justificam a procura de formação pós-graduada e reflecte-se sobre os sentidos para uma verdadeira formação.

Por fim, exhibe-se a *Bibliografia* e os *Anexos*.

1. Educação/Formação de Adultos

Inserindo-se esta investigação na área de Educação/Formação de Adultos torna-se pertinente fazer uma pequena abordagem aos marcos e concepções que historicamente foram (re) configurando esta temática, enquadrada nos ideais de uma Educação Permanente.

Salienta-se que ao longo deste capítulo utilizar-se-ão sinonimamente as expressões “educação de adultos” e “formação de adultos” justificadas por um enquadramento paralelo nos processos de educação permanente. Esta posição é semelhante à adoptada por Cabrito (2008a:92) quando refere que a oposição entre os dois conceitos constitui uma falsa questão, sobretudo a partir da altura em que “*por um lado, se discutem questões ligadas à problemática da aprendizagem e, por outro, quando essas questões saem da esfera da educação inicial e da formação profissional para se enquadrarem em processos de educação permanente*”.

1.1 Marcos e Concepções

A educação de adultos não é, ao contrário do que possamos pensar, um fenómeno recente. Vista como um processo permanente, a educação de adultos surge na continuidade dos ideais iluministas. É durante a revolução francesa que Condorcet salienta veemente o seu carácter relevante. Segundo o referido autor, *“a instrução deve estar presente em todas as idades e não há nenhuma em que seja inútil aprender”* (Canário, 1999:11). Neste entendimento, Belmiro Cabrito (2008a:92) referencia que *“aprender ao longo da vida, aprender com os outros, aprender consigo próprio são realidades bem presentes nesse Programa que Condorcet apresentou à Assembleia Nacional Francesa”*.

Após a revolução francesa, durante o século XIX e primeira metade do século XX, assistimos ao desenvolvimento da educação de adultos através da implementação de medidas relacionadas com iniciativas do Estado em alfabetizar os iletrados e outras ligadas à formação profissional e à educação política, de forma a ser exercido o sufrágio universal. Ainda que em pequenas proporções, a educação de adultos começa por estar associada a dois grandes processos sociais: ao desenvolvimento de movimentos sociais de massas e ao processo de formação e consolidação dos sistemas escolares nacionais, que levou, no que diz respeito aos adultos, ao aparecimento de modalidades de ensino de segunda oportunidade.

Porém, é com as repercussões da Segunda Guerra Mundial, num cenário de crescimento exponencial da oferta educativa, que se regista um aumento explosivo deste tipo de educação. Ela deixa de estar reservada a um pequeno número de pessoas ou a determinadas categorias sócio-profissionais e passa a estar disponível para todos (Canário, 1999).

A necessidade de reconstruir uma paz duradoura face ao quadro devastador deixado pela guerra influencia a I Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, realizada em 1949, em Elsenaur, na Dinamarca, sob a alçada da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura). Neste encontro é atribuído à educação de adultos o papel de *“encorajar a tolerância entre as nações, promover a*

democracia nos países, criar uma cultura comum englobando a elite e as massas (...) dar às populações um sentimento de pertença a uma comunidade” (Bhola, cit. in Canário, 1999:12). Para além disso e enfatizando ainda a vertente da educação cívica, a educação de adultos deveria na concepção de Di Rocco (1979:116) *“proporcionar aos indivíduos os conhecimentos necessários para o desempenho de suas funções sociais, económicas e políticas e, especialmente, capacitá-los mediante a participação na vida de suas respectivas comunidades, para viver de modo mais completo e harmonioso”*.

Se nesta I Conferência os olhares se voltaram para a Europa devastada pela guerra, já em 1960, na II Conferência Internacional de Educação de Adultos da UNESCO, em Montreal, Canadá, o centro das atenções desloca-se para a pobreza que grassa nos países do Terceiro Mundo. A educação de adultos tem agora um papel cada vez maior nos processos de desenvolvimento económico nacional e internacional. Desta Conferência resultou ainda a proposição de um processo de educação permanente no qual a formação e a instrução deveriam ser necessariamente continuadas. No que diz respeito ao conceito de analfabeto, este já não se aplica apenas a alguém que é incapaz de ler, escrever e compreender um texto pequeno e simples sobre acontecimentos relativos à sua vida quotidiana. Nesta continuidade, reconhece-se que *“aprender a ler e escrever é um objectivo muito restrito. A alfabetização só ganha sentido e efeito duradouro como parte de um programa que vise a educação geral do adulto”* (Xavier, 1992:1).

O número de países com interesse pela educação de adultos vai aumentando ao longo dos tempos e em 1972 foram já oitenta e cinco os representantes de diferentes nações que se reuniram em Tóquio, no Japão, para a III Conferência Mundial de Educação de Adultos. Para além de defender a ideia de que a educação de adultos é um processo complementar à educação de jovens, este encontro veio reforçar ainda a ideia de que a educação permanente se situa ao nível de uma aquisição de conhecimentos, num processo contínuo (ao longo da vida), numa perspectiva de integração dos diferentes meios de instrução e formação, na escola e fora dela. Sob este prisma, supera-se assim o paradigma da escola como única fonte de formação.

É interessante salientar a discussão em torno da problemática educação/formação e a forma como foi detectada nesta III Conferência. A discussão assentava

fundamentalmente na ideia de que educar era “dar” conhecimentos genéricos e que formar era uma aprendizagem virada para o ensino de uma profissão.

Na continuidade do interesse pela educação de adultos, é também em 1972 que a Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento e a Educação, presidida por Edgar Faure, publica o relatório *“Aprender a Ser”*, relatório este que dá particular ênfase às noções de *“educação permanente”* e *“sociedade educativa”*. Para Faure, citado por Belmiro Cabrito, (2008a:97) *“a educação é um processo contínuo e global onde se cruzam o cognitivo, o afectivo, o social e o cultural, cujo fim é permitir ao homem ser ele próprio suscitando-lhe um desejo permanente de aprender e de se formar”*.

Neste sentido, toda a sociedade deveria estar implicada no processo educativo que por sua vez, deveria estar centrado no sujeito, adaptado às suas necessidades, expectativas e aptidões. Pretende-se ainda a articulação de todas as instituições na construção de uma educação que não se limite à escola e que se prolongue por toda a vida. Este novo modelo de sociedade relaciona-se com o desejo de transformação da realidade, reforçado em 1976, na 19ª sessão da Conferência Geral da UNESCO, em Nairobi, Quênia. Uma sociedade verdadeiramente educativa necessita de um sistema educacional que tenha em consideração todos os aspectos da vida quotidiana e todas as dimensões do sujeito humano.

Em 1990, novamente a UNESCO e outras entidades como a UNICEF, o PNUD e o Banco Mundial, reuniram-se na Conferência Mundial de Educação para Todos, na Tailândia e, de entre as várias questões tratadas, deu-se particular relevância à necessidade de democratização da educação *“destinada a satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, o desenvolvimento pleno das potencialidades humanas, a melhoria da qualidade de vida e do conhecimento, e a participação do cidadão na transformação cultural de sua comunidade”* (Secretaria de Educação Especial, 2006).

Nesta declaração, as necessidades compreendem tanto os instrumentos fundamentais para a aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto os conteúdos essenciais da aprendizagem (como conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), *“necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida,*

tomar decisões fundamentadas, participar activamente na vida comunitária do país e continuar aprendendo” (UNESCO, 1998).

Esta e outras iniciativas das Nações Unidas reflectem as preocupações e tendências mundiais no que diz respeito à definição de novas concepções e novas estratégias de acção da educação de jovens e adultos, tendo como pano de fundo um contexto global de grandes transformações económicas, políticas, sociais e tecnológicas. De entre essas iniciativas está a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, presidida por Jacques Delors, em 1996. Dela resulta a proposta dos quatro pilares educativos que englobam a construção/aprofundamento do conhecimento e a aprendizagem global e permanente: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver.

No ano seguinte, em 1997, realiza-se em Hamburgo, na Alemanha (e mais uma vez sob a coordenação da UNESCO), a V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, cujo objectivo era, como o próprio tema indica – *A Aprendizagem dos adultos: uma chave para o século XXI* – reforçar a importância da aprendizagem de adultos e conceber os objectivos mundiais numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida. A Declaração de Hamburgo, resultante desta Conferência representou “*um marco importante na medida em que estabeleceu a vinculação da educação de adultos com o desenvolvimento sustentado e equitativo da humanidade*”(Confintea, 1999:7). Para além de conceber a educação de adultos como um direito humano básico, capaz de contribuir para promover a justiça e o bem-estar social (promovendo a autonomia e o sentido de responsabilidade, para o crescimento profissional e o desenvolvimento pessoal dos cidadãos), pretendeu que houvesse também por parte dos indivíduos, a aquisição de habilidades, a integração e a participação na sociedade, a construção de uma cultura da paz, a igualdade entre os sexos e o desenvolvimento sócio-económico e científico.

Neste primeiro cenário deu-se conta da forma como, a nível internacional, a educação de adultos se tem vindo a alargar e estruturar como um meio de informação, mobilização e compreensão das grandes questões da humanidade e como factor determinante para o desenvolvimento histórico. Contudo, considera-se bastante pertinente olhar a educação de adultos no caso concreto do contexto português, ainda que de uma forma sintetizada.

É principalmente desde a segunda metade do século XIX que se pode falar de educação de adultos em Portugal. Bastante associado ao objectivo da alfabetização - motivo que esteve na origem de inovações pedagógicas, como o Método de Leitura Repentina de Castilho e o Movimento das Escolas Móveis (1878), associado ao Método da Cartilha Maternal de João de Deus (1876) - este tipo de educação aparece relacionado com o reforço do nacionalismo, no contexto do Estado-Nação, mas é contudo, sob a modalidade de Ensino Recorrente, que ocorrem as principais aproximações entre o sistema regular de ensino e a educação de adultos.

Apesar de serem dignas de referência iniciativas como as referidas anteriormente, bem como a criação dos Cursos de Ensino Primário Supletivo para Adultos, foi de facto, nas últimas décadas do século XX, que no contexto da Lei de Bases do Sistema Educativo *“se tornou irreversível uma autonomização de organismos e programas de investigação e de acção específicos para a educação de adultos”* (Magalhães, 2003:177).

A integração da educação de adultos no sistema educativo torna-se possível em 1973, pela Reforma do Sistema Educativo, passando a ser constituído pela educação pré-escolar, pela educação escolar e pela educação permanente. A formação profissional foi também incluída no sistema educativo, de forma a responder às necessidades daqueles que pretendessem enveredar por essa via, após a conclusão do ensino básico, de um curso geral ou de um curso complementar.

O ensino recorrente de adultos foi, no entanto, reconhecido pela Lei 46/86 de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo), destinando-se a indivíduos com mais de quinze e dezoito anos, que em idade normal, não haviam tido oportunidade de beneficiar da educação escolar, ao nível dos ensinos básico e secundário, e que por razões profissionais ou de promoção cultural, desejavam fazê-lo posteriormente. A formação profissional passou também, com a entrada em vigor desta Lei, a poder ser organizada de forma recorrente.

É de salientar que *“em meados da década de 1970 cerca de um quarto da população portuguesa era analfabeta, as taxas de escolarização entre as crianças e jovens revelaram-se extremamente baixas e, não obstante os incrementos ocorridos a partir da década anterior, a população universitária era diminuta”* (Lima, 2008:31).

O objectivo de eliminação do analfabetismo, visado pelo Ensino Recorrente, saiu então reforçado com aquilo que a Lei de Bases consagrou como educação extra-escolar, sob a modalidade de educação de adultos. Aquela propunha-se a um alargamento dos conhecimentos e um desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos.

Deste modo, é já num contexto de educação de adultos para todos, numa perspectiva de Aprendizagem ao Longo da Vida e no seguimento da já referida Declaração de Hamburgo de 1997, que são tomadas decisões políticas relevantes face às assimetrias existentes na sociedade portuguesa, as quais, principalmente nas duas últimas décadas do século XX, se tinham vindo a acentuar: por um lado as baixas habilitações literárias e profissionais da população activa e o correspondente nível de desempenho efectivo de funções produtivas e, por outro lado, os condicionalismos e limitações face ao confronto com os novos desafios originados pela rápida mudança dos sistemas de comunicação e tecnologias de produção.

O reconhecimento de que a educação de adultos se refere não apenas a “*métodos, currículos, públicos e pedagogias*”, mas também a “*capacidades, conhecimentos e competências de vida*” (Magalhães, 2003:190), é simultâneo à aceitação das limitações das estruturas formais de educação e formação em responder a todas as necessidades e desafios, no campo social e pedagógico, das populações activas e/ou em vias de transformação e conversão profissional. Nesta perspectiva, “*a educação acompanha os indivíduos em todos os tempos e lugares, colocando-os, de forma permanente, no centro do processo de aprendizagem*” (Cabrito, 2008a:98). Na educação, como refere Pineau (1991), o sujeito aprende consigo próprio (auto-formação), aprende com os outros (hetero-formação) e aprende nos contextos que vive (num processo de eco-formação).

1.2 Matizes do Movimento da Educação Permanente

Após a 2ª Guerra Mundial, a passagem de uma escola elitista (de *certezas*) para uma escola de massas (de *promessas*) é marcada pelo grande crescimento da oferta educativa e escolar, consequência do aumento da oferta (políticas públicas) e do aumento da procura ou seja, da “*corrida à escola*” (Canário, 2001:15). O aumento do número de escolas é acompanhado por uma atitude de euforia e optimismo baseada em três

promessas: desenvolvimento, mobilidade social e igualdade. Contudo, as promessas não são cumpridas e desde os anos 70 que esta “*procura encantada de educação*” (Grácio, 1986) vem cedendo lugar ao desencanto.

O contexto das *certezas* encontra-se ligado à primeira metade do século XX, quando a responsabilidade da escola se cingia à formação de cidadãos cujos comportamentos e atitudes estivessem de acordo com os valores (intrínsecos e estáveis) de um determinado padrão cívico. Era portanto, como refere Durkheim (cit. in Canário, 2001: 14-15), uma escola promotora da integração social, através da “*socialização metódica*” dos jovens, permitindo também a inserção na divisão social do trabalho através da instrução de base e dos diferentes percursos escolares (do ponto de vista social) que oferecia. O seu modo de funcionamento elitista permitia-lhe não só o estatuto de “isenção” de responsabilidades na produção de desigualdades sociais, mas também funcionar como uma forma de obter ascensão social. Nesta época, apesar do carácter elitista assumido “*a escola não aparecia comprometida com a produção de injustiças sociais, favorecendo alguns percursos de mobilidade social ascendente em função do mérito*” (Alves & Canário, 2004: 982).

Como refere Maria Filomena Mónica (1980:506), citando António Ferro, “*Salazar estava fundamentalmente interessado na educação de um escol nacional, e não na educação do povo: «Considero [...] mais urgente a constituição de vastas élites do que ensinar o povo a ler. É que os grandes problemas nacionais têm de ser resolvidos, não pelo povo, mas pelas élites enquadrando as massas»*”

A frustração em que resultou o modelo de crescimento desenvolvimentista, com repercussões não só na economia mas também na evolução dos sistemas escolares é, actualmente, bem evidente na “nova” questão social, que reproduz e “amplia” as desigualdades sociais. Numa lógica contraditória, a democratização da escola levou-a, na perspectiva de Dubet, citado por Canário (2001:15), a produzir desigualdades sociais e a deixar de ser vista como uma “*instituição justa num mundo injusto*”, produzindo o já referido desencanto que, a partir dos anos 80, marca a entrada da escola numa era de *incertezas*.

Foi no “*contexto de ruptura e de crítica com o modelo escolar*” (Canário, 1999:87) que emergiu o Movimento da Educação Permanente, no início dos anos 70 e desde então

tem vindo a ser matizado pelas perspectivas de diversos autores. São algumas dessas matizes que se procura aqui abordar.

O Movimento da Educação Permanente contribuiu para a necessidade de ligar o ensino com a própria vida, para a *“reconciliação entre o formal e o informal”* (Matos, 1999:25), para a valorização dos espaços e dos saberes informais, para o intercâmbio entre a escola e o meio, para a mobilização de outras formas de saber e de aprender para dentro do espaço da escola, para a importância de se valorizar o educativo em detrimento do escolar.

Nesta linha de pensamento, José Alberto Correia (1999:134) defende que ao Movimento da Educação Permanente deve estar subjacente o *“paradigma da interpelação¹”*, na medida em que este atribui uma atenção acrescida *“à gramática das formas de vida e à gestão das diferenças”* e insere a escola *“numa rede de relações que a transcendem e que ela deve procurar qualificar, contribuindo para a sua diversificação, densificação e enriquecimento”*. Concordando com este autor, António Nóvoa (1988:9) defende que o Movimento da Educação Permanente é, não só portador *“de uma crítica fundamental ao modelo escolar”* mas também *“de uma nova visão do homem”*, na qual a educação é vista como um processo contínuo que ocorre desde o nascimento até à morte e que se enreda, por isso, com a existência e a construção da pessoa. Também na concepção de Rui Canário (1999), a Educação Permanente assenta no pressuposto de que o processo educativo é contínuo e diversificado: contínuo na medida em que considera que aquele não pode resumir-se a etapas delimitadas da vida das pessoas; diversificado porque deverá combinar situações e modalidades de formação diferenciadas quanto ao seu nível de formalização e quanto à relação com os outros e com o mundo, assumindo portanto características de globalidade. Ou seja, a Educação Permanente é encarada como um *“princípio reorganizador de todo o processo educativo”* (Canário, 1999:88), cujo ponto fulcral diz respeito à emergência da pessoa como sujeito da formação.

¹ Em oposição ao paradigma da interpelação, José Alberto Correia faz referência aos paradigmas da *“exterioridade”* e da *“continuidade”*. No primeiro, as modalidades de educação informal definem-se pela negativa, isto é, *“quando não se conformam à lógica da Escola estão na produção de handicaps socioculturais cuja superação só é possível através do reforço e da dilatação do tempo de exposição à educação formal”* (Correia, 1999:130). O segundo, apesar de reconhecer a possibilidade de existência de aprendizagens fora do contexto escolar propriamente dito, apenas lhes reconhece uma certa pertinência *“intimamente dependente da sua conformidade aos saberes e às cognições susceptíveis de serem ensináveis, isto é, susceptíveis de serem descontextualizados”* (ibidem: 131).

É nesta perspectiva, que assumem grande pertinência as palavras de António Nóvoa (1988:13) quando refere que “*mesmo quando uma acção educativa se revela formadora são, na realidade, os adultos eles próprios que se formam*”. Esta perspectiva é contrária à da “*educação bancária*” na qual o educador “*é o sujeito do processo [e] os educandos meros objectos*” (Freire, 2002:59).

Perseguindo as ideias de continuidade, diversidade e globalidade do processo educativo, a Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento e a Educação, presidida por Edgar Faure, elaborou o relatório “*Aprender a Ser*”, que traduziu preocupações com a desumanização do mundo relacionada com os progressos da ciência e da técnica. Este Relatório, na mesma linha de pensamento da Educação Permanente, defende que a educação deve contribuir para “*conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem tanto quanto possível, donos do seu próprio destino*” (Delors, 1996:86).

Em conjugação com este princípio, Delors (1996) apresentou no Relatório “*Educação, um Tesouro a Descobrir*”, os quatro pilares em que se deve estruturar a Educação: “*aprender a ser*”; “*aprender a conhecer*”; “*aprender a fazer*” e “*aprender a viver juntos*”. A máxima de “*aprender a ser*” assume-se, portanto, como a via essencial que integra todas as outras e preconiza como um princípio fundamental da educação a sua contribuição para o desenvolvimento da pessoa em todas as suas dimensões (espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade) para que o ser humano seja preparado para produzir pensamentos autónomos e críticos e expressar os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.

A pertinência de “*aprender a conhecer*” prende-se não só com aumento dos saberes, mas com o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento, de forma que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, estimulando quer a curiosidade intelectual, quer o sentido crítico, permitindo assim a compreensão do real mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. Esta capacidade torna-se cada vez mais indispensável face à complexidade do mundo actual e para fazer frente a factores como a substituição de tarefas físicas por tarefas mais intelectuais/mentais.

Torna-se necessário que o *“aprender a fazer”* não mais se relacione com a simples transmissão de práticas rotineiras, pois a relação com a matéria e a técnica dever ser complementada com a aptidão para as relações interpessoais. A relação com o outro é, sem dúvida, imperiosa num mundo cada vez mais violento onde tende a reinar a competição favorecida por guerra económica evidente. A educação deve, portanto, dar a conhecer a diversidade que caracteriza a espécie humana, numa tentativa de *“levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta”* (Delors, 1996:84).

“Aprender a viver juntos” passa então pela descoberta de nós mesmos e do outro, pois só assim nos poderemos colocar no lugar dele e compreender as suas reacções.

Estes quatro pilares aliam-se a uma concepção de educação que vai ao encontro dos ideais da Educação Permanente, na medida em que esta defende o desenvolvimento do indivíduo em todas as suas vertentes.

Deu-se conta, até ao momento, dos marcos e concepções, bem como as matizes em que se tem estruturado a educação de adultos. No ponto seguinte revê-se a educação de adultos no contexto português.

1.3 Contextualizando a Educação de Adultos em Portugal

É principalmente desde a segunda metade do século XIX que se pode falar de educação de adultos em Portugal. Esta aparece inicialmente associada ao objectivo da alfabetização² que se prende com o reforço do nacionalismo, no contexto do Estado-Nação. Contudo, é sob a modalidade de ensino recorrente que ocorrem as principais aproximações entre o sistema regular de ensino e a educação de adultos. Na opinião de Justino Pereira de Magalhães (2003), apesar de serem dignas de referência iniciativas como a criação dos Cursos de Ensino Primário Supletivo para Adultos, foi de facto, nas últimas décadas do século XX que, no contexto da Lei de Bases do Sistema Educativo³ *“se tornou irreversível uma autonomização de organismos e programas de*

² Motivo esse que esteve na origem de inovações pedagógicas, como o Método de Leitura Repentina de Castilho e o Movimento das Escolas Móveis (1878), associado ao Método da Cartilha Maternal de João de Deus (1876) (Magalhães, Justino, 2003).

³ Lei nº 46/86 de 14 de Outubro.

investigação e de acção específicos para a educação de adultos” (Magalhães, 2003:177)⁴.

Efectivamente, a Lei de Bases do Sistema Educativo reconhece o ensino recorrente de adultos como uma modalidade especial de educação escolar⁵ *“para os indivíduos que já não se encontram na idade normal de frequência dos ensinos básico e secundário”*⁶. Este tipo de ensino *“é também destinado aos indivíduos que não tiveram oportunidade de se enquadrar no sistema de educação escolar na idade normal de formação, tendo em especial atenção a eliminação do analfabetismo”*⁷.

A modalidade de formação apresentada destina-se a indivíduos em idade normal não haviam tido oportunidade de beneficiar da educação escolar, ao nível dos ensinos básico e secundário, respectivamente, e que por razões profissionais ou de promoção cultural, desejavam fazê-lo depois⁸.

Seguindo a linha expressa por Licínio Lima (2003:21), na década compreendida entre 1985 e 1995, a educação de adultos *“votada ao abandono e politicamente silenciada”* sofreu um processo de fragmentação e dissolução, *“face ao protagonismo concedido ao ‘ensino recorrente’ e a novas orientações vocacionalistas de produção de ‘capital humano’ e mão de obra qualificada, através da criação de um sistema paralelo de formação profissional”*. Nesta altura e de acordo com Ricardo Costa (2001: 16), o ensino recorrente foi maioritariamente dominado por jovens até aos 30 anos e por um grupo minoritário dos restantes grupos etários, o que leva a crer que este tipo de ensino não se adequa às suas necessidades, quer pela predominância dos jovens, quer pela presença do modelo escolar. Na sequência do discurso do mesmo autor, existe uma rede nacional de ensino recorrente já estabelecida no ensino básico, mas em fase de generalização no secundário, contudo falta ainda uma aposta política forte para que o ensino recorrente deixe de ser encarado como *‘mero sistema subsidiário’* do ensino regular.

⁴ O reconhecimento da integração da educação de adultos no sistema educativo foi já equacionado em 1973, pela Reforma de Veiga Simão.

⁵ Alínea c), nº 1, artigo 16º da Lei 46/86 de 14 de Outubro.

⁶ Nº 1, artigo 20º da Lei nº 46/86 de 14 de Outubro.

⁷ Nº 2, artigo 20º da Lei nº 46/86 de 14 de Outubro.

⁸ Artigos 3º e 20º da Lei 46/86 de 14 de Outubro.

A partir de 1996 e recorrendo mais uma vez a Licínio Lima (2003:21), a educação de adultos passou por um período de revalorização que a retirou da situação crítica em que se encontrava. Segundo Justino Magalhães (2003), foi no seguimento da Declaração de Hamburgo de 1997 que, também em Portugal, foram tomadas decisões políticas relevantes face às assimetrias existentes na sociedade portuguesa as quais se vinham a acentuar nas duas últimas décadas do século XX: por um lado as baixas habilitações literárias e profissionais da população activa e o correspondente nível de desempenho efectivo de funções produtivas e, por outro, os condicionalismos e limitações face ao confronto com os novos desafios originados pela rápida mudança dos sistemas de comunicação e tecnologias de produção.

O reconhecimento de que a educação de adultos se refere não apenas a programas e metodologias, mas também a conhecimentos e competências de vida (Magalhães, 2003), é simultâneo à aceitação das limitações das estruturas formais de educação e formação em responder a todas as necessidades e desafios, no campo social e pedagógico, das populações activas e/ou em vias de transformação e conversão profissional.

Face a esta constatação surge a necessidade de definir de um quadro político-pedagógico que permitisse flexibilidade e correspondência entre aquisições e competências conseguidas nos quadros da educação formal e informal.

A educação de adultos alargou o seu campo e fala-se agora em aprendizagem ao longo da vida, reconhecida, validada e certificada pelos Centros de Novas Oportunidades. É nesta continuidade, que o reconhecimento pela experiência chegou também ao ensino superior, através do decreto-lei nº 64/2006, de 21 de Março e pelo dispositivo *dos “maiores de 23”*. Desta forma, *“assistiu-se nos últimos anos lectivos (2006-2007 e 2007-2008) à construção de um dispositivo de acesso a este nível de ensino para adultos portadores de conhecimentos e de experiências, o chamado Acesso, Acompanhamento e Creditação de Qualificações dos Maiores de 23”* (Cabrito, 2008b:238). Este dispositivo permite aos adultos com mais de 23 anos, candidatarem-se ao ensino superior, desde que demonstrem capacidade para o frequentar com sucesso, independentemente das suas habilitações académicas.

Como é possível constatar, a educação de adultos já não é apenas um processo orientado para a alfabetização. Através do reconhecimento da experiência de vida, é possível chegar hoje à universidade.

Sendo que a educação/formação, tem vindo a crescer a par com os contextos de trabalho, importa perceber a relação que se tem vindo a estabelecer entre estes dois mundos.

1.4 Produção das Relações entre Dois Mundos – Formação e Trabalho

A análise que se segue pretende dar conta do processo sócio-histórico da produção das relações entre trabalho e formação. Neste enquadramento, para compreender o presente e perspectivar o futuro de uma forma informada e responsável, torna-se necessário realizar uma análise atenta sobre o passado, a qual - fornecendo instrumentos de reflexão e formas de abordagem capazes de auxiliar a redefinição dos problemas - potencia a compreensão dos desafios que actualmente se colocam a estas duas esferas: formação e trabalho.

1.4.1 Formação, Escola e Trabalho: A Vida Social na Idade Média

Nas cidades da Idade Média, a aprendizagem de um determinado ofício era realizada dentro das próprias corporações medievais. O “*contrato de aprendizagem*” estabelecido entre aprendiz e mestre, além de regulamentar essa mesma aprendizagem, dava ao primeiro a certeza da sua entrada na profissão.

A duração desta “*formação profissional*” é longa, mas tal situação não deriva somente do facto dos contextos onde se realiza a actividade produtiva se caracterizarem por uma certa complexidade tecnológica; o que acontece é que graças a uma extensão “*artificial*” do tempo de “*formação*”, é possível não só combater o grande número de candidatos a mestres – funcionando como um mecanismo de regulação social - como também usufruir da existência de “*mão-de-obra barata*” (Correia, 1996:17)

Convém clarificar que apesar da aprendizagem gozar de uma certa autonomia em relação aos condicionalismos tecnológicos do exercício da actividade produtiva, ela entra em articulação directa com contextos de trabalho que requerem qualificações

individuais bastante complexas. Neste sentido, e como lembra Braverman (1974:265), pode-se dizer que “*o conceito de qualificação está intimamente ligado ao domínio de um ofício – quer dizer, à combinação de conhecimentos de materiais e processos com a destreza manual dada pela prática, necessária para levar a cabo um processo específico de trabalho*”. Em oposição aos saberes artesanais, relacionados com as propriedades dos materiais com que trabalham e ao conceito de qualificação que deles deriva, situa-se a actividade comercial.

Com efeito, a complexidade tecnológica do exercício das actividades produtivas não é o único factor que está subjacente ao desenvolvimento de instituições sociais especializadas na formação. A estrutura dos saberes a transmitir é deveras importante, de forma a possibilitar a sua descontextualização, isto é, a sua reprodução em contextos diferentes dos da sua produção e utilização. Esta foi a principal característica que distinguiu as actividades comerciais das artesanais, tornando-se mais visível a partir do momento em que a concentração e diversificação do comércio (principalmente em Florença, século XIV), exigiu dos comerciantes a manipulação de um conjunto de “*linguagens simbólicas*”, como por exemplo, a contabilidade e o cálculo.

Se a actividade artesanal pressupunha uma aprendizagem em contexto de trabalho, a actividade comercial, pressupunha, por sua vez, uma aprendizagem em contexto escolar. A escola, que no seu início “*aparece como uma instância de «formação profissional» do clero cuja actividade profissional*” exigia o domínio da escrita e do latim, consolidou-se também como uma instância de produção e de reprodução de uma *burguesia mercantil que manipula «saberes profissionais» propensos à sua descontextualização e, portanto, à sua «escolarização»*” (Correia,1996:19).

Este primeiro cenário consistiu em perceber o sistema corporativo de aprendizagem existente nas comunidades profissionais de artesãos e comerciantes e, consequentemente dar conta da estreita ligação que se estabelecia entre formação e trabalho. Contudo, outros espaços de formação merecem ser analisados, uma vez que ocupam uma posição importante no que diz respeito à produção dos sistemas de ensino modernos. As Escolas de Caridade, os Colégios e as Escolas de Paróquia constituem alguns desses espaços.

Presentes desde o século VI e inicialmente criadas para ministrar formação a futuros monges e clérigos, as Escolas de Caridade, como resposta às crescentes solicitações de comerciantes e de camadas letradas da sociedade, vieram posteriormente a admitir crianças cujo futuro já não passaria pela vida religiosa. Mais tarde ainda, viriam a oferecer um ensino que, apesar de ser supervisionado pela Igreja, não era exclusivamente ministrado por religiosos. A demonstrá-lo figura a imagem do mestre-escola, sem qualquer formação específica, proveniente de grupos sociais bastante diversificados e detentor de um estatuto sócio-económico baixo. O mestre-escola não se ocupava exclusivamente do ensino. A este propósito, Nóvoa (1987) refere a existência de artesãos, que paralelamente ao seu ofício ensinavam a ler e a escrever, sendo de destacar as referências a sapateiros, barbeiros, e carpinteiros, entre outras profissões artesanais.

A arte de ensinar não dispunha portanto, de instalações específicas e muitas vezes as “lições” eram dadas na Igreja, à porta da casa do mestre ou mesmo numa esquina da rua. Não havendo uma idade específica para aprender na “*escola*”, era possível encontrar jovens e adultos, no mesmo espaço. A inexistência de graus de ensino, assim como de avaliação, são outras características destas instituições, que se reviam num “*espaço natural*” com múltiplas funções e auto-organizando-se. Esta escola, na concepção de Barroso (1993:75) “*recria de certo modo o espaço doméstico onde coabitam várias pessoas com tarefas diferentes e simultâneas*”.

É inegável a importância das Escolas de Caridade para a escolarização, contudo, foi nos Colégios que se desenvolveu a moderna tecnologia de ensino. Os Colégios, criados desde o século XIII, destinavam-se a dar abrigo moral e material a estudantes que frequentavam a Faculdade das Artes e que estavam longe dos seus familiares. “*A sua função era a de abrigar materialmente e moralmente os alunos que viviam separados das suas famílias e reduzir os distúrbios que eles provocar na cidades*”(Correia, 1996:20)

Esta situação manteve-se até finais do século XV, pois a partir do início do século XVI o grande aumento do número destes espaços, acompanhado de várias alterações no que diz respeito à sua função social e organização interna, origina a sua transformação em locais de ensino em regime de internato.

Com efeito, a existência de um número relevante de estudantes e mestres nesses Colégios fez repensar os métodos e a organização do ensino, de acordo com a transformação destes espaços em instituições sociais especializadas na produção de ensino.

A divisão dos alunos por turmas (cujo objectivo não seria, pelo menos naquela época, uma homogeneidade etária mas uma homogeneidade cognitiva) e a evolução dos programas permitiu a transformação da escola, que passou a ser um “*espaço disciplinar, hétero-organizado e unifuncional*” (Barroso, 1993:76).

A evolução do conceito de escola que vai desde o simples local de ensino, onde não existia distinção de graus nem controlo exercido pelo professor (escola da Idade Média) até uma instituição bastante complexa, hierarquizada, que ensinava os seus alunos mas também os vigiava e enquadrava, foi concretizada pelo estabelecimento de uma regra de disciplina caracterizada essencialmente como refere Ariés (1986), por uma vigilância constante; acusação/denúncia e aplicação de castigos corporais.

As Escolas de Paróquia, existentes desde o século XVI, adoptaram algumas das formas de organização pedagógica existentes nos Colégios, entre as quais, subdividir os alunos em classes; graduar os programas; institucionalizar mecanismos de avaliação e de progressão e seguir um regime disciplinar diferente do praticado no espaço de socialização familiar.

Se por um lado, o desenvolvimento das Escolas de Paróquia traduz as origens dos modernos sistemas de ensino, por outro lado, elas constituem também o “*preâmbulo da institucionalização dos mecanismos de discriminação social que os caracterizam*” (Correia, 1996:22-23).

Tal desenvolvimento foi simultâneo à institucionalização de duas vias de alfabetização: as escolas dos pobres, que não davam acesso aos colégios porque não ensinavam o latim e as escolas dos ricos, pagas, onde se ensinava o latim e em latim a que não têm acesso “*os assalariados e os artesãos pobres*” (Petitat, 1982:163). A estas duas vias de alfabetização correspondiam duas redes de escolarização: uma rede terminal, dirigida a quem deveria começar a trabalhar cedo e uma rede de escolarização preparatória de outros estudos, para quem poderia pagar os custos de uma escolaridade prolongada.

A organização burocrática racionalizada da actividade de formação criada por estes espaços é ainda visível nos nossos dias, nomeadamente através das escolas profissionais.

1.4.2 A Produção Histórica dos Sistemas de Ensino Modernos

A partir do que foi dito é possível perceber a existência de uma ligação íntima entre a produção histórica das modernas práticas e categorias educativas e as transformações existentes no campo religioso. Contudo, também a articulação entre aquele processo histórico e as mutações ocorridas na esfera do trabalho merecem uma análise atenta.

Se até então a concepção de trabalho defendida pela Igreja define-o como uma “*penitência**” e um “*esforço penoso a evitar*” no século XVII a burguesia vem introduzir um olhar diferente em relação ao trabalho, considerando-o uma “*actividade exaltante**” (Correia, 1996:23) e uma forma justa de atingir riqueza. Tratava-se, por conseguinte, de um movimento de revalorização social do trabalho ao qual se associam duas questões: uma postura de marginalização em relação àqueles que não trabalhavam e o surgimento de um novo controlo social do trabalho.

Este controlo social é, segundo Michel Foucault (1975), diferente daquele que era praticado nas manufacturas por inspectores encarregues de fazer cumprir o regulamento. Era portanto, um controlo intenso, contínuo, que incidia sobre todo o processo de trabalho e ao qual não escapava a actividade dos homens, o saber fazer, o empenho e a perspicácia. O aumento do número de trabalhadores e a divisão do trabalho, consequências da complexificação da actividade de produção, vêm justificar ainda mais a necessidade de controlo e vigilância.

Recorrendo ao mesmo autor, é possível dizer que se assistiu a “*uma espécie de isomorfismo estrutural*” (Foucault, 1975: 176-177) entre os mecanismos de organização e controlo do trabalho produtivo existentes nas manufacturas e maquinofacturas e aqueles que resultam da racionalização do trabalho de formação. É sob este ângulo que assistimos a uma reorganização do controlo da formação. Surgem, portanto, dois tipos de tarefas: as materiais (como por exemplo, distribuir tinta e papel) e as que se relacionam com o exercício da vigilância.

A função de vigilância ocupa, pois, lugar de destaque quer no espaço de formação, quer no interior da manufactura. Constituindo-se como parte integrante quer de um, quer de outro, funciona no primeiro como um aumento da eficácia da prática docente e na segunda como um instrumento do poder disciplinar, decisiva para o desenvolvimento económico.

Todas estas ideias (controlo e disciplina, divisão especializada de tarefas e reforço do poder do professor) desaguam numa nova racionalidade pedagógica assente em critérios de eficácia e de esforço, a qual é acompanhada por uma nova noção de tempo - *“um tempo abstracto e mensurável que fixa os ritmos de trabalho, a hora das refeições e os momentos de repouso”* (Correia, 1996:24) – responsável pelas associações “intensidade do trabalho/rentabilidade” e “punição social/não trabalho”. Com o desemprego, como refere Natália Alves (2009:49) *“instala-se um sentimento de humilhação, de fracasso, de culpabilidade e de inferioridade social”*.

Deste modo, o desenvolvimento de mecanismos de controlo social trouxe novas formas de organização do trabalho pedagógico de forma a proceder à implementação de determinados valores, considerados imprescindíveis à funcionalidade desta nova ética de trabalho, que por sua vez, defende a naturalização do respeito por uma ordem hierárquica baseada na submissão aos novos mecanismos de disciplinação, *“colocando-se na vanguarda da luta contra a ociosidade”* (Correia, 1996:25).

Em resumo, para se efectuar uma análise atenta sobre a construção e produção históricas dos modernos sistemas de ensino, é importante referenciar o sistema corporativo de aprendizagem da Idade Média; os espaços de formação existentes na Europa Medieval; as influências exercidas pelas constantes transformações ocorridas não só na esfera religiosa, mas também na esfera do trabalho.

Sustentando a tese de José Alberto Correia (1996), admite-se a necessidade de ter igualmente em linha de conta, o contexto social em que se produziram tais sistemas de ensino, o qual comporta em si mesmo a passagem de responsabilidade (que não foi total, é certo) pela socialização das “mãos” da Igreja para a esfera pública, o Estado.

Em finais do século XVIII, a Reforma do ensino levada a cabo por Marquês de Pombal insurgiu-se contra o então domínio exercido pelos Jesuítas sobre as práticas educativas e

que assentava em três ideias principais: o controlo do Estado sobre as práticas educativas, racionalização organizativa do ensino e introdução dos saberes técnicos nos planos de estudo. Esta mudança veio alterar o conceito de moral, que não sendo já “monopólio” exclusivo da Igreja passa também a permanecer sob a alçada do Estado, misturando-se assim com factores de ordem política, económica e social. A instrução passou então, *“a aliar-se ao Estado e a propagação dos ideais educativos contribuiu para que as populações passassem a atribuir um valor relevante à instrução”* (Mendonça, Alice, s/d: 6).

E se a escola tem desempenhado um excelente papel na transmissão de valores morais, a fábrica moderna também é capaz de proceder eficazmente à inculcação desses valores. Desta forma, os valores e as necessidades de mão-de-obra que resultaram da Revolução Industrial - *“mão-de-obra não qualificada”* onde *“os novos industriais encontraram os trabalhadores susceptíveis de serem formados para o trabalho mecânico”* (Correia, 1996:27) - constituem dois factores que conduzem a uma melhor compreensão da produção da autonomia relativa entre a escolarização e os condicionalismos técnicos dos postos de trabalho resultantes da Revolução Industrial.

1.4.3 Consolidação e Alargamento dos Modernos Sistemas Educativos

Na consolidação e expansão dos Sistemas Modernos, sublinha-se o facto do desenvolvimento tecnológico não ser necessariamente sinónimo de complexificação de competências exigidas aos trabalhadores. Como refere Sónia Rummert (2009:35) *“o uso de novas tecnologias não implica, na maioria dos casos, maior complexidade dos postos de trabalho”*. Contudo, as funções de concepção tecnológica e as funções de controlo ganham ainda maior relevância com a divisão social do trabalho.

Neste entendimento, as competências técnico científicas são desenvolvidas por sistemas de formação independentes dos espaços e tempos de produção, enquanto as competências necessárias ao exercício do poder disciplinar são asseguradas em regime de alternância com o trabalho na fábrica.

Com efeito, a divisão do trabalho leva ao aparecimento de várias figuras profissionais: os *“operários completos”* que, para além de um conhecimento íntimo dos materiais possuem também um conhecimento das operações; os *“especialistas”*, que têm de se

confrontar “*com máquinas universais que requerem habilidade*” e os “*operários especializados (...), puros serventes a quem se exige apenas atenção na vigilância das operações e prontidão nos movimentos*” (Perrot, 1979:32).

Esta transformação no processo de trabalho traz implicações também ao nível das relações entre aprendizagem (e sua organização) e da progressão na carreira. Como refere Perrot (1979:31) “*as promoções já não existem naturalmente, têm de ser criadas (...). Mas o facto essencial é o desaparecimento da organização natural da carreira operária*”.

Os três factores atrás referidos (reforço dos mecanismos de controlo social no exercício do trabalho; concentração das competências tecnológicas e organizacionais em determinadas figuras profissionais e as alterações da carreira operária, cujos alicerces são instâncias de formação exteriores ao trabalho) têm vindo a marcar a vida das sociedades industrializadas, até aos dias de hoje.

Fundamentando os seus trabalhos, nestas três linhas de acção, Frederick Taylor adoptou a organização social do trabalho, simplificando os saberes complexos dos trabalhadores e fragmentando-os em saberes mais simples. Tal fragmentação, além de significar uma “*desqualificação*” do trabalho operário, que se transforma numa mera “*execução de um conjunto de gestos mecanizados e rotinizados*” traduz-se numa “*luta sistemática contra os tempos mortos*” introduzindo um “*desconhecimento instituído*” (Stroobants, 1993:36) do processo de produção por parte do trabalhador. A um determinado tipo de indivíduo é atribuída uma determinada tarefa, passando a haver uma especialização e não uma racionalização de tarefas.

Por conseguinte, a organização científica do trabalho conduz à dicotomização “*saber/fazer*” e à “*concepção de métodos/execução de métodos*”, regendo-se por instruções precisas como “*o que dever ser feito*”; “*como é necessário fazê-lo*” e o “*tempo concedido para o fazer*” (Correia, 1996:32).

Apesar das consequências menos positivas do Taylorismo e da sua adaptação à cadeia de montagem, este sistema de organização do trabalho levou ao aparecimento de um conjunto de fenómenos sociais responsáveis pelo aumento dos níveis de escolarização

da população das sociedades industrializadas e por um hipotético acréscimo na qualificação dos trabalhadores.

Henry Ford, ainda que adoptando alguns princípios do Taylorismo, atribui ao consumo um papel fundamental no que respeita ao aumento da produtividade e apresentou um sistema de crescimento fundado na produção e consumo em massa (aos assalariados). É neste enquadramento de crescimento do consumo, que surgem instituições garantidas pelo Estado, começando a aparecer a legislação social, os contratos colectivos e a segurança social (Lipietz, 1990).

O aumento da produtividade e do consumo que se fez sentir após a 2ª Guerra Mundial e que se prolongou até ao final da década de 70 (com a generalização do trabalho assalariado abriram-se portas a novos mecanismos de acesso e progressão no emprego) veio traduzir-se num aumento da procura social de educação e consequentemente a numa *“sobrequalificação de mão-de-obra disponível no tecido social”* (Correia, 1996:36).

1.4.4 Educação e Trabalho em Portugal: da Reforma Pombalina à República

É em finais do séc. XVIII, que se assiste a uma importância cada vez mais crescente, de se fazer uma articulação entre a formação profissional e/com os contextos de trabalho, com vista a uma melhoria das condições de trabalho. Neste período e com a Reforma Pombalina, é visível o início da intervenção Estatal, até então adormecida, no campo da educação, bem como no aparecimento de espaços de formação separados do mundo do trabalho e da vida familiar.

Com a complexidade de certas actividades sociais, o poder das classes dirigentes toma consciência de que a manutenção de um estatuto social elevado não se poderia assegurar apenas através dos conhecimentos transmitidos de geração em geração. Era importante reunir um conjunto de conhecimentos e competências que inicialmente se traduziram pela preocupação em seleccionar um conjunto de conselhos sobre a educação dos nobres. E só mais tarde, se assiste à construção de instituições capazes de assegurar a formação, fora do âmbito familiar.

Assim, por volta de 1750, surge o Colégio dos Nobres, que deveria ser uma escola militar para nobres ou fidalgos e em 1759, assiste-se à criação da Aula do Comércio,

cujo plano de estudos reflecte toda uma pressão social, resultante da complexificação das actividades comerciais, onde era preciso saber, operações de aritmética, regra de três, medidas, moedas, câmbios, seguros, comissões, obrigações, etc.

A Aula do Comércio foi então, fundada “*dentro de um determinado contexto económico e social (surto comercial, remodelação dos circuitos económicos, reforma administrativa, patrocínio do Poder à ascensão burguesa), contexto a que se adequava e que devia influenciar*” (Santana, 1985:19).

Foi já em 1796 que foi criada a Escola dos Engenheiros Construtores Navais no arsenal da marinha, destinada essencialmente à formação de engenheiros, e que alguns anos mais tarde “*foi considerada inútil por não termos construção naval*” (Carvalho, 1986:518).

Este ensino profissional público em Portugal vem mostrar-se ineficaz, isto porque as instituições criadas estão intimamente ligadas à instrução militar e ainda que de forma pontual, a actividades comerciais.

A reforma de Passos Manuel vem mais tarde, a introduzir algumas modificações no campo da formação profissional. Modificações essas, que consistiam essencialmente em promover uma formação técnica e científica e atribuir aos estudantes um carácter polivalente, preparando-os não só através das clássicas humanidades, mas também através de uma formação técnica que lhes ofereça maior acesso ao mundo do trabalho. Esta reforma já “*denota a preocupação do sistema de ensino de assegurar uma formação técnica ao nível de ensino não-superior e de integrar no ensino modalidades de formação que não se destinam apenas ao exército, marinha e comércio, mas que se alargam ao campo da indústria*” (Correia, 1996:49).

É nesta altura também, fruto da decisão de Passos Manuel e com o intuito de efectivar a obrigatoriedade escolar, que o Decreto de 15 de Novembro de 1836, determinou a seguinte disposição: “*todos os pais de família têm rigorosa obrigação de facilitarem a seus filhos a instrução das escolas primárias. As municipalidades, os párocos, os próprios professores empregarão todos os meios prudentes de persuadir ao cumprimento desta obrigação os que nela forem descuidados*” (Gomes, 1986:55).

É contudo necessário salientar, que esta formação técnico-profissional instituída, não implicou um abandono das preocupações com a formação moral. Ela tem antes por base, a formação do cidadão e só depois a preparação para a vida profissional.

1.4.5 O Taylorismo em Portugal

Logo após a implantação da República as relações existentes entre a escola e o mundo do trabalho são influenciadas por factores políticos, bem como pelas transformações que a industrialização produziu no mundo do trabalho.

Assim, seguindo o pensamento de José Alberto Correia (1996), existem quatro grandes momentos ou períodos que dividem a produção histórica do Taylorismo em Portugal, que coincidem com quatro reformas no campo da educação: O Alargamento da Escolaridade Básica e a Ambiguidade da Industrialização; a Reforma Camoesas e a Difusão do Taylorismo em Portugal; Da Taylorização à Ideologização do Ensino; e a Internacionalização da Economia (“escola democrática” e a meritocracia mitigada).

O Alargamento da Escolaridade Básica e a Ambiguidade da Industrialização (Reforma de 1911)

O *“homem vale, sobretudo, pela educação que possui, porque só ela é capaz de desenvolver harmonicamente as suas faculdades de maneira a elevarem-se ao máximo em proveito dele e dos outros”* (Ministério da Educação, cit. in Correia, José Alberto 1996:52). Este período, referente à reforma de 1911, caracteriza-se fundamentalmente pela preocupação em ministrar aos indivíduos/trabalhadores uma instrução geral, com o intuito de desenvolver as suas faculdades, ou seja, facultar-lhes uma formação básica e acessível, para que se desenvolvessem de forma saudável.

O ensino profissional encontra-se na própria ambiguidade do processo de industrialização, dado que se encontra envolvido no seio do desenvolvimento económico e ao mesmo tempo contribui para a alienação dos indivíduos (em detrimento do seu desenvolvimento pessoal e social). É precisamente, esta ambiguidade que caracteriza a introdução das ideias Tayloristas em Portugal.

A Reforma Camoesas e a Difusão do Taylorismo em Portugal

O Taylorismo (organização científica do trabalho) surge como um modo de minimizar alguns efeitos nefastos da 1ª Grande Guerra – formação e integração dos mutilados de guerra. Este modelo corresponde a uma lógica simultânea que pretendia *“aumentar a produtividade, os rendimentos individuais e fazer crescer, de forma generalizada, o consumo, com efeitos retroactivos, positivos, na produção, no crescimento do emprego e dos salários”* (Canário, 1999:62).

Para divulgação das ideias tayloristas, contribuíram algumas individualidades como António Sérgio, Faria de Vasconcelos, João Camoesas, entre outros, acusando o sistema vigente de falta de eficácia, de promover uma educação livresca, passiva e mecânica, de falta de articulação entre a escola e o trabalho, contribuindo para um ensino afastado das necessidades sociais.

Tendo em conta este diagnóstico, surge um conjunto de propostas, que constituem o Projecto Camoesas, propostas estas, que incidem sobre a organização dos graus de ensino e sobre os mecanismos de gestão global do sistema. Este projecto de reforma propunha, como referencia Correia (1996:56) que os dois graus do ensino primário se mantivessem, *“devendo o grau superior ser substituído por um ensino técnico elementar de frequência obrigatória, para os alunos que não frequentassem o curso Geral do Ensino Secundário”*. Constatava-se portanto, que não havendo obrigatoriedade de frequência escolar e podendo as crianças trabalhar e auferir um salário, existiria sempre a tendência para o abandono escolar. Este ensino técnico teria por objectivo uma preparação para o exercício das diferentes profissões.

Resumindo, o Projecto Camoesas tinha como objectivo a criação de um sistema educativo em Portugal, não obedecendo apenas à criação de cidadãos saudáveis, mas também à criação de cidadãos produtivos, utilizando as ideias tayloristas. Contudo, *“devido à queda do governo que a apadrinhava, tal proposta de lei acabou por não singrar, mas, não obstante, ficou na História, devido, entre outros, ao facto de ter sido a primeira tentativa de sistematização de uma lei de bases da educação portuguesa”* (Casulo, 2009:4973).

Da Taylorização à Ideologização do Ensino

O período onde se situa a “*taylorização à ideologização do ensino*” coincide com o golpe de Estado de 1926, onde o papel da educação começa a ser equacionado de forma diferente, devido a significativas diferenças de intervenção do Estado. Uma das diferenças situou-se ao nível da definição do papel social atribuído à educação, onde era fundamental manter a qualidade do ensino e fortalecer factores essenciais da vida social, como a família, a fé, o princípio da autoridade, a firmeza do governo, o respeito da hierarquia, etc. É um tempo de ensino fortemente ideologizado, que pretende veicular os valores de “Deus, Pátria e Autoridade”, a trilogia que comandou o ensino em Portugal durante o tempo da ditadura (Mónica, 1978).

No entanto, a grande característica deste período é a inexistência de referências à organização do trabalho e por consequência, “*assiste-se a um fraco desenvolvimento ao nível das forças produtivas*” (Correia, 1996:60), aumentando a exploração da força de trabalho (acréscimo das horas de trabalho e diminuição dos salários).

A formação profissional dos trabalhadores é aqui do domínio empresarial e não do domínio público e o saber profissional adquirido ao longo do tempo nas empresas perde a sua legitimidade em favor do saber escolar. Marinus Pires de Lima (1982:1309) enuncia que o trabalho “*repousava na habilidade manual, nos conhecimentos e experiências profissionais, na precisão dos gestos e numa formação muito longa, feita de empirismo e tradições*”.

Contudo, o ensino técnico, na reforma de 48, procurou adequar as preocupações da organização social com as pressões da industrialização e o objectivo era conseguir estimular a industrialização através, por exemplo, da organização de centros de formação onde se poderia combinar a formação tradicional da oficina com a frequência desses centros ou escolas técnicas. Na concepção de Sérgio Grácio (1986: 43-44) “*a verdadeira inovação da reforma de 1948 consistiu na introdução do ciclo preparatório do ensino técnico, com dois anos de duração e de ‘educação e pré-aprendizagem geral’ e com ‘características de orientação profissional’*”.

Por conseguinte, a reforma de 48, não pode ser vista apenas como uma tentativa de promover uma formação ‘racional’ de mão-de-obra qualificada necessária ao desenvolvimento tecnológico do país. “*Se é certo que o subsistema de formação*

técnico-profissional implementado desempenha um papel formativo, a verdade é que a sua importância enquanto mecanismo de exclusão (da via nobre da escolaridade pós-obrigatória) não pode ser negligenciada” (Correia, 1996:68).

Em jeito de análise, esta reforma concretiza um período de *“procura encantada de educação”* (Grácio, 1986) e denota um período de forte ascensão social ao abrir aos filhos dos pequenos agricultores, comerciantes, operários e trabalhadores indiferenciados a possibilidade de frequentarem o ensino por mais 3 anos dotando-os das competências necessárias para entrarem no mercado de trabalho numa posição desconhecida para os seus pais. Nos anos posteriores à Reforma de 48, um conjunto significativo de jovens ingressou de forma qualificada no mercado de trabalho e “pulou” em termos sociais do sector I para o sector II e para o sector III. Foi uma mudança social extremamente importante, ainda que não diminuísse a natureza elitista do ensino (Cabrito, 1994).

A Internacionalização da Economia / A “Escola Democrática” / A Meritocracia Mitigada – “A Reforma de Veiga Simão”

A reforma de Veiga Simão surge em inícios dos anos 70, em sequência da entrada Portugal na OCDE e com o alargamento da procura social de educação, que se vai fazendo por etapas.

Neste plano desenvolvimentista destaca-se Veiga Simão (Lei nº 5/73) que propõe as seguintes alterações: o aumento do período de escolaridade de seis para oito anos; a idade de entrada para a escola descia para seis anos; a introdução (sempre que possível) de um período de dois anos de educação pré-escolar; reforma do ensino superior que incluiria não apenas as universidades, mas também os institutos politécnicos e outros institutos de formação profissional e técnica e a reforma do sistema de formação de professores.

Para além destas linhas gerais e porque existia como que um *“vazio entre o fim da escolaridade obrigatória e o início da aprendizagem (na empresa), fenómeno implicitamente considerado como negativo para a boa formação moral dos futuros operários”* (Grácio, 1982:482), a reforma de Veiga Simão propõe profundas alterações também no ensino técnico-profissional. Já ao nível superior, são desenvolvidas as

componentes profissionalizantes através da criação dos institutos politécnicos. Ao nível do ensino secundário, são introduzidas também algumas alterações, não só na estrutura dos cursos oferecidos, como também ao nível dos planos de estudo (Stoer, 1986).

O grande objectivo desta reforma era apostar num sistema flexível, que assegurasse a formação com polivalência e que articulada com a formação profissional, permitisse uma maior mobilidade no interior de uma empresa. Contudo, como salienta Correia (1996) a reforma de Veiga Simão não se fica apenas pelo domínio da formação técnico-profissional, uma vez que a criação de novas escolas permitiu pelo menos, procurar estabelecer uma ligação entre o ensino, a igualdade de oportunidades e uma perspectiva de ensino que é definida pelos teóricos da modernização.

1.4.6 Trabalho e Formação | Reflexões e Sentidos

O enorme crescimento da formação profissional a que temos vindo a assistir nos últimos tempos, encontra-se relacionado com o facto desta se impor como uma espécie de resposta a todas as dúvidas e angústias dos indivíduos desorientados e sacudidos por um mundo em constante mutação desestabilizado pela crise económica (Ferry, 1983).

Autores como Boudon (1973) e Lucie Tanguy (1986) afirmam não haver uma relação directa e linear entre a formação e o trabalho. Contudo, concordando com a perspectiva de Rui Canário (1999), nos últimos anos temo-nos deparado com elevadas taxas de desemprego e com um consequente aumento de escolarização e formação. No dia-a-dia são constantes os apelos à formação como uma tentativa de reformar e melhorar determinados sectores do país. Mas contrariando esta tese, muito embora se esteja a formar continuamente, os resultados parecem revelar-se não muito animadores. Na perspectiva do referido autor, esta ineficácia encontra-se intimamente ligada às modalidades escolarizadas de formação e à lógica de acumulação de acções de formação, inseridas numa perspectiva instrumentalista e de adaptação, visando uma espécie de programação dos indivíduos. Esta situação acaba por se traduzir numa racionalização da formação e dos processos de mudança, que valoriza as “*dimensões técnicas em detrimento das dimensões pessoais e sociais*” (1999:40).

Neste entendimento, a formação é hoje em dia definida tendo em conta o diagnóstico de necessidades, de eficácia, de qualidade, ou seja, ela é na concepção de António Nóvoa

(1991), uma espécie de imitação dos modelos que dominam o mundo económico e empresarial. Esta lógica de racionalidade favorece ainda a capacitação individual e é entendida mais como um momento de aprendizagem de técnicas do que como o desenvolvimento dos recursos humanos, descurando experiências e personalidades dos profissionais. Assim sendo, este postulado tecnicista impossibilita uma lógica reformadora, que nos permitiria compreender os processos de auto-transformação quer das pessoas, quer das organizações (Canário, 1999).

Tradicionalmente, o objectivo da formação propunha preparar os indivíduos para exercerem uma única actividade e durante toda a vida, revestindo assim a pele de uma mera reciclagem e visando apenas remediar os desadequados conhecimentos adquiridos. Porém, este modelo de formação (linear e cumulativo) começa a ser questionado a partir do momento em que se encadeiam os dois mundos (formação/trabalho), aliados a processos de reconversão profissional. A este propósito, Berger (1991) salienta até que existe nas pessoas uma constante mobilização de saberes, que se adquirem em contextos de trabalho e que podem ser reutilizados nas situações de formação ou vice-versa. É que, tal como nos diz Kovacs (1991:116), *“o ambiente actual de incertezas e mudanças exige criatividade, adaptabilidade e flexibilidade”*, pois não basta apenas a *“introdução de novas tecnologias”*, é também necessário *“o desenvolvimento de formas organizacionais e de pessoas capazes de explorar as novas potencialidades dos equipamentos flexíveis”*.

Sob este ângulo, a formação deixa de ser encarada segundo o ponto de vista do formador ou da instituição formadora, para passar a ser encarada sob o ponto de vista do adulto que se forma. *“Esta afirmação do formando como sujeito e ponto de referência central da globalidade e da continuidade do processo de formação, ganha consistência a partir da linha de investigação em torno das histórias de vida”* (Dominicé cit. in Canário, 1999:42). Recorrendo mais uma vez a Berger (1991) é fundamental funcionar menos a partir de uma análise de necessidades, isto é, das lacunas que colocam o sujeito em formação numa posição negativa, do que funcionar a partir de um balanço dos seus saberes, competências e aquisições. A valorização destes saberes permite que as pessoas deixem de ser consideradas mão-de-obra, para passarem a ser consideradas recursos humanos.

É num cenário de “destaylorização” das empresas e do trabalho, que devemos valorizar as competências, não técnicas, que cada um possui, já que permitirão construir representações intelectuais importantes acerca da globalidade do sistema de produção onde cada um está inserido. Assim, a formação *“em vez de constituir um meio de ajustamento dos recursos humanos ao universo técnico em rápida transformação, deve capacitá-los a serem agentes activos e criativos da produção (...) com capacidade de induzir mudanças e inovação”* (Kovacs, 1991:125-126).

O importante aqui é não fazer *“do adulto um cliente, mas o co-produtor da sua formação (...) em vez de se procurar vender um produto pré-confeccionado, torna-se necessário produzi-lo com o seu consumidor”* (Bogard, cit. in Canário, 1999:43), transformando as experiências em aprendizagens, a partir de um processo auto-formativo.

Assim, se hoje é inegável que os contextos de trabalho representam um elevado potencial formativo, para que a experiência seja constituída em saber, é necessário fazer *“do trabalho um objecto de reflexão e pesquisa, pelos que nele estão directamente implicados”* (Canário, 1999:45).

Em resumo, a estrutura organizacional, a socialização, o percurso de vida de cada profissional, permitem compreender o porquê da formação inicial, traduzida pelo modelo de racionalidade técnica, estar condenada a ser ineficaz. Ter em conta as experiências dos sujeitos, em articulação com os contextos de trabalho, aparecem como dois pontos fulcrais para se repensar as políticas e práticas de formação profissional contínua, conferindo-lhes sentido e razão de ser.

1.5 Evoluindo em Contexto Universitário

Na perspectiva de evolução universitária, é relevante salientar, os escassos estudos que têm vindo a ser feitos neste contexto, pelo que muito se recorrerá à investigação elaborada por Mariana Gaio Alves e outros, através da obra *“Universidade e Formação ao Longo da Vida”*.

Como se tem vindo a constatar, nos últimos anos, Portugal - tal como muitos outros países - tem demonstrado uma melhoria nos níveis de qualificação da população. Porém, *“comparando com outros países europeus, ainda apresenta níveis muito pouco elevados de qualificação escolar e profissional”* (Pires, 2008:117). Embora insuficiente, é inegável o enorme investimento em formação ao longo da vida, que se tem vindo a assistir e que segundo Canário (1999) tem sido estimulado pelo crescimento económico, pelas novas tecnologias, pelo desemprego, pela necessidade de maior flexibilidade pessoal nos locais de trabalho, e pela necessidade de produzir mais com menos meios.

E se a Universidade Moderna se dirigia à formação de elites, cujo objectivo era o desenvolvimento do Estado-Nação e a cultura nacional, com o enfraquecimento do estado nação e o desaparecimento da cultura nacional, surge uma universidade de massas, que procura desenvolver uma vertente mais económica e técnica, mais instrumental e prática (Morin, 1994). A investigação nesta área é relevante na medida em que se evoluiu de um ensino superior de elites para um ensino superior de massas num contexto tantas vezes denominado de sociedade da aprendizagem ou do conhecimento (Alves & Pires, 2008).

Com a intensificação de alunos no Ensino Superior é possível concluir que *“a Universidade está hoje mais democratizada, mais aberta ao meio e numa procura constante de adequação funcional às necessidades dos diferentes sistemas, especialmente o Económico e o de emprego-trabalho”* (Martins, 2008:41).

Como refere Sérgio Grácio (1997), com o crescimento económico há mais razões para prosseguir os estudos. Os rendimentos das famílias são maiores, o que permite custear o investimento e para além disso, os benefícios que se podem obter através de uma maior escolarização determinam esta procura. Profissionalmente, mais escolarização poderia significar um melhor posto de trabalho e rendimentos mais elevados. A situação financeira das famílias foi realmente determinante, para a evolução e democratização do ensino universitário.

Sob este angulo, o grande objectivo desta democratização, teve por base o lema de que uma população mais escolarizada seria uma população mais qualificada e

consequentemente, mais produtiva (Cabrito, 2002:96). Com os elevados níveis de conhecimento, é possível inovar, progredir e rentabilizar as instituições de trabalho.

Considerando os vários graus e diplomas, no interior do ensino superior, é possível constatar que *“começou por crescer o grupo de diplomados de licenciatura, mas também os grupos de mestres e doutores têm vindo a aumentar”* (Alves, 2008:72), situação que justifica, o incremento na formação pós-graduada.

Foi então nos anos 90, que se assistiu ao aparecimento de cursos de pós-graduação e de Mestrado, na área da formação de adultos e que secundando Canário (1999:36), *“se consubstanciou numa actividade de investigação, cuja massa, é já visível, traduzindo-se na produção de um número significativo de dissertações de Mestrado e na consolidação de núcleos e equipas de investigação”*. Na opinião do autor, é por essa razão que a formação de adultos se afirmou no ensino e na investigação, ao nível pós-graduado, evidenciando a procura de qualificação e certificação, originada pelo mundo do trabalho.

A oferta de formação pós-graduada no ensino superior e em particular, nos cursos de Mestrado e de doutoramento, como se pôde verificar, tem vindo a aumentar significativamente, o que revela a existência de procura para este tipo de formação, ao longo da vida. Crescimento esse, que também tem por base, a ideologia de que, com um maior nível de educação, crescem as hipóteses de obter uma posição social mais desejável (Martins, 2008).

Na linha dos argumentos apresentados, acreditava-se que a igualdade de oportunidades na educação e a consequente associação de que mais educação corresponde a melhores empregos e a estatutos sociais mais elevados, permitiria aceder a uma sociedade mais justa, então *“garantir educação para todos seria indispensável para construir essa sociedade. Ora o aparelho educador por excelência era a escola”* (Cabrito, 2008a:96).

Á luz desta elucidação, António Martins (2008) relata que era, e ainda é, pelos diplomas, que os indivíduos entravam no emprego/trabalho e de alguma forma subiam profissionalmente. Esta euforia crescente de acesso ao ensino superior teve, e ainda tem, as suas consequências e assistiu-se, nos finais do século XX, e sobretudo na actualidade, ao crescimento do desemprego entre diplomados no ensino superior, justificada pela depreciação dos diplomas universitários. Esta depreciação permite concluir que o

prolongamento da escolaridade *“trouxe consigo uma desvalorização relativa aos diplomas escolares e uma escalada educativa que exige níveis de escolaridade cada vez mais elevados para atingir posições idênticas no sistema social”* (Martins, 2008:46). O actual investimento, nos cursos de Mestrado e de Doutoramento, traduz os elevados níveis de escolarização exigidos.

Como refere Fernandez, (2006), numa sociedade totalmente dominada pela informação e pelo conhecimento, os perfis profissionais e as formas de trabalhar alteram-se a um ritmo alucinante e obrigam a pessoa activa a reciclar-se continuamente. Esta conversão dos conhecimentos em tecnologia, na opinião do autor (2008), transforma as ferramentas de trabalho e gera constantemente novos perfis laborais. Se há alguns anos atrás, competências como a comunicação, a imaginação e a crítica eram um obstáculo no trabalho em cadeia, hoje estas valências são imprescindíveis para o trabalho em equipa, onde é fundamental o diálogo e a imaginação criativa.

As alterações nas formas de fazer, resultantes das inovações científicas e avanços tecnológicos, bem como as mudanças nas formas de se relacionar e de comunicar, acompanhando o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, *“exigem que os trabalhadores enveredem por processos contínuos de formação, como única forma de serem capazes de responderem, em tempo útil, às exigências do mercado, isto é, de serem empregáveis”* (Cabrito, 2008a:101).

Ao nível laboral, as mudanças são demasiado evidentes. Tal como evidencia Fernandes (2006), deixou de haver uma organização linear das ocupações ao longo da vida, onde a primeira fase se dedicava a estudar e aprender, a segunda a trabalhar (aplicando o que se aprendeu) e a terceira a descansar. *“Esta ruptura tem como consequência uma nova organização das ocupações, mais cíclica, que converte os adultos e idosos em estudantes e aprendizes”* (Fernandez, 2006:76). Não existindo empregos para toda a vida e com a consequente instabilidade laboral, cresce a procura de formação por parte de pessoas adultas no activo.

A ideia de uma educação permanente, que acompanhe o indivíduo e o ajude a adaptar-se à mudança, à incerteza, às dificuldades dos mercados exigentes e competitivos, foi esquecida, em detrimento de uma aprendizagem ao longo da vida que tem como objectivo garantir a utilidade económica dos indivíduos, através adaptabilidade, eficácia

e empregabilidade. Conceptualizando Belmiro Cabrito (2008a:106), *“esta aprendizagem ao longo da vida não questiona o facto de os indivíduos se encontrarem, subitamente, desadaptados, antes lhes oferece uma de duas saídas: adaptar-se ou morrer”*. A concepção de Universidade orientada para questões economicistas, levam o mesmo autor a afirmar, que *“a Educação de Adultos não pode / não deve, então, ser um mero instrumento ao serviço do crescimento económico mas constituir-se num factor de desenvolvimento, capaz de gerar profundas mudanças sociais”* (2008a:104).

A introdução do Processo de Bolonha (Decreto-lei nº 74/2006), que pretende melhorar a qualidade e a pertinência das formações existentes, estimular a mobilidade dos alunos e diplomados e a internacionalização das formações, trouxe igualmente, a redução do número de anos para a conclusão, de uma grande parte dos cursos de licenciatura (que passa agora a ser de três). É principalmente esta última medida que reflecte o grande incentivo à frequência do ensino superior e consequentemente à formação pós-graduada.

Dos aspectos focados em contexto universitário, destaca-se a passagem de um ensino superior de elites, para um ensino superior de massas, fomentado pelo crescimento económico, pelas novas tecnologias, pela necessidade de maior flexibilidade pessoal nos locais de trabalho, pelo desemprego e pela necessidade de produzir mais com menos gastos. Num mundo em constante mutação, o lema prende-se fundamentalmente com a aquisição de diplomas, justificados pela máxima de que, mais formação traz mais e melhores empregos, assim como elevados níveis de “status” social.

Sob este prisma, é possível dizer que existem várias razões que têm levado os indivíduos à procura de formação pós-graduada. No tópico que segue será feita uma breve abordagem, sobre as motivações que movem o homem na procura de objectivos de vida.

1.6 Motivações e Expectativas

Ao longo da vida, o homem nasce, cresce, forma-se e procura integrar-se numa sociedade, provida de inúmeras regras sociais. Neste desenvolvimento, procura conhecimento, trabalho, família, companhia, bem-estar e fundamentalmente

reconhecimento. Motivado por esta procura, trabalha, socializa e investe muitas vezes, em projectos de formação.

A motivação, que é definida como *“uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas acções mais importantes”* (Vernon, 1973:11), é descrita também, como a energia mobilizadora para satisfazer uma carência, resultando de uma descarga energética provocada por um estímulo, visando restabelecer o equilíbrio provocado por essa necessidade (Malglaive, 1995).

Desta forma, é atribuída uma base motivacional aos tipos de comportamento que reaparecem periodicamente e persistentemente, que envolvem a utilização de uma energia considerável e que podem também ser acompanhados por sentimentos de desejo e impulso (Vernon, 1973).

Nos princípios do século XX, os motivos passaram a ser um tema importante em Psicologia, muito por causa dos esforços de um cientista comportamental britânico e de nome McDougall. Este cientista acreditava que os motivos eram instintos e apelidava-os de *“forças irracionais, compulsórias, herdadas, que dão forma virtualmente a tudo o que as pessoas fazem, sentem, percebem e pensam”* (Davidoff, 1983:385). Ainda que grande parte dos primeiros psicólogos, tivesse aceite esta opinião, depressa se entendeu que rotular cada acto, como instinto/motivo, não contribuiria para qualquer entendimento do motivo.

Se neste cenário, o motivo era apenas um impulso, Vernon (1973) situa as variedades de comportamento, em dois polos. O primeiro, onde o individuo se sente forçado, quase por contra-a-vontade, como é o caso da procura de alimento e satisfação social. Aqui, o comportamento é impulsivo, possivelmente irracional, não intencional. No outro polo oposto, está o comportamento, em que o individuo tem perfeita consciência de um fim ou um objectivo definido. O primeiro comportamento motivado, aparece frequentemente nas crianças e o segundo nos adultos que desenvolveram uma certa maturidade.

Como podemos constatar, o comportamento humano é afectado por uma complexidade de experiências adquiridas e estimulado por uma motivação que raramente é do tipo simples (como a que ocorre nas crianças).

Linda Davidoff (1983) enumera cinco categorias de motivos: impulsos básicos, motivos sociais, motivos para a estimulação sensorial, motivos de crescimento e ideias como motivos. Os impulsos básicos são os motivos que activam o comportamento para satisfazer necessidades de sobrevivência. Os motivos sociais aparecem para satisfazer as necessidades de ser amado, aprovado e aceite. Os motivos para a estimulação sensorial existem pela necessidade de estimulação (as pessoas tendem a ser atraídas pelo que é novo). Os motivos de crescimento explicam a luta pela mestria ou excelência (o motivo para a realização pode ser um motivo de crescimento). Finalmente, as ideias como motivos são valores, crenças, metas e planos que guiam o comportamento.

Abraham Maslow sugeriu que o homem tem alguns motivos primários, instintivos que vão desde os motivos inferiores aos superiores. Encontram-se organizados numa hierarquia que responde ao presumível nível de evolução do motivo. *“Primeiro, temos os motivos fisiológicos; como a fome; depois os motivos de segurança, como o medo; a seguir, os motivos de amor, os de estima e, finalmente, os de auto-realização”* (Murray, 1967: 172).

Satisfeitas todas as necessidades, inclusive as fisiológicas, o homem procura a auto-realização *“esforçando-se para realizar as suas capacidades potenciais e cumprir os seus ideais”* (Davidoff, 1983:394). Na procura pela realização, os incentivos ocupam um lugar de destaque, nomeadamente quando questionam se o esforço valerá a pena ou se as consequências do sucesso são a curto ou a longo prazo. Em qualquer investimento efectuado, o individuo prevê futuras melhorias, enquadradas no nível da recompensa.

No campo da educação/formação, a realização escolar não depende apenas da capacidade intelectual do individuo mas também da sua competência para lidar com situações de realização neste domínio. *“Se lidar com as situações de sucesso é relativamente fácil, lidar com as situações de fracasso pode levantar mais questões ao próprio sujeito”* (Fontaine, & Faria, 1989:5). Como refere Linda Davidoff (1983), se o sujeito se saiu bem em contexto académicas e sente confiança nas suas capacidades, é possível que antecipe a vitória. Mas se esteve mal no passado, pode considerar que é inevitável fracasso. Isto significa que se adulto gostou da escola, se teve sucesso, se sente que é capaz, mais facilmente integrará outros projectos formativos.

As pessoas altamente motivadas *“tendem a ter autoconfiança, a gostar da responsabilidade individual e a preferir o conhecimento concreto dos resultados dos seus trabalhos. Obtêm boas classificações escolares”* (Murray, 1967:157).

Ser o primeiro ou estar na linha da frente, são realizações muito valorizadas na nossa sociedade e as consequentes recompensas situam-se ao nível dos ganhos financeiros, do poder e elevado “status” social. A motivação para a realização é caracterizada cada vez mais pelo sujeito como o resultado de um processo de desenvolvimento constante no decorrer do qual as interpretações, das suas experiências têm um papel importante. *“Nessas interpretações, o sujeito situar-se-á necessariamente face às normas e valores sociais partilhados pelos membros do seu grupo social”* (Fontaine, 1988:14), onde os pares ocupam um lugar determinante.

A família parece ser também uma grande influência para a realização académica, intelectual e na carreira. Os pais com elevados níveis de motivação para a realização, evidenciam a importância do sucesso e da autonomia e recompensam os filhos por realizações como *“a de tornarem-se líderes, fazerem amigos, tentarem por si só tarefas difíceis e persistirem sem auxílio até que sejam conseguidas as vitórias”* (Davidoff, 1983: 420).

Na identificação dos motivos, Viladot e Romans (1988) propõem a distinção dos factores de motivação em pessoais, familiares e ocupacionais (enquadrando neste último os profissionais).

Graças a estes indicadores é possível constatar que o comportamento humano é afectado por uma complexidade de experiências adquiridas e estimulado por uma motivação que raramente é do tipo simples (como a que ocorre nas crianças). Regra geral, as pessoas têm consciência das consequências agradáveis ou desagradáveis dos seus actos e por isso, adoptam uma forma apropriada de comportamento. Desta forma, são guiados e parafraseando Vernon (1973:16) *“pela razão e pela consciência moral”*.

Na realidade, vários estudos demonstram que os sujeitos com um grande motivo para a realização aprendem melhor e mais depressa do que os baixo nível de motivação (Murray, 1967).

Em resumo, a motivação corresponde ao desenvolvimento de todas as capacidades funcionais de que o homem dispõe e que procura desenvolver nas relações que estabelece com o mundo e os seus objectos (Malgaive, 1995). Neste entendimento, *“o homem nasce com inúmeras potencialidades que interactivam com mundo físico e social complexo para formar toda a gama de sistemas motivacionais. Provavelmente, não existe um único motivo que seja inteiramente inato ou inteiramente aprendido”* (Murray, 1967:171).

Na concepção de Linda Davidoff (1983:420), dado que os motivos não podem ser directamente observados ou medidos são muito difíceis de estudar e da mesma maneira difíceis de serem definidos e classificados com exactidão.

No seu percurso de vida, *“o homem não se limita a proteger-se dos estímulos nocivos e a procurar a paz, da morte ou do nirvana. Interactua de um modo activo com o seu meio (...). Concebe grandes ideias, busca significados e imagina novas metas sociais”* Murray (1967:171). À luz desta elucidação, o homem não é, um ser passivo da sua história e do seu meio e é neste sentido, que é capaz de conceber grandes planos e modelar o mundo.

Na formação, o adulto tem uma ideia do que pretende conseguir e as expectativas terão de estar de acordo com as aprendizagens que realiza ao longo do processo, de forma a ver a sua expectativa concretizada (Marzo & Figueras, 1990). É neste contexto que o sujeito espera que o investimento valha ou venha a valer a pena.

Para finalizar este tópico, conclui-se que é pela realização pessoal e profissional de cada pessoa que se faz a construção de uma sociedade mais participada, mais unida e mais respeitadora da diversidade, mais desenvolvida culturalmente e ainda mais pacífica (Abreu, 2002).

Em jeito de reflexão, *“os usos que uma pessoa der às suas capacidades humanas dependem da sua motivação”* (Murray, 1967:11). No caso presente, conhecer a motivação do outro, para a procura de formação pós-graduada, constituiu o objectivo chave para a actual investigação.

2. Enquadramento Metodológico

Este estudo, centrado na temática: *percursos de vida e motivações que levam adultos, com idade igual ou superior a 50 anos, à realização de cursos de Mestrado, em áreas de Gestão, no Instituto Superior de Gestão*, foi estruturado em termos metodológicos por uma abordagem qualitativa e o método seleccionado foi o *estudo de caso*.

A entrevista semi-directiva, objecto de análise de conteúdo, foi a principal técnica de recolha de dados, aliada à análise documental informática, dos processos dos alunos.

2.1 Estudo de Caso

Na realização da investigação, foi usada a metodologia de *estudo de caso* que na perspectiva de Yin (1994) é um método muito utilizado quando não se consegue controlar os acontecimentos e por essa razão não é de possível manipular as causas do comportamento dos participantes. Segundo o mesmo autor, este tipo de investigação baseia-se principalmente no trabalho de campo, estudando uma pessoa, um programa ou uma instituição na sua realidade, utilizando para isso, entrevistas, observações, documentos, questionários e artefactos.

No que diz respeito às conclusões e aos resultados de um *estudo de caso*, torna-se pertinente evidenciar que esta metodologia não procura generalizar os resultados obtidos. O que pretende é conhecer profundamente casos concretos e particulares. Aqui, na opinião de Carmo e Ferreira (1998:180) “*os investigadores procuram compreender os sujeitos a partir dos quadros de referência desses mesmos sujeitos. Tentam viver a realidade da mesma maneira que eles, demonstram empatia e identificam-se com eles para tentar compreender como encaram a realidade (...). O investigador deve abandonar, deixar de lado as suas próprias perspectivas e convicções*”

Paralelamente este estudo desenvolveu-se através de uma abordagem qualitativa percebida por Robert Bogdan e Sari Biklen, (1991:11), como “*uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais*”. Na concepção de Afonso (2005:14), esta abordagem “*preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspectos específicos da*

realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade”.

Dado que a preocupação central do estudo pretende aceder a motivações pessoais, foi seleccionada esta abordagem, porque é rica em pormenores descritivos. O que se pretende não é testar hipóteses, mas compreender os comportamentos partir da perspectiva dos sujeitos. Os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que na opinião de Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994:16) significa, “*ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico*” e privilegiam a compreensão dos comportamentos, através de uma perspectiva do sujeito. Para estes autores, procura-se através desta abordagem perceber o modo como diferentes pessoas dão sentido às suas próprias vidas.

2.2 Objecto, Objectivos e Sujeitos da Investigação

Este trabalho de investigação desenvolve-se no âmbito da Educação e Formação de Adultos e centra-se na compreensão e identificação das motivações, para a realização de formação pós-graduada (Mestrado).

Objecto de estudo

O objecto de estudo comporta os percursos académicos e profissionais, bem como as motivações/expectativas de todos os alunos - num total de seis -, com idade igual ou superior a 50 anos, que frequentam cursos de Mestrado, no Instituto Superior de Gestão e que entraram no ano lectivo de 2010/2011.

Objectivos

Com esta investigação pretende-se conhecer os adultos com idade igual ou superior a 50 anos e analisar itinerários/percursos de vida e compreender as razões e as expectativas que os levaram a efectuar cursos de Mestrado, no ISG.

Inserido num contexto de educação/formação ao longo da vida, o estudo tem como ponto de partida a seguinte questão: *Quais as razões dos adultos, com idade igual ou*

superior a cinquenta anos, que frequentam o ISG, para a realização de formação pós-graduada?

Associada a esta pergunta, outras questões se colocam que permitem compreender as suas trajectórias de vida e que se enunciam seguidamente:

- Como foram os seus percursos académicos e profissionais?
- Estes alunos são oriundos de cursos pré-Bolonha ou pós-Bolonha? Que importância reveste essa proveniência para a sua inscrição nos cursos de Mestrado?
- Quais os cursos de formação profissional que efectuaram?
- De que natureza são os motivos para a realização de formação pós-graduada?
- Qual o papel que o diploma desempenha para a procura deste tipo de formação?
- Que mudanças/expectativas têm estes adultos, com a realização do curso de Mestrado?
- Quais os motivos que levaram à selecção do ISG?

Sujeitos

Os sujeitos são seis adultos, do sexo masculino, trabalhadores com idade igual ou superior a 50 anos.

2.3 Procedimentos de Colheita de Dados

Para a colheita de dados, recorreu-se à entrevista-directiva e à análise documental informática, para a identificação dos alunos.

2.3.1 Análise Documental Informática

Para a identificação dos alunos com idade igual ou superior a 50 anos, foi utilizada a pesquisa informática, através do programa DISCOVER, afecto à funcionalidade da Instituição. Como refere Quivy e Campenhoudt (2008:201) *“as bibliotecas, os arquivos e os bancos de dados, sob todas as suas formas, são ricos em dados que apenas esperam pela atenção dos investigadores”*. Porém, esta pesquisa revelou-se redutora, porque permitia apenas aceder a alguns dados básicos dos entrevistados, nomeadamente ao nome, idade, morada, naturalidade, telefone, etc. Sob este prisma, faltou *“o detalhe que nos permite compreender o que aconteceu”* (Tuckman, 1994:522).

2.3.2 Entrevista Semi-Directiva

Para De Ketele e Roegiers (1999:22) a entrevista é um método de recolha de informação, através de conversas com o individuo ou com o grupo e tem o objectivo de *“obter informações sobre os factos ou representações, cujo grau de pertinência, validade e habilidade é analisado na perspectiva dos objectivos da recolha de informação”*. Assumem a variante de semi-directivas, uma vez que irão ser efectuadas com a ajuda de um guião, contendo perguntas-guias, relativamente abertas.

Com o objectivo de conhecer os percursos e as razões que levam estes adultos a procurar formação pós-graduada, procurou-se efectuar a colheita de dados, recorrendo a este tipo de entrevista que é segundo Quivy e Campenhoudt (2008:192) *“a mais utilizada em investigação social”*, uma vez que não pretende ser inteiramente aberta, nem encaminhada por um número significativo de perguntas precisas.

Foi construído previamente um esquema, com os temas que se pretendem ver respondidos pelos inquiridos e que servirá de guia, no decorrer da entrevista (ANEXO I – GUIÃO DA ENTREVISTA).

A ordem dos temas e a forma como o entrevistado expressa as suas convicções é feita de forma livre. Quando o entrevistado não fala sobre o tema, o entrevistador propõe-no de modo a falar sobre ele.

Dos cerca de 200 alunos que entraram no ISG, no ano lectivo de 2010-2011 (Relatório Anual, do Departamento de Mestrados do ISG), procurou-se fazer um estudo que englobasse todos os alunos com idade igual ou superior a 50 anos.

Os alunos foram contactados pessoalmente e/ou via telefone explicitando os objectivos do estudo e solicitando a colaboração. Todos aceitaram de imediato o convite, contudo, reunir tendo em conta os tempos de cada um, revelou-se uma tarefa árdua, dadas as suas indisponibilidades.

As entrevistas decorreram no ISG, o que de alguma forma, facilitou este trabalho de investigação. Posteriormente foi efectuada a transcrição (ANEXO II – FORMATO DIGITAL) e realizou-se a análise de conteúdo.

A transcrição das entrevistas gravadas foi, sem sombra de dúvida, um dos momentos onde foram encontradas maiores dificuldades. Situação que leva Bogdan & Biklen a referir que devemos limitar “*o comprimento da entrevista*”(1994:173). Neste contexto, “*a passagem do oral ao escrito*” (Cavaco, 2002:45) implicou muitas horas de trabalho e esforço, justificadas pela tentativa de não interromper o discurso do entrevistado, receando “cortar” o raciocínio e prejudicar o desenvolvimento da entrevista.

2.4 Tratamento e Análise dos Dados

Recolhida a informação através das entrevistas, recorreu-se a análise de conteúdo. Esta técnica que teve início nos Estados Unidos foi utilizada na Primeira Guerra Mundial para analisar a propaganda militar, sendo desenvolvida mais tarde no decorrer da Segunda Grande Guerra. Influenciada pelo behaviorismo, que dominava as ciências psicológicas dos Estados Unidos, o objectivo era descrever e quantificar todos os comportamentos “*com o máximo rigor e cientificidade*” (Bardin, 1997:16), em detrimento da introspecção intuitiva.

Neste sentido, foram os departamentos de ciências políticas, dos Estados Unidos e os problemas levantados pela segunda Guerra Mundial que segundo Laurence Bardin (1997) ocuparam um lugar primordial no desenvolvimento da análise de conteúdo. Nos

anos subsequentes, foi definida como uma técnica de investigação, procurando a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo da comunicação.

A análise de conteúdo, secundando a mesma autora (1997:31) “*é um método muito empírico, dependente do tipo de «fala» a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objectivo. Não existe o pronto-a-vestir (...) mas somente algumas regras de base*”. Esta técnica é reinventada a cada momento, à excepção das perguntas abertas dos questionários, onde o conteúdo pode ser rapidamente avaliado por temas. É na linha destes argumentos, que compara o trabalho de um analista com o de um arqueólogo, porque ambos procuram vestígios, para as suas descobertas e define a análise de conteúdo, como “*um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos, de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens*” (Bardin,1997:42). Fazem parte da análise de dados, todas as iniciativas que após um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo.

De acordo com Chizzotti (2006:113), a análise de conteúdo procura decompor as unidades léxicas ou temáticas de um texto, codificadas sobre algumas categorias, compostas por indicadores que permitem uma enumeração das unidades e, que a partir daí, estabelecem inferências generalizadoras. Desta forma, as palavras podem ser agrupadas em categorias, isto é, em conceitos ou atributos, conferindo “*unidade a um agrupamento de palavras ou a um campo do conhecimento, em função da qual o conteúdo é classificado, quantificado, ordenado ou qualificado*” (Chizzotti, 2006:117). A análise por categorias funciona então, por um desmembramento do texto e como elucida Bardin (1997:153) “*entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos e simples*”.

No estudo em causa, são apresentados três grandes temas que orientam a investigação e que estiveram presentes na elaboração do guião: percursos académicos e profissionais; motivações; mudanças / expectativas. O procedimento de agregação categorial por

“caixas” (Bardin,1997) foi utilizado para estas categorias pré-estabelecidas, determinados pela problemática e pelos objectivos da investigação.

Desta forma, a análise de conteúdo temática é o procedimento metodológico utilizado para sistematizar e analisar as informações recolhidas nas entrevistas realizadas. As temáticas, que permitiram construir a grelha de análise de conteúdo, foram expostas no quadro conceptual e definidas na problemática. Dos temas principais, surgem subtemas que derivam destas temáticas e que emergem do conteúdo das entrevistas.

À luz desta elucidação, a análise do conteúdo das entrevistas começou por ter em conta as ideias principais do estudo e a partir daqui, foram definidas algumas categorias e subcategorias que se encontram expressas em vários quadros síntese (ANEXO III – FORMATO DIGITAL). Após a construção destes quadros, procedeu-se à descrição, análise e interpretação dos dados, centrando a atenção em aspectos que pareceram mais pertinentes à investigação. Como menciona Carmén Cavaco (2002: 47) citando Bertaux, *“não se trata de analisar toda a riqueza do discurso, de retirar do conteúdo todos os significados possíveis, mas apenas os significados que são pertinentes para o objecto de estudo”*.

Assim, é na análise semântica dos discursos produzidos pelos participantes, que se situam os critérios de categorização. A unidade de registo é a unidade de sentido, que traduz a significação às afirmações dos sujeitos.

Se a estratégia de análise dos dados é determinada pela natureza e objectivos da investigação e *“pretende buscar novos significados”* (Stake, 2007:89), a opção pela análise de conteúdo surge de forma natural e inequívoca no desenvolvimento e compreensão deste estudo de caso.

2.5 O Campo de Estudo

Esta investigação decorreu no Instituto Superior de Gestão e centrou-se nos percursos, motivações e expectativas dos alunos de Mestrado, com idade igual ou superior a 50 anos e que entraram no ano lectivo, de 2010/2011.

O Instituto Superior de Gestão (ISG), criado em 1978⁹, caracteriza-se por uma instituição de ensino privada, orientada exclusivamente para cursos superiores, na área da gestão. No que diz respeito, à formação pós-graduada, fazem parte da oferta formativa os seguintes cursos de Mestrado: Gestão, Estratégia de Investimento e Internacionalização, Gestão Financeira, Gestão Fiscal, Gestão do Potencial Humano, Gestão da Energia, Gestão dos Transportes e Logística, Gestão Pública, Contabilidade e Marketing.

O texto que seguidamente se apresenta, resultou da análise efectuada ao conteúdo das entrevistas, realizadas a seis alunos que frequentam cursos de Mestrado, em áreas da Gestão. Este número, representa a totalidade de alunos que ingressaram nesta instituição de ensino, no ano lectivo de 2010/2011 e que curiosamente representa apenas, o sexo masculino.

A referida análise, foi ainda complementada pela informação qualitativa, que foi possível obter através dos dados informáticos. Assim sendo, pretende-se, realizar uma análise do conjunto dos dados obtidos, através da utilização destes dois métodos de recolha de informação.

Inicialmente esta investigação propunha sete alunos (seis homens e uma mulher), que representava o número total de adultos, mas dado que houve uma desistência - elemento feminino - o estudo ficou reduzido a seis elementos, com uma média de idades, que ronda os 53 anos. E se nas últimas décadas, a feminização do ensino superior *“progride muito em cursos outrora de larguíssima predominância masculina: cursos jurídicos, de economia (e de gestão, actualmente), de medicina”* (Grácio, 1997:47), tal ainda não acontece, nos cursos de Mestrado do ISG, no que diz respeito a esta faixa etária.

É de salientar que a média de idades, nos cursos de Mestrado, tem vindo a baixar. Segundo dados do Departamento de Mestrado, Pós-Graduações e de Formação de Executivos do ISG, no ano transacto (2009/2010), a média de idades dos alunos que entraram nos cursos de Mestrado, rondavam os 35 anos e no ano a que se refere este estudo, a média ronda os 33 anos.

⁹ Informação retirada do site oficial do ISG.

2.6. Limitações do Estudo

Com esta investigação foram identificadas algumas limitações próprias da metodologia de investigação utilizada, nomeadamente devido ao facto, do investigador exercer a profissão de Gestor de Formação, no Departamento de Mestrados e de Formação de Executivos, no Instituto Superior de Gestão.

Efectivamente através das entrevistas como conta Ghiglione e Matalon (2001:14) ficamos dependentes do que a pessoa pôde ou quis dizer, o que vai ao encontro do que nos diz Cármen Cavaco quando refere que *“a narrativa é influenciada por um conjunto de circunstâncias (...) que levam o entrevistado a orientar o seu discurso e a seleccionar a informação que transmite”* (2002:44).

3. Entrevistas em Análise: Apresentação, Discussão e Análise dos Dados

Nas entrevistas em análise, apresentam-se os dados adquiridos através da análise de conteúdo, das entrevistas semi-directivas, efectuadas aos alunos, dos cursos de Mestrado, que frequentam o Instituto Superior de Gestão, começando por percorrer as suas trajectórias individuais e finalizando com as inferências globais.

3.1 Percorrendo Trajectórias Individuais

➤ O António - 1º Entrevistado

O António (nome fictício) tem 50 anos, é licenciado em Comunicação Aplicada pela Universidade Lusófona, é empresário e frequenta o curso de Mestrado em Gestão.

A opção pela licenciatura/universidade foi determinada pela profissão, pela idade, pelo conteúdo programático e pela localização da faculdade. Como ele próprio refere, foi *“por duas ordens de grandeza...1º tenho 50 anos, 2º a vida é agitada, 3º eh... 3º precisava de uma faculdade... ou melhor... precisava de estudar nalgum lado, em que não tivesse grandes problemas logísticos”*

O seu “sonho” era ter uma licenciatura, e direito, sempre foi o curso de eleição. Motivado pela profissão, optou pelo curso de Comunicação Aplicada, porque sempre acreditou que lhe poderia trazer mais-valias, em termos profissionais.

- "Relativamente à questão da licenciatura, pronto.... Para mim, foi um... era um aspecto para mim crucial, era como... era como morrer e não ter feito tudo o que tinha que fazer na vida"

- “Porque o Direito era o curso do meu coração e o Marketing, era... pronto... o curso mais pragmático, ou seja, mais relacionado com a minha actividade”

Oriundo de uma licenciatura pós-Bolonha, descredibiliza o curso quando menciona que “ter a licenciatura neste momento, Pós-Bolonha, é mais ou menos irrelevante”, ainda que lhe reconheça algumas virtudes, nomeadamente, no que diz respeito ao acesso.

Com o término da licenciatura, nem há um ano, confessa que entrou pelo dispositivo “maiores de 23” e fala-nos das barreiras/dificuldades existentes, enquanto trabalhador-estudante.

Nunca fez uma pós-graduação, embora não descarte a ideia de ainda vir a fazer, se valer a pena.

- “Não. Não é que não queira fazer, ainda não morri”

Consciente do elevado custo financeiro, deste tipo de cursos no mercado, em instituições de prestígio, prefere o doutoramento à pós-graduação. Esta inferência elucida de alguma forma, a opção pelos cursos com atribuição de grau académico, apenas presente, nas licenciaturas, mestrados e doutoramentos.

. “Quer dizer, é evidente que vou gastar mais numa Pós-Graduação, não enriquece o meu currículo. Porque eu considero que tenho um currículo razoável. Em termos profissionais, não..., não vem trazer, uma grande, mais-valia. A não ser que seja uma Pós-Graduação extraordinária”

❖ Formação e Percurso Profissional

No trajecto da formação profissional, enumera várias passagens por formações de pequena duração (30/40 horas), em áreas como a qualidade, as finanças, o direito do trabalho, as vendas e evidência o mais longo, com uma duração de cerca de um ano, como o mais vantajoso. Ainda que não desconsidere os cursos pequenos e que foram

patrocinados pela empresa onde trabalhou, a ênfase dada ao curso pago pelo próprio bolso é notória, situação que nos permite repensar a formação profissional.

- *“Fiz um de Marketing eh... de um ano lectivo inteiro” (...) “No IPAM (...) gostei imenso daquele curso. Acho que foi um curso muito bem montado, os professores eram muito exigentes. Eh... mas aprendi muito, ponto. E muito que soube, durante muitos anos, foi à "pala" desse curso. Porque acho que foi um curso, foi... foi bem empregue... empregue, o dinheiro que gastei”*

A exigência dos professores e a estruturação do plano de estudos foram características determinantes para uma formação de qualidade.

Em justificação dos poucos cursos frequentados nas empresas por onde passou, identifica como causa primordial, a perda de produtividade e relata que a empresa *“apostava pouco nisso. Pronto. Portanto, queria era paz e sossego e que as pessoas trabalhassem e que... que tudo funcionasse”*.

No que concerne à actividade profissional, é de salientar que o “António” passou apenas por cerca de três a quatro empresas, o que lhe confere alguma estabilidade, em termos laborais. Destaca-se neste percurso, o cariz empreendedor do entrevistado, que foi sócio-gerente de três, duas delas inclusive, dentro da área da formação. Numa fase posterior, as vendas, as finanças e a secção de pessoal, resumem o seu itinerário de trabalho, que culmina novamente na criação do seu próprio negócio.

Após dezasseis anos de actividade por conta de outrem e sem perspectivas de promoção, opta por se despedir e procurar novos horizontes.

- *“Até que há um dia, em que... em que.... Ou me promovem ou despromovem ou... isto não pode ser assim. Porque 16 anos.... a perspectiva é mais 16 anos. Oh... pá calma...eu tinha na altura 48 anos e disse... pá já me chega. Quer dizer, mais 16. Quer dizer, eu chego aqui de bengala”*

Ainda que não tenha sido identificado no discurso do entrevistado, a licenciatura pode ter contribuído para esta mudança profissional. Pela idade mencionada, aquando do despedimento, o António estaria no seu 2º ano, do curso superior.

❖ **Motivações**

Sendo que a licenciatura era o seu principal objectivo, importa identificar as motivações que o trazem até ao curso de Mestrado. Tal como já foi referenciado, o adulto sente há

um descrédito relativamente às actuais licenciaturas pós-Bolonha e uma falta de reconhecimento nos cursos sem matemática (que é o caso).

- *“É assim, entendi que a licenciatura não chegava e pensei, ok. Vamos fazer Mestrado”*

- *“(...) já que vamos para uma coisa diferente, então vamos fazer uma coisa, com mais suporte e que dê mais valor ao curso, porque depois percebemos que, de facto o curso, é um curso que não tem reconhecimento fantástico, porque não tem matemática, não tem isto, não tem aquilo”*

Para além destes factores motivacionais, pesou o factor idade e a questão da continuidade. Vindo directamente de uma licenciatura, com ritmos e alguma bagagem, considerou que seria o agora ou nunca para a realização do curso de Mestrado. No seu relato, enuncia que *“(...)se paro, nunca mais faço nada, pronto. Isto ou se entra ou não se entra e portanto, esse aspecto... houve vários factores, o 1º aspecto, é se eu paro acabou-se”*.

Ter vindo com um colega que o acompanhou na licenciatura, representou também uma grande motivação para a realização desta formação pós-graduada.

- *“(...)este acabámos, é sempre que estou a falar, eu e o XXXX [colega da licenciatura], porque andamos os dois a decidir, um bocado isto”*

Esta última evidência reflecte a importância dos pares, nas nossas escolhas/comportamentos. Será que o “António” viria frequentar o Mestrado sozinho? Esta é uma das questões que fica sem resposta, por ausência de informação.

E se os pares são tantas vezes, determinantes nas opções de vida dos indivíduos, a família não deixa também de ser essencial. No caso do “António”, a esposa tem sido a sua companheira de estudo. Incentivada por ele, ingressam ambos na licenciatura e apesar de relutante acompanha-o também na realização do Mestrado¹⁰.

- *“Quem incentivou a minha mulher, fui eu. Quem incentivou para o Mestrado, que ela não queria ouvir falar, até Julho... Não queria, ouvir esse tema”*

- *“Ela disse que só ia para a licenciatura, se eu a inscrevesse. Ok, fantástico. Pronto, inscrevia. Eh... depois não ia nunca, jamais... isto é, algures em Maio, Abril... Maio do ano passado, dizia, nunca na vida faço Mestrado. Pronto..., nunca.... nunca... nunca. Está fora de questão (risos). Pronto. Mas água mole em pedra dura, sempre dá... eh... bate, até que fura, até que...que de facto, ela depois começou a pensar, de fazer o Mestrado em psicologia”*

¹⁰ Frequenta o Mestrado em Psicologia Clínica - Universidade Lusófona

Detectadas as motivações para a realização do Mestrado, é de primordial importância conhecer as razões que o levaram à selecção do Curso de Gestão. Numa 1ª instância, a opção do aluno recaiu no Mestrado em Marketing, curso este, que seria mais próximo da sua licenciatura em Comunicação Aplicada. Após um contacto directo com o Departamento de Mestrados e de Formação de Executivos do ISG, o “António” foi aconselhado a fazer o curso de Gestão e hoje sente que fez a escolha certa.

- “E vinha fazer o Mestrado em Marketing, não era em Gestão” (...) “O Prof. Romero, é que por artes mágicas e com os pozinhos de perlímpimpim, me falou em Gestão. E eu achei que não era..., que era absolutamente incompetente para fazer Gestão. Mas pronto... veio-se a revelar, enfim... pelas notas que tenho tido, e pelos... por tudo aquilo que tenho feito, que afinal não sou assim tão burro, como pensava”

❖ O ISG

Na opção pela instituição de ensino, evidenciam-se: os conteúdos programáticos, os professores e a credibilidade da Faculdade. Após uma análise às instituições concorrentes (ISEG, ISCTE, ...), não notou grandes diferenças entre os cursos.

- “Claramente foi... foi o conteúdo programático, foi os professores... eh...foi o que se ouvia sobre a faculd... sobre a universidade”

- “Começamos a fazer comparações com os professores do ISEG e eh... vimos conteúdos programáticos do ISCTE. E pá, sinceramente, não vi assim grande diferença”

Os acessos/localização da Instituição de Ensino (ainda que tivessem menos peso do que aquando da licenciatura) também foram determinantes para a selecção, não deixando de lado, os factores económicos e o facto do Instituto Superior de Gestão, fazer parte da Universidade Lusófona, local onde fez primeiramente a licenciatura.

- “Dentro do agora, o que é que pesou? Pesou de facto, eh...eh pá... pesaram aqui, factores económicos. Deixem-me ver o que faz... o que fazem as faculdades, eh... que estão agregadas à lusófona”

❖ Mudanças/Expectativas

Em termos profissionais, sente que há mudanças. Num excerto do discurso, revela que já há portas que se abrem. Na percepção do “António”, a Gestão é altamente valorizada no mercado de trabalho.

“(...) havia portas que eu não conseguia abrir, porque não tinha um Mestrado em gestão e hoje consigo”

Quer continuar a estudar e seguir para doutoramento, motivado pela investigação e pela possibilidade de um dia poder vir a ser professor universitário, justificado pelo seu evidente gosto para a leccionação.

- “Exactamente pela investigação” (...) “Gostava de dar aulas, obviamente

- “Eu gostava muito de dar aulas, porque acho... acho que... acho que tenho jeito, para isso, pronto. Acho que... eh... e gosto que... daquela partilha e pronto... e como sou muito prático”

Após o ingresso no curso, socialmente não nota grandes diferenças, mas profissionalmente, acredita que *"o Mestrado é uma porta de entrada, a um começo"*.

O António procurou formação pós-graduada porque sempre pensou fazer investigação e prosseguir a carreira académica. Crê que mais formação lhe abre novas perspectivas profissionais que vão ao encontro da sua natureza empreendedora, daí a sua vontade em prosseguir para o doutoramento. Neste percurso conta também com a influência dos amigos.

➤ **O José - 2º Entrevistado**

O José (nome fictício) tem 54 anos, é licenciado em Gestão de Empresas pelo Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA) é gestor de projectos e frequenta o curso de Mestrado em Gestão da Energia.

A licenciatura de quatro anos (pré-Bolonha) foi determinada pelas suas necessidades profissionais. Poderia ter feito engenharia, mas dado que essa tem sido de alguma forma, a sua actividade, optou por um curso que complementasse a sua actual função laboral.

- “(...)poderia ter feito em engenharia” (...) “Engenharia, tem sido mais ou menos a minha actividade profissional... sempre. Onde denoto que realmente tenho necessidade de ter formação, é na área da Gestão.

A razão principal por não ter dado continuidade ao ensino secundário, prendeu-se com questões de trabalho, nomeadamente porque começou a andar muito por fora. Aliada à questão laboral, surge a vida familiar, sobretudo os filhos que requeriam muita atenção.

- “Era a vida familiar, os filhos... eu na altura não fiz quando era... quando era solteiro, precisamente porque quando acabei o secundário, fui... comecei a trabalhar para esta empresa e comecei a andar muito por fora. Depois, entretanto, casei-me vieram os filhos. Três filhos e então... só quando os filhos praticamente tiveram criados é que tive condições”.

Terminado o curso no ano de 2007, fala-nos da dificuldade que foi conciliar o emprego, a família e a licenciatura. Contudo, considera que aprender é deveras importante e vai mais longe, quando referencia que *“as pessoas, quando se tornam mais inactivas, mesmo sob o ponto de vista mental, acabam por... perder faculdades, com mais facilidade”.*

Com duas pós-graduações na bagagem (Gestão da Manutenção e Gestão da Eficiência Energética, realizadas no ISQ), custeadas pela empresa onde trabalha, está consciente que o investimento efectuado serviria os interesses da organização.

- “Pois... eles ... digamos que pagam alguns cursos, aqueles cursos que mais lhe interessam”

É importante realçar que a 1ª pós-graduação, foi efectuada ainda sem ser licenciado, justificada pelo vasto currículo profissional. Esta opção teve por base, a durabilidade do curso, que obviamente era mais reduzido do que um curso de licenciatura.

❖ Formação e Percurso Profissional

Na formação profissional, frequentou diversos cursos e congressos orientados para o trabalho que exerce e que se situa, ao nível da engenharia industrial. Salienta-se neste caso, o grande investimento que algumas (grandes) empresas, propiciam aos seus trabalhadores. O “José” num dos projectos por onde passou, teve a oportunidade de estudar durante um ano, a tempo inteiro, na própria escola da empresa.

- “Fiz lá um curso, em que estive um ano a estudar, à conta deles. A full-time”

A trajectória laboral do aluno, inicia-se como executante de calibração de equipamentos, até assumir funções de coordenação. Passando por várias empresas, destaca-se também o carácter empreendedor do “José”, que foi empresário em regime

de sociedade e consultor, durante algum tempo. Chegado a gestor de projectos, diz que *“o percurso profissional acaba por ser sempre condicionado, pela evolução das empresas, onde nós estamos, pelos lugares que ocupamos”*.

A estabilidade na empresa onde está já há quatorze anos permitiu-lhe construir uma carreira. Gosta do que faz e sente que há interesses comuns, entre o que quer e o que a empresa pretende.

- *“Portanto, os interesses são comuns, entre aquilo que eu quero e a empresa também”*

❖ **Motivações**

Ao nível das motivações, o José começa por identificar a importância do conhecimento quando refere que não é *“pessoa de ocupar os meus tempos livres, com coisas inúteis”* e sente que estudar, é uma forma de manter alguma frescura mental.

O programa do curso, os filhos crescidos (já licenciados), o grau académico (ainda que de importância secundária) e o facto, do Mestrado ser uma formação de alto nível, foram identificadas como as razões principais, para a realização do curso de Mestrado.

- *“Porque na altura, tinha lido... o programa do curso, gostei e... e entendi que era importante”*

- *“Depois, entretanto, casei-me vieram os filhos, três filhos e então...só quando os filhos praticamente tiveram criados é que tive condições para me meter, no... Mestrado”*

- *“Interessa-me muito mais o conhecimento. Muito embora, o título também seja bem-vindo”*

- *“(...) quer as pós-graduações que tirei, quer agora o Mestrado, é formação ao nível académico, ao nível mais elevado, muito específica”*

Embora não tendo sido identificada pelo “José”, como justificação para a realização da formação pós-graduada, o facto, da companheira também ter vindo frequentar outro curso de Mestrado no ISG, pode ter contribuído, para a sua determinação motivacional.

- *“(...) a licenciatura, foi um pouco penoso, nesse aspecto”*

- *“(...) eu já tinha tido a experiência do... da licenciatura, portanto... não a ia sacrificar. Sujeitá-la novamente a um esforço assim tão grande. Portanto, eu resolvi... ela também andava a manifestar vontade, já há algum tempo, em... em vir fazer este curso”*

Mas se as motivações foram preponderantes para a frequência do curso, é de total relevância perceber, o porquê da escolha pelo Mestrado em gestão da energia. O

discurso proferido, remete para importância da gestão da energia em contexto nacional e até internacional e para a escassez de formação desta natureza, evidenciando aqui, o sentido de oportunidade, no mercado laboral.

- *“não há muitos cursos de energia, em Portugal”*

- *“eu acho, que são áreas de furo. Que continuam a ser bastante valorizadas e é realmente importante, as pessoas investirem, em termos de conhecimento”*

Sendo que a actividade profissional e as Pós-Graduações desenvolvidas se situaram numa perspectiva “engenhairesca” em torno da área energética, o seu objectivo actual é aliar a Gestão ao conhecimento já consolidado.

❖ O ISG

Na base para a selecção do ISG, esteve numa primeira instancia o curso, que como já foi assinalado não existem muitas instituições de ensino em Portugal, a leccionar estas matérias. Num segundo momento, evidencia-se um conhecimento aprofundado da instituição, por parte da companheira, que já lá tinha estudado. Por fim, ainda que não muito evidenciado pelo entrevistado, salienta-se a oferta formativa diversificada, que permitiu que a companheira, frequentasse igualmente um outro curso de Mestrado¹¹.

- *“Mas o que esteve fundamentalmente na base da decisão foi o curso”*

- *“A minha companheira, já tinha estudado cá” (...) “Ela está em Gestão Fiscal”*

❖ Mudanças/Expectativas

Com a conclusão do curso, não sente que a curto prazo, vá usufruir de grande mudanças profissionais ou sociais. A relação com os amigos mantém-se como era e em termos profissionais, há por parte dos colegas, um reconhecimento pela sua dedicação ao estudo.

- *“Eles apreciam qualitativamente como é que uma pessoa, já com... com a idade que eu tenho, se dedica e... os meus colegas falam... falam. Cada vez, que falam, dizem que não é normal, as pessoas continuarem a manifestar essa vontade”.*

¹¹ Frequenta o Mestrado em Gestão Fiscal

Não é por ter um Mestrado que vai deixar de ser quem é e ligado a esta ideia central conta que “(...) o estatuto que as pessoas vão adquirindo, perante os outros, o reconhecimento (...) é um estatuto que se vai adquirindo ao longo da vida”.

A grande mudança profissional identificada e que representa o objectivo fulcral do “José”, é sair do país e montar uma empresa no Brasil, na área da gestão da energia. País, que na sua opinião, apresenta na actualidade grandes índices de desenvolvimento e por isso favorável, a futuros investimentos.

-“Será lá que irei desenvolver todas estas ideias, que eu preconizo agora, neste momento. Mais concretamente, o Brasil”

Confirmadas as actuais dificuldades da economia portuguesa, tem alguma dificuldade em pensar em Portugal a longo prazo e se “o futuro é hoje”, não quer perder mais tempo.

Com os filhos crescidos, com uma vida familiar e laboral estabilizada, o “José” procurou formação pós-graduada, porque quer especializar-se na área da gestão energética. Acredita que esta formação, lhe permite ir ao encontro de novos projectos, dentro dos quais, a criação de uma empresa no Brasil, o que revela igualmente a sua natureza empreendedora. Ainda que a frequência do Mestrado, tenha sido determinada pela vertente do curso, ter vindo com a companheira, também foi com certeza um grande incentivo.

➤ O Joaquim - 3º Entrevistado

O Joaquim (nome fictício) tem 51 anos e é o único elemento deste estudo, que reúne duas licenciaturas. Começou por Contabilidade e Auditoria e recentemente - no ano de 2010 - terminou Solicitadoria. Ambos os cursos foram realizados no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL). É auditor e frequenta o Mestrado em gestão fiscal.

No seu percurso académico (por imposição da professora e do padre da aldeia), foi seminarista e evidência o ensino neste contexto, em detrimento das escolas ditas “normais”.

- “ Aliás, eu antes disso fui Seminarista” (...) “por imposição quase lá... da... Professora e do Padre da minha terra, aos meus pais”

Com jeito para tudo, menos para ser religioso, saiu do seminário e ingressou numa escola técnico-profissional. Com esta saída, viu-se um “*bocado perdido, porque... o ensino, aquilo não tinha nada a ver (...) lá o ensino era completamente... era de uma exigência tremenda e (...) andava ali, parecia que não andava a fazer nada*”.

Realizado o 7º ano complementar antigo, que no seu entender “*se calhar naquela altura (...) valia portanto, quase como algumas licenciaturas actuais(...) Senão mais*”, faz o ano propedêutico, para aceder ao ensino superior. Foi na cidade do Porto, que ingressou no curso de Contabilidade e Auditoria, do qual vem a desistir. A tropa que veio fazer para Lisboa (Amadora) e os erros próprios da idade, parecem ter estado na origem do abandono da licenciatura, que acabou por vir a retomar mais tarde.

É já passado alguns anos, talvez em 1990/1991, que pede transferência do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP), para o Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa (ISCAL), onde vem a terminar o curso em 1994/1995. Há cerca de quatro anos atrás, inicia a Licenciatura em Solicitadoria que concluiu em 2010, aquando do ingresso no Mestrado. Nesta sua trajetória académica, realça o facto, de sempre ter trabalhado.

No que diz respeito a cursos de pós-graduação, declara nunca ter feito e nem lhe atribui grande importância. Esta passagem permite uma vez mais, reflectir sobre a importância dos títulos académicos. A confirmar este testemunho, revela que “*o Mestrado dá... confere grau académico. Uma Pós-Graduação, não confere*”.

❖ **Formação e Percurso Profissional**

Após a conclusão da 1ª licenciatura e a inscrição na ordem dos técnicos oficiais de contas (OTOC), muitos foram os cursos efectuados, devido às frequentes actualizações na profissão. Com o término do curso de Solicitadoria, tem vindo a efectuar também, algumas formações na área jurídica.

- “ *Estamos sempre em formações também, praticamente constantes. E agora, eh... como eu então já fiz o estágio, na área... na área do ... da Solicitadoria, agora também estou sempre em formação na área, na jurídica também.*

Ainda no âmbito da formação, evidência o curso de auditoria tributária, com uma duração de cerca de nove meses, realizado no Centro de Formação Profissional dos Trabalhadores de Escritório, Comercio, Servicos e Novas Tecnologias (CITEFORMA). As línguas estrangeiras e outros cursos afectos à área laboral, fizeram igualmente parte do seu percurso formativo.

Ao nível profissional, afirma ter trabalhado em várias empresas, quer na área da Contabilidade, quer na área dos Recursos Humanos. Chegado a auditor, gosta do que faz e diz não suportar a ideia de estar fechado num escritório. A abrangência da actividade, as constantes aprendizagens e a liberdade de trabalho (poder andar por fora), são as razões apontadas, para a sua realização.

- “A área de auditoria é uma coisa muito abrangente (...) estão sempre a aparecer coisas novas. As empresas são todas diferentes”

- “eu não tenho jeito para estar num ... num escritório, assim de uma forma contínua, seis, sete, oito horas. Eu gosto... de lidar com as pessoas, falar com as pessoas (...) sou muito, relações públicas também”

❖ **Motivações**

Identificada a vasta formação académica e profissional, pretende-se agora, perceber as razões que levam o “Joaquim” a enveredar pelo curso de Mestrado. A aquisição de conhecimentos e a consequente utilidade no trabalho são as primeiras razões apontadas para o ingresso no curso.

- “pela vontade de aprender mais qualquer coisa (...) ver até que ponto, ainda me vai ser útil”

- “(...) o saber não ocupa lugar”

Ainda que munido de duas licenciaturas, inclusive uma delas em contexto pré-Bolonha, sente que existe na actualidade, um descrédito por este tipo de cursos. Num excerto do seu discurso, expõe as licenciaturas, como uma segunda era do analfabetismo.

- “agora tornou-se ... os licenciados, são quase analfabetos (...) a 2ª era do analfabetismo, é ser licenciado. Portanto, para se ser alguma coisa, já tem que se ser Mestre”

O capricho, a importância da área fiscal e o grau académico, ainda que a dada altura seja considerado de importância secundária, são também relatados como parte integrante da sua motivação.

- “(...) e depois também é um capricho meu”

- “Querida fazer o Mestrado, por uma questão do grau académico também, mas também numa área que me interessasse. E esta área interessa-me. Interessa-me porque eu trabalho com ela. Porque lido com ela todos os dias e porque quero fazer uso dela”

Por último, mas não menos relevante, frequentar o curso com uma amiga, foi um aspecto decisivo, na sua estrutura motivacional. Como é possível comprovar, os pares revelam-se mais uma vez, determinantes nas trajectórias de vida, destes indivíduos.

- “eu conheço uma pessoa, que... que está cá no Mestrado, que a conheço, através de um... um amigo meu. E que ela... telefonou-me e ela disse assim, eh... pá, sabes onde há? (...) bom... como ela veio, eu também... disse pronto”

A selecção do Mestrado, foi efectuada por uma questão de gosto e complementaridade. Os cursos de licenciatura já efectuados e o curso de direito que ainda irá realizar, fazem todo o sentido na escolha, porque as matérias encontram-se interligadas. É importante realçar que o “Joaquim” já trabalha na área da fiscalidade.

- “Eu quero-me dedicar à área fiscal e alguma utilidade, isto vai ter que ter. Mesmo que eu faça a licenciatura, em Direito... Porque Direito tem... quero ir para a área fiscal. É uma das coisas que tenho definido na minha cabeça e portanto, isto para alguma coisa, me vai servir. Eh... Acho que profissionalmente me ajudará

Ter qualidade e ser “verdadeiramente” um Mestrado, foram condições que estiveram igualmente presentes, na altura da decisão.

“não fui para... e havia no ISCTE, que era... mas não era...Era um Mestrado Executivo”

“(...) para já porque gosto. Depois, porque acho que o Mestrado, nas áreas essenciais, tem qualidade”

❖ O ISG

O conhecimento prévio do ISG (onde frequentou um curso, há já alguns anos), a insistência da amiga e a oferta formativa, na área da gestão fiscal, foram os aspectos mais relevantes para a selecção da instituição de ensino.

- “Já há muitos anos. Ainda isto não era Lusófona, ou coisa que se parecesse. Para aí, há uns 15 ou 16, por aí. Talvez 12. Talvez, sim. E era ali naquele... no Palácio”

- *"E que ela... telefonou-me e ela disse assim, eh... pá, sabes onde há? É no... no ISG, que eu também vou lá fazer (risos). Foi a XXXX [Amiga]. A XXXX que é minha colega"*

❖ Mudanças/Expectativas

Inquirido sobre as eventuais alterações profissionais após o término do Mestrado, responde que o conhecimento produzido, com certeza que o ajudará e é neste contexto de utilidade, que se abre mais uma porta, na sua actividade profissional. A perspectiva de poder dar formação, na área da gestão fiscal, representa uma nova valência na sua actividade e no seu currículo.

- *"Acho que profissionalmente me ajudará e penso que... até se quiser fazer... dar formação e não sei quê... Ainda há dois dias... eu é que não tenho tempo. Porque, porque posso dar formação e já não é a 1ª vez que o faço"*

- *"(...)porque eu vejo mais as coisas, sob o ponto de vista profissional e de utilidade"*

Com a conclusão do Mestrado pondera ser revisor oficial de contas (ROC) e objectiva abraçar um novo projecto, com umas colegas suas.

- *"(...)mas é uma hipótese, que é fazer o exame de acesso à ordem dos revisores oficiais de contas, eu já tenho uma série de "borlas" com este Mestrado, percebe?"*

- *"Estamos a pensar. Eu mais duas colegas minhas. Elas... fazem muita questão que eu esteja lá. Portanto.... Elas querem-se dedicar a 100% do tempo aquilo, mas depois precisam de um suporte numa parte que eu tenho e que elas não têm. Portanto... é uma... é uma... é um conjunto de sinergias. Porque cada vez mais, hoje as coisas não se fazem isoladamente. Cada vez mais, as pessoas tem que trabalhar de uma forma agrupada e específica, em várias áreas. Cada uma especializa-se numa área, porque ninguém sabe tudo"*

No enquadramento das mudanças sociais, parece-lhe pouco provável que haja alterações no futuro. Embora consciente da importância dos títulos académicos, fala de profissões como a de electricista ou de soldador de profundidade, que dada a sua escassez, são altamente remuneradas e conceituadas.

- *"Não. Eu não me parece que a mudança seja significativa, nesse aspecto (...) Não. Não vai mudar grande coisa"*

- *"Eu no ano passado, estive de férias, num... num País em que um técnico de electricidade, ganha mais, que um Doutorado, em muitas área"*

- *“Eu tenho um familiar meu, um primo meu soldador de... de profundidade, dos... das plataformas petrolíferas (...) E que tem o 5º ou o 6º ano. E de vez em quando, ele faz férias em Portugal e vem um avião buscá-lo para ir fazer uma soldadura de meia-hora ao México, por exemplo”*

Dinâmico, relações públicas e empreendedor, o “Joaquim” procurou formação pós-graduada, por uma questão de utilidade. O seu objectivo é complementar os conhecimentos da auditoria e contabilidade e da solicitadoria, com os da fiscalidade. A licenciatura em direito, será o seu próximo passo. A influência da amiga e querer ser revisor oficial de contas (ROC), estiveram na base da decisão, pelo curso de Mestrado.

➤ O Ernesto - 4º Entrevistado

O Ernesto (nome fictício) tem 50 anos, é licenciado em Relações Internacionais pela Universidade Autónoma, é Chefe de Departamento de Compras e frequenta o Mestrado em Gestão.

Na trajectória académica, conta que fez o antigo 7º ano, que correspondia ao actual 11º, seguiu para o 12º, na altura em que havia três disciplinas. Fez duas e já a trabalhar concluiu a terceira.

- *“Vamos por partes. Eu terminei o... o antigo 7º ano e que mais tarde passou a ser chamado 11º e fui para o 12º ano e tinha três disciplinas. Eu fiz duas e quando comecei a trabalhar, faltava-me uma. Já a trabalhar, conclui eh... essa disciplina do 12º ano, e depois parei aí uns 3 anos, 3 a 4 anos até que eh... surgiu a oportunidade de estudar novamente”*

Com o término do ensino secundário, voltou a estudar quando teve tempo e dinheiro. A justificação pela não continuidade, prendeu-se com a constituição da família e com os fracos recursos inerentes ao início de carreira.

- *“Porque entretanto, a gente pensa em casar, constituir família e essas coisas todas e... fazer essas coisas todas, com poucos recursos, em início de vida e em início de carreira, alguma coisa fica para trás, que foi o caso. Ficou o estudo. Quer dizer, não ficou para trás, ficou a adiado, até que surgiu a oportunidade”*

Surgida a oportunidade e sendo o curso de direito, o clássico da época, tentou ainda ingressar nessa licenciatura. Frustradas as suas expectativas, dado que não conseguiu entrar, alguém lhe falou de Relações Internacionais e seguiu em frente.

- *“tentei primeiro o Direito. O 1º ano não deu. Não deu... a 1ª época, assim é que é, não deu. A 1ª época não deu. Na 2ª época, já não fui... já não experimentei Direito e... alguém me falou, já não sei em detalhe, mas alguém me falou em Relações internacionais. E eu disse para os meus botões, porque não? Vamos ver*

Entra neste curso, com o objectivo primordial de fazer uma licenciatura e conclui-a no ano de 1995, em contexto pré - Bolonha. Salienta-se uma vez mais, o estatuto de trabalhador-estudante do entrevistado.

- *“Enquanto trabalhador-estudante. Eh... mas eu tinha um objectivo, que era tirar uma licenciatura” (pág. 2)*

- *“Depois em 95, salvo erro, conclui a licenciatura”*

Finda a licenciatura, nunca procurou fazer cursos de pós-graduação ou mbas. Na sua concepção, as pós-graduações não faziam sentido, o que evidencia uma vez mais, a importância dos diplomas, que conferem grau académico.

- *“Não. Pós-Graduação acho que não... não fazia sentido”*

❖ **Formação e Percorso Profissional**

No âmbito da formação profissional, frequentou cerca de uma dezena de cursos, em áreas como as vendas, compras, liderança, produtividade, segurança, entre outros. Porém, não lhes atribui grande importância e acredita que já perderam a validade. Como o próprio refere *“É porque é muito curto. Quer dizer... às vezes o despejar de coisas, em... em 1 dia ou dois dias, não dá para consolidar conhecimentos”*. A crítica, expressa um nível muito teórico e a grande orientação para a componente comportamental. Contudo, é importante realçar a ênfase dada aos cursos práticos e anteriores à década de 90, antes do “boom” da formação financiada.

- *“Essas formações, agora uma grande parte delas, são muito teóricas e mais viradas para a área comportamental, liderança, produtividade, essas coisas... eh... formação de vendedores, coordenadores”*

- *“Antes da formação profissional, era... que começou pelos anos 90, antes disso, havia... havia internamente eh... algumas formações, muito práticas”*

- *“Mas alguns deles, seguramente já perderam a validade, pela... pela evolução das coisas”*

Sendo que os cursos frequentados decorreram em contexto empresarial, torna-se essencial efectuar uma passagem pelo itinerário laboral, que se inicia num gabinete de controlo de produção, com um trabalho meramente administrativo. Passados dois a três anos, teve a oportunidade de crescer e foi convidado para ser responsável / chefe de produção. É neste contexto, que enuncia as inúmeras dificuldades na gestão de pessoas pouco qualificadas.

- *“(...) era o responsável por uma... uma unidade de produção (...) e estive lá cinco... cinco anos e tal”*

“Era uma actividade difícil (...) Por isso, uma equipa de 18 a 20 pessoas, também um pouco difíceis de gerir. Eh... quanto mais baixa é... é a formação das pessoas e mais difícil é o trabalho, mais difícil se torna a gestão delas”

- *“Mas foi muito enriquecedor e... e ajudou-me para o futuro em muitas coisas”*

Ainda que a licenciatura não tenha sido pensada com o intuito de progredir na empresa, um ano após a entrega do diploma, foi convidado a integrar o Departamento de Vendas. Por aqui permaneceu cinco a seis anos, até chegar ao Departamento de Compras, local que conserva até hoje e onde se situa, no topo da hierarquia.

“(...) foi gratificante. E quando digo depois... 5 ou 6 anos depois, mudei para a área das vendas e 5 ou 6 anos depois mudei para as compras”

- *“Curiosamente, depois de terminar a licenciatura, eh... e de ter entregue o certificado de habilitações, no serviço de pessoal da empresa, eh... o Director de recursos Humanos da altura, disse-me algo do género, eh... isto é um curso que dá para ir para a área das compras ou para a área das vendas. Cerca de um ano depois, eu fui para a área das vendas, onde estive 5, 5 ou 6 anos”*

- *“Nas compras estou... estou no topo. Não há mais”*

Sobressai neste trajecto, os trinta anos que dedica à empresa, que foi o seu único e exclusivo local de trabalho.

❖ Motivações

As razões que o levaram à procura do curso do Mestrado foram identificadas e são seguidamente descritas. Começando pelo gosto pelo conhecimento, que lhe permite alargar horizontes; segue-se o tempo disponível que agora detém, perfeitamente conciliável com o trabalho. O incentivo da empresa, que lhe custeou o curso, também representa um factor motivacional de grande relevância.

- “E como eu sempre gostei de estudar (...) não é um sacrifício (...) porque alarguei horizontes (...) é necessário saber o quê é que ... o que é que no mundo se faz (...) Nós fazemos muitas coisas durante muito tempo, até podemos pensar que fazemos muito bem”

- “O nosso Mestrado é um ano e meio, eh... mas é o tempo também. Consigo ou não consigo, conciliar com o trabalho, com a vida familiar”

- “A empresa tem apostado em dar formação aos quadros, de qualidade”

Em última análise, o grau académico ainda que discreto, também se encontra presente no discurso do “Ernesto”. A justificação pela não frequência de cursos de pós-graduação, alegando não fazerem sentido, é o exemplo representativo da relevância do título, para este caso.

- “Não. Pós-Graduação, acho que não... não fazia sentido (...) o MBA ir-me-ia ocupar mais tempo, que eu não tenho”

Foi numa lógica de procurar adequar a formação às necessidades profissionais, que seleccionou o curso de Mestrado em gestão. A este propósito, reconhece que *“para a minha área de... de... área de actividade, fazia mais sentido, ou faz mais sentido, é Gestão”*.

❖ O ISG

A opção do ISG, teve por base dois factores determinantes: o horário que “cabia” no tempo que tem disponível e a componente prática da formação. Constata que este curso se encontra ligado às empresas e à vida real, confirmada pela prospecção realizada. Nas suas pesquisas, identificou no mercado mestrados idênticos, mas numa versão mais teórica.

- “Queria um mais ligado às empresas. Mais ligado à vida real (...) E havia um, já não me recordo, qual era a instituição, que eu achei que seria muito académico”

- “(...) daquilo que falámos os horários... foi o que cabia dentro dos buraquinhos que eu tenho disponíveis”

❖ Mudanças/Expectativas

Questionado sobre eventuais mudanças, após a concretização do Mestrado, não sente que profissionalmente ou socialmente mude alguma coisa. Obviamente que há um acréscimo de conhecimento e de cultura geral que pode ser aplicado no seu trabalho diário. A curto prazo não perspectiva grandes alterações, mas o futuro é muitas vezes surpreendente “(...) porque tendo a formação, pode surgir. Se não tiver, seguramente não surge”.

- “Não acho que mude nada”

- “Neste momento, não tenho qualquer expectativa, nesse aspecto (...)” “Portanto, serve-me para o trabalho actual, obviamente que serve. É saber mais, sobre o meu trabalho. Conhecimentos gerais, cultura e os conhecimentos que também me servem para a minha actividade”

- “Mais-valias, vai. Não é uma situação que disse assim... bom, quando eu acabar o curso... já foi assim com a licenciatura... que eu não tinha garantido absolutamente nada”

Terminando o Mestrado, não pretende fazer publicidade e afirma que quando lhe derem o diploma, coloca-o na vitrina lá de casa e não fará publicidade. Do discurso proferido enuncia que “a única coisa que é garantida é que eh... não digo que acabe aqui”.

A procura de formação pós-graduada pelo “Ernesto” situa-se fundamentalmente ao nível do conhecimento e da aplicabilidade na vida profissional. O gosto pelo estudo é evidente e nesta sequência pondera continuar, talvez para doutoramento.

O Nuno - 5º Entrevistado

O Nuno (nome fictício) tem 52 anos, é licenciado em Gestão de Empresas pela Universidade Lusófona, é director numa Companhia de Seguros e frequenta o Mestrado em gestão.

Concluído o ensino secundário, entra em 1978/79, na academia militar onde permaneceu sensivelmente durante um ano. Desiste pela falta de motivação e pelas infantilidades típicas da juventude, associadas à independência familiar. Hoje mostra-se

arrependido, até porque sempre viveu no meio militar - o pai era sargento, no exército - e sentia que esta era uma das suas grandes vocações.

- *“faltaram dois factores: motivação numa determinada altura, até porque eu tinha... eh... originalmente... originalmente eu em 78/79, entrei no ensino superior Militar. Concorri à academia militar, fiquei... eh... e estive lá um ano. Acabei por sair, fui para o mercado de trabalho... fiz carreira”*

- *“Olhe porquê... Pelas infantilidades dos vinte e poucos anos. Queria ter independência Financeira, sair da casa dos pais. Toda a gente dizia, na... não faça isso. Não faça isso. Não faça isso. Eu saí do exército, hoje estou arrependido (risos). De facto, era uma das minhas grandes vocações. Até porque cresci no meio militar e entendia-me bem com ele”*

Com uma vida profissional sempre atribulada, retoma a sua actividade académica (licenciatura em gestão) no ano de 2005, quando na empresa onde trabalha, integrou outros projectos menos desafiantes, mas que lhe permitiram ter mais tempo disponível.

- *“Comecei a ter mais tempo, porque mudei de área, passei para outros projectos eh... menos desafiantes, mas com mais tempo livre”*

- *“Desde o aspecto operacional, ao aspecto humano, era complicado. Foi preciso gerir muita coisa e muitos conflitos. No meio disto, fomos comprando companhias pequenas e fomos absorver culturas, estruturas e organizações”*

Deu entrada na Universidade Lusófona, pelo dispositivo “maiores de 23” anos, num contexto pós-Bolonha e nesta passagem, revela as suas dificuldades enquanto trabalhador-estudante.

- *“Sim. Para maiores de 23”*

- *“Porque o trabalhador-estudante tem sempre... é mais difícil ter tempo disponível para estas coisas”*

- *“Terminei em 2009. Portanto, eu já sou dos primeiros Bolonha”*

Concluindo o curso em 2009, revela o seu fascínio pelo que se aprende nas Universidades e só tem pena, não ter iniciado há mais tempo.

- *“E de facto, devo dizer que eu fiquei fascinado com o ensino. Com o ensino que se aprende nas Universidades”*

- *“Temos aquele ditado de que se soubesse o que sei hoje, começaria mais cedo”*

A opção pelo curso deve-se à actividade profissional exercida que esteve sempre ligado às áreas de coordenação e de gestão. Questionado sobre eventuais cursos de pós-graduação realizados, responde que nunca fez.

- *“Porque eu sempre trabalhei na área da... dos seguros e portanto, sempre estive ligado às áreas de coordenação, e a gestão era aquilo que era inerente à minha experiência profissional”*

- *“Não fiz Pós-Graduação”*

❖ **Formação e Percurso Profissional**

Os cursos de formação profissional frequentados, decorreram nas instalações da empresa, à excepção do curso de formação de formadores, de acesso ao certificado de aptidão pedagógica de formador (CAP), que foi leccionado no espaço físico, do Instituto Superior de Linguas e Administração (ISLA)

- *“(...) mais tarde fiz o CAP, aqui há uns anos, no ISLA”*

A empresa onde trabalha, contratava os serviços de algumas universidades, que internamente leccionavam cursos específicos. A dimensão da empresa poderá ter justificado, esta atitude. No leque de cursos frequentados, contam-se formações na área da gestão, vendas, comportamentais e outros cursos técnicos.

- *“(...) a Companhia chamava periodicamente, chamava algumas Universidades eh... lá dentro e deu alguns cursos internos”*

- *“Dentro da área da Gestão. Gestão nas áreas comportamentais, vendas, eh.... Alguns cursos técnicos internos dentro da companhia. Também se fez muita coisa”*

Convém salientar que o “Nuno” tem dedicado uma grande parte da vida à actividade seguradora, pelo que se descreve seguidamente a sua trajectória profissional. Tal como anteriormente mencionado, a desistência do curso superior militar, fá-lo ingressar no mercado de trabalho, situação que o leva a fazer uma breve passagem por duas empresas, que parecem ter sido tão insignificantes, que não referênciam sequer o trabalho efectuado.

- *“Entrei primeiro, num primeiro emprego, sem... sem expressão, aliás dois ... dois empregos sem expressão”*

Por conhecimento de uma pessoa amiga do pai, vai parar à actividade seguradora e porque gosta, por lá se tem mantido, até hoje. O começo deu-se numa primeira companhia, onde esteve durante um ano em formação e a saída, é justificada pelo convite em integrar uma nova, da qual é um dos fundadores.

- *“Por conhecimento de uma pessoa amiga do meu pai, que não sei quê e fui para lá, como podia ter ido parar a outro sitio qualquer”*

- *“E portanto, eu sou um dos fundadores (...) fomos 18 pessoas a fazer a companhia, durante uma série de anos (...)*

- *“Sou o empregado nº16 e hoje somos 650 e o número mais alto é o mil e qualquer coisa. Portanto, eu estou no nível dos primeiros”*

Na ascensão profissional destaca-se o inicio como estagiário, evoluindo posteriormente pelas categorias de subchefe, chefe de secção, coordenador, formador, consultor e finalmente como director.

- *“(…) fui desde estagiário até... até subchefe de secção, que era uma regra, para os comerciais”*

- *“Quando saí, para a XXXX em 82, eu passo logo ao nível 2, chefe de secção, 4 anos depois, sou promovido a chefe de serviço”*

- *Tive sempre a meu cargo áreas de coordenação e de chefia”*

Chegar à última categoria, reconhece ter sido o caminho mais longo e mais complexo, compreendido pela necessidade de maturidade, conhecimento e experiência. Denota-se no discurso proferido, a ambição de poder vir a ser um dia, director –coordenador, que representa o topo da hierarquia. Como ele próprio indica *“o estágio que falta é director-coordenador”*

- *“(…) foram o trajecto de chefe de serviços, para director, foi o mais longo. Foi o mais complexo, o que é natural. Também se percebe que tinha que haver maturidade, conhecimento, experiência, uma série de coisas”*

De momento, ao cargo de Direcção, alia ainda as actividades de formador e de consultor.

- *“Ainda faço formação cá fora, como outsourcing também”*

- *“Mais tarde, vim a fazer consultoria, para municípios e que ainda faço de vez em quando”*

❖ **Motivações**

Atestada uma vida profissional preenchida, torna-se essencial perceber a continuidade da licenciatura em gestão para o Mestrado em gestão. Pelo que é possível identificar, Bolonha foi o seu principal motivo. O conhecimento adquirido, com um curso de três anos, revelou-se insuficiente e assustou-se quando percebeu o que lhe faltava aprender.

- *“1º Nós chegamos ao fim de uma licenciatura e tomamos a... a noção da dimensão de que precisamos de saber, que não sabemos e é absolutamente assustador”*

- *“Portanto, assustei-me com aquilo que me faltava saber”*

Ainda que o marketing represente uma das suas paixões, manteve-se em gestão porque é a área inerente à sua experiência laboral e entendeu que deveria consolidar os conhecimentos nesta matéria.

- *“(...) entendi que 1º tinha que consolidar a gestão, razão pela qual eu quis vir 1º para a gestão”*

- *“Porque eu tenho outras paixões. Uma das paixões é o Marketing”*

Neste enquadramento, a falta de conhecimentos, o gosto pelo saber e a perspectiva de vir a ser professor universitário, foram as reais motivações que originaram a procura pelo curso de Mestrado.

- *“O 2º é de natureza perfeitamente emocional. De facto, eu devia ter vindo para a Universidade mais cedo, porque gosto de aprender e gosto de saber”*

- *“O 3º perspetivei uma alternativa complementar minha, de vir a ser professor no ensino superior e portanto, razão pela qual me leva a querer continuar”*

❖ **O ISG**

Nos principais motivos que levaram o “Nuno” a seleccionar ISG, evidenciam-se: a credibilidade da instituição, as vantagens de continuar no Grupo Lusófona, os colegas e o factor económico.

- *“Teve a ver com pessoas que eu conheço ligadas ao meio académico, pessoas com que eu trabalho, até na área da formação, até na área do outsourcing e que são alunos do ISEG e que no ISEG, e há 15 anos atrás e que falam do ISG, como uma empresa de referência”*

- *“Prefiro continuar no Grupo Lusófona. Não me sinto mal com... com o Grupo e portanto, se há um sítio, mais pequeno, de outra dimensão, vou para lá.”*

- *“Eu trouxe alguns para cá. Porque eu comecei a puxá-los para cá. Um que é o XXXX (...)Tentei trazer mais uns 2 ou 3. Uns não... não... não vieram”*

- *“O ISG tem uma vantagem complementar, pelo facto, das pessoas que vêm da lusófona, têm mais algum benefício para entrar, é uma facilidade. Os Mestrados são muito caros, lá fora. A forma como... o ISEG e os outros pedem, é perfeitamente uma barbaridade e portanto, isto é atípico. Não percebo, porque é que o Estado, cria mais dificuldades que os privados”*

❖ Mudanças/Expectativas

Na categoria mudanças, revela que profissionalmente ganhou competências e que o curso lhe tem ensinado a importância de procurar soluções.

- *“(...) profissionais talvez. Ganhei competências e abordo as coisas de outra forma”*

- *“(...) porque nós vamos para o mercado empresas, com a preocupação de encontrar soluções e ajuda-nos a pensar de forma perfeitamente formal”*

Quer aplicar o saber, dentro e fora da empresa e tem ainda perspectivado, um projecto de formação/consultoria, para o mercado Africano. Sente Portugal cada vez mais pequeno e reflecte na importância de se ter ideias além-fronteiras. O futuro, é representado pela continuidade para o doutoramento.

- *“(...) aplicar o meu saber, na vida prática, na empresa e fora dela, dentro do que tenho a fazer ou posso vir a fazer, mas muito dentro dessa via”*

- *“Tenho ainda um protótipo de projecto com uma empresa. Mas é ir e vir (...) Até porque uma pessoa tem que ter ideias de ir além-fronteiras. O nosso mercado é cada vez mais pequeno”*

- *“E – Vai para Doutoramento? A – Exacto. A minha ideia é continuar. Estabilizar aqui a parte da... da tese, que me preocupa bastante”*

Ao aspecto social, não lhe atribui grande ênfase, justificado pelo mercado saturado de licenciados. O desemprego é representativo e traduz-se num descrédito aos diplomas. Em jeito de análise final, o que procura nestas competências é, *“vir a melhorar o futuro”*.

- *“No aspecto social, não lhe sei responder, porque eh... hoje em dia, temos um super - hábito de muitas coisas, não é? Estamos com o mercado saturado de licenciados, eh... não é, por essa via”*

O “Nuno” procurou formação pós-graduada, porque ficou encantado com o ensino das universidades e sente necessidade de mais conhecimento. Perspectiva prosseguir uma carreira académica e daí a sua vontade em prosseguir para o doutoramento.

O João - 6º Entrevistado

O João (nome fictício) tem 59 anos, é licenciado em Ciências Militares Navais, no curso de Engenharia Mecânica, realizado na Marinha, é director numa empresa multinacional e frequenta o Mestrado em gestão.

No seu itinerário académico e após a conclusão do antigo 7º ano do liceu, deu entrada com 18 anos, no curso superior da Marinha. Oriundo de uma família cuja tradição profissional se dividia, entre médicos e militares e ainda que a sua escolha recaísse preferencialmente na licenciatura em medicina, opta pela carreira militar, por grande influência do pai. Este caso vem realçar o papel preponderante da família, nas escolhas académicas//profissionais dos alunos.

- “(...) houve alguma tradição na família entre militares e médicos. E eu queria ir para medicina, o meu pai era militar (risos) e acabei por ir para... para a marinha”

Com uma vida de trabalho orientada para a engenharia técnica, acompanhada por actividades na área da gestão, sente necessidade de fazer uma pós-graduação em gestão estratégica da empresa, no Instituto Superior de Línguas e de Administração (ISLA).

- “Depois de sair da marinha, aqui há 4 anos, fiz o... o curso nos ISLA de... de... o curso, quer dizer, a Pós-graduação em gestão e estratégia empresarial”

❖ Formação e Percorso Profissional

Durante o tempo que permaneceu na marinha, fez vários cursos de formação profissional e de pequena duração, muito orientados para a sua actividade laboral. Nesta sequência, contam-se cursos no âmbito das soldaduras, manutenção e outros de grande relevância para a engenharia mecânica naval.

- “Soldaduras, manutenção... enfim... enfim, áreas muito ligadas à área de... de engenharia mecânica naval”

- “Alguns eram de 1 mês, 2 meses, quinze dias, enfim”

Permaneceu na marinha por volta de trinta anos e acredita ter feito uma carreira de sucesso. Neste contexto, foi oficial superior e elevou-se até à qualidade de capitão-de-fragata, categoria correspondente à de tenente-coronel.

- *“Mantive-me por lá, durante 30 e tal anos e portanto... fiz a carreira eh... de sucesso. Por acaso, foi uma carreira de sucesso. E portanto, digamos que cheguei ao nível que eu... eu pretendia subir, nos escalões todos e portanto cheguei até aquela idade em que eu saí da marinha, portanto saí já na patente de Capitão de Fragata, que é o equivalente a... a tenente coronel”* (pág.6).

Terminada a sua actividade na marinha (ainda que não seja referenciado, deduz-se que em situação de reforma), sai com o objectivo de fazer apenas consultoria. Depois de algum tempo, conclui que este trabalho era insuficiente e reactiva a actividade profissional.

- *“Depois, quando saí da marinha, vim cá para fora e portanto 1º uma ideia de fazer apenas consultoria. Depois cheguei à conclusão que só consultoria, também era pouco e então... e depois vim a reatar a minha actividade profissional”*

Com o regresso incondicional à vida activa, ainda passa por um outro projecto empresarial, até ingressar em 2001, numa multinacional, onde permanece até hoje, exercendo a função de director de departamento.

❖ **Motivações**

Pelo discurso apresentado, a principal motivação para a realização do Mestrado, prende-se com a ambição de quer ser director-geral, de uma multinacional. Na procura de conhecimento, ao nível da gestão para a persecução deste objectivo, a pós-graduação em gestão estratégica da empresa, revelou-se insuficiente.

- *“O Mestrado, já me dá possibilidade de estar a um nível da gestão que eu ambiciono. Portanto, mais alto, do que aquele que neste momento estou, não é? Eh... neste momento, sou director de um departamento, mas a ambição é chegar a Director-geral e portanto, para isso... tenho que subir mais um bocadinho”*

- *“(...) entendi que só a Pós-Graduação, não é suficiente e portanto, daí o Mestrado”*

O grau académico funcionou igualmente como estímulo e a comprová-lo relata:

- “Depois, entendi que... que o que eu penso é que dentro de pouco tempo, só se tem cargos de chefia, digamos que a nível mais elevado, com... com Doutoramento”

- ““(...)é sempre mais qualquer coisa, que a pessoa pode pôr no cartãozinho”

Com uma vida profissional orientada para os conhecimentos técnicos (próprios da engenharia) e com um cargo actual de gestão, crê que esta formação (Mestrado em gestão) é a que neste momento, faz mais sentido.

- “Entendi que realmente a área da gestão era aquela que eu sentia, mais... digamos vocacionado, nesta fase da minha... da minha carreira. Eh... e portanto, procurei, digamos a formação necessária, para poder desempenhar essas funções”

❖ O ISG

O ISG não foi a sua primeira escolha. A universidade católica seria a universidade de eleição, mas o custo elevado do curso, condicionou a decisão. O Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), também estava no topo da sua preferência, mas deixou passar os prazos de inscrição e já não conseguiu ingressar.

- “A 1ª escolha foi... foi a Universidade Católica. Mas os preços realmente eram muito... muito elevados. Não sendo possível a Universidade Católica, eh... ainda estive no ISEG (...) Inclusive estive inscrito no ISEG. Inscrito quer dizer, apalavrado com o ISEG. Entretanto, por várias razões, eh... quando resolvi confirmar a ... inscrição, já tinham fechado as inscrições”

O Eng. Mira Amaral, que faz parte do corpo docente do ISG, acabou por ser o factor determinante para a selecção desta instituição de ensino.

- “Que era o Eng. Mira Amaral, que era efectivamente o responsável pelo Mestrado de gestão. E eu como tinha, sob o ponto de vista técnico, uma boa apreciação da pessoa”

❖ Mudanças/Expectativas

Interrogado sobre as futuras mudanças, após o término do curso, responde que profissionalmente “as mudanças já estão a acontecer” e já se sente à vontade, em muitas áreas, o que é sinónimo de que o aumento de conhecimento representa uma alteração significativa. O futuro é avaliado em termos profissionais e diz que “tudo vai depender do que vai acontecer, no nosso mercado de trabalho”, sabendo que este investimento pode até nem mudar nada, na sua vida.

- *“Ninguém me diz, fazes isto e tens aqui lugar à tua espera. Não. Fazes isto e agora... enfim, dentro daquela empresa ou fora daquela empresa, será uma questão... só o destino é que... que saberá bem”*

Convém evidenciar também o facto, de ponderar continuar para doutoramento. Consciente que para ser director-geral, os títulos alcançados, serão determinantes.

- *“Penso é que dentro de pouco tempo, só se tem cargos de chefia, digamos que a nível mais elevado, com... com Doutoramento. Eh... o caminho vai ser esse”*

- *“Sabe que na vida, nós temos que ponderar vários factores, não é? Não é só aquilo que a gente quer. É também o que é possível fazer, não é?”*

Sob o ponto de vista social, existe alguma contradição, referente à questão do título. Inicialmente refere que *“essas coisas às vezes, têm... têm um impacto até nas relações sociais... e... no ambiente em que nos movimentamos”* e mais adiante indica que *“nesse aspecto, não. Acho que valoriza, valoriza realmente as pessoas. Agora, não... no nível social em que... em que me movo. Já é a um nível alto”*.

Pelo que é dado a perceber, a valorização pessoal é evidente e parece que a social também o é.

- *“(...) sob o ponto de vista pessoal, a valorização pessoal é... é evidente, não é? Sob este aspecto, é importante. Depois é a valorização social, é sempre mais qualquer coisa, que a pessoa pode pôr no cartãozinho”*

O “João” procurou formação pós-graduada porque quer ser director-geral de uma multinacional. Crê que mais formação, lhe abre novas perspectivas profissionais que vão ao encontro do seu objectivo e daí a sua vontade, em prosseguir para doutoramento.

3.2 Inferências Globais

Analizadas as trajectórias individuais, descreve-se neste ponto, as principais inferências retiradas, tendo em conta os objectivos e as questões de investigação.

Na informação recolhida e demonstrada através dos quadros abaixo, identificam-se os alunos entrevistados que têm uma média de 53 anos, sendo que quatro frequentam o

Mestrado em gestão, um o Mestrado em gestão fiscal e um outro, o Mestrado em gestão da energia.

Bloco A - Identificação						
	António Entrevista 1	José Entrevista 2	Joaquim Entrevista 3	Ernesto Entrevista 4	Nuno Entrevista 5	João Entrevista 6
Idade/anos	50	54	51	50	52	59
Mestrado	Gestão	Gestão da Energia	Gestão Fiscal	Gestão	Gestão	Gestão

Percorrendo as suas trajectórias académicas, apresentam-se em cursos de licenciatura em Comunicação Aplicada, Gestão, Contabilidade e Auditoria | Solicitadoria, Relações Internacionais e Engenharia Mecânica Naval.

Curiosamente apenas um concluiu o curso, na sequência do ensino secundário. Dos restantes, dois terminam na década de 90 e os outros três, só terminaram muito recentemente. Conclui-se ainda que os dois licenciados em contexto pós-Bolonha, entraram pelo dispositivo dos “*maiores de 23*”.

Começando por percorrer os vários percursos académicas dos sujeitos entrevistados, com cinquenta ou mais anos, foi possível detectar, que apenas um efectuou o curso de licenciatura, na sequência do secundário. Os restantes fizeram-no bem mais tarde e inclusive alguns, até já em contexto pós-Bolonha, tendo ingressado no ensino superior através do dispositivo dos “*maiores de 23*” e com o estatuto de trabalhadores-estudantes (à excepção do aluno que frequentou o curso superior militar) o que reflecte a mudança de um passado universitário de elites (Cabrito, 2002), traduzido agora, na massificação deste ensino. É de registar que nenhum dos alunos estudados, menciona dificuldades financeiras familiares, na prossecução do ensino secundário, sendo possível afirmar com Martins (2008:41) que a “*Universidade está mais democratizada, mais aberta ao meio*”.

A realização de pós-graduações está presente em apenas dois dos entrevistados o que ainda pode revelar a actual importância dos diplomas/títulos académicos, apenas presentes nos cursos de licenciatura, Mestrado e doutoramento.

Bloco B – Formação Académica						
	António Entrevista 1	José Entrevista 2	Joaquim Entrevista 3	Ernesto Entrevista 4	Nuno Entrevista 5	João Entrevista 6
Entrada na Universidade	Maiores de 23	Normal	Foi seminarista Fez propedêutico Normal	Fez o 7º ano e mais tarde o 12º ano Normal	Maiores de 23	Normal (Marinha)
Licenciatura Universidade	Comunicação Aplicada ULHT	Gestão ISLA	Contabilidade e Auditoria - ISCAL Solicitadoria ISCAL	Relações Internacionais Autónoma	Gestão UHLT	Ciências Militares Navais Curso de Engenharia Mecânica Naval Univ. Marinha
Termo da Licenciatura	2010	2007	1ª CA - 1994-95 2ª Sol - 2010	1995-96	2009	1975
Licenciatura: Pré ou Pós-Bolonha	Pós-Bolonha	Pré-Bolonha	Pré-Bolonha	Pré-Bolonha	Pós-Bolonha	Pré-Bolonha
Licenciatura: Trabalhador-Estudante	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não
Pós-graduação	Não fez	1- Gestão da Manutenção 2- Gestão da Eficiência Energética (ambas no ISQ)	Não fez	Não fez	Não fez	Gestão Estratégica Empresarial (ISLA)

No que concerne aos cursos de formação profissional, regra geral são de curta duração, e na sua grande maioria levados a cabo pela própria empresa. E se o objectivo é promover a rentabilidade ou cumprir com o número de horas de formação estabelecidas por lei (35 horas¹²), a verdade é que muito poucos lhe atribuem grande ênfase, destacando-se todavia os cursos de longa duração. Esta situação faz-nos repensar a forma como a formação profissional contínua, tem vindo a ser abordada. Na opinião de Rui Canário (1999:11) *“a ilusão criada com os «fundos comunitários» transformou-se numa oportunidade perdida para promover uma efectiva qualificação profissional dos trabalhadores portugueses”*. Efectivamente, muitas foram as empresas, que recorreram à formação financiada, para formarem os seus trabalhadores, aproveitando este tipo de incentivo. Mas será que tem valido a pena?

Bloco C - Formação Profissional						
	António Entrevista 1	José Entrevista 2	Joaquim Entrevista 3	Ernesto Entrevista 4	Nuno Entrevista 5	João Entrevista 6
Cursos de formação profissional realizados	. Marketing IPAM (duração de 1 ano) . Qualidade . Finanças . Direito do Trabalho . Vendas	. Cursos ligados à área da Engenharia Industrial (um deles, teve a duração de 1 ano e era interno)	. Gestão . Recursos Humanos (área do trabalho) . Auditoria Tributária . Línguas	. Compras . Vendas . Liderança . Produtividade . Segurança . Qualidade	. CAP (ISLA) . Gestão . Comportamentais . Vendas . Cursos técnicos	Cursos ligados à área da Engenharia Naval: . Soldadura . Manutenção

Em termos profissionais, todos os alunos que integram este estudo têm cargos de topo nas empresas onde trabalham e situam-se nas seguintes categorias: empresário, gestor de projectos, auditor, chefe do departamento de compras e director(es).

¹² Lei nº 99/2003 de 27 de Agosto

Pelas trajectórias apresentadas, é perceptível a evolução nas profissões e denota-se uma grande vontade em continuar a evoluir. Mas, ocupando lugares de topo na tabela hierárquica das empresas onde trabalham, o que os faz enveredar pelos cursos de Mestrado? E a quinze ou a menos anos de reforma, o que os leva a este investimento?

Como refere Linda Davidoff (1983: 394), satisfeitas todas as necessidades (inclusive as fisiológicas), o homem procura a auto-realização *“esforçando-se para realizar as suas capacidades potenciais e cumprir os seus ideais”*. Assim, e nas razões para a realização dos cursos de Mestrado, sobressaem os motivos de natureza profissional e o gosto pelo conhecimento, sobretudo daquele que é passível de aplicação prática à actividade laboral. Numa sociedade totalmente dominada pela informação e pelo conhecimento, os perfis profissionais e as formas de trabalhar mudam com uma rapidez alucinante e obrigam a pessoa activa a reciclar-se constantemente. A rapidez com que se operam estas mudanças é tal que *“nunca se deveria descuidar os processos educativos de pessoas adultas e inclusivamente idosas, uma vez que qualquer ser humano, independentemente da sua idade, está a ser submetido a profundas transformações”*(Fernandez, 2006:78). É de total relevância salientar que nenhum dos entrevistados mencionou uma possível reforma a curto prazo, talvez porque no contexto económico actual, já prevêem trabalhar toda a vida.

Bloco D - Actividades Profissionais						
	António Entrevista 1	José Entrevista 2	Joaquim Entrevista 3	Ernesto Entrevista 4	Nuno Entrevista 5	João Entrevista 6
Profissão Actual	Empresário (Gerontologia)	Gestor de Projectos	Auditor	Chefe Dep. Compras	Director Seguros Consultor Formador	Director (Multinacional)
Profissões anteriores	. Chefe de vendas . Sócio Gerente de 3 empresas . Responsável Financeiro . Direcção de Recursos Humanos	. Executante . Coordenador . Empresário . Consultor	. Contabilista . Recursos Humanos . Vários sitios	. Administrativo . Chefe de Produção . Dep. Vendas	. Estagiário . Subchefe . Chefe de Secção . Chefe de Serviços . Formador . Director Dep. (Formação e outros) . Consultor	. Oficial da Marinha . Capitão de Fragata . Consultor

Ao nível das motivações, o gosto pelo conhecimento e a possibilidade de poderem aplicá-lo na actividade laborar, lideram o topo das razões para a realização do Mestrado. Em complemento, o actual descrédito pelas actuais licenciaturas de três anos e até mesmos pelas antigas (de quatro ou cinco anos), é mais um factor representativo para a continuidade pela formação pós-graduada.

A declaração de Bolonha que trouxe a redução do número de anos das licenciaturas e que procurava construir um *“espaço europeu do ensino superior com objectivos*

genéricos de promover a empregabilidade dos graduados, por forma a dar conteúdo real ao direito de livre circulação e estabelecimento dos cidadãos e de reforçar a competitividade internacional do ensino superior Europeu” (Simão, Santos & Costa, 2002:244), justifica o actual descrédito pelas actuais licenciaturas e representa um factor motivacional, na prossecução para o Mestrado. Como é referido, o conhecimento produzido em cursos de cinco anos, não pode de forma alguma assemelhar-se ao que é produzido em três. Por conseguinte, esta redução não deixa também de ser vantajosa, porque incentiva a continuidade para o ensino superior, nomeadamente pelo acesso universitário, através do dispositivo dos “*maiores de 23*”.

A estas razões associam-se ainda: o programa do curso, a área de estudo, o horário e virem acompanhados por colegas/amigos.

O programa do curso, onde se encontram integrados os professores das disciplinas e a área de estudo, representaram também motivos essenciais para o ingresso nos cursos de Mestrado. Embora Florentino Fernandes (2006:84) saliente que “*o modelo alfabetizador, o social e o produtivo continuam excessivamente incomunicados*”, tal não acontece no Instituto Superior de Gestão. Segundo as declarações dos inquiridos, os cursos revelam-se formações práticas (de qualidade) e de grande aplicabilidade em termos sociais e profissionais. Contudo, apenas uma empresa patrocina este tipo de curso. Os alunos escolhem formações pós-graduadas “*sem que se possa atribuir, na esmagadora maioria dos casos, qualquer atitude de exigência ou simplesmente de incentivo à frequência desse tipo de formação por parte dos empregadores*” (Alves, 2008:85).

Numa época em que tudo muda a ritmos avassaladores e o principal objectivo “*é garantir a utilidade económica dos indivíduos, através da adaptabilidade, eficácia e empregabilidade*” (Cabrito, 2008a: 106), resta muito pouco tempo para investir fora da empresa. Nesta sequência, os horários dos cursos (pós-laborais – três dias da semana, 10 horas semanais) foram também determinantes, ao nível motivacional.

Paralelamente a influência dos pares é claramente notória, na procura de formação pós-graduada, transcendendo a fase da adolescência onde “*os pares se tornam cada vez mais influentes*” (Davidoff, 1980:570).

As razões para a selecção do curso basearam-se no gosto pelas áreas envolvidas e na complementaridade de conhecimentos, que procura aliar a Gestão, à actividade profissional. Foi então, o curso, a credibilidade do ISG, os planos de estudo/professores, o custo (relação qualidade/preço) e virem acompanhados que foram determinantes para eleição da instituição de ensino - ISG.

E se a formação e os diplomas obtidos, na concepção de António Martins (2008) interferem, de forma significativa, na melhoria das condições materiais, curiosamente nenhum dos inquiridos menciona motivações económicas, talvez porque financeiramente e tendo em conta as categorias profissionais já ocupadas, não se prevejam grandes alterações. Contudo, há sem dúvida alguma, uma enorme preferência pelos cursos de Mestrado, em detrimento dos cursos de pós-graduação e mbas, sendo que estes últimos não atribuem grau académico. É neste contexto, que é possível inferir o grau de importância que ainda revestem os diplomas escolares.

Bloco E - Motivações						
	António Entrevista 1	José Entrevista 2	Joaquim Entrevista 3	Ernesto Entrevista 4	Nuno Entrevista 5	João Entrevista 6
Razões para o Mestrado	<ul style="list-style-type: none"> . Descrédito da Licenciatura Pós-Bolonha . Descrédito de uma licenciatura, sem Matemática . Não parar . Vir Acompanhado . Idade 	<ul style="list-style-type: none"> . Conhecimento . Programa do Curso . Filhos crescidos . Grau Académico . Considerar o Mestrado (e as Pós-Graduações), formações de alto nível . A companheira também vir frequentar um Mestrado no ISG 	<ul style="list-style-type: none"> . Conhecimento / Utilidade . Descrédito de todas as Licenciaturas (4 e 5 anos TB) . A área (Fiscal) interessa-lhe . Grau académico . Capricho . Vir acompanhado 	<ul style="list-style-type: none"> . Conhecimento (Gosto / Alargar horizontes) . Oportunidade . O título (que acrescenta mais conhecimentos) . Horário/Tempo . A empresa patrocinou o curso 	<ul style="list-style-type: none"> . Conhecimento . Descrédito da Licenciatura Pós-Bolonha . Ser Professor Universitário 	<ul style="list-style-type: none"> . Ser Director-Geral de uma Multinacional . Conhecimento . Aliar a Componente técnica à Gestão . PG insuficiente . Grau académico
Razões para a Selecção do curso	<ul style="list-style-type: none"> . Foi aconselhado pelo Departamento de Mestrados, do ISG a fazer Gestão 	<ul style="list-style-type: none"> . Considera muito importante a área da Gestão da Energia . Ausência deste tipo de cursos, no País . Aliar a Gestão à Engenharia 	<ul style="list-style-type: none"> . Gosto pela área . Complementa a Contabilidade, Solicitadoria e Direito . Curso com qualidade . Não ser um Mestrado Executivo 	<ul style="list-style-type: none"> . Curso que se adequa às suas necessidades profissionais 	<ul style="list-style-type: none"> . Consolidar conhecimentos . Gestão é a área inerente à sua actividade 	<ul style="list-style-type: none"> . Actual necessidade de conhecimentos em Gestão, no cargo que exerce e que pensa vir a desenvolver, é o que faz mais sentido

Bloco E - Motivações						
	António Entrevista 1	José Entrevista 2	Joaquim Entrevista 3	Ernesto Entrevista 4	Nuno Entrevista 5	João Entrevista 6
Razões para a escolha do ISG	<ul style="list-style-type: none"> . Logística/localização (ainda que não fosse determinante) . Planos de Estudo e Professores semelhantes a outras Universidades de Referência . Credibilidade do ISG . Factores Económicos (Mestrados e MBAs, caros) . Ser uma Instituição do Grupo 	<ul style="list-style-type: none"> . A companheira, já tinha estudado no ISG . O Curso . A oferta formativa, permitiu que a companheira frequentasse outro Mestrado 	<ul style="list-style-type: none"> . Ter já feito um curso no ISG . Ser mesmo um Mestrado (não ser executivo) . O Curso . Vir com uma Amiga que já estava matriculada no ISG 	<ul style="list-style-type: none"> . Horário do curso . Considerar o curso prático 	<ul style="list-style-type: none"> . Credibilidade do ISG (ser uma escola exigente) . Continuar dentro do Grupo . Factor económico . Vir acompanhado 	<ul style="list-style-type: none"> . Factor económico . Deixou passar o prazo de inscrição no ISEG . Presença do Eng. Mira Amaral

Com a finalização do Mestrado, prevêem mudanças, sobretudo de cariz profissional, enquadradas no espírito empreendedor ou de ambição dos alunos entrevistados. Ainda que a curto prazo, as alterações sejam visíveis apenas ao nível do conhecimento, todos à excepção do José, perspectivam no futuro, desenvolver novos projectos de vida que se situam maioritariamente na continuidade para doutoramento, com o intuito de enveredarem por uma carreira na docência universitária. Em termos pessoais, as mudanças são sobretudo ao nível do aumento de conhecimento e ao nível da auto-estima.

Socialmente não prevêem grandes modificações com a finalização do Mestrado, provavelmente porque sentem que o estatuto que ainda prevalece em termos sociais é o de licenciatura, embora conscientes do descrédito, trazido pelo processo de Bolonha.

Mas se o “status” é ainda o de licenciatura, porquê este prolongamento da escolaridade? Essa acção prende-se com o que a massificação do ensino superior que como refere António Martins (2008:46), *“trouxe consigo uma desvalorização relativa aos diplomas escolares e uma escalada educativa que exige níveis de escolaridade cada vez mais elevados para atingir posições idênticas no sistema social”*.

Bloco F - Mudanças / Expectativas						
	António Entrevista 1	José Entrevista 2	Joachim Entrevista 3	Ernesto Entrevista 4	Nuno Entrevista 5	João Entrevista 6
Mudanças	.Profissionalmente abriram-se portas	.Profissionalmente não prevê grandes mudanças a curto prazo, mas futuramente quer criar uma empresa, fora do País	.Profissionalmente, o Mestrado vai ajudar. Quer ao nível dos conhecimentos ou até para ser formador	.Profissionalmente o Mestrado vai ajudar, em termos de conhecimento. Mas para já, não muda grande coisa	.Profissionalmente acha que ganhou competências, que lhe permitem encontrar soluções	.Profissionalmente acha que as mudanças já estão a acontecer. Tem muito mais conhecimentos
	.Socialmente acha não muda nada	.Socialmente e profissionalmente, acha que não vai haver grandes mudanças. Se bem que sente já haver pequenas diferenças (profissionalmente)	. Socialmente, acha que não vai haver grandes mudanças.	. Socialmente, acha que não vai haver grandes mudanças	.Socialmente, acha que não vai haver grandes mudanças	. Socialmente, há uma valorização, mas não muda grande coisa
	.Quer continuar a estudar (fazer Doutoramento), desenvolver a sua empresa na área da Gerontologia e ser Prof. Universitário	.Se necessário, pondera continuar a estudar	. Com o Mestrado pode ajudar a ser ROC . Pode eventualmente criar uma empresa com colegas (part-time). .Vai continuar a estudar e fazer mais uma licenciatura (Direito)	Pondera continuar a estudar (talvez para Doutoramento)	Quer continuar a estudar (fazer Doutoramento) e ser Prof. Universitário. Devido à instabilidade dos mercados, tem um projecto de outsourcing, dentro da empresa para o Mercado Africano. Espera melhorar o futuro	Pondera continuar a estudar (fazer Doutoramento)

Ao longo da investigação foram identificados outros tópicos que se considera importante realçar, começando por uma certa preocupação com a economia do país, que se encontra neste momento, pouco favorecida, o que pode justificar também o investimento no curso de Mestrado. Ainda que não muito evidenciada, revelam alguma preocupação com a idade, mas nenhum chegou a mencionar a hipótese de uma futura reforma.

A licenciatura em direito é revelada, como o curso preferencial de metade dos inquiridos, justificada provavelmente pela tradição académica e pela ausência da matemática pelo menos para dois dos entrevistados. Foram ainda reconhecidas as entidades concorrentes do ISG ao nível da Gestão, destacando-se o ISEG, o ISCTE e a Universidade Católica.

No enquadramento familiar foi possível identificar a formação dos cônjuges, em que quatro são licenciadas e duas não reúnem o curso de licenciatura. Os filhos, à excepção de um que não tem e de outro que têm uma criança pequena, nesta fase das suas vidas, já se encontram crescidos e inclusive licenciados (excluindo uma das filhas do João, que desistiu do curso, mas já se encontra a trabalhar). No que diz respeito às companheiras e principalmente aos filhos, ainda que não tenha sido concretamente indicado, como base motivacional para a realização dos cursos de Mestrado, é possível reconhecer-lhes uma boa dose de influência.

Bloco G - Outros Tópicos						
	António Entrevista 1	José Entrevista 2	Joaquim Entrevista 3	Ernesto Entrevista 4	Nuno Entrevista 5	João Entrevista 6
Formação Cônjuge	Licenciatura Frequenta Mestrado	Licenciatura Frequenta Mestrado (é uma 2ª relação)	Licenciatura	Sem Licenciatura	Sem Licenciatura (é uma 2ª relação)	Licenciatura (é uma 2ª relação)
Filhos	Não tem	2 - já licenciados	1 - já licenciado	1 - já licenciada	1 - Criança pequena (não há dados de mais filhos)	2 1 licenciada e outra não
Refª Concorrência ISG	ISCTE e ISEG	ISEG (MBA)	ISCTE	Não faz referência. Mas a dada altura, fala na Católica	ISEG	Católica, ISEG

No desenvolvimento deste estudo tornou-se evidente o que alguns sociólogos denominam como “Efeito Mateus”, ou seja, aqueles que mais sabem, mais desejam saber, mais procuram saber e mais se lhes concede saber, o que fundamenta também a continuidade para o doutoramento. Neste efeito, alia-se ao “saber” o “ter”, orientado para as questões de mercado e produtividade, que favorece *“o que tem mais dinheiro, o que tem um melhor posto de trabalho, o que está numa empresa mais potente”* (Fernandez, 2006:72), porque mais possibilidades tem em obter formação e aprender.

Comprovadas as alterações que se têm vindo acentuar com o decorrer dos anos, originadas pela velocidade exigida de uma sociedade de conhecimento, é interessante verificar que de uma maneira geral, os inquiridos têm um percurso laboral estável e há quem tenha até passado apenas, por única empresa e os restante por duas ou três. Os actuais espaços de incerteza, justificados pelos elevados índice de desemprego que assolam neste momento o país, revelam que *“a aprendizagem ao longo da vida não questiona o facto de os indivíduos se encontrarem, subitamente, desadaptados, antes lhes oferece uma de duas saídas: adaptar-se ou morrer”* (Cabrito, 2008a:106). Esta ideologia esteve com certeza presente, aquando da decisão pelos cursos de Mestrado.

Considerações Finais

Este trabalho de investigação com o qual se procurou conhecer os percursos, as motivações e as mudanças/expectativas de seis alunos, com 50 ou mais anos, que entraram no ano lectivo de 2010/2011, em cursos de Mestrado do Instituto Superior de Gestão, privilegiou o discurso dos actores, recorrendo à metodologia qualitativa de *estudo de caso*, através da realização de entrevistas semi-directivas.

Com a concretização deste estudo, foi possível responder às questões colocadas e retirar algumas conclusões não generalizáveis, dada a limitação do estudo (natureza da amostra

e tipo de estudo). Desta forma, as razões que levaram estes adultos à procura de formação pós-graduada são sobretudo de natureza profissional. A família, a aquisição dos diplomas, Bolonha, o “status”, os pares e o conhecimento, também contribuíram para a procura deste tipo de formação, enquadrada numa perspectiva de motivação pessoal.

Numa altura, em que as tecnologias evoluem a ritmo avassalador, a exigência de mão-de-obra cada vez mais qualificada, origina que independentemente da idade, os indivíduos regressem à escola na procura de mais conhecimento, justificado pelos diplomas adquiridos. É muito comum, a concepção de que a partir de certa idade já é tarde para se estudar e inclusive entrar na universidade. Contudo, este estudo demonstra que nunca é tarde para realizar formação pós-graduada.

Construindo caminhos formativos ao longo da vida, o homem procura e procurará sempre lutar por uma vida melhor e é por essa razão que o *“sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz”* (Freire, 1992: 99).

Mais do que os conhecimentos adquiridos, no contexto de formação, importa reflectir sobre o caminho percorrido e se houve processos de auto-formação. Como refere António Nóvoa (2002:9), *“formar é sempre formar-se”* e é neste enquadramento que espero ter contribuído para uma auto-análise do processo de formação e de procura de sentido para os sujeitos entrevistados.

Nos processos formativos, ao longo da vida, como refere Paulo Freire (2002) ninguém sabe tudo e todos nós sabemos alguma coisa. A educação que se impõe aos que *“se comprometem com a libertação, não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres ‘vazios’ a quem o mundo ‘encha’ de conteúdos”* (Freire, 2002: 67). A principal qualidade de um individuo em formação, está na competência de integrar em todas as suas dimensões, *“o conhecimento dos seus atributos e do saber-fazer consigo próprio; o conhecimento das suas competências instrumentais e relacionais e de saber-fazer com elas, o conhecimento das suas competências de compreensão e de explicação e do saber-pensar”* (Josso, 2002:33)

Na concepção de Perrenoud (2002) reflectir sobre a acção é questionar, o que está acontecer ou o que vai acontecer, o que podemos fazer, qual a melhor forma, que

precauções devemos tomar, que risco corremos. Acredito, que para estes adultos as entrevistas ajudaram na atribuição de sentido, aos seus actuais projectos formativos.

Para mim, este estudo foi extremamente enriquecedor, porque me permitiu aprender, crescer e conhecer percursos/trajectórias de vida de pessoas tão diferentes e tão iguais. Ao nível de investigação, levantou um pouco do véu da realidade deste contexto e desmistificou muitas das ideias que possuía. Antes da realização das entrevistas, acreditava que seria o contexto de uma reforma a curto prazo, que levava estes adultos ao investimento na formação pós-graduada. Curiosamente, nunca ninguém referenciou esta motivação.

Ao nível pessoal, o contacto com estes alunos, fez-me repensar a minha vida, as minhas experiências e o meu próprio percurso académico, que diversas vezes se assemelhou ou se afastou, ao destes alunos entrevistados. Como menciona Josso (2002:36) *“para compreender a construção da experiência, encaremos três modalidades de elaboração: ter experiências pelo que me foi dado viver; fazer experiências que me proponham viver; e pensar estas experiências”*. A formação é então uma *“atribuição de sentido às vivências pessoais, que ocorrem em todos os espaços e tempos”* (Cavaco, 2009:63).

Por norma, a formação ou é experiencial ou então não é formação, *“mas a sua incidência nas transformações da nossa subjectividade e das nossas identidades pode ser mais ou menos significativa”* (Josso, 2002:35).

Com a realização deste estudo, que teve desde a sua origem avanços e recuos, tempos e contratempos, é possível dizer que os problemas foram superados e sinto que o projecto agora concluído, representa mais uma missão cumprida.

Tendo em atenção os resultados obtidos, que não podem ser obviamente generalizáveis, seria interessante estender este estudo, a um contexto nacional. Para futuros trabalhos de investigação, sugere-se um estudo que englobe todos os alunos (ao nível nacional) com cinquenta ou mais anos, que frequentam ou frequentaram cursos de Mestrado em instituições públicas e/ou privadas.

Aos percursos e motivações para a formação pós-graduada propunha saber quais os cursos de Mestrado realizados e em que instituições de ensino; se os cursos foram concluídos; se houve ou não alterações. Enfim, tentar perceber, se o investimento nos cursos de Mestrado, valeu ou valerá a pena.

Concluir uma investigação, mais do que terminar o último capítulo, revela-se um acto contínuo da reflexão sobre o trabalho desenvolvido, que se situou em pessoas com percursos, motivações e expectativas de vida, tão próximas de nós.

Bibliografia

- Abreu, M. V (2002). *Cinco Ensaios sobre a Motivação*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação: Um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA.
- Alves, M. G. (2008). Contributos para Pensar a Regulação entre a Educação, Trabalho e Emprego. In Alves, M. G. et. alli (orgs). *Universidade e Formação ao Longo da Vida*. Lisboa: Celta Editora. pp. 67-90.
- Alves, M. G. & Pires A. L. (2008). Do Projecto Telos II ao Livro: Universidade e Formação ao Longo da Vida. In Alves, Mariana et. alli (orgs). *Universidade e Formação ao Longo da Vida*. Lisboa: Celta Editora. pp. 1-5.
- Alves, N. (2009). Porque está a Escola Incumbida de Promover a Inclusão e a Empregabilidade. In Canário, R. & Rummert, S. (orgs). *Mundos do Trabalho e Aprendizagem*. Lisboa: Educa. pp. 45-59.
- Alves, N. & Canário, R. (2004). Escola e Exclusão Social: Das promessas às incertezas. *Análise Social*, vol. XXXVIII (169). pp. 981-1010.
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218650678S9rNN2al1Cx82TV2.pdf> / artigo acedido em 15/10/2011
- Ariés. P. (1986). *L'Enfant et la Vie Familiale sous L'Ancien Regime*. Paris: Seuil.
- Bardin, L. (1997). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Barroso, J. (1993). *A Organização Pedagógica e a Administração dos Liceus (1836-1960)*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento).
- Braverman, H. (1974). Nota Final sobre Qualificação. In Grácio, S., Miranda S. & Stoer, S. (1982). *Sociologia da Educação I. Antologia. Funções da Escola e Reprodução Social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Berger, G. (1991). A Experiência Pessoal e Profissional na Certificação de Saberes: A pessoa ou a emergência de uma sociedade global. In *Actas da Conferência Nacional Novos Rumos para o Ensino Tecnológico*. Porto: ME/GETAP. pp. 134-143.

- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Boudon, R. (1973). *L'Inégalité des Chances*. Paris: Pluriel.
- Cabrito, B. (2008a). Educação de Adultos e Aprendizagem ao Longo da Vida: Experiências de pós-graduação. In Alves, M. G. et. alli (orgs). *Universidade e Formação ao Longo da Vida*. Lisboa: Celta Editora. pp. 91-113.
- Cabrito, B. (2008b). A Acreditação das Aprendizagens pela Experiência no Acesso ao Ensino Superior: *O caso dos Maiores de 23 na Universidade de Lisboa. Perspectiva, Florianópolis*. v. 26, n.1. pp. 231-250. jan./jun.
<http://www.perspectiva.ufsc.br> | artigo acedido em 15/10/2011
- Cabrito, B. (2002). *O Financiamento do Ensino Superior*. Lisboa: Educa.
- Cabrito, B. (1994). *Formações em Alternância: Conceitos e práticas*. Lisboa: Educa.
- Canário, R., Alves, N. & Rolo, C. (2001). *Escola e Exclusão Social – Para uma análise crítica da política Teip*. Lisboa: Educa.
- Canário, R. (1999). *Educação de Adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Carmo, H. & Ferreira M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho R. (1986). *História do Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Casulo, J. O. (2009). *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho. ISBN- 978-972-8746-71-1.
<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t11/t11c373.pdf> | artigo acedido em 15/10/2011
- Cavaco, C. (2009). *Adultos Pouco Escolarizados: Políticas e Práticas de Formação*. Lisboa: Educa.
- Cavaco, C. (2002). *Aprender Fora da Escola – Percursos de Formação Experiencial*. Lisboa: Educa.

- Chizzotti, A. (2006). *Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Confintea (1999). Declaração de Hamburgo: Agenda Para o Futuro. *Sesi – Unesco – Educação do Trabalhador – Nº1*.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf> | artigo acedido em 15/10/2011
- Correia, J. A. (1999). Relações entre Escola e Comunidade: Da lógica da exterioridade à lógica da interpelação. *Revista Aprender*, nº 22. pp. 129-134.
- Correia, J. A. (1996). *Sociologia da Educação Tecnológica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Costa, R. J. (2001). Ensino Recorrente – O ‘parente pobre’ do sistema educativo”. *A Página da Educação*, Janeiro.
- Davidoff, L. (1980). *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Makron Books do Brasil Editora.
- De Ketele, J. M. & Roegieres, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados: Fundamentos dos Métodos de Observação, de Questionários, de Entrevistas e de Estudos de Documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Delors, Jacques, et. alli (1996). *Educação, Um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Di Rocco, G. (1979). *Educação de Adultos: Uma Contribuição para o seu Estudo no Brasil*. São Paulo: Loyola.
- Fernandez, F. S. (2008). A Formação da Experiência e a Experiência da Formação Num Contexto de Crise de Trabalho. In Rui Canário et. al (orgs). *Educação e Formação de Adultos: Mutações e convergências*. Lisboa: Educa. pp. 73-96.
- Fernandez, F. S. (2006). As Raízes Históricas dos Modelos Actuais de Educação de Pessoas Adultas. *Cadernos Sísifo 2: Educa | Unidade de I&D de Ciências da Educação*. pp. 7-88.
- Ferry, G. (1983). *Le Traject de la Formation. Les enseignants entre la théorie et la pratique*. Paris: Dunod.

- Fontaine, A. M. & Faria L. (1989). *Teorias Pessoais do Sucesso*. Porto: Edições do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional - FPCEUP.
- Fontaine, A. M. (1988). *Família e Desenvolvimento Humano*. Porto: Edições do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional - FPCEUP.
- Foucault, M. (1975). *Surveiller et Punir*. Paris: Ed. du Seuil.
- Freire, P. (2002). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1992). *A Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito*. Oeiras: Celta Editora.
- Gomes, J. F. (1986). *Novos Estudos de História e de Pedagogia*. Coimbra: Edições Almedina.
- Grácio, S. (1997). *Dinâmicas da Escolarização e das Oportunidades Individuais*. Lisboa: Educa.
- Grácio, S. (1986). *Política Educativa como Tecnologia Social*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Grácio, S. (1982). Escolarização e modos de integração na formação social portuguesa (1950-1978). *Análise Psicológica* 4 (II). Abril/Maio/Junho. pp. 473-495.
- Josso, M. C. (2002). *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: Educa
- Kovacs, I. (1991). *Inovação Tecnológica e Novas Qualificações na Indústria – Actas da Conferência Nacional. Novos Rumos para o Ensino Tecnológico e Profissional*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Lima, L. (2003). Sob o Signo da «Formação Vocacional»: A educação de adultos sitiada. In *A Página da Educação*. Janeiro.
- Lima, L. (2008). A Educação de Adultos em Portugal (1974-2004): Entre as lógicas da educação popular e da gestão de recursos humanos. In Canário, R. et. al (orgs). *Educação e Formação de Adultos: Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa, pp. 31-60.

- Lima, M. P. (1982). Notas para uma História da organização racional do trabalho em Portugal (1900-80). Alguns resultados preliminares de uma investigação em curso. In *Análise Social*. vol. nº 72/73/74. pp. 1299-1366.
 - Lipietz, A. (1990). Face à la Crise, les Politiques de Mobilisation de la ‘Ressource Humain’ se sont Révélées plus Efficaces que le Liberalisme. In *Le Nouvell État du Monde. Bilan de la décennie 1980-1990*. Paris: Éd. La Découverte.
- <http://lipietz.net/spip.php?article699> | artigo acedido em 15/10/2011
- Magalhães, J. P. (2003). Alfabetização e Educação de Adultos. *Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, nº 2. pp. 173-201.
 - Malglaive, G. (1995). *Ensinar Adultos. Trabalho e Pedagogia*. Porto: Porto Editora.
 - Martins, A. (2008). Universidade e Mudança Social: Mobilidade social e processos de avaliação. In Alves, M. G. et. alli (orgs). *Universidade e Formação ao Longo da Vida*. Lisboa: Celta Editora. pp. 41-66.
 - Marzo, A. & Figueras, J. M. (1990). *Educación de Adultos. Situación actual y Perspectivas*. Barcelona: ICE – Horsori.
 - Matos, M. (1999). *Teorias e Práticas da Formação*. Porto: Edições ASA.
 - Mendonça, Alice (s/d). *Evolução da Política Educativa em Portugal*. Universidade da Madeira.
- <http://www3.uma.pt/alicemendonca/conteudo/investigacao/evolucaodapoliticaeducativaemp Portugal.pdf> | artigo acedido em 15/10/2011
- Mónica, M. F. (1980). Ler e Poder: Debate sobre a Educação Popular nas Primeiras Décadas do Século XX. *Análise Social*. vol. XVI (63) – 3º. pp. 499-518.
 - Mónica, M. F. (1978). *A Educação e Sociedade no Portugal de Salazar (1926-39)*. Lisboa: Presença-Gis.
 - Morin, E. (1994). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
 - Murray, E. (1967). *Motivação e Emoção*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
 - Nóvoa, A. (2002). Prefácio. In Josso, M. C. *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: Educa, p. 9.

- Nóvoa, A. (1991). A Formação Contínua entre a Pessoa: Professor e a escola organização. *Inovação* 4, 1. pp. 63-76.
- Nóvoa, A. (1987). Do Mestre-Escola ao Professor Primário: Subsídios para a história da profissão docente em Portugal (Séculos XV-XX). *Análise Psicológica*, nº 3. pp. 413-444.
- Nóvoa, A. (1988). O Método (Auto)biográfico na Encruzilhada dos Caminhos e Descaminhos da Formação dos Adultos. *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (2). pp. 7-20.
- Perrenoud, P. (2002). *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor. Profissionalização e Razão Pedagógica*. São Paulo: Artmed.
- Perrot, M. (1979). Os problemas da Mão-de-Obra Industrial. In *Sociologia do Trabalho- Organização do trabalho industrial. Antologia*. Lisboa: A Regra do Jogo. pp. 13-56.
- Petitat, A. (1982). *Production de L'Ecole: Production de la société*. Genève: Librairie Dorz.
- Pineau, G. (1991). La Formation Expérientielle et Théorie Tripolaire de la Formation. In Courtois B. & Pineau, G. (orgs). *La Formation Expérientielle des Adultes*. Paris: La Documentation Française. pp. 29-40.
- Pires, A. L. (2008). Dinâmicas de Educação/Formação ao Longo da Vida: A perspectiva dos pós-graduados no ensino superior. In Mariana Gaio Alves, et. alli (orgs). *Universidade e Formação ao Longo da Vida*. Lisboa: Celta Editora. pp. 115-145.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Grávida.
- Rummert, S. (2009). Desafios Teóricos e Metodológicos da Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores. In Canário, R. & Rummert, S. (orgs). *Mundos do Trabalho e Aprendizagem*. Lisboa: Educa, pp. 29-43.
- Santana, F. (1985). A Aula do Comércio: Uma Escola Burguesa em Lisboa. *Ler História*, nº 4. pp. 19-30.

- Secretaria de Educação Especial (2006). *Educação Infantil: Saberes e Práticas de Inclusão*. Brasília: Ministério da Educação.
<http://www.smeec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educar/educacao-especial/publicacoes/livro%20O%20introducao.pdf> | artigo acedido em 15/10/2011.
- Simão, J., Santos, S. & Costa, A. (2002). *Ensino Superior: Uma visão para a próxima década*. Lisboa: Gradiva.
- Stake, R. (2007). *A Arte de Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Stoer, S. (1986). *Educação e Mudança social em Portugal. 1970-80. Uma década de transição*. Porto: Edições Afrontamento.
- Stroobants, M. (1993). *Sociologie du Travail*. Paris: Ed. Nathan.
- Tanguy, L. (1986). *L'Introuvable Relation Formation-Emploi. Un état des recherches en France*. Paris: La Documentation Française.
- Tuckman, B. (1994). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Unesco (1998). *Declaração Mundial sobre Educação para Todos: Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem - Jomtien, 1990. Artigo 1*.
<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf> | artigo acedido em 15/10/2011
- Vernon, M. D. (1973). *Motivação Humana: A força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas acções*. Petrópolis: Editora Vozes, Ltda.
- Xavier, I. (1992.) *A Evolução dos Conceitos de Alfabetização no Brasil*. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão.
- Yin, R. (1994). *Case Study Research: Design and Methods*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

Legislação Consultada

Decreto-lei nº 74/2006.

Decreto-lei nº 64/2006.

Lei nº 99/2003 de 27 de Agosto.

Lei nº 5/73, de 25 de Julho de 1973: Reforma “Veiga Simão”.

Lei nº 46/86 de 14 de Outubro.

Alínea c), nº 1, artigo 16º da Lei 46/86 de 14 de Outubro.

Nº 1, artigo 20º da Lei nº 46/86 de 14 de Outubro.

Nº 2, artigo 20º da Lei nº 46/86 de 14 de Outubro.

Artigos 3º e 20º da Lei 46/86 de 14 de Outubro.

GUIÃO DE ENTREVISTA			
Bloco	Categorias	Tópicos	Questões
A	Objectivos do Estudo	Informar o entrevistado, sobre o objectivo da entrevista	
	Anonimato / Confidencialidade	Informar sobre o Anonimato e a Confidencialidade dos Dados	
	Autorização para gravação	Solicitar autorização para a gravação da entrevista	
B	Caracterizar o Percurso Académico	Licenciatura	Qual é a sua formação Académica? Porquê? (porquê essa vontade em evoluir academicamente?)
		Bacharelato	
		Pós – Graduações	Já fez alguma Pós-Graduação? Porquê?
C	Caracterizar o Percurso em termos de Formação Profissional	- Cursos de Formação para Executivos	Que outro tipo de cursos frequentou? Onde e Porquê?
D	Dados sobre o Percurso Profissional	O que faz	Qual a sua actividade profissional, neste momento? Porquê?
		O que fez	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?

GUIÃO DE ENTREVISTA			
Bloco	Categorias	Tópicos	Questões
E	Motivação/motivações para a Formação Pós –Graduada	Família Trabalho Amigo Status Gosto Pessoal Realização (...)	Quais as razões que o levaram à procura de formação Pós-graduada?
		O Curso	Porquê este curso e não outro?
		A Instituição	Porquê o ISG?
G	Mudanças	Mudanças com a realização do curso	Com a conclusão do Mestrado, vai haver mudanças? O que pretende fazer?
H	Agradecimento	Agradecer ao entrevistado a disponibilidade	

O António | Entrevista 1

Mestrado em Gestão | 50 anos

E = Entrevistador

A = Aluno

E – Então depois do anonimato e da confidencialidade queria dizer-lhe que o objectivo desta entrevista, portanto, como já lhe tinha dito anteriormente, insere-se na minha tese de Mestrado, que estou a realizar no Instituto eh... da Educação, ali na antiga Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e portanto... procura compreender as razões, que pessoas com 50 anos ou mais, a procurar formação pós-graduada, nomeadamente, neste caso... o Mestrado. Então, vou começar por lhe perguntar eh... qual é a sua formação académica?

A – É a licenciatura.

E – É a licenciatura.

A – Em Comunicação eh... Aplicada.

E – Comunicação Aplicada.

A – Sim.

E – Mas porquê, Comunicação Aplicada?

A – Porque a minha área sempre foi comercial, portanto...eu sempre estive na área comercial, eh... e desde... 86 e pronto, fazia todo o sentido, eh... tirar o curso na área... na área da Comunicação e do Marketing. Porque na altura analisei o conteúdo programático, tal como fiz aqui, no ISG e... interessou-me as cadeiras e sobretudo a recorrência de cadeiras de Marketing, durante os diversos semestres eh... e pronto e portanto, esse era o meu foco.

E – Mas porquê Comunicação e não Marketing?

A – Eh... olhe... por duas razões. Por duas ordens de grandeza. Uma porque o... isso foi um factor que apesar de tudo, pesou muito. E 1º tenho 50 anos, 2º a vida é agitada, 3º eh... 3º precisava de uma Faculdade... ou melhor... precisava de estudar nalgum lado, em que não tivesse grandes problemas logísticos. Porque um problema logístico acaba por ser, uma grande barreira. E portanto, como barreira que se torna... se eu fosse para uma Universidade, sei lá, no ISEG que fica no rato, por exemplo, ou noutra qualquer, acaba por ser... acabava por ser uma barreira e eu acabava por não ter, paciência nenhuma, e... provavelmente desistia a meio. Então eh..., na altura até quando entrei, na altura fiz essa... essa observação, ao Professor, na altura que me fez a entrevista. Disse... eh... pá... para mim é essencial o aspecto logístico. O Professor ficou muito aborrecido, que não tinha escolhido o curso, pelo curso (risos). Eu disse não, escolhi o curso pelo curso, dentro... dentro da premissa que de facto, tinha eh... a disciplina que me interessava, que era marketing, ponto 1. Mas também não podia descurar, o aspecto logístico, pelo facto de eu pego no metro, pego no comboio e entro em Odivelas e

saio... saio eh... no Campo Grande e vou... e vou de metro, se for necessário e estou a 5 minutos de casa, ponto. E isso para mim, era um factor, essencial. Pronto, era...

E – O curso foi decidido pela localização...?!

A – Acabou pelo factor... factor É assim, eu tenho que considerar... eu tive que considerar na altura, que tinha uma idade, não propriamente de 20 anos e portanto, esse factor idade pesou. O factor da desmotivação, pesou. E portanto, esses factores todos congregados acabaram por... por me decidir, para ir para um curso, que tivesse obviamente todas aquelas disciplinas que me interessavam, mas também ao mesmo tempo, que... que em termos logísticos não ficasse fora, de não... e pá... e para além disso...que tivesse outro aspecto que é, uma Universidade, que não fosse propriamente, eh... uma Universidade... enfim... enfiada lá num buraco, que também tenho uma, na... na... em Odivelas. Mas sinceramente, não... não... lhe reconheço grande mérito pedagógico e portanto, também... eh... esse factor também pesou, claro. Digamos que houve grandes “hortas de grandeza”, mas também tive que equacionar para mim próprio, eh... o aspecto eh... desmotiva... motivacional, quero dizer.

E – Então... eh... e essa vontade em evoluir academicamente? Já me disse que... Falava da parte comercial, que... acha que na parte comercial, era importante fazer uma licenciatura, dentro da área?!

A – Quer dizer, é importante porque..., bem... em primeiro lugar, eu acho que eh... apesar de nós termos a mania e eu também tinha essa mania. Eu... e também já tinha feito algumas tentativas de entrada em certos cursos, mas eh...por esta ou por aquela razão, acabou por não acontecer. Ou porque entretanto me esqueci do exame e acabei por não ir. Ou porque não estava para aí virado, não me lembrei... Ou porque não entreguei o papel quando devia ter entregue. Enfim... por inúmeras razões, acabei sempre por nunca ... por “borregar” todas as minhas tentativas. Eh... neste caso... eh... neste caso, eu achei que de facto, era um curso que me trazia alguma mais-valia, em termos de... em termos de informação eh... A comunicação e o marketing, acham que sim... que estão perfeitamente ligadas. São duas áreas que me agradam. Eh... e portanto, achava... que para já... o meu objectivo era também ter a licenciatura... eh... e eventualmente, numa hipótese muito remota, fazer o mestrado. Remota.

E – Hum... hum

A - Remota, pronto. Eh... mas pronto... as coisas foram acontecendo

E – Exactamente. Fez... Terminou a licenciatura, há um ano?

A – Não. Terminei a licenciatura, nem há um ano. Terminei a licenciatura em Julho de 2010.

E – Fez nos três anos?

A – Fiz nos três anos.

E – Fez os três anos seguidinhos ?!

A – Fiz questão.

E – A trabalhar...?

A – A trabalhar. A trabalhar e a estudar.

E - E a fazer o mestrado.... Desculpe, a licenciatura à noite?

A – Sim e no último semestre, tive que fazer eh...três cadeiras em atraso, em simultâneo. Portanto, fiz o 2º semestre e mais três cadeiras em atraso. Eu fiz questão de terminar, nos três anos. Pronto, aquelas... eu funciono por objectivos.

E – Exacto.

A – pronto, o meu... o meu “modus operandis” é... é muito por objectivos. Por isso, por vezes eu digo-lhe que não me interessa muito o que se passa no entretanto. Desde que não colida comigo e não me afecte minimamente, dentro daquilo que eu considero normal, não me interessa. Pronto. E portanto, acho fantástico, as pessoas defenderem aquilo que quiserem, desde que não me chateiem muito. Porque eu quero terminar o mestrado, neste caso. Ponto. Pronto... e depois para além disso, percebi, eh... mais para o final da... da licenciatura que eh... que ter a licenciatura, que ter o mestrado... que ... que ter a licenciatura, neste momento, pós-bolonha, é mais ou menos irrelevante. De maneira que decidi-me pelo Mestrado.

E – Ok.

A – No entanto, eh... o mestrado que eu... que eu... eh... enfim... eu... como sabe, vim para aqui à procura de Marketing, ponto. E vinha fazer o Mestrado em Marketing, não era em Gestão.

E – Exacto.

A – O Prof. Romero, é que por artes mágicas e com os pozinhos de perlímpimpim, me falou em Gestão. E eu achei que não era..., que era absolutamente incompetente para fazer Gestão. Mas pronto... veio-se a revelar, enfim... pelas notas que tenho tido, e pelos... por tudo aquilo que tenho feito, que afinal não sou assim tão burro, como pensava.

E – Pois... isso... isso, é muito interessante. Eh... Pós-Graduações, nunca fez antes?

A – Não. Não é que não queira fazer, ainda não morri, eh...

E – Mas vai querer fazer?

A – Eu agora confesso-lhe que de uma forma muito sigilosa, portanto, só estamos aqui os dois, mais o gravador, portanto somos três (risos) eh...digo-lhe que se calhar, vou fazer Doutoramento.

E – Doutoramento. Então... Pós-Graduações está fora de questão?

A – Não. Não está. Mas...eh... eh... só se... completarem o Doutoramento.

E - Ok.

A – Porque é assim... aquilo que se gasta... há um aspecto económico também.

E – Pois também.

A – E portanto, eu olho para o valor que gasto numa Pós-Graduação e no valor que gasto, num... num Doutorado... pá.... Vai-me dizer... bom... o Doutorado é mais barato. Claro que é. Quer dizer, é evidente que vou gastar mais numa Pós-Graduação, não enriquece o meu currículo. Porque eu considero que tenho um currículo razoável. Em termos profissionais, não..., não vem trazer, uma grande, mais-valia. A não ser que seja uma Pós-Graduação extraordinária, na área da Gerontologia ou na área da Economia Social. São as duas áreas que me interessam, porque vão completar o... o tema de mestrado.

E – É... É realmente eh... interessante, o facto de... de estar... de ser de Comunicação, estar em Gestão e pretender ir para a área de Gerontologia... Economia Social.

A – Não.... é assim, essa área para mim... É assim, a minha área, é Economia Social.

E – Ok.

A - E... e dentro da Economia Social, para além do micro-empendedorismo, há uma outra... um outro vector que também faz parte do meu... dos meus objectivos e do meu trabalho que é a Gerontologia ou seja, o estudo do envelhecimento E depois, dentro do estudo do envelhecimento, outras coisa. Mas quer dizer... mas digamos que há dois, dois vectores principais. E por exemplo, a tese de mestrado, a dissertação do mestrado, vai exactamente neste sentido, ou seja, vai exactamente na área.... na área da Economia Social eh... em que... eu aproveito o facto, de estar no Mestrado em Gestão.

E – E portanto e outros cursos? Para além da parte académica, da licenciatura e agora do mestrado, fez algum..., fez vários cursos, durante... durante esse seu percurso.

A – Fiz. Fiz um de Marketing eh... de um ano lectivo inteiro...

E – Era uma espécie de Pós-Graduação, então?! Durante 1 ano.

A – Mas eu não tinha a licenciatura, portanto..., na...

E – Ficou então com um curso de especialização?

A – Sim. Um curso de especialização. Portanto... não tenho...

E – Fez Marketing, não foi?

A – Fiz. Fiz. No IPAM. Gostei imenso. Acho que foi um curso muito bem montado. Foi no tempo do Estrela. Que ele estava lá.

E – E está cá também.

A – E está cá também. E... e na altura, gostei imenso daquele curso. Acho que foi um curso muito bem montado, os professores eram muito exigentes. Eh... mas aprendi muito, ponto. E muito que soube, durante muitos anos, foi à pala desse curso. Porque acho que foi um curso, foi... foi bem empregue... empregue, o dinheiro que gastei.

E - Hum...hum

A – Não serviu para nada, não dei titulo nenhum, não é Pós-Graduação, não é isto, aquilo e aqueloutro. Mas... na verdade aprendi. Pronto. Portanto, e esse factor, também... também acho que é importante. Porque muitas vezes, a pessoa diz, ah... mas eu quero ir, mas depois não tem tempo... mas se eu aprender, é fantástico, não é. Pronto. Agora, eh... bom...fiz vários cursos. Fiz cursos na área da qualidade eh..., mas quer dizer... cursos...

E – Cursos pequenos?!

A – Eh... cursos pequenos, que eram cursos no âmbito da... da empresa.

E – 30 horas, 40 horas?

A – Sim. Sim.

E – À volta disso, não é?

A – Sim. Sim. Depois fiz... vários cursos...dois ou três da qualidade, porque fui “processioner”, eh...e portanto tirei esses cursos, para poder fazer aquela... essa função.

Depois fiz cursos relacionados com a... a parte... também dentro da empresa, eh... relacionados com a parte da... eh... da financeira. Eh... taxa de juro, pronto. Porque eu trabalhava numa...na altura numa financeira e portanto, nós tínhamos necessidade de saber alguns... algumas informações sobre isso. Eh... depois também fizemos cursos internos, eh... para... de ... uma forma de agir, em determinadas situações e de vender os nossos produtos.

E – Hum... Hum...

A – Eh... e pronto, esta... esta empresa onde eu estive mais tempo, foi... foi... fizemos muitos poucos cursos, porque a empresa apostava pouco nisso. Pronto. Portanto, queria era paz e sossego e que as pessoas trabalhassem e que... que tudo funcionasse. Eh... depois, tive numa outra empresa, essa... há muito mais tempo. Quando eu trabalhei em 79-86, era uma... era na área de sessão de pessoal hoje. Foi-me “atirada” a Direcção de recursos humanos e nessa aprendi muito. Porque de facto, fiz muitos cursos e relacionados com o Direito do trabalho, com... com... agora não me recordo deles ao pormenor, mas sei que diz 4 ou 5 cursos, eh... e pronto. Porque eu na altura tinha uma tendência, para ir para Direito... eh... aliás, eu quando fui... quando entrei... quando entrei na Lusófona, eu fiz duas entradas. Entrei na Lusíada e entrei na Lusófona. E fui fazer essa pré não sei o quê. Pronto. E.... e quando fiz essas... essas coisas, passei nas duas. Eu digo assim, bem vou chumbar na Lusíada, passei na Lusíada. Pronto... até com uma nota razoável. E de facto, deixou-me completamente dividido. Porque o Direito era o curso do meu coração e o Marketing, era... pronto... o curso mais pragmático, ou seja, mais relacionado com a minha actividade.

E – Pois... acabou por... por seleccionar aquele que se relacionava mais, com a sua actividade?

A – Sim.

E – E a sua actividade profissional neste momento? Qual é a sua categoria? Disse que era da área comercial... qual é a sua... sua categoria?

A – Eu... eu neste momento, sou empresário em nome individual. Portanto... não... não tenho categoria propriamente dita.

E – Ah... Ok. Não sabia!

A – O que faço neste momento, é Consultoria. E portanto, faço Consultoria também no âmbito da Gerontologia. Porque.... a Associações basicamente. Portanto, estou a trabalhar dentro da Economia Social, que é o meu... que é o... enfim... o... aquilo que eu gosto de fazer, eh... e a área que me interessa.

E – Hum... hum... E antes? Esteve sempre...?

A – Antes... antes, estive... estive na área financeira, durante 16 anos.

E – Eh... mas por conta própria? Por conta de outrem?

A – Não... Não... Não. Por conta de outrem. Era... era responsável financeiro da área, para lhe dar um nome mais pomposo. E... eu trabalhei 16 anos, nessa empresa... Até que há um dia, em que... em que.... ou me promovem ou despromovem ou... isto não pode ser assim. Porque 16 anos.... a perspectiva é mais 16 anos. Oh... pá calma...eu tinha na altura 48 anos e disse... pá já me chega. Quer dizer, mais 16. Quer dizer, eu chego aqui de bengala e ando à volta de... (risos) ...de tal. Não... não... percebe. Já me faltava paciência, disponibilidade e tudo. E como sou um bocadinho maluco, eh... resolvi pedir a demissão. Foi aquilo que eu achei mais sensato, pronto. E portanto, disse adeusinho. Xau e saí.

E – Portanto, teve... fez a parte financeira, comercial e mais para trás?

A – Para trás, fui chefe de vendas, eh... numa empresa... numa empresa de.... de mediação imobiliária. Fui... fui responsável por duas empresas de formação. Era sócio-gerente de duas empresas. Uma de Psicologia, Publicidade, Marketing e Gestão, que na prática era... era recrutamento de Executive Search e fazíamos formação, para... para empresas. Pronto... tínhamos o... Éramos três... eram três psicólogos e eu. Eh... eh... depois tinha uma outra empresa, que era uma empresa de mediação imobiliária, que tem tudo a ver, e serviços. Mas pronto, eles é que vieram depois. Portanto, eu já tinha uma empresa, e eles quiseram montar... e eu na altura aproveitei, porque eu baixava os custos do espaço e também me interessava que eu... era uma área que gostava de ver, como funcionava, apesar de eu pouco ou nada mexer, nessa...nessa empresa. Antes ainda, tive uma empresa também minha. Portanto, eu diria que 86 até 91 fui empresário em nome individual, ou se quiser gerente, sócio-gerente, de... de 3 empresas.

E – Denoto aí, algum empreendedorismo?!

A – Sim. Algum.

E – Hum... Hum.

A – Algum.

E – E então, há bocado falou que...

A – E depois, quando eu entrei para essa empresa, onde estive 16 anos, pensei que estava de férias (risos). A sério!!

E – Há diferença, não é?

A – É. Você sai do... quando trabalha por conta própria, anda aí, feito louco. Quando termina e entra numa empresa, a pessoa pergunta, se está a trabalhar... Quando se trabalha? Qual é o dia, em que se vai trabalhar.

E – Há muita diferença, entre ter uma responsabilidade... de ter uma empresa e...ou quando trabalha por conta de outrem, então? Se bem que o profissionalismo... é o mesmo.

A – Sim..., eh... quer dizer... está..., fica completamente desposicionado. Porque depois aquilo é ok, já vamos e no outro é... quando eles pensam que vamos, já lá estamos. É um bocadinho diferente. É uma diferença de velocidade.

E – Pronto... depois dessas actividades todas, depois de fazer uma licenciatura, há bocado falou-me na questão do Doutoramento. Quais as razões que o levaram a fazer esta... este curso de ...

A – Mestrado?

E – Mestrado. É o Doutoramento? Quais as razões?

A – Não... as razões, foi aquelas... que lhe disse há pouco. É assim, entendi que a licenciatura não chegava e pensei, ok. Vamos fazer Mestrado. Pronto. Eh... esse foi um aspecto. Pronto, foi um aspecto que pesou.

E – Hum... hum

A – Depois desta decisão foi, qual o Mestrado e onde? Pronto... e como já...já uma vez lhe disse, aqui há uns tempos, eh... fizemos... eu e o XXXX [*colega de Licenciatura*]... eh... fizemos uma pesquisa muito largada, de várias... de várias universidades e pesou estes factores que eu lhe falei, mais uma vez. Logística, este aspecto para ele, nem tanto, mas enfim... Consegu-se deslocar com mais facilidade e como trabalha em Lisboa, também é irrelevante. Eh... mas para mim, não tanto. Portanto, este aspecto pesou. Mas não pesou, por caso, muito no caso do mestrado. Não pesou tanto, como na licenciatura, porque já está a “endurance”, da licenciatura e pensei... bem... se paro, nunca mais faço nada, pronto. Isto ou se entra ou não se entra e portanto, esse aspecto... houve vários factores, o 1º aspecto, é se eu paro acabou-se. Tenho 50 anos, pronto, já não vou..., aliás tinha 49, quando terminei a licenciatura e disse não. Se eu vou terminar...se neste momento, não vou fazer... Se eu vou parar um ano, não faço mais nada, pronto. Nunca mais pego nos livros. Portanto, isso é agora ou nunca. Pronto, foi o

agora. Dentro do agora, o que é que pesou? Pesou de facto, eh...eh pá... pesaram aqui, factores económicos. Deixem-me ver o que faz.... o que fazem as faculdades, eh... que estão agregadas à lusófona. Eh... mas vimos, só de uma forma desapaixonada... eh... praticamente foi posto de parte, fazemos o mestrado na mesma... na mesma eh... eh... no... no... seguimento da licenciatura, ou seja, o mestrado em comunicação integrada...

E – Sim... Sim...

A – Não sei, se se chama assim ou não. Mas pronto. Porquê? Porque de facto, era um mestrado, do nosso ponto de vista, era mais do mesmo e portanto, achámos que não ia trazer nenhum valor acrescentado. E portanto, ok. Então, vamos fazer... já que vamos para uma coisa diferente, então vamos fazer uma coisa, com mais suporte e que dê mais valor ao curso, porque depois percebemos que, de facto o curso, é um curso que não tem reconhecimento fantástico, porque não tem matemática, não tem isto, não tem aquilo. E portanto, temos agora que.. já que temos este pássaro na mão, agora vamos buscar outro pássaro e portanto, só que este pássaro, já pode ser um papagaio. Não precisa de ser um canário. E portanto (risos) vamos para um nicho, um bocadinho mais complicado. Eh... e então... fomos para um papagaio, ou seja, um bicho um bocadinho mais de... assim, mais espevitadote, com algumas dificuldades, porque tem um bico chato e portanto, e portanto, se dá uma dentada, é uma chatice e neste caso, tínhamos que ir para um curso, que nos desse um significativo “aport”. “Aport” esse que no nosso ponto de vista, tinha que ser um mestrado mais ligado especificamente ao marketing ou especificamente ali ligado a outra área qualquer, mas que não estávamos a ver, pronto. Mas sempre em todas as pesquisas que fizemos, foi sempre na área do Marketing. Não... não procurámos mais. Eh... até que depois..., enfim...tivemos a... caímos na asneira (risos) de falar aqui, com o Prof. Romero e acabámos por fazer Gestão. Mas enfim... este acabámos, é sempre que estou a falar, eu e o XXXX [*colega da licenciatura*], porque andamos os dois a decidir, um bocado isto.

E – Hum... hum

A – Eh... este facto, de termos vindo para Gestão, para nós, foi um parto difícil e uma digestão difícil. Eh... foi um... um verão, assim um bocado assustados... eh... onde nos vamos meter!!? Mas eu sempre disse e digo, eh... eu quando me meto numa coisa, tenho que ir até ao fim. E portanto, o meu objectivo é terminar o mestrado. Ponto. Pronto. O resto são tudo flores... eh...e portanto, esse aspecto para mim, era crucial. Agora, o Mestrado para mim, o factor essencial era valorizar o 1º curso e 2º que trouxesse... valor acrescentado. Valorizar, o 1º curso, isto é, terminar num nível superior, porque desde Bolonha, tem pouca importância, a licenciatura em Bolonha, tem pouca importância, primeiro. Segundo, porque de facto, em termos de... eh... impacto, eh... eh... tínhamos que ter um curso que tivesse um valor... Quer

dizer..., não é mais um banana que está aqui, que acabou de tirar o curso. Ok. Fez Gestão... Pá, menos mal, pronto. Agora, se fizéssemos comunicação, eh... pronto... tudo bem. Tínhamos um Mestrado em Comunicação. Mas que era uma coisa que do nosso ponto de vista, não era muito relevante.

E – Mas... eh... a família, o trabalho...?

A - A minha mulher está a fazer mestrado em Psicologia Clínica. Portanto...eh... estamos os dois no mesmo barco.

E – Mas foi ela, que também o incentivou...?

A – Não. Exactamente ao contrário.

E – Para a Licenciatura?

A – Nada, nada. Tudo ao contrário. Quem incentivou a minha mulher, fui eu. Quem incentivou para o mestrado, que ela não queria ouvir falar, até Julho... Não queria, ouvir esse tema, até Julho... Não queria ouvir esse tema, até Julho. Fui sempre eu e portanto fui eu, que a inscrevi. Eh...

E- Mas começaram ao mesmo tempo...?

A – Sim... sim. Quer dizer, ela já tinha umas cadeiras, que já tinha algumas... aí...

E – Ainda teve algumas equivalências?

A – E teve algumas equivalências. Poucas, mas teve... eh...Ela disse que só ia para a licenciatura, se eu a inscrevesse. Ok, fantástico. Pronto, inscrevia. Eh... depois não ia nunca, jamais... isto é, algures em Maio, Abril... Maio do ano passado, dizia, nunca na vida faço mestrado. Pronto..., nunca.... nunca... nunca. Está fora de questão (risos).Pronto. Mas água mole em pedra dura, sempre dá... eh... bate, até que fura, até que...que de facto, ela depois começou a pensar, de fazer o mestrado em psicologia e depois, para a direita, para a esquerda, social isto, aquilo, aqueloutro...

E – Mas foi incentivo seu? Muito incentivo seu?

A – Ah... sempre. Sempre. Sempre. E foi claramente, e ela assume isso... quer dizer, é claro que é incentivo meu. Óbvio. Mas isso, eu reconheço e ela também reconhece. Mas pronto, eu disse-lhe, é pá... é agora ou nunca. Tu nunca mais vais fazer nada. Portanto... ou fazes agora, ou não fazes nada. Ela tem menos um ano que eu. Portanto... eh... os problemas são os mesmos, não é? E depois, estamos os dois, na... com... eh... os mesmos problemas. Portanto, assim aos menos, olhe... temos que estudar sábados e domingos. Perdeu-se. Está bem, perdemos os dois. Agora, é um “galo”, estar um a... a...e o outro a gozar o prato. Não, quer dizer...

E – Pois... eh... portanto, a... a família, não foi determinante para si?

A – Não.

E – Portanto... não foi a família que o puxou para vir, para... mas acabou por trazer a família consigo?

A – Exacto (risos)

E – E a realização? O que é que lhe trouxe... acabar licenciatura... e... estar agora eh... no mestrado? O que é que isso mudou, em termos sociais? O que é que...?

A – Não. É assim, mudou... mudou algumas coisas, confesso-lhe. Em 1º lugar, devo dizer-lhe que... eh... o aspecto... a licenciatura para mim, era uma coisa que estava atravessada. Era aquelas espinhas atravessadas, de... de...há não sei quantos anos. Pronto... eh... terminei a licenciatura... disse, pronto, ok. Não... isto já está, pronto. Afinal o bicho-de-sete-cabeças terminou. Eh... e de alguma forma, fiquei um bocado frustrado. Quer dizer... porque já tinha despachado isso, há não sei quantos anos. Mas acabei por nunca ... as pessoas dizem..., mas fiquei sem paciência, para fazer o 12º. Não tinha paciência para fazer a prova de admissão. Não tenho paciência ... pronto... e aquilo era uma série de paciências que...

E – Entrou pelos maiores de 23?

A – Entrei pelos maiores de 23, pronto. Mas entrei, pelos maiores de 23, na melhor... na boa. Quer dizer...pá... achei aquelas coisas todas, o... aquelas ... pelas barreiras, todas que existiram, barreiras de facto. E quem trabalha, não tem muita paciência para isso e acha que é uma pura perda de tempo. E é um curso para fazer em 5 anos ou em 4. Mais aquela história do 12º que eu não tinha e mais o não sei o quê... é um drama... pronto. Eh...e pronto e as pessoas têm algumas dificuldades em perceber isso. Mas não há dúvida, que Bolonha com todos os defeitos e virtudes tem esta virtude. Portanto... as pessoas vão... pronto. Bem ou mal, vão. E depois lá, têm que se endireitar e... pronto. Relativamente à questão da licenciatura, pronto.... Para mim, foi um... era um aspecto para mim crucial, era como... era como morrer e não ter feito tudo o que tinha que fazer na vida, pronto. Depois, o mestrado veio por acréscimo, quer dizer... foi quando, ok. Então, afinal isto não serve nada. Vou ter que fazer o Mestrado. Pronto. E... e portanto, foi o 2º passo. Digamos que terminei, mas não terminei. Ok. Pronto. Portanto, só vou considerar que terminei a licenciatura, quando terminar o mestrado, pronto.

E – Mas socialmente mudou alguma coisa, depois de já ter feito a licenciatura?

A – Não. Não mudou nada.

E – Socialmente, as pessoas que o conhecem...?

A – Não. Eu não... também eu... não muito nisso. Quer dizer...

E – Não?

A – Agora... estou... ou licenciado. Quer dizer... passei a minha vida toda normal. Sem ser... sem ser o senhor e agora, passo a ser o Dr. Para mim, é completamente indiferente. Ou melhor, nem me revejo... percebe. Portanto, para mim, eh... é irrelevante, ser Dr. ou ser o Sr. aliás, para mim é Gabriel, pronto. Eh... e normalmente, quando as pessoas se põem com essas coisas, eu digo logo, Gabriel. Esqueça, lá os Senhores ou os Doutores e essas coisas todas. Perca... não perca tempo com isto. Eh...1º ponto. 2º É um gozo pessoal, 3º eh... para mim,

eh...o... o digamos que... o mestrado, em Gestão, para mim, é muito... foi muito mais desafiante, do que o mestrado... do que... a licenciatura em comunicação. Porquê? Porque é uma área que eu... enfim conhecia de raspão. Eh... pelo facto, de ter estado 16 anos na área financeira, eh... pá... é evidente, que nós também, quando trabalhamos eh... e somos gerentes de empresas, também tocamos nesses... nesses instrumentos. Mas quer dizer, não aprofundamos, eh... quem aprofunda, é o contabilista. Eh... e...e... e portanto, Gestão... pronto, era o ideal, mas não era o meu objectivo. O meu objectivo de facto era fazer marketing... pronto... porque estava dentro do que conseguia fazer.

E – Hum...hum...

A – E acho que aí, houve alguma... um aspecto mais ou menos insípido, que a licenciatura em comunicação aplicada, com as diversas vertentes de marketing que teve... que teve durante os semestres, os vários semestres, foi um bocadinho... ficou um bocadinho aquém e portanto... disse eh pá, até porque o curso do IPAM, que eu tinha tido, falamos na componente preço e elasticidade preço, tudo isso que não falamos na licenciatura. E portanto... bom...

E – Mas o IPAM, também tem Mestrado em... em Marketing...?

A – Tem.

E – Porquê o ISG?

A – Mas fica longe à brava, pronto.

E – Ah... é mesmo isso?

A – É...

E – Mas o IPAM... disse há pouco, que...

A – Sim... mas o... o IPAM, já foi melhor do que é.

E – Ok.

A – E portanto, também já sei que o IPAM, não era aquilo que era, quando eu lá tirei... lá aquele fantástico curso.

E – hum... hum

A – Portanto. Acho que aquilo está um bocado diferente. Portanto... esse... fizemos várias pesquisas, em vários sítios. Eh... agora, o mestrado, para mim... eh... em termos... em termos sociais, não trouxe grande coisa. Trouxe-me em termos profissionais. Ou seja, não há dúvida que... quer dizer, quer se queira, quer não, havia portas que eu não conseguia abrir, porque não era licenciado e hoje consigo.

E – Hum... hum

A – Pronto. Ou havia portas que eu não conseguia abrir, porque não tinha um mestrado em gestão e hoje consigo. Não tinha, nem tenho. Mas sou mestrando e portanto, essas... as pessoas baralham-se. Acho eu, que se baralham, sei lá. Como dão muita importância a isso,

deve ser porque se baralham, sei lá. Como dão muita importância, deve ser porque se baralham. Eh... portanto... eh... ah... você não tem aí nada (é o tal pedido que eu fiz), não tem aí nada, de como está a fazer o mestrado. Eh... e o que é que isso contribui? Eh... estou a fazer a parte curricular ainda. Quer dizer... bom... mas está bem, ok. Mas está a ver, tem um peso.

E – Tem um peso...?

A – E noto que...que isso, tem... tem peso, naquelas abordagens que eu tenho feito. Não lhe escondo que nalgumas abordagens profissionais que faço, refiro as coisas. Não, por me tratarem por Doutor, ou por isto, ou por aquilo, mas porque me interessa, percebe. Não... Não... Portanto, nesse sentido...

E – Há... há... portanto... denota que há uma diferença, quando vai a uma empresa, que... que...

A – Sim... Sim. Denoto.

E – Que vai como “António” ou como licenciado ou como mestrando “António”?

A – Denoto... isso denoto claramente. Sim. Denoto, sem dúvida. Sem dúvida. Sinto isso, claramente. Eh... para espanto meu, devo confessar. Agora, eu da licenciatura, já sentia essa barreira, percebe. Quando não tinha a licenciatura, era sempre uma chatice, pá... eh...ah... já estou no 3º ano. Ah... mas não é licenciado, ora... batatas para a conversa. Pronto. (risos). Sim... mas eu tenho, não sei quantos anos de... pois. Mas está bem. Mas não é licenciado. E portanto, nesse sentido, acabava sempre por ficar com um pé em falso. Eh... ou mesmo os dois, porque acabava por não fazer nada. Neste... neste momento, tenho... sinto e noto claramente e até já o referi em foro privado, que noto que há portas que se abrem, com muita facilidade. Sem dúvida, nenhuma.

E – Ok.

A – Não tenho dúvidas.

E – E o ISG, uma questão logística?! Preço?!

A – Não. Não. Não é uma questão logística. Mas... quer dizer, obviamente fez parte da componente logística. Não é... Não foi uma decisão logística, porque no mestrado, nós tivemos, como lhe referi, nós fizemos uma pesquisa exaustiva.

E – Sim.

A – E aí perdemos a questão logística. Claro que teve um peso interessante, mas foi um valor acrescentado, digamos assim. Mas não foi determinante. O que é que nós procurámos na altura? Claramente foi... foi o conteúdo programático, foi os professores... eh...foi o que se ouvia sobre a faculd... sobre a universidade.... O instituto, ou o que fosse. Fizemos pesquisa em diversas. Desde ISG... ISG também. ISG, ISCTE, ISEG... eh... fomos a mais...eh... faculdade não sei quê de comunicação, não sei o quê, que fica ali, para as bandas de Benfica. Eh... mas ... mas fomos a mais. Foram para aí, umas 4 ou 5.

E – Hum... hum

A – Pronto. E de facto, ficamos muito balanceados entre o ISCTE, se bem que o ISCTE, para nós trabalhadores, tem um problema que é o custo. Que aquilo é uma coisa que... dispara para... aquele curso e... e na verdade, por aquilo que sentimos e se calhar vou dizer uma barbaridade, mas enfim, perdoem-me quem... quem tiver uma opinião diferente da minha, mas... da minha não... daquela que ouvimos diversas vezes, eh... em que pessoas que fizeram lá os cursos, na prática, não sentiram que tivesse sido um valor acrescentado extraordinário, pronto. E portanto... disseram... ah... sim, eh pá é bom..., quer dizer, não é nada aquilo que enfim, que as pessoas apregoam. Mas pronto... eu acho que há de facto, um... um... marketing, muito bem construído, por eh... eh... é... é, quer dizer, é uma coisa que as pessoas, do meu ponto de vista, em função daquilo que as pessoas me dizem. Portanto, não é uma opinião própria, não foi uma análise que eu fiz, mas por aquilo que eu ouvi, e porque me disseram várias pessoas, algumas fizeram mestrado, outras estavam... estavam a fazer doutoramento. Estavam e devem estar com certeza. Mas pronto. Várias pesquisas que fizemos, no caso do ISCTE concreto, foi que de facto, existe um... um aparelho de marketing, muito bem montado. Pronto... eh... pronto, essa parte para nós, não era relevante e portanto aquilo que olhamos foi... foi o conteúdo programático e claramente a... a qualidade dos professores, pronto. Basicamente foi isso.

E – Hum... hum.

A – E por isso, ficamos muito balanceados, entre o ISEG e com todo o prejuízo logístico, como deve imaginar, que é caótico.

E – Fica no centro da cidade...

A – É difícil parar lá o carro. Mas pronto... inclusive, chegamos a fazer contas, de metro, como fazíamos e tal e portanto, veja bem, o aspecto logístico. Não temos... não foi determinante, mas primeiro, fizemos algumas contas, para perceber como é que era.

E – Claro, claro.

A – Não é, pronto... para perceber a que horas eram as aulas e ...e a que horas chegamos... eh... pronto... tudo isso... eh.... E pronto começamos a afunilar, até que ficamos pelo... pelo ISG, que viemos ver como era. Deixa lá ver, como é que é... depois, começamos a fazer comparações com os professores do ISEG e eh... vimos conteúdos programáticos do ISCTE. E pá, sinceramente, não vi assim grande diferença na altura.

E – Hum... hum

A – Eu também não consigo ver, porque não estou no ISCTE.

E – Exactamente (risos). Mas também, já tem algum conhecimento de causa, de algumas pessoas que passaram por lá, não é?

A – Tenho. Tenho. Por lá e por cá. Por cá, estou cá eu (risos).

E – E agora com a conclusão do Mestrado? Sim, porque está quase a terminar...

A – Falta um ano... de certeza. Quero ver, se termino, daqui a um ano.

E – Mas... mas está a terminar, quer dizer, estamos no final do 2º semestre...

A – Sim... sim.

E – Na prática fica... fica com duas disciplinas e nessa altura, até já pode estar a fazer a tese...

A – Não... vou mesmo. Vou mesmo já no verão começar.

E – Exactamente, está mesmo... mesmo... mesmo a terminar. Acha que... já tem havido mudanças, eh... desde que diz que é mestrando, agora? Depois, acha que vai haver mudanças, quando terminar e for mesmo mestre? O que é que... o que é que vai fazer depois? O que é que...? Concluindo o Mestrado, qual é o seu objectivo?

A – Eh... pá, é assim... eu... o meu mestrado, vai se Deus quiser... ou melhor... a minha dissertação, para ser mais exacto, a minha dissertação vai versar sobre... sobre a minha área de trabalho. Pronto... portanto... eu vou fazer... não vou fazer nenhum projecto, vou mesmo fazer uma... uma dissertação. Eh... fizemos questão que o nosso orientador de estágio fosse... enfim... do nosso ponto de vista, oxalá, não nos enganemos, mas a pessoa que... com melhor aptidão, para nos chatear a cabeça, eh... pronto... não vou dizer o nome da orientadora de tese, para não complicar as coisas (risos) eh... e pode ser ouvido, e noutras ocasiões é aborrecido. Mas pronto... Mas portanto, acho que fizemos uma excelente escolha. E portanto, o... o nosso objectivo e falo por mim e também pelo Nuno, mas pronto e principalmente por mim, agora acho que o curso... eh... a dissertação, do meu ponto de vista e atendendo, eh... ao empenho que eu obviamente quero colocar nele. Eh... vai ser, digamos um cartão-de-visita e portanto eh... eu espero trazer alguma coisa, algum conteúdo científico eh... para a comunidade e relacionada com a economia social, eh... em principio... eh... em concreto, de modo a que eh... pronto... eu dali, consiga, eh... consiga fazer valer, enfim as minhas competências, para poder trabalhar na área que... que eu lancei. Eh... não é que não trabalhe já, mas mais a sério, que é a economia social.

E – Hum... hum. E Porquê o Doutoramento? Porquê é que quer continuar para o Doutoramento?

A – Exactamente pela investigação.

E – Só?

A – Basicamente sim. Não estou...

E – Quer... quer...

A – Gostava de dar aulas, obviamente. Pronto.

E – O seu objectivo final, é exactamente esse?

A – Sim.

E – Neste seu percurso?!

A – Eu gostava muito de dar aulas, porque acho... acho que... acho que tenho jeito, para isso, pronto. Acho que... eh... e gosto que... daquela partilha e pronto... e como sou muito prático e tenho um eh... sentido como lhe digo, a consultoria para mim, foi... acabou por ser uma surpresa. Obviamente que não é a mesma coisa, mas... mas há muito ensinamento, na consultoria. Pronto. E portanto, há muito pragmatismo, há muita... e de facto, noto que nalguns aspectos de... de e principalmente relacionados com a economia social. Eh...como eu faço muita pesquisa, desde 2001, não é... não foi agora, não comecei, a fazer com o Mestrado. Portanto, isto também tem uma sequência. Nasceu alguma coisa, em 2001 e começou na gerontologia. Portanto... no estudo do envelhecimento. Eh... mas claro, que o estudo do envelhecimento cai muito, sempre na área da economia social e portanto, andamos sempre a navegar muito nas mesmas áreas. E portanto... era muito... foi muito fácil, passar da economia social ou melhor da gerontologia, para a economia social e portanto, acabaram por se cruzar muito facilmente. Quer dizer...não... não tive grande coisa, grande coisa que fazer para me entrosar na economia social. Eh... pronto e basicamente... eh... acho que o mestrado, o que me vai trazer é muito... |toca o telefone| eh... um grande “aport” um significativo “aport” eh... em termos de... em termos de ... em termos de... do meu começo na... na pesquisa e sobretudo na... na... como ... é que eu hei-de dizer, eh na forma como se constrói uma... uma tese eh... todo esse aspecto da... da investigação, que tem uma metodologia própria.

E – Hum... hum.

A – E portanto, isso vai-me dar uma... uma “endurance”. Agora, é assim, eh... acho que... que o mestrado, eh... é uma... é assim, eh... acho que... que o mestrado, é uma porta de entrada, a um começo. É uma abertura de porta para um doutoramento. Eh... não é mais do que isso. Eh... e... e... e de alguma forma, trás as... as metodologias eh... e... e... e de alguma forma, trás as metodologias, o esquema mental, eh... e a análise que... que se deve fazer sobre... sobre as obras ou sobre as teses, ou sobre o que seja, eh... e o... e para mim, o...o doutoramento, a grande vantagem, que vai ser o doutoramento, é poder eh... pesquisar de uma forma muito mais sistemática eh... não tão pragmática, porque infelizmente tanto quanto me parece e dado ver... aliás a minha intenção era fazer o mestrado e doutoramento, mas já percebi que o mestrado tem uma realidade que se apoia numa realidade. E o doutoramento se apoia numa outra, muito mais teórica e muito mais... eh... digamos que académica, aquilo pronto.

E – Hum... hum.

A – E portanto... eh... ok. Tenho... tenho que ver de que maneira é que vou terminar a tese de mestrado. Que portas é que eu abro, na própria... na própria investigação que eu abro, na própria tese de mestrado, para poder continuar, depois na... no doutoramento. Se... se continuo ou continuo. Porque enfim, eh... às vezes, pode não haver um suporte académico ou um suporte eh... sim, académico ou um suporte, eh... sim, académico para poder continuar, naquela ... naquela senda e posso voltar um bocadinho atrás. Porque se eu me apoiar em... em livros... o... o que seja, ou enfim... coisas que são... que não são elegíveis para efeitos de tese de doutoramento. Provavelmente vou ter que ir fazer uma pesquisa, de uma outra maneira, para poder chegar a esse caminho... Pronto, não sei, se fui claro!?

E- Hum... hum... hum. Pronto, olhe eu agradeço-lhe todos os minutos que despendeu para ... para esta entrevista. Agradeço-lho imenso e... e desejo-lhe os maiores sucessos pessoais e profissionais.

A – Obrigado.

E – Obrigada eu.

O José | Entrevista 2

Mestrado em Gestão da Energia | 54 anos

E = Entrevistador

A = Aluno

E – Então... depois de... dos objectivos, da confidencialidade e já que me autoriza a gravar, vamos começar então pela... pela sua formação académica. Como é que começou, qual é o seu curso?

A – Pois... eu... eu licenciiei-me em Gestão de Empresas, licenciiei-me no ISLA.

E – Há muito tempo?

A – Não há muito tempo. Alguns 4 anos, para aí.

E – Então... foi na transição Bolonha?

A – Ainda é o curso antigo.

E – Ainda é o curso antigo.

A – A minha licenciatura, foi 4 anos e meio, mais ou menos.

E – 4 anos, ok.

A – Eh... entretanto, a partir daí... eu já tinha feito antes, entre... um pouco antes, já tinha feito uma Pós-Graduação. Mas isso, ainda antes de ser licenciado. Como na altura, já tinha um currículo, bastante vasto, eh... permitiram que fizesse essa Pós-Graduação. Entretanto, fiz a licenciatura, fiz outra pós-graduação e agora...

E – E a Pós-Graduação também é em Gestão?

A – Eh... é em gestão, mas numa área específica. As duas pós-graduações que tenho, são em duas áreas específicas. Uma na Gestão da Manutenção e outra em... em Gestão da Eficiência Energética.

E – Ah... mas porquê é que fez... porquê que fez essa Licenciatura de Administração de empresas?

A – Sim. É Gestão de Empresas. Exactamente.

E – Porquê é que fez essa licenciatura?

A – Porque... poderia ter feito em engenharia, as pessoas dizem não sei quê... mas porquê é que não fazes em engenharias? Ah... Engenharia, tem sido mais ou menos a minha actividade profissional... sempre. Onde denoto que realmente tenho necessidade de ter formação, é na área da Gestão, precisamente por isso, não é?

E – E gostou do curso?

A – Gostei... aprendi muito.

E – Não se arrependeu de não ter feito engenharia?

A – Eh... gestão. Não me arrependi nada. Acho que era uma área, onde eu tinha... estava notoriamente mais... mais fraco, em termos de conhecimentos e foi bastante enriquecedor, não é?

E – hum... hum...

A – Contribui bastante para... para a minha evolução profissional

E – hum... hum... E quando fez as Pós-Graduações eh...?

A – Uma antes e a outra depois da licenciatura

E – Porquê que fez a Pós-Graduação e não enveredou logo pela Licenciatura?

A – Eh... Fiz a Pós-Graduação, porque era um curso mais rápido. Eh... eu na altura tinha uma ocupação profissional muito... muito grande. Portanto, tinha responsabilidades... equipas de trabalho no País todo e tinha dificuldade em... e... frequentar. Uma licenciatura é muito exigente, em termos de carga horária.

E – Pois...

A – Eh... Não só pelas aulas...

E – Hum... hum

A – Mas também pelo tempo que temos que dedicar os estudos e aos trabalhos que temos que desenvolver. Portanto, não tinha tempo para isso.

E – Foi 1 ano?

A – Eh... Não, Não... foram dois anos.

E – A Pós-Graduação durou dois anos?

A – Quase dois anos. um... um ano só, foi a parte curricular e depois foram para aí, uns meses de projecto. Aliás, era para ser um ano, a parte curricular e acabou por ser mais um bocadinho.

E – E também fez no ISLA, essa Pós-Graduação?

A – Não. Não. Essas Pós-Graduações, fiz no ISQ.

E – Ah... Ok. Também já tinha ouvido falar...

A – E... e portanto, a... a última que tinha feito, acabei no ano passado. Foi em Gestão e Eficiência Energética. Entretanto... depois a partir dessa, eu... já tinha... Logo a... primeira vez que o ISG anunciou este curso de Mestrado de gestão de Energia, eu mostrei-me interessado.

E – Hum... hum...

A – Só que não se realizou

E – Eu lembro-me. Sim. Eu lembro-me

A – Ainda chegámos a trocar uns e-mails, mas o curso não se realizou naquele ano. Entretanto... depois...

E – Pois... inicialmente era Pós-Graduação, depois é que evoluiu para mestrado.

A – Pois... mas já mesmo como mestrado, logo na 1ª tentativa não se realizou. Entretanto, a versão do ano passado...

E – Mas não se realizou, porque foi em Março. O mestrado foi aprovado em Novembro e nós tentámos abri-lo em Março. Só que em Março, é muito difícil abrir cursos. É o raro que curso que se abre em Março.

A – Foi... foi qualquer coisa assim.

E – Foi... Foi. Então decidimos só para Setembro. E desde que abrimos em Setembro, temos aberto todos os anos.

A – Pois... Não. Não vim na 1ª edição, mas entretanto estava mais ou menos agendado.

E – E ficou o bichinho...

A – Agendado que tinha que fazer aquele curso. Porque na altura, tinha lido... o programa do curso, gostei e... e entendi que era importante.

E – Hum.. hum.

A – E cá estou

E – E cá está (risos). E... e outros cursos que fez... para além da licenciatura? Tem vindo a fazer... outros cursos?

A – Muitos... muitos cursos de formação profissional. Cursos, congressos, eh...

E- Mas patrocinados por quem? Pela própria empresa? Por si?

A – Pela própria empresa fundamentalmente.

E – Hum... hum.. Fundamentalmente pela empresa?

A – Pela empresa.

E – Dentro de que áreas? Também...

A – As Pós-Graduações, posso dizer-lhe que foram patrocinadas pela empresa.

E – E O Mestrado?

A – O Mestrado não. O Mestrado, eles não pagam, não.

E – Não. Mas algumas empresas pagam.

A – Pois, talvez. Pois... eles... digamos que pagam alguns cursos, aqueles cursos que mais lhe interessam, não é?

E – Pois...

A – Pois, são mais pequenos.

E- E portanto, fez muitos... tem vindo a fazer muitos cursos, ao longo da vida...?

A – Agora, não tanto. Quando frequento estes cursos, o tempo disponível é menos. Mas tenho feito muitos.

E – Dentro de que áreas?

A – Fundamentalmente dentro da área ... da... da engenharia Industrial. Portanto, é sempre mais na área industrial, que é a área, onde me situo profissionalmente.

E – E como se designa a sua... a sua categoria profissional?

A – Eu faço Gestão de Projectos.

E – Gestão de Projectos?

A – Exactamente.

E – E portanto... eh...?

A – Projectos de Engenharia, mais concretamente, mais ligados à área da energia dos equipamentos, gestão de infra-estruturas... eh...

E – E gosta desta actividade? Porquê esta actividade? O que é que o fez, ir para..., Como foi este o seu percurso profissional...?

A – Sabe que o percurso profissional, acaba por ser sempre condicionado, pela evolução das empresas, onde nós estamos, pelos lugares que ocupamos, não é? Acabamos por... descobrir alguns espaços, onde... realmente, temos conhecimento e... espaços, onde nos realmente temos conhecimento e... espaços onde nos sentimos bem. A pessoa começa a evoluir, a construir uma carreira, mesmo dentro dessas áreas... eu inicialmente, não... nunca disse assim, aí eu quero ser gestor de projectos, não (risos). Acho que quando entrei para a empresa, eh.. começaram a dar-me responsabilidades, ao nível da manutenção, especializei-me depois em manutenção.

E – Mas está lá, eh... há muitos anos?

A – Sim. Há 14.

E – Há 14, que está nesta empresa?

A – Há 14 anos e digamos que tem sido desta... tem sido fruto desta... desta relação que tenho vindo a construir a minha carreira e... aquilo que eu faço presentemente, é algo que eu gosto, que eu gosto bastante e tenho manifestado isso... às pessoas da empresa. Gosto daquilo que faço e pronto. E desde que faça bem as coisas, são conciliáveis, não é? Portanto, os interesses são comuns, entre aquilo que eu quero e a empresa também.

E – Hum... hum... E antes? O que é que fazia antes?

A – Antes, antes de ser gestor de projectos... antes de ser gestor de projectos, seria coordenador de... mas já há muitos anos, que sou. Mas muito antes, cheguei a ter uma... uma empresa, a título de sociedade.

E – Ah... Também já... já teve uma empresa?

A – Já tive uma empresa, também. Eh... onde era sócio e digamos que fazia mais ou menos a mesma coisa.

E – Hum... Hum.

A – Tinha a actividade..., mas aí também fazia a actividade comercial, não é?

E – Hum... Hum...

A – Ou seja, tínhamos que ir a concursos públicos, tínhamos que preparar-nos nos concursos. Tentar ganhar as propostas, fazer a preparação do trabalho. Era... e fazer o acompanhamento dos mesmos, não é? Eh... mas sempre a minha área, praticamente sempre foi ligada a projectos. Projectos Industriais. Há uma panóplia também bastante vasta de ... de projectos. Eu dedico-me fundamentalmente a projectos que têm a ver com a automação, com a energia, com... tudo o que diz respeito a... a equipamentos. A equipamentos de controlo industrial, eh... a equipamentos eléctricos, electromecânicos...

E – Portanto, eh...

A – Dentro da gestão de projectos. Uma área bastante restrita, não é?

E – Desde que terminou os seus estudos, o secundário, passou a trabalhar sempre nestas áreas?

A – Sempre, dentro destas áreas.

E – Mesmo até quando teve essa empresa é isso?

A – Sim. Mesmo quando estive... mesmo quando tive nesta... nesta empresa. Eh... comecei a trabalhar em instrumentação industrial e dentro da instrumentação industrial, começámos a evoluir para o controlo, eh... e depois a partir daí... a evolução natural, digamos que dos profissionais, as pessoas 1ª são executantes, pronto... na altura o que fazíamos, era fazermos a calibração de equipamentos, isso já há muitos anos, não é?

E – Hum... hum.

A – Calibração de equipamentos, salas de controlo, comunicações à distância, sei lá. Todo... todo... tudo isso, que dizia respeito, à automação industrial, mas como executante. A pessoa começa a evoluir, começa assumir funções de coordenação. E as funções de coordenação dessas áreas, são... sim senhor, olhe... temos aqui o projecto e pronto.... É começar a aprender, eh...a coordenar esses projectos e ... ao fim de muito pouco tempo, ou seja... há meia de dúzia de anos de ser executantes, comecei a assumir funções de coordenação e assim por aí acima.

E – hum... hum.

A – E há esta evolução.

E – Mas fez algum curso profissional? Portanto, fez o 12º...?

A – Não. Mas tenho feito muitos. Eu como lhe disse, nessa empresa onde estive, que era a “XXXX”, tive lá também 13 anos.

E – Hum... hum.

A – Fiz lá um curso, em que estive um ano a estudar, à conta deles. A full-time.

E – Hum... hum

E – 1 ano, mais ou menos. Fiz dois cursos nessa altura. Eh... mas na escola de formação deles. Era uma empresa grande, que era parte da XXXXX. Era uma grande empresa, na altura. Pena que tivesse... tivesse ido abaixo. Portanto, ficou a crise da industria naval e estava fundamentalmente... assentava fundamentalmente na industria naval e a nossa industria naval, enfraqueceu muito e a empresa acabou...

E – hum... hum...

A – Acabou por se desmembrar. Na altura, chegámos a ter 1.200 pessoas. Depois, entretanto, foi... foi decaindo aos poucos e até que cada um foi à sua vida, como é natural.

E – Hum... hum.

A – Mas a partir daí, dediquei-me fundamentalmente à parte industrial, onde... fiz diversas passagens por outras empresas e também tive uma experiência como... como empresário como... já lhe disse.

E – Hum... hum.

A – E depois dessa experiência, como empresário, eh... fiz também uma sociedade, também trabalhei ainda como consultor, da XXXXX, até entrar nesta empresa, onde estou agora.

E – E que já está há 14 anos.

A – Já estou há 14 anos.

E- Porquê é que não fez a licenciatura, logo? O que é que o fez adi....?

A – Porque foi... havia diversas questões. Mas a principal era... era os filhos, não é?

E – Hum... hum.

A – Era a vida familiar, os filhos... eu na altura, não fiz quando era... quando era solteiro, precisamente porque quando acabei o secundário, fui... comecei a trabalhar para esta empresa e comecei a andar muito por fora. Depois, entretanto, casei-me vieram os filhos, três filhos e então...só quando os filhos praticamente tiveram criados é que tive condições para me meter, no... mestrado.

E – Que é o agora...?

A – É. É. Exactamente. Só a partir da altura em que eles já estavam na faculdade, e que já não dependiam muito dos meus cuidados, já não requeriam muita atenção, muito... muito regular, é que tive... me consegui libertar, para...

E – Para fazer os seus projectos?

A – Entre os quais... eh... estudar, continuar a estudar. Que eu acho importantíssimo. E acho que as pessoas devem fazer. Eh... Eu não tenho, não sou pessoa... gosto de conversar com os outros, mas não sou pessoa, de ocupar os meus tempos livres, com coisas inúteis. Não... coisas fúteis. Não. Não gosto nada. Gosto de ler, gosto muito de ir ao cinema, mas tudo tem, tudo tem... o seu... o seu tempo. Eh... acho que estudar, nesta fase da minha vida, é uma fase importante. Para já, porque permite-me mais conhecimento. É sempre algo, que é bastante bom. Para além disso, é uma forma de ocupar o tempo, não é?

E – Hum... hum

A – Uma forma de ocupar o tempo a enriquecer-nos sempre.

E – Exacto.

A – De mantermos aqui activos, os nossos... as nossas capacidades. Eu acho que as pessoas, quando se tornam mais inactivas, mesmo sob o ponto de vista mental, acabam por... perder faculdades, com mais facilidade (risos).

E – Exacto (risos)

A – Se as pessoas fizerem exercício..., exercício mental, isto funciona melhor.

E – Enriquece?

A – Eu muito sinceramente, eu não sinto a idade que tenho. Hoje em dia, não... Acho que é umas das formas, de manter, alguma actividade, alguma frescura digamos, mental é precisamente continuar a estudar, a defrontar-me com... não só com... a vida profissional, como também com... a vida académica.

E – Hum... hum.

A – É realmente esse... é essa, a minha perspectiva.

E – Hum... hum. E quais as razões, que o levaram a procurar formação pós-graduada? O que o fez... já tendo uma licenciatura...?

A – Sim. A licenciatura, vamos ver... eh... a licenciatura funcionava como eh... desenvolver... desenvolver competências na área da gestão.

E- Hum... hum

A – Agora, é evidente que quando procuro, formação pós-graduada, quer as pós-graduações que tirei, quer agora o mestrado, é formação ao nível académico, ao nível mais elevado, muito específica. Já muito direccionada para um... para áreas, que eu acho, que são áreas de “furo”. Que continuam a ser bastante valorizadas e é realmente importante, as pessoas investirem, em termos de conhecimento, eh... nestas áreas.

E – Mas porquê o Mestrado? Porquê o mestrado, nesta altura? Porquê o mestrado em Gestão da Energia?

A – Eh...

E – O que pretende fazer? Quais as suas razões?

A – O que... o que pretendo fazer é... não há muitos cursos de energia, em Portugal.

E – Pois.

A – Eh... Não há muitos e realmente a opção por este curso, tem muito a ver com eh... com esse pormenor. Com o facto, de... de me especializar cada vez mais, na área da energia. Ou seja, é a necessidade que tenho de formação nessa área. Naturalmente isso passa por um objectivo pessoal, não é? O meu objectivo pessoal é... é poder estabelecer-me também nesta área, não é?

E - Mas quer criar uma empresa?

A – Sim. Sim. Sim

E – Mas dentro da área das renováveis?

A – Da energia.

E – Da energia. Portanto, não será nas renováveis?

A – Não é que seja estritamente nas... renováveis. Mas na área da energia. Na área da gestão da energia, é realmente esse o meu objectivo. Para isso, eu acho que um dos principais requisitos é uma boa formação, não é?

E – Hum... hum.

A – Uma boa formação com uma boa base, para lançar então, digamos um projecto... projecto dessa... dessa natureza.

E – E portanto, basicamente o que o levou a vir fazer um mestrado foi, o seu objectivo de criar uma empresa e especializar-se nessa empresa?

A – Nesta área.

E – Exactamente, desculpe, nessa área. Mas o ISQ tem essa Pós-graduação?

A – Uma Pós-Graduação, sim. Eu fiz... eu fiz essa Pós-Graduação, mas... como é que hei-de explicar... é uma pós-graduação muito engenhairesca.

E – Hum... hum...

A – O curso chama-se Gestão e Eficiência Energética, mas é muito ligado aos aspectos técnicos. Às componentes de energia. Não. É diferente desta. Tem um desenho diferente. Esta afirma-se mais como um curso de mestrado, em que desenvolve mais as componentes de gestão, propriamente ditas.

E – O que o trouxe aqui então foi aliar a Gestão. Na prática, aliar a gestão à... à energia?

A – Sim. Aliás, eu posso-lhe dizer que antes deste, eu antes de me inscrever neste curso, inscrevi-me num... num MBA.

E – Hum... hum...

A – Eu acho que os MBAS, são cursos para engenheiros, mas de qualquer das formas, eu inscrevi-me num MBA, no ISEG.

E – Hum... hum

A – Mas só depois quando lá estava, é que eu vi que este curso tinha arrancado ou ia arrancar. Só... só depois é que eu vi, na comunicação social e eu digo assim... bom, afinal...vim-me inscrever e depois anulei e vim para cá.

E – anulou?

A – Tive lá uma semana, mais ou menos, e disse olhe, não vou... vou frequentar outro curso. Prefiro.... Prefiro outro curso. Porque o meu objectivo... ou seja acho que aquele era... Este curso é muito mais direccionado para aquilo que eu pretendo, do que fazer um MBA. Aquela Pós-Graduação, digamos, que é muito direccionada para capacitar as pessoas, para serem técnicos qualificados, peritos qualificados, para assinarem projectos.

E – Hum... hum...

A – Eh... desenvolve muito... é muito exigente, ao nível das componentes de engenharia. Não...

E – Pois...

A – Portanto, a tudo o que diz respeito à engenharia.

E – Vindo de uma licenciatura em Gestão de Empresas...?

A – Pois... isso não constituiu grande problema, para mim, porque eu também tinha a componente... a experiência profissional. Exactamente. Não constituiu grande problema. Eles é que pensaram que sim. Eles disseram, ah... mas você é gestor, com um curso destes... Eles pensavam que aquilo era só.... Curso só para engenheiros. E eu disse, pronto. Não há problema (risos) e fui e fiz... fiz a Pós-graduação. Entretanto, agora sim, senti ao tomar conhecimento

deste, que seria importante também complementar. Eh... em torno dos estudos pós-graduados, complementar aquele curso, com este. Acho que seria uma boa... uma boa ligação. E é sem dúvida nenhuma, porque há matérias que são abordadas, neste curso, que para mim, já não são novidade.

E – Claro.

A – Já não são novidade, porque já... já tomei prévio conhecimento delas e conheço-as com uma abordagem naturalmente diferente, muito mais engenhairesca, uma versão.... Para mim, o curso está a ser bastante positivo, porque é um complemento digamos daquela Pós-Graduação, que eu fiz. E acho que, isto se enquadra perfeitamente nos meus objectivos de ... de ir abraçar um projecto pessoa, na área da energia.

E – Hum... hum. Portanto, eh... há pouco falou que... que neste momento, veio para este Mestrado, porque já tem os seus filhos crescidos. E a sua companheira, como é que.... Como é que ela viu...?

A – Eh... a mãe dos meus filhos, não vive comigo, há já uns anos. Os meus filhos viviam comigo, os dois mais velhos, até a altura em que comecei a estudar. Entretanto, eles também se formaram e já foram a vida deles. Mas entretanto, eu... acho que as pessoas têm que ter alguém e depois encontrei outra pessoa e vivo com outra mulher, que estuda cá.

E – Ai que engraçado... isso, é que faz todo o sentido (risos).

A – E depois também lhe disse assim, mas porquê não vais fazer o mestrado?

E – Ah... muito interessante (risos). Pode então, ser um problema se um vai e o outro fica?

A – Precisamente. Eu resolvi... eu resolvi. Pensei nele e a melhor forma de resolver o assunto, é tentar...

E – Mas está na Energia?

A – Não. Ela está em Gestão Fiscal.

E – Ah... ok. Ok. Está a fazer gestão fiscal.

A – Mas sabe? ... O que é engraçado, é que há matérias que são... são muito semelhantes. Portanto, ajudamo-nos mutuamente. Ao fim-de-semana, sentamo-nos lá...no escritório e resolvemos as coisas juntos.

E – Fantástico. Assim, até dá para virem juntos?

A – Eh... Para ir, fundamentalmente.

E – Para ir.

A – Para vir, como vimos de lugares diferentes, é mais difícil. Mas pelo menos, quando terminamos as aulas, esperamos um pelo outro e tal. Quando ela sai mais cedo, espera e vice-versa. Quando eu saio mais cedo, espero por ela. Quando ela sai mais cedo, espera ela por mim. E resolvemos o assunto, assim.

E – Fantástico. Pois, assim... faz todo o sentido (risos). E agora diga-me porquê, o ISG? Já disse que não... não havia muita concorrência, dentro desta área...

A – A minha companheira, já tinha estudado cá.

E – Ah... ok.

A – Há uns anos atrás. Já conhecia... já conhecia digamos a instituição. Mas o que esteve fundamentalmente na base da decisão foi o curso, não é?

E – hum... hum...

A – Foi o... curso. E para ela também. Ela também acabou por... por optar por este curso... porque ela queria, queria o curso de gestão fiscal, mas com... porque ela é licenciada em... em contabilidade no ISCAL e ela queria um curso de... de gestão fiscal. Um mestrado em gestão fiscal onde a componente de contabilidade fosse mais reduzida, não é? A aí acabou por encontrar aqui.

E – Pois.

A – O Plano do curso, este plano do curso, interessou-lhe muito mais que outros, que há aí nas outras instituições, não é? De maneira que... (risos).

E – Muito interessante

A – Eu já tinha tido essa experiência, na licenciatura. Que eu já vivia com a minha companheira, já vivo desde que me separei da minha ex. Já vivo com ela, há 10 anos e com... a licenciatura, foi um pouco penoso, nesse aspecto. Porque a pessoa para... para se dedicar de corpo e alma, digamos, sendo... para ter estudado fundamentalmente como trabalhador-estudante, para se dedicar, eh... a uma forma vincada aos estudos, tem que... que dedicar tempo, não é? Tem que dedicar muito tempo. Se dedicar tempo aos estudos, como tem a actividade profissional, normalmente as actividades profissionais, absorvem-nos também bastante tempo. Eh.... É difícil conciliar tudo isso, com a vida familiar, não é?

E – Pois (risos)

A – Eh... eu já tinha tido a experiência do... da licenciatura, portanto... não a ia sacrificar. Sujeitá-la novamente a um esforço assim tão grande. Portanto, eu resolvi... ela também andava a manifestar vontade, já há algum tempo, em... em vir fazer este curso. Então agora...

E – Juntou-se o útil ao agradável (risos)

A – Exactamente (risos). E também... porque não temos filhos...desta relação.

E – Pois.

A – É uma... uma forma de nós nos ocuparmos e depois tem funcionado, até melhor do que estava a pensar. Porque eu no início, eu pensei que pudesse ser... não funcionar bem, ser desgastante. Mas não. Não. Já estamos quase no final, da parte curricular.

E – Passou num instante?

A – Pois...exactamente. Isto acaba por passar rápido. Está bem que este mês, é um mês exigente. Mais exames e trabalhos e tudo isso. Mas pronto... terminado este mês, praticamente, o que temos a seguir é a tese.

E – Já ficam mais libertos. Mas de facto, é interessante, não ter vindo sozinho (risos).

A – É evidente que ela se calhar, ela veio, porque... porque eu a pressionei bastante. Mas pronto...

E – Claro.

A – Ela... ela já tinha feito a pesquisa. Já tinha manifestado essa vontade. Aproveitamos foi essa oportunidade, não é?

E – Claro, claro.

A – Para conciliar este ano, não é?

E – E está quase a terminar.

A – Exactamente.

E – Agora... com a conclusão do Mestrado, pelo que já percebi, não é o título que lhe interessa!

A – Não tanto...não tanto isso. Interessa-me muito mais o conhecimento. Muito embora, o título também seja bem vindo, não é?

E – Bem-vindo. O título, é bem-vindo (risos). Que mudanças, agora que já está quase a terminar... vai terminar num estantinho. Que mudanças, acha que vai operar... em termos sociais? Sentiu isso com a licenciatura? Houve mudanças?

A – Olhe, eu não senti muito. Não senti muito. Porque eu vivia... o meio onde vivia, era praticamente junto de pessoas licenciadas. Em áreas diferentes, não é? Fundamentalmente as pessoas que trabalham comigo são... quase todas licenciadas, na área da engenharia. Portanto, não senti muito, porque já era uma pessoa integrada, digamos, nesse meio, não é?

E – Hum... hum

A – E também porque não convivo muito... quer dizer... para além dos amigos... a relação com os amigos mantém-se. Mantém-se aquela que era... eh...

E – Mas houve mudanças, quando fez a licenciatura? E agora com o facto, de estar a fazer o mestrado, não há mudanças? Há alguma diferença?

A – Sim. Sim. Sim. Não. Eles apreciam qualitativamente como é que uma pessoa, já com... com a idade que eu tenho, se dedica e... os meus colegas falam... falam. Cada vez, que falam, dizem que não é normal, as pessoas continuarem a manifestar essa vontade. As pessoas continuarem a aprender a fazer coisas. Olhe... eu sinceramente, é uma das coisas, que eu gosto. Que eu gosto, é de realmente é... de adquirir competências, de me sentir competente em... em relação a matérias com... com que trabalho. Com... com que convivo, no dia-a-dia, não é?

Esse é realmente... eu acho que é... que é importante. Que nós temos que ter essa... essa vontade, porque acho que é o principal activo que o país tem, são as pessoas, não é? E se nós tivermos um povo bem formado e quanto mais bem formado for o nosso povo, melhor será o País, não é?

E – Portanto.... Desde que fez a licenciatura, não houve mudanças? Não há mudanças com o mestrado?

A – Não houve mudanças significativas. Não faço questão de ser doutor.

E – Resumindo, não houve então mudanças significativas, quer em termos profissionais, quer em termos sociais?

A – Não houve. Porque eu também, não faço muita questão que isso aconteça, não é? Não evidencio muito isso. Eh... Quer dizer, não gosto de forma alguma de me sentir discriminado, não é?

E – Claro.

A – Se estou num meio, onde tratam as pessoas pelo título académico, faço questão, que também que seja tratado dessa forma, não é? Mas eu... se assim não for, se nos tratarem de uma forma normal, eu também gosto de ser tratado, como os outros são.

E – Portanto, não... não notou diferenças nenhuma em termos profissionais?

A – Não notei. Quer dizer, há uma apreciação qualitativa, por parte das pessoas que sabem, não é? Há uma apreciação qualitativa, mas não noto muito isso... também essas transformações, notam-se depois com o tempo, não é? Acho que não são bruscas, não é? Acho que se vão notando, o estatuto que as pessoas vão adquirindo, perante os outros, o reconhecimento, acho que é um estatuto que se vai adquirindo ao longo da vida, não é?

E – Hum... hum.

A – Realmente... as acções, nas reacções melhor dizendo que as pessoas têm para connosco, acho que não se nota de forma muito brusca. Mas... se eu por exemplo, se eu... analisar depois de ter feito a licenciatura, sei lá, agora até terminar o mestrado, se for pensar muito no assunto, como é que era tratado na altura e como sou tratado agora, naturalmente há diferenças. Vou reconhece-las.

E – Mas socialmente? Profissionalmente?

A – Em todos os aspectos.

E – Em todos os aspectos.

A – Quer sob o ponto de vista social, quer sob o ponto de vista profissional, não é? Há digamos um... outro reconhecimento, como é óbvio.

E – Pois.

A – Eh... eu também já era uma pessoa também muito respeitada na empresa. Digamos que o meu percurso profissional...

E – A sua experiência, já... já era grande.

A – Por isso é que eu digo que não... não houve grandes diferenças, porque... eh... agora, se eu viesse de uma actividade profissional diferente e se eu fosse para uma empresa nova, provavelmente sentiria isso com mais... de uma forma mais evidente (risos). Acho que já era respeitado.

E – E o futuro? Depois com o seu mestrado, como é que vai ser? Para além de criar a sua própria empresa, que mais-valias é que vê no futuro, depois de ter o mestrado?

A – Eu tenho projectos para o futuro, não é? Como já lhe disse, um deles é realmente eh... desenvolver um... um projecto próprio na área da energia, não sei é se vai ser cá. Eu tenho a perspectiva de ir... para o estrangeiro... ir para fora. Tenho essa perspectiva. Não é... não é já, será daqui a mais uns dois anos, mais ou menos, se tudo correr de acordo com o previsto, eh... e penso que é lá que irei implementar esse.... Este projecto. Será lá que irei desenvolver todas estas ideias, que eu preconizo agora, neste momento. Mais concretamente, o Brasil.

E – Brasil? Eh... mas acha que lá tem, mais hipótese de... de concretizar negócio, do que cá, dentro desta área? Ou... ou acha que é um País com mais abertura para...? Acha que nós... nós já temos demasiado...?

A – Eu tenho... tenho diversas facilidades em instalar-me lá. E acho que é um País, com mais oportunidades. Eh... acho e tenho a certeza. Eu tenho desenvolvido alguns contactos, e... creio que existem muitas oportunidades. Portanto... o Brasil, nesta área da energia, está numa fase, ainda muito atrasada, do que nós cá. E penso que há tudo por fazer, não é? Portanto, eu achei, pelo menos tenho essa convicção, que realmente será... que vai ser, uma aposta. Tenho alguns laços familiares, também lá.

E – Pois.

A – E daí a razão de ter toda ... de ter toda a facilidade, em mudar-me para lá. Pelo menos, já...já dei os primeiros passos. Já comprei uma propriedade, casa e isso tudo.

E – E tem um clima fantástico... (risos)

A – É o clima, são as pessoas. Há muita coisa. Também há coisas más, não é?

E – Pois

A – Cá também já temos a marginalidade, que também começa a subir bastante, não é? Nós ouvimos as notícias e já... já nos deixam um bocadinho preocupados. Portanto, já não é só lá, que o assunto é preocupante.

E – Hum... hum

A – Mas eu penso que é um país de oportunidades, onde realmente existem muitas oportunidades. Onde as pessoas podem fazer uma vida... uma vida diferente. O que eu

entendo é... quando penso no futuro, penso... penso no dia de amanhã, penso no ano seguinte, penso a curto prazo. Não consigo pensar, a longo prazo porque este país está eh... porque a idade também não permite, não é? (risos). Não, acho que... Como eu costumo dizer, o futuro é hoje. Mas a situação em que o país se encontra, deixa-me preocupado, também em relação a isso. Ou seja, tenho alguma dificuldade em pensar, então e agora? Agora, vou ficar 5 anos ou não sei quanto tempo, à espera, que o país saia da recessão. Que comece a crescer e comece a criar oportunidades, para podermos fazer coisas engraçadas?! Digamos, desenvolver os projectos que temos em mente. Porque hoje em dia, é difícil as coisas estão muito difíceis. É realmente necessário fazer muita coisa, mas está tudo difícil. O acesso ao crédito, sei lá... inúmeros problemas, não é? Inúmeros problemas. Eh... e pronto, eu acho que tendo realmente as relações familiares que eu tenho com o Brasil, terei mais facilidade, em fazer este projecto lá. Portanto, tenho essa convicção. Acho que de qualquer das formas, já dei um contributo muito significativo, à nossa economia, durante muitos anos.

E- Exactamente (risos). Mas pretende ainda continuar a estudar?

A – Pois, não sei. Vamos ver agora, como será o enquadramento a esse nível no Brasil. Qual será reconhecimento que a minha formação académica, lá irá ter. Se lá... se o reconhecimento for bom, eh... tal como eu espero, provavelmente não farei mais nada. Mas não for, se... se for necessário fazer lá mais alguma coisa.... Algum curso que contribua para o reconhecimento da minha... da minha formação, se calhar terei que fazer... vamos ver.

E – Pronto. Agradeço-lhe imenso, a atenção, a disponibilidade... Agradeço-lhe por tudo. Algo que precise, disponha. E votos dos maiores sucessos pessoais e profissionais.

A – E eu também, espero ter contribuído para... para o enriquecimento da... da matéria da sua tese (risos).

E – Contribuiu...contribuiu com toda a certeza. Obrigada.

O Joaquim - Entrevista 3

Mestrado em Gestão Fiscal | 51 anos

E = Entrevistador

A = Aluno

E – Então... depois de... termos falado dos objectivos do estudo, do anonimato, a confidencialidade e a autorização da gravação, eh... começo por lhe perguntar, qual é, a sua formação académica?

A – Eu sou licenciado em duas áreas, uma em Contabilidade e Auditoria e outra em... em Solicitadoria.

E – Qual fez primeiro?

A – A primeira foi Contabilidade e Auditoria.

E- E o que é que o levou a fazer Solicitadoria?

A – Porque eu gosto, da área de Direito. E eu agora, ainda vou fazer direito, também. São... são... é uma questão, de meia dúzia de cadeiras. Ainda vou fazer direito.

E- Pois. Vai ter então, uma série de equivalências?

A – Sim. São... só preciso de fazer seis cadeiras. Seis ou sete, mais na área dos direitos penais, porque o resto é muito similar. Eh...

E – Vai ficar então, com três licenciaturas?

A – Se calhar (risos)... Talvez.

E – Hum... hum

A – E pronto, foi assim. Eu gosto... gosto muito da área do direito. Gosto.

E- Então, porquê Contabilidade primeiro?

A – Porque na altura, eh... achei que gostava daquilo. E eu gosto e há uma parte, que eu gosto. Há uma parte que eu gosto, que é a que gosto mais, que é a área fiscal. Gosto mais da área fiscal. Daí a razão do Mestrado em gestão Fiscal.

E – Hum... hum

A - Que não foi por razão nenhuma outra, a não ser pela... pela... pronto, pela vontade de aprender mais qualquer coisa, naquela área e de ver até que ponto, ainda me vai ser útil, não é? Porque eu gosto muito da... da parte fiscal. A parte fiscal. E como eu tenho uma componente, porque a parte fiscal, tem duas componentes. Tem a parte eh.... Técnica e prática, que vem da parte contabilística, mas depois tem a outra, que é muito jurídica.

E – Hum... hum

A – E eu consigo congrega, as duas componentes. Então, eu achei interessante o... o mestrado da área em Gestão Fiscal.

E – Hum... hum. Eh... e Pós-Graduações, fez alguma?

A – Não... não. Não fiz. Nunca fiz.

E – Nunca fez.

A – Fiz muitas formações, eh...

E- Cursos de especialização?

A – Sim. Fiz muitos.

E- Dentro de que áreas é que fez?

A – Olhe, até fiz aqui um, há uns anos.

E – Aqui?

A – Aqui. Ainda isto não era Lusófona.

E- Mas dentro de que áreas? Também dentro da fiscalidade?

A – Que eu já conhecia e foi dentro da área de Gestão de empresas, foi.

E – Ah... Gestão.

A – Gestão para não executivos. Ainda me lembro do nome, do curso.

E - Mas já há muitos anos?

A – Já há muitos anos. Ainda isto não era Lusófona, ou coisa que se parecesse. Para aí, há uns 15 ou 16, por aí. Talvez 12. Talvez, sim. E era ali naquele... no Palácio.

E – No Palácio?

A – Exacto.

E – Então frequentou muitos cursos dentro de que áreas?

A – Gestão, Recursos Humanos, eh... sobretudo aí. Na área do trabalho.

E – Mas eram cursos longos?

A – Houve alguns... eh... Sobretudo um no... no ano passado... três anos no Citeforma, que eram nove meses, em horário pós-laboral. Na área... em... aquilo era... tinha uma componente também técnica, na área fiscal, que era auditoria tributária. Que foi dado por uma senhora que é inspectora tributária, que aí um professor conhece.

E – Hum... hum

A – E ... e também na área laboral. O curso tinha duas etapas. Eh ... e depois fiz muitas outras. Na área de línguas... e ... e depois pronto ... eu, por exemplo, tenho essa vantagem. Eu estou, sou ... pertenço a uma ordem que é ... estou inscrito na OTOC, na OTOC.

E – Pois.

A – Estamos sempre em formações também, praticamente constantes. E agora, eh... como eu então já fiz o estágio, na área... na área do ... da solicitadoria, agora também estou sempre em formação na área, na jurídica também.

E – Não pára?

A – Portanto eu não paro (risos).

E – Muito bem. E... a sua actividade profissional neste momento? O que é que está a fazer, neste momento?

A – Eh... trabalho, em ... especificamente neste momento, trabalho em auditoria. Eu trabalho com uma sociedade de revisores de contas que é a parte que eu gosto mais, que é na área fiscal, auditoria. Eles têm uma série de empresas e por isso é que eu na semana passada quando mandei as coisas por correio foi porque estava fora.

E – Está muito tempo fora, é isso?

A – Estou muito tempo fora.

E – Hum... hum...

A – Eh... Para a semana por exemplo, a partir de quarta-feira, vamos para o Algarve. Temos que lá estar para aí uma semana, ou mais, ... uma semana e meia. Eh... também já estive em África. Também já fui a África em trabalho, várias vezes. Há dois anos que não vou. Tem sido um ... um colega meu. Eh... agora, este ano, se calhar em Outubro, vou eu. Vou a Moçambique. Não gosto muito, são muitas horas de avião.

E – Pois.

A – Mas aquilo é uma multinacional e tem que ser.

E – Pronto, agora é auditor e antes?

A – Antes, trabalhei em várias coisas. Trabalhei, portanto, na área da contabilidade, trabalhei nos departamentos de recursos humanos, trabalhei em vários sítios.

E – Hum... hum

A – E fiz várias coisas, mas dentro dessa área. E agora, como eu também ... eh... porque isto é uma questão, depois de... de congregar sinergias, eu depois de eh... agora no final, eu fiz o estágio na área de solicitadoria, agora vamos fazer o exame de acesso. Porque aquilo tem estas partes...

E – Então terminou solicitadoria ainda há pouco tempo?

A – Sim. E agora fizemos o estágio. Agora há um exame de acesso, à Câmara, eh... depois vou trabalhar também nessa área. Porque é... é um complemento.

E – Mas na empresa onde está?

A – Eh... com... com... porque eu trabalho numa empresa, com uma pessoa que já está nessa área, também.

E – Ah ... ok. Então, vai ser um trabalho extra àquele que já tem agora, é isso?

A – Sim... sim. Sim.

E – Na prática, é um part-time?

A – Porque eu de vez em quando, há partes no ano que eu tenho algum tempo livre. Tenho algum tempo disponível.

E – Hum... hum

A – Agora, esta altura... Isto tem três fases, durante o ano. Tem três picos. É na Primavera, no ... mais ou menos, nesta altura (Junho) e é no final do ano. Mas há partes no ano, que a gente tem mais tempo... mais tempo disponível, mais tempo.

E – E portanto, pretende dedicar esse tempo depois, à solicitadoria?

A – A solicitadoria, que depois quero transformar em direito, mais propriamente.

E – Pois... com as equivalências. E portanto disse que desde que começou a trabalhar, tem vindo a trabalhar dentro dessas áreas. Na contabilidade, nos recursos humanos e chegou a auditor. Auditor porquê? Porque... porque gosta? Porque não um departamento de contabilidade?

A – Eu... eu não gosto de... eu tenho... eh... há determinadas áreas que são muito estanques. Faz-se aquilo e pronto e aquilo e é a rotina de todos os dias.

E – Hum... hum

A – A área de auditoria, é uma coisa muito abrangente. É uma coisa que... há... estão sempre a aparecer coisas novas. As empresas, são todas diferentes, eh... tem a ver... com os ramos de actividades das empresas. Tem... são todas diferentes. Logo, há diferentes formas de ver e avaliar as coisas.

E – Hum ... hum

A - E lidar com as pessoas. E depois eu gosto. Eu... eu não tenho jeito para estar num... num escritório, assim de uma forma contínua, seis, sete, oito horas. Eu gosto... de lidar com as pessoas, falar com as pessoas. Porque... é assim, porque é de outra forma, porque se fez assim, porque se fez de outra forma. Eu ... gosto muito disso. Gosto muito de ... de ... sou muito relações-públicas também.

E – Gosta então, de ser auditor?

A – Gosto. Gosto. Gosto muito.

E – Eh ... Portanto, basicamente eh... em termos de categorias profissionais até agora, para além de auditor...?

A – Eu já passei por tudo, não é?

E – Já passou?

A – Comecei a trabalhar muito novo.

E – Hum... hum...

A – Comecei a trabalhar, logo que saí... que saí da tropa. E sempre trabalhei e estudei. Nunca fiz só uma coisa. Portanto, já... já fiz tudo. Já fiz tudo. Já passei por todas as etapas. Sempre a trabalhar. Eu sei... eu nunca gostei muito de... do trabalho de escritório. Por isso, é que eu sou mais ambulante (risos). Porque... eh... pronto, aquilo é muito monótono. Depois torna-se muito... muito repetitivo e não sei quê. Não... não... Nunca me cativou particularmente.

E – Então fez a sua primeira licenciatura, a par da tropa. É isso?

A – Sim. A par da tropa. A par da tropa, fiz uma parte e depois interrompi. Depois fiz mais tarde, continuei. Eh... foi... foi sempre assim, há medida que eu tinha disponibilidade. Eh... se calhar... há uns erros próprios de quando somos criaturas novas (risos) e há coisas que se deixam para trás e depois se retomam, eh... mas pronto, fui fazendo.

E – Portanto acabou o 12º ano e foi para a tropa?

A – Eu... eu na minha altura, não havia 12º ano. Fiz o 7º ano complementar antigo, numa escola técnico-profissional. Aliás, eu antes disso fui Seminarista.

E – Hum... hum (risos)

A – Por... por imposição quase lá... da... Professora e do Padre da minha terra, aos meus pais. E estive num colégio no Porto, 5 anos. No colégio dos XXXX. E aquilo... deu-me um grande... deu-me uma grande bagagem, para o resta da... da vida. Porque eu fiz lá o 5º ano e depois, eh... a partir dali, tinha que se fazer uma opção.

E – Hum... hum

A – E eu pronto, tinha jeito para tudo, menos para... para Padre. Para religioso (risos). E então, tive que sair, senão tinha que ir para um colégio para XXXX, não sei quê. Pronto, e os meus pais viram-se confrontados, com a situação... mas quando vim cá para fora...

E – Mas os seus pais, são do Norte, é isso?

A – São do Norte. São de XXXX.

E – Hum... hum

A – Eh... eram. Já faleceram os dois. E eh...quando vim cá para fora, o ensino... quando saí lá do Colégio, vi-me um bocado perdido, porque... o ensino, aquilo não tinha nada a ver. Porque a gente... lá o ensino era completamente... era de uma exigência tremenda e eu andava ali, parecia que não andava a fazer nada. Porque aquilo, já... já era tudo. Já eram coisas... eram coisas, demasiado banais, para nós pronto. E aquilo deu-me uma grande... de facto, deu-me uma grande embalagem, e um grande conhecimento mesmo.

E – hum... hum

A – Porque, porque se calhar naquela altura, aquele 7º ano antigo, valia portanto, quase como algumas licenciaturas actuais, se calhar. Senão mais (risos). Senão mais. De forma, que é assim.

E – E portanto terminou, foi para a escola normal, a partir do 10º ano, que era o 6º, fez o 7º e...?

A – Sim. Fiz o sexto, o sétimo e depois fiz uma coisa, que se chama propedêutico.

E- Propedêutico.

A – Propedêutico. Sim. Propedêutico. Fiz o propedêutico.

E – Que era uma espécie de 12º, é isso?

A – Era uma espécie de 12º. Era.

E – E depois, no ano seguinte...?

A – Era o ano propedêutico, que chamavam o antes... o antes de entrar para a faculdade. Era a seguir... aquelas coisas novas que inventaram, a seguir ao 25 de Abril.

E – Ah... ok.

A – E depois, entrei para o ISCAP, no Porto.

E – Hum... hum

A – Entrei para o ISCAL e depois entretanto....

E – Entretanto entrou para a tropa?

A – Entretanto, vim para a tropa, e vim para a tropa, e vim parar ao regimento de XXXX da XXXX. Sem saber porquê, não é? Sem saber porquê e então, fiz o último curso de comandos de... de milicianos comandos, na XXXX, com o **Coronel XXXX**. Mas depois gostei disto e entretanto eu tinha uma irmã, que... que é XXXX. Isto não é para assustar ninguém, não é?

E – Eu acho que é um bocadinho (risos)

A – Eh... que na altura, tinha acabado, na altura o curso de Direito. Entretanto, entrou para... concorreu para a XXXX e depois, veio viver para Lisboa e eu fiquei cá. Já não fui para o Norte.

E – Já nunca mais foi para o Norte?

A – Já nunca mais fui para o Norte.

E – Trabalhou sempre cá?

A – Sempre cá. Já nunca mais fui para o Norte.

E – Transferiu-se então do ISCAL, para cá?

A – Sim... sim.

E – Deram-lhe... deram-lhe possibilidade de se transferir, certo?

A – Sim. Sim.

E – E portanto, fez isso... Disse há pouco, que fez um interregno e depois voltou a completar?

A – Fiz um interregno, mas concluí mais tarde.

E – Muito mais tarde ou...?

A – Bastante mais tarde.

E – Tem ideia, de quando terminou?

A – Eh... aquilo foi... para aí em 94, 95... por aí.

E – Depois de concluir a licenciatura...?

A – Deixei andar... entretanto, ia fazendo umas coisas, umas formações, isto e aquilo...

E – E para aí, há três anos...?

A – Entretanto, decidi... eh... pá, isto não é vida, vou fazer outra coisa.

E – E depois há 4 anos, entrou para Solicitadoria, foi isso?

A – Sim. Sim. E é isso. Pronto, fez-se normalmente, agora tivemos um período de estágio, e agora vamos fazer...aquilo é um exame simples, para fazer o exame à Câmara. E pronto, a partir dali, quem quiser exerce, quem não quiser, não exerce.

E – Exacto. Exacto.

A – Mas eu agora, virei para outra área. Pronto. Agora... agora, quero fazer Direito. São seis cadeiras...

E – Faz num instantinho, não é?

A – Se não fosse aqui o Mestrado, já tinha ido fazer este ano.

E – Já está quase a terminar, não é?

A – É.

E – Passa num instantinho. Isto passa num instantinho, não é? E então agora, eh... as razões... Quais as razões para o Mestrado? Há pouco falou na auditoria, que está mais orientado para a parte fiscal, mas quais as razões, efectivamente que o levaram a fazer o mestrado? O que é que foi...?

A – Isto agora... agora tornou-se ... os licenciados, são quase analfabetos. Agora... isto é, a 2ª... a 2ª era do analfabetismo, é ser licenciado. Portanto, para se ser alguma coisa, já tem que se ser Mestre, não é? (risos). Essa foi uma das razões, também. Mas também... porque eu, também podia fazer um mestrado qualquer, noutra área, por exemplo.

E – Hum... hum

A – Podia até ter feito um mestrado, em solicitadoria e não quis fazer. Eh... fiz também... esperei também, que fosse uma coisa que me interessasse, de certa forma. Queria fazer o mestrado, por uma questão do grau académico também, mas também numa área que me interessasse. E esta área interessa-me. Interessa-me porque eu trabalho com ela. Porque lido com ela todos os dias e porque quero fazer uso dela, pronto.

E – hum... hum. Mas ... foi de alguma forma, condicionado pela vida familiar?

A – Não. Não. Eu... eu... eu não sou condicionado por essas coisas. Não tenho limitações.

E – Hum... hum. Portanto, não houve alguém que lhe dissesse, que era boa altura para fazer o mestrado?

A – Não. Não.

E - Mas sentiu que a licenciatura é agora...

A – Bem... eu neste momento, já não precisava muito disto. Mas isto foi quase... eh... pá, pronto. Diz-se que o saber não ocupa lugar e depois também é um capricho meu. Já agora, faço, não é? Eh... porquê? Isto foi quase isso. Porque eu tenho um miúdo, que pronto... ele tem... vai fazer 26 anos, eh...fez cá o curso. Ele agora, até está em XXXX.

E – E também fez cá o curso?

A – Ele fez o curso... ele é da área do Marketing, do XXXX. XXXXXXXX. Entretanto, ele trabalhou cá, ele começou a trabalhar também, logo no 1º ano do curso. Arranjaram-lhe logo lá um professor pô-lo num sítio... ele já esteve quase em todos os laboratórios médicos, que havia em Portugal. Enfim, ele fartou-se disto, disse assim...isto já não dá nada, isto já não presta para nada. Isto está tudo mal... foi de férias a Nova York, um ex. chefe dele, que foi cá chefe dele, na... aí numa... numa área em que ele trabalhou também, da distribuição eh... daqueles produtos, daqueles que tratam dos produtos nas grandes superfícies, e não sei quê. Foi para os Estados Unidos também há seis anos. Fixou-se por lá, convidou-o para ir para lá, que ele está lá também numa área... na área farmacêutica, também agora. E ele foi.

E – E já está lá também há algum tempo?

A – E já está lá, há... está lá há um ano e qualquer coisa e agora, também está a fazer lá, está a fazer uma especialização, também... numa... numa... faculdade lá em Nova York e...

E – E é o único filho que tem?

A – É o único filho que tenho.

E – E já está crescido, não é?

A – Já está crescido.

E – Portanto... vir fazer o mestrado... uma das razões foi o grau, como disse há pouco e o conhecimento, é isso?

A – E o conhecimento, sobretudo.

E – Portanto, em termos familiares, eh... o tempo que despende aqui, não lhe trás...?

A – Não.

E – Não.

A – Eu sempre fui muito independente, muito autónomo. Eu tenho a minha liberdade e dou liberdade às pessoas. Isso... isso não colide com coisa nenhuma. Eh... pronto. Obviamente que... que se calhar me coíbe a mim... me inibe a mim de... de ter outro tipo de... de vida, ou ir com os amigos, alguns dias, e não sei quê, por ter que fazer isto ou aquilo, mas de resto, as pessoas estão perfeitamente, eh... preparadas e... e tudo está dentro do programado para ser assim.

E – A sua companheira também é licenciada?

A – É. É... É em... mas ela é de outra área completamente diferente. Ela é Fisioterapeuta (risos). É Fisioterapeuta. E como ela tem assim uma vida agitada, portanto... não há grande problema, por isso.

E – E porquê o ISG?

A – Olhe, porque... eu andei a ver onde havia, onde havia coisas na área fiscal. Eu conhecia isto já. Mas nem me passava pela cabeça, que isto fosse Grupo Lusófona, agora também.

E – Pois. É recente.

A – Pronto. Não fazia a mínima ideia. E... depois andei a ver onde é que havia coisas na área fiscal. Eu escolhi propriamente, não fui para... e havia no ISCTE, que era... mas não era... Era um Mestrado Executivo.

E – Hum... Hum.

A – Era um Mestrado Executivo. Já... entretanto, eu conheço uma pessoa, que... que está cá no Mestrado, que a conheço, através de um... um amigo meu. E que ela... telefonou-me e ela disse assim, eh... pá, sabes onde há? É no... no ISG, que eu também vou lá fazer (risos). Foi a XXXX |*Amiga*|. A XXXX que é minha colega. E eu conheço a XXXX, porque eu conheço um rapaz que... ela trabalha na XXXX |*Canal Televisivo*| e eu conheço uma pessoa que trabalha na XXXX |*Canal Televisivo*| há muitos anos e eles também se conhecem. E ela é que me disse. E eu

disse, ai é... eu também andei lá a ver e foi assim. E foi assim. O outro do ISCTE é um... um mestrado executivo. Eles, acho que vão alterar aquilo. Eh... parece-me. Mas pronto. Entretanto havia aqui, vamos lá ver.

E – Mas... mas a escolha, foi pelo facto, do outro ser um mestrado executivo, e este ser um mestrado normal? Ou foi porque também veio essa sua amiga?

A – Bom... como ela veio, eu também... disse pronto. Ok. E então... se vais... ela... ela...ela até já estava, ela na altura, já se tinha candidatado. Eu disse, está bem. O outro, eu não cheguei sequer a conhecer aquilo em pormenor. Porque como era um mestrado... eu disse bom... está bem. Mestrado executivo. Mas se este era um mestrado a sério, então prefiro fazer o outro. Pronto e foi assim.

E – E foram então, as razões determinantes para nos ter escolhido, é isso?

A – Sim.

E – Agora, com a conclusão do mestrado, que mudanças acha que pode haver na sua vida?

A – Pois. Vamos ver. Isso também tem a ver com o País, não é? (risos). Eu quero-me dedicar à área fiscal e alguma utilidade, isto vai ter que ter. Mesmo que eu faça a licenciatura, em Direito... Porque Direito tem... quero ir para a área fiscal. É uma das coisas que tenho definido na minha cabeça e portanto, isto para alguma coisa, me vai servir. Eh... Acho que profissionalmente me ajudará e penso que... até se quiser fazer... dar formação e não sei quê... Ainda há dois dias... eu é que não tenho tempo. Porque, porque posso dar formação e já não é a 1ª vez que o faço.

E – Hum... hum

A – Eh... Mas neste momento, não tenho tempo. Mas até para isso... e penso que o mestrado, de qualquer forma ajuda.

E – Mas porquê o Mestrado e não uma Pós-Graduação? Também há Pós-Graduações, na área da gesta fiscal.

A – Está bem. O Mestrado dá... confere grau académico. Uma Pós-Graduação, não confere.

E – Hum... hum. Mas acha que o grau académico...?

A – É importante. É importante também.

E – Como é que acha que as pessoas vêem o grau académico, de Mestrado em termos sociais? Acha que... que muda alguma coisa?

A – Não. Eu não me parece que a mudança seja significativa, nesse aspecto. A questão tem a ver com... com outra coisa. Por exemplo, eh... porque eu vejo mais as coisas, sob o ponto de vista profissional e de utilidade.

E – Hum... hum

A – Para mim, o grau académico... isso é uma coisa particularmente secundária.

E – Hum...hum

A – Mas repare, por exemplo, eu... eu se quiser fazer eh... eu tenho esta perspectiva, eu vou fazer a licenciatura em Direito. Para o ano acaba... Acabo com relativa facilidade e eu se quiser por exemplo, fazer também que ando a pensar, não sei se farei ou não, mas é uma hipótese, que é fazer o exame de acesso à ordem dos revisores oficiais de contas, eu já tenho uma série de “borlas” com este Mestrado, percebe?

E – Ah... ok.

A – Está a perceber? Há coisas que eu não tenho que fazer lá. Porque aquilo é um... uma formação muito intensa. E já há formações que eu não tenho que fazer. Percebe?

E – Mas vai ter que ir a exame, na mesma?

A – Vou ter que ir a exame, na mesma. Mas há coisas, em que me liberta muito.

E – Hum... hum

A – Está a perceber? Portanto, isto... eu vejo sobretudo o Mestrado, eh... sobretudo na área que escolhi, porque eu podia ter feito outro qualquer, se fosse pelo grau. Eu se fosse pelo grau, fazia outro qualquer. Não fazia este, fazia outro. Agora, eu vejo isto, sob... sob o ponto de vista, de mais utilidade. Quer a nível... quer a nível profissional, em várias... várias vertentes.

E – Hum... hum

A – Para mim, o grau académico, eu isso...

E – Mas acha que vai haver mudanças, em termos sociais, pelo facto de ter o Mestrado?

A – Não. Eu já estive... eu já fui a muitos países, em que os Doutores a sério, que são mesmo Doutorados que... até se ofendem, quando se lhes chama Doutores. Por isso, os graus académicos... é só isso?

E – Hum... hum

A – Eu no ano passado, estive de férias, num... num País em que um técnico de electricidade, ganha mais, que um Doutorado, em muitas áreas.

E – Pois... Há algumas categorias profissionais, que já quase não existem, não é?

A – Pois. Eu tenho um familiar meu, um primo meu soldador de... de profundidade, dos... das plataformas petrolíferas.

E – Hum... hum

A – E que tem o 5º ou o 6º ano. E de vez em quando, ele faz férias em Portugal e vem um avião buscá-lo para ir fazer uma soldadura de meia-hora ao México, por exemplo. A um poço de petróleo, percebe? Portanto, isto dos graus, tem a ver com a cabeça das pessoas, não tem a ver com mais nada. Está a ver...? Não é Doutor, não é coisa nenhuma, mas vem um avião buscá-lo.

E – Pois.

A – Vem um avião busca-lo. Ele está de férias e vem um avião buscá-lo, para ir fazer uma soldadura ao Golfo do México, por exemplo, está a ver (risos).

E – Portanto, o que quer dizer é que... que com este Mestrado, vai mudar muito pouco, a sua vida?

A – Não. Não vai mudar grande coisa. Eu... eu, há uma coisa que eu... que eu faço questão é que isto me vai ser útil e que eu..., para já porque gosto. Depois, porque acho que o Mestrado, nas áreas essenciais, tem qualidade eh... e que me vai ser útil e que eu vou tirar proveito dele, mas que não é uma questão, que eu faça... que eu faça questão de dizer, ou exhibir, olhem que eu sou mestre. Eu sou... isso para mim, é uma coisa... uma coisa de pormenor.

E – De pormenor. E... e para além de Direito, vai ficar por aqui? Como é que vê o futuro?

A – Não... Não. Agora, já não... (risos). Não. Direito, vou fazer agora e depois.... Eu tenho as coisas mais ou menos estabilizadas e quero seguir assim.

E – Hum... hum

A – não... vou ter que fazer. Há coisas que vão ter que ser feitas, porque isto... todos os dias, as coisas mudam e vamos ter que as acompanhar continuamente.

E – Hum... hum. Há pouco falou que... que a solicitadoria, iria ser uma espécie de... a Solicitadoria, iria ser uma espécie de part-time para si. Vai criar uma empresa, é isso?

A – Sim. Estamos a pensar. Eu mais duas colegas minhas. Elas... fazem muita questão que eu esteja lá. Portanto.... Elas querem-se dedicar a 100% do tempo aquilo, mas depois precisam de um suporte numa parte que eu tenho e que elas não têm. Portanto... é uma... é uma... é um conjunto de sinergias. Porque cada vez mais, hoje as coisas não se fazem isoladamente. Cada vez mais, as pessoas, tem que trabalhar de uma forma agrupada e específica, em várias áreas. Cada uma especializa-se numa área, porque ninguém sabe tudo e... e...

E – E acabam então, por ver em si, também essa polivalência?

A – Sim. Sim. Sim.

E – Portanto, o... o seu futuro, vai passar por continuar a trabalhar na empresa e ter um...?

A – Não. Nós aqui... o meu sistema de trabalho é assim: nós temos... eu trabalho com um colega meu que é revisor oficial de contas, que conheci cá no Instituto, quando andava a acabar Contabilidade e Auditoria e por sinal, é de XXXX, perto da minha terra e que nunca mais nos largámos. Entretanto, ele depois foi fazer acesso à Ordem dos Revisores eh... e nós fazemos e el... temos uma prestação aí para uma... uma empresa. Para uma sociedade de revisores de contas. Ou seja, eles têm montes de empresas, entre os quais o XXXX e montes delas.

E – Hum... hum.

A – Eh... e nós há uma parte daquilo que somos nós que fazemos. Portanto, nós prestamos este serviço a eles eh... e é assim, que funcionamos. Mas nós não trabalhamos nas instalações deles. Nós fazemos as empresas, mas temos um escritório nosso, que nós temos em XXXX.

E – Hum... hum.

A – Pronto e é assim que funcionamos. E é assim que eu quero continuar a funcionar, porque para já, porque gosto. Porque... porque gosto daquilo que faço e... e quero aproveitar, até porque a gente já tem muitos conhecimentos na área e quero alargar o horizonte e por isso também me quero dedicar particularmente à área fiscal, que é uma parte sensível. É uma parte, muito sensível. Eh... e daí, também ter optado por fazer, esta... esta formação e não outra e penso que conseguirei de uma... de uma forma equilibrada, continuado a fazer aquilo que... que estou a fazer, eh...e rentabilizá-la mais. Poder tirar mais proveito das coisas.

E – Hum... hum. Eh... e dado que estamos a terminar perguntava-lhe... porque podia fazer uma série de cursos de formação de executivos pequenos, porquê esta vontade, em evoluir academicamente?

A – A mim ensinaram-me, eh... a minha mãe eh... Os meus pais são de uma aldeia. Nasceram numa aldeia, lá recôndita em Trás-os-Montes

E – E como se chama?

A – XXXX, Concelho de Macedo de Cavaleiros.

E – Hum... Hum.

A – A minha mãe, era uma das poucas pessoas que na aldeia... a minha mãe faleceu há 9 anos. Faleceu com 82 anos e era das pessoas... das poucas pessoas na aldeia, que tinham a 4ª classe. Eh... e o meu pai que faleceu há 6 anos e faleceu com 92 anos, também tinha a 4ª classe. Eh... portanto, os meus avós, já incutiram a eles, já lhe deram aquilo que podiam, na altura que já foi muito. Porque ninguém da idade deles tinha. A minha mãe escrevia cartas para toda a gente da aldeia, quase. As pessoas iam lá, para ela escrever a carta para o filho que estava em França, que estava em Angola, na Guerra e não sei quê... eh... eu sempre fui... eu gostei sempre de coisas novas, de desafios novos. Eu não tenho jeito... Eu estou em casa a fazer o quê? A ver televisão? Acho... acho que há formas... outras formas de aproveitar o tempo. E então, se for a fazer coisas que nos realizem tanto melhor. E eu acho que não perco tempo nenhum. As pessoas é que dizem, podem ter a ilusão, de que se perde tempo. Eu acho, que não se perde tempo nenhum. Ganha-se tempo, conhecem-se pessoas novas, conhece-se gente nova. Eu por exemplo, os meus colegas, tenho lá miúdas, não é? Miúdas lá na turma. Elas se eu não vier, passam a vida a mandar-me mensagens. Porque não vens? Então não vens? Então baldaste-te? Então não sei o quê (risos), está a ver? E pronto é assim. E quase toda a gente lá. Portanto, eu sinto-me bem. Não... e acho que... que é bom e é pena que as pessoas... não aproveitem o tempo, ou se calhar, não éramos o País que somos.

E – Hum... hum

A – Eu não tenho muito jeito, para andar a... em Cafés e mais não sei o quê. Não tenho muito jeito. Eu só tenho dois vícios. É ir ao futebol. Gosto. Isso gosto. Já corri... já corri quase o mundo todo, com o Benfica (risos) não é? Mas... pronto. E depois, tenho outro vício que é... aprender coisas novas, e não sei quê. Não tenho muito jeito para...sou capaz de conversar... eu gosto muito de conversar com as pessoas e lá no... na ... no hall do meu prédio e até tem lá logo um espaço e sou capaz de estar ali 2 ou 3 horas a conversar com as pessoas. Só que não é por sistema, quer dizer. Acho que há coisas mais importantes, que se podem fazer. As conversas acabam sempre por cair no mesmo, não é?

E – No Benfica (risos)?

A – E nas rotinas do dia. E agora quem é o Ministro disto e agora, o que é que vão fazer? E agora, o que é que vai acontecer? É mais...e depois acaba por se cair na rotina e há coisas diferentes, para fazer. E tem que se aproveitar o tempo. Tem que se fazer aquilo que se gosta.

E – E gosta?

A – E gosto do que faço e cá estamos.

E – Agradeço-lhe desde já, a atenção, a disponibilidade e alguma coisa que precise, disponha sempre.

A – Muito obrigado.

E – Eu é que agradeço.

O Ernesto - Entrevista 4

Mestrado em Gestão | 50 anos

E = Entrevistador

A = Aluno

E – Pronto, depois de lhe ter falado sobre os objectivos do estudo, eh... do anonimato e da autorização para gravar a entrevista, começo por lhe perguntar, qual é que é a sua formação académica?

A – Eu sou licenciado em Relações Internacionais, pela Autónoma.

E – Relações Internacionais. Porquê? Porquê Relações Internacionais?

A – Inicialmente era para ir para Direito, depois... surgiu a oportunidade de ir para relações internacionais e nem sei porquê... eh... eu fui... fui e vamos ver o que dá. Não estou arrependido, de ter ido para relações internacionais.

E – Hum... hum

A – Direito, provavelmente no meu caso especial, era mais redutor. Obrigava-me a enveredar por outro... por outros caminhos. Eh... seguramente teria vantagens e desvantagens, como qualquer outro.

E – Claro. Claro.

A – Mas não estou arrependido, por ter ido para Relações Internacionais.

E – Mas... mas fez Relações Internacionais, há muito? Foi há muito tempo? Quando é que mais ou menos começou o curso e quando terminou?

A – Acabei salvo erro, em 95 ou 96.

E – Foi um curso de 4 u 5 anos?

A – 4. 4 anos.

E – 4 anos. Portanto, foi para Relações Internacionais... mas qual é que era o seu objectivo, em termos profissionais? O que é que acha que Relações Internacionais lhe poderia trazer em termos profissionais?

A – Na altura... eh... eu trabalhava, na área de produção. Ainda que toda a minha formação, fosse na área de... sei lá... das Letras.

E – Hum... hum

A – Eh... que teria que dar para qualquer coisa com Direito, Relações Internacionais, Sociologia e outras coisas, nessa área. O Direito era o... curso mais clássico.

E – Exacto.

A – Daí era aquele que aparecia primeiro, era... era Direito. Eh... não tinha na altura, qualquer relação, tirar um curso da área de letras, digamos assim, com a minha actividade profissional.

E – Ah... ok. Fez o curso então, enquanto trabalhador-estudante já?

A – Enquanto trabalhador-estudante. Eh... mas eu tinha um objectivo, que era tirar uma licenciatura.

E – Hum... hum

A – E essa oportunidade surgiu, quando se verificaram algumas alterações na minha actividade profissional, que me permitiu duas coisas: flexibilidade em termos de tempo e dinheiro.

E – Hum... hum

A – Para ir estudar e então... como digo, tentei primeiro o Direito. O 1º ano não deu. Não deu... a 1ª época, assim é que é, não deu. A 1ª época não deu. Na 2ª época, já não fui... já não experimentei Direito e... alguém me falou, já não sei em detalhe, mas alguém me falou em Relações internacionais. E eu disse para os meus botões, porque não? Vamos ver.

E – Claro. Claro.

A – E foi assim. Mas não tinha, quer dizer, não tinha... não estava ligado à minha actividade profissional. Não era... eu acabo o curso e ligo directamente à minha actividade profissional. Não. Curiosamente, depois de terminar a licenciatura, eh... e de ter entregue o certificado de habilitações, no serviço de pessoal da empresa, eh... o Director de recursos Humanos da altura, disse-me algo do género, eh... isto é um curso que dá para ir para a área das compras ou para a área das vendas. Cerca de um ano depois, eu fui para a área das vendas, onde estive 5, 5 ou 6 anos.

E – Depois de já ter feito o curso?

A – Depois de já ter a licenciatura, sim. E 5 ou 6 anos depois, mudei para a área das compras, onde estou hoje.

E – E antes de ir para a licenciatura, o que é que fazia?

A – Eu era... era o responsável por uma... uma unidade de produção, na XXXX. Era responsável de “turno”, que não tem nada a ver com letras, não é? (risos). Tem a ver com indústria, engenharia e essas coisas. Eh... e estive lá cinco... cinco anos e tal. Era uma actividade difícil. Difícil em todos os aspectos. Difícil porque a instalação era muito complexa. Difícil de gerir, mas motivadora. Por isso, uma equipa de 18 a 20 pessoas, também um pouco difíceis de gerir. Eh... quanto mais baixa é... é a formação das pessoas e mais difícil é o trabalho, mais difícil se torna a gestão delas.

E – Hum... hum

A – Mas foi muito enriquecedor e... e ajudou-me para o futuro em muitas coisas. A gerir durante esses 5 ou 6 anos, essas cerca de 20 pessoas e isso às vezes, eram complicadas. Mas isso foi... foi gratificante. E quando digo depois... 5 ou 6 anos depois, mudei para a área das vendas e 5 ou 6 anos depois mudei para as compras.

E – Mas não gostou da área das vendas?

A – Na altura, mudar da área das vendas para as compras, significava uma evolução na carreira.

E – Ah... ok. Eu pensava que as vendas eh... fossem mais bem pagas que as compras?

A – Teoricamente é assim. Na prática é relativo. Isso depende. Depende. No meu caso... no meu caso, não era, porque significava uma... uma evolução de carreira. Eh... eu passar das vendas que era um.... Estava lá uma pessoa e portanto não há lugar para dois e havia lugar para... para chefe de compras, nas compras.

E – E portanto, e manteve-se durante este tempo todo na... nas...Desde quando... desde quanto tempo, é que está nas compras?

A – 11 anos, talvez.

E- Onze anos. Mantem-se na compras, desde há 11 anos?

A – Entretanto, passei de chefe de compras, a Chefe de Departamento, nestes 11 anos.

E – A empresa, onde está é grande?

A – É uma empresa que tem 200 trabalhadores. Eh... se compararmos com a XXXX, é uma divisão da XXXX.

E – Hum... hum

A – Se compararmos no contexto actual, da economia portuguesa, não é uma grande empresa, mas também não é uma pequena empresa. Não é uma pequena-média empresa. Nem pelo número de trabalhadores, ainda que dentro daquela classificação de 50 a 500, está dentro de uma média empresa. Mas não... não a considero assim, pelo volume de negócios, também não. Eh... acho que temos mais para ser uma... uma grande empresa, do que uma média empresa.

E – Sim. Mas voltando um bocadinho atrás... eh... pelo que percebi, não continuou a estudar, depois do Secundário, correcto?

A – Quando terminei o secundário... Vamos por partes. Eu terminei o... o antigo 7º ano e que mais tarde passou a ser chamado 11º e fui para o 12º ano e tinha três disciplinas. Eu fiz duas e quando comecei a trabalhar, faltava-me uma. Já a trabalhar, conclui eh... essa disciplina do 12º ano, e depois parei aí uns 3 anos, 3 a 4 anos até que eh... surgiu a oportunidade de estudar novamente.

E – Mas porquê não fez logo? Porquê...?

A – Porque eu não fiz logo? Porque entretanto, a gente pensa em casar, constituir família e essas coisas todas e... fazer essas coisas todas, com poucos recursos, em início de vida e em início de carreira, alguma coisa fica para trás, que foi o caso. Ficou o estudo. Quer dizer, não ficou para trás, ficou a adiado, até que surgiu a oportunidade. Três a quatro anos depois, e eu fui estudar novamente. Depois em 95, salvo erro, conclui a licenciatura, depois estes 15 anos, fiz muita coisa, mas não estudei.

E – Mas não fez mais curso nenhum?

A – Só aqueles cursos de formação de executivos que eu acho que... (risos) |o entrevistado pediu para se desligar a gravação|

E – Exacto. É o fazer por fazer?

A - Não é totalmente. Não. É porque é muito curto. Quer dizer... às vezes o despejar de coisas, em... em 1 dia ou dois dias, não dá para consolidar conhecimentos. Não dá. Bom... são... e foi isso que fiz.

E – Fez muitos? Desses pequeninos, fez muitos?

A – Eh... para aí uma... uma dezena deles.

E – Mas dentro de que áreas? Das vendas? Das compras? Dos Recursos Humanos?

A – Tudo. Vendas, eh... compras, liderança, eh... produtividade, segurança...

E – Tudo pelas empresas, onde estava?

A – Pela empresa, desculpe.

E – Pela empresa onde estava. E na XXXX, não fez nada?

A – Fiz. Também fiz alguns. Antes da formação profissional, era... que começou pelos anos 90, antes disso, havia... havia internamente eh... algumas formações, muito práticas, muito viradas para o... o prático.

E – Hum... hum

A – Essas formações, agora uma grande parte delas, são muito teóricas e mais viradas para a área comportamental, liderança, produtividade, essas coisas... eh... formação de vendedores, coordenadores... Durante o tempo... Antes fiz alguns. Mas alguns deles, seguramente já perderam a validade, pela... pela evolução das coisas. E... foi o que fiz durante estes... estes 15 anos, até que surgiu novamente a oportunidade de voltar a estudar.

E – Hum... hum. E... e há pouco falou que começou a trabalhar e começou a constituir família e que também foram as essas as razões que o levaram a não entrar logo na Licenciatura. Em termos de ... em termos de categorias... Passou só por essas duas empresas?

A – Eu só passei por uma 1 empresa. Eu explico.

E – Ah... ok. Pensei que eram duas.

A – A XXXX, eh... no início dos anos 90, como grande parte das empresas nacionais, nacionalizadas na altura, eh... foi das que foi privatizada, logo no início dos anos 90 e eh... e a XXXX, foi dividida em três empresas, por áreas de negócio. 2 por áreas de negócio, outra por outros motivos. Áreas de Negócio de produtos siderúrgicos longos e outra área de produtos siderúrgicos planos e a terceira área que era... a que era para encerrar, ficou na posse do Estado.

E – Hum... hum

A – Eh... e então as pessoas transitaram da XXXX, para essas empresas, que foram constituídas, mantendo os mesmos direitos, regalias e actividades, tudo. Portanto, acabei por trabalhar sempre na mesma empresa.

E – Ah... Ok. Não fazia ideia. Portanto, pelo que percebi, durante esse nunca fez Pós-graduações...?

A – Não. Não.

E – E neste momento, disse que é chefe de departamento de vend... de compras, é isso?

A – Sim.

E – E gosta da sua actividade?

A – Gosto.

E – Gosta.

A – A minha actividade, para além de compras, tem uma pequenina componente de vendas.

E – Pois. Nas compras também tem a área comercial. Para comprar alguma coisa tem...

A – São 5% de vendas e 95% de compras. Eh... mas gosto da actividade que não é... não é rotineira eh... todos os dias, há situações diferentes, há contactos com muitas pessoas, com muitas empresas, muitas áreas de actividade. Uma empresa com aquele trabalho... compro de tudo. Portanto, desde economato, a mobiliário, a ácidos, matérias-primas, automóveis. Compro tudo. Como tal...

E – Muito bem. (risos)

A – É bastante diversificada a... a actividade.

E – Portanto, avaliando a... a sua actividade profissional, que tem já alguns anos... e sendo que é basicamente na mesma empresa, tem já, quantos...?

A – 30 anos.

E – 30 anos de trabalho. É louvável. Eh... e portanto, teve essas três actividades. Esteve inicialmente a liderar a liderar aquela equipa de...

A – Eu tive uma... uma fase antes, de dois ou três anos antes, num gabinete de controlo... controlo de produção, meramente administrativo. Até que depois, passei para a essa área de produção.

E – Hum... hum

A – E depois, então para a área das vendas e a área das compras. Eh... foi a 1ª actividade. Foi a 1ª actividade, foi essa que eu tive. Mais administrativa, do que... do que estar numa área de controlo de produção.

E – Ok. Eh... E agora, vamos... vamos para o Mestrado. Quais é que foram as razões que o levaram a... a procurar o Mestrado? Quais foram as razões? Porquê o Mestrado, nesta altura? O que pretende fazer?

A – Bom. Porquê? Oportunidade.

E – Hum... hum

A – E como eu sempre gostei de estudar, não me... enfim... não fiquei naquela de pensar... ter que voltar a estudar, não. Não me faz diferença absolutamente nenhuma. Porque é algo que eu gosto de fazer. Não é... não é um sacrifício. Não entendo como... vou fazer um sacrifício de estudar agora... e tal. E... hoje foi feriado municipal do outro lado. Eu das 8h30 até às 5 horas da tarde estudei.

E – Muito bem. (risos)

A - Durante a semana, não tenho tempo obviamente (risos). Tenho que pôr as coisas...em ordem. Não. Não me custa. Não me custa... para além do facto, de não ter tempo, ter pouco tempo para estudar. Mas não.... Mas é algo que não faço por... por contragosto ou por sacrifício ou por... eu faço porque gosto. E porquê eu vir estudar outra vez? Bom para além de gostar, porque alarguei horizontes; obter conhecimentos para a vida profissional. Nós fazemos muitas coisas durante muito tempo, até podemos pensar que fazemos muito bem. Eh... mas depois, é necessário saber o quê é que ... o que é que no mundo se faz. E o melhor sítio para saber, é na escola. O que é que se faz diferente? O que é que há de novo? Como é que os outros fazem? No fundo para sabermos se... não só para sabermos mais, como para sabermos e compararmos se aquilo que estamos a fazer está... pelo menos, está ou não está, a ser bem feito.

E – Hum... hum. Mas eh... porquê agora? Porquê não o fez antes? Porquê agora e porquê Gestão? Porquê que não fez um MBA ou uma Pós-Graduação?

A – Não. Pós-Graduação, acho que não... não fazia sentido. Podia fazer sentido o MBA ou uma Pós-Graduação. Eh... o MBA ir-me-ia ocupar mais tempo, que eu não tenho.

E – Hum... hum

A – O Mestrado, eh... o tempo... tive que conciliar, tive que ver, verificar se isto tinha algo.... Tentar saber, se tinha ou não tinha capacidade para... para fazer. Mais por isso, do que

qualquer outro motivo. O MBA, como eu digo, em termos de... se calhar, é pouco mais. O MBA, provavelmente são dois anos.

E – O conhecimento que tenho é que é só um.

A – Ah... agora é só já um também? O nosso mestrado é um ano e meio, eh... mas é o tempo também. Consigo ou não consigo, conciliar com o trabalho, com a vida familiar...

E – E tem conciliado?

A – Tenho. Vou levar a minha mulher ao trabalho, às 8 da manhã e vejo-a às 11 e meia da noite (risos)

E - E o que é que sua esposa diz de... de ter vindo estudar?

A – A minha esposa, normalmente nestas coisas, dá-me sempre uma resposta clássica. Tu é que sabes (risos). Portanto, é a resposta clássica.

E – É?

A – É obvio que ela também acaba por... por apanhar alguns salpicos destas coisas, não é? Porque eu já não ajudava muito, nos últimos anos (risos), porque chegava a casa às 8 e meia da noite. Mas agora ajudo menos, porque chego a casa às 11 e meia. Quando não chego, os dias que não tenho que vir às aulas, eh... tenho que aproveitar para tentar fazer alguma coisa. Portanto, ela então acaba por apanhar alguns salpicos, que é mais algumas coisas para fazer. Pois... tirando isso...

E – A sua esposa, é licenciada?

A – Não. Não é licenciada.

E – Não é licenciada.

A – Ao contrário de mim, a escola para ela, a escola é um sacrifício.

E – É um sacrifício (risos)

A – É um sacrifício. Tem a oportunidade de ir, mas não gosta, não quer. Pronto. O que se há-de fazer?

E – E dá-lhe todo o apoio, para... para...?

A – Sim. Já foi assim da licenciatura, quando eu fiz a licenciatura, os computadores estavam no início. Então os trabalhos, eu manuscrevia-os e ela batia-os à máquina.

E – Fantástico. Fantástico (risos)

A – Eu na altura... na altura trabalhava por turnos e manuscrevia. Deixava-os lá e ela ficava... no fim-de-semana, ela é que os batia à máquina.

E - Fantástico (risos).

E- E tem filhos?

A – Tenho uma filha, que acabou agora enfermagem e anda neste momento, à procura de emprego. Mas não está nada fácil...

E- Ok. Eh... Portanto, das razões que falou e enumerando um bocadinho as razões que o levaram a vir fazer o... o mestrado. Portanto, falou em conhecimento, gosto... e falou também na questão de ter neste momento mais tempo, é isso? Ou é o tempo do...do curso, do mestrado ser mais pequenino?

A – Não é o ter mais tempo, é ter o mestrado... eu conseguir encaixar o mestrado, dentro do tempo que tenho disponível.

E – E portanto... e basicamente o seu principal objectivo, como disse é vir fazer o Mestrado, por conhecimentos?

A – É essencialmente conhecimentos. Não. Não posso dizer que não tem nada a ver também com...com o consolidar eh... de... obter. Não. Para a carreira, não está directamente ligado à progressão da carreira.

E – Mas acha que não lhe vai trazer mais-valias, o facto de ter o mestrado... eh... em termos profissionais?

A – Mais-valias, vai. Não é uma situação que disse assim... bom, quando eu acabar o curso... já foi assim com a licenciatura... que eu não tinha garantido absolutamente nada.

E – hum... hum

A – Primeiro tirei a licenciatura, depois consegui mudar de actividade e portanto, não é... não é hoje o caso. Faço o mestrado e depois tenho uma promoção... tenho uma promoção. Não é nada disso. Portanto, serve-me para o trabalho actual, obviamente que serve. É saber mais, sobre o meu trabalho. Conhecimentos gerais, cultura e os conhecimentos que também me servem, para a minha actividade.

E – Pois. Então, vai-lhe trazer então mais-valias, para a sua actividade profissional. Eh... é possível então, que venha a obter mudanças, com a realização deste curso? Que mudanças é que acha...?

A – É possível mas não é expectável. É possível, mas não é expectável. Neste momento, não tenho qualquer expectativa, nesse aspecto.

E – Mas há alguma coisa que pretende fazer, depois de terminar o Mestrado? Há alguma ambição? Há alguma...? Porque vai ficar com mais um grau académico.

A – Verdade.

E – Para além dos conhecimentos... há mais alguma coisa? Alguma razão?

A – A... as empresas actualmente têm apostado em formações de qualidade, para os funcionários de cargos executivos.

E – hum... hum

A – Eh... porque aqueles cursos... aquelas formações de 2 ou 3 dias... enfim... é um pouco também isso. Na empresa ter apostado, na formação dos quadros superiores e dar formação de qualidade.

E – Mas dá formação na área da qualidade?

A – Não. Não. A empresa tem apostado em dar formação aos quadros, de qualidade | *a empresa paga o mestrado ao funcionário*

E – Ah... ok.

A – Sim, porque formação em qualidade, também tive alguns cursos de formação. Aqueles de 1 ou 2 dias e assim...

E – Sim... sim.

A – E isso também é um dos motivos pelos quais eu vim estudar. Agora dizer-lhe que depois de concluído, tenho em mente, fazer isto ou fazer aquilo. Não, não tenho. Não quer dizer que não surja. Eh... porque tendo a formação, pode surgir. Se não tiver, seguramente não surge.

E- hum... hum

A – Mas não foi por esse fim, que eu vim. Vim com o intuito de ganhar conhecimentos, não só de cultura geral, mas também para aplicar, na minha actividade diária.

E – E o título de mestre, como é que entra aqui?

A – Só acrescenta, mais conhecimento.

E – Só?

A – Só.

E – Ok. Veio com alguém? Conhecía alguém, quando chegou aqui?

A – Não.

E – Não conhecia ninguém?

A – Não.

E- Veio então, completamente sozinho?

A – Sim.

E – E porquê o ISG?

A – Eu lembro-me que... daquilo que falámos os horários... foi o que cabia dentro dos buraquinhos que eu tenho disponíveis.

E – Mas também há mais mestrados, com esta...

A – Verdade. Mas eu... não tinham dos que vi, não tinham este... não tinham este horário.

E – Não tinham este horário?

A – Ou era à segunda... sábado todo o dia. Segunda-feira todo o dia. Era algo, assim do género.

E – Hum... hum

A – Ou era à quinta e sexta-feira, todo o dia. Condensado em dois dias. Mas... a maioria deles, o dia todo.

E – Hum... hum

A – E havia um, já não me recordo, qual era a instituição, que eu achei que seria muito académico. E não... era exactamente aquilo que eu queria. Eu queria algo mais prático.

E – Hum... hum

A – Queria um mais ligado às empresas. Mais ligado à vida real.

E – Hum... hum

A – Daí, porque escolhi o ISG.

E – Ok. Foi então basicamente querer um mestrado mais prático e querer também, um mestrado que tivesse alguma disponibilidade de tempo, dentro daquilo que tem, correcto?

A – Sim. Que eu conseguisse encaixar.

E – E porquê Gestão? Porquê Gestão? Nós temos imensos cursos, todos com esse horário.

A – Era o que para mim, fazia mais sentido.

E – Nós temos o Marketing, Estratégia de Investimento e Internacionalização...

A – Verdade. Para a minha área de... de... área de actividade, fazia mais sentido, ou faz mais sentido, é Gestão.

E – Hum... Hum.

A – Marketing, enfim... talvez se eu tivesse na área das vendas... fizesse mais sentido. A estratégia de investimento e internacionalização, também para a minha empresa, não era exactamente...

E – A empresa não tem... não está ligada à Internacionalização? Não está a internacionalizar-se, é isso?

A – E ainda que esteja, não é... não será seguramente a área que considere importante.

E – Ok. Mas acha que ainda pode subir mais, dentro da área das vendas... ? mais do que já está?

A – De compras.

E – De compras, desculpe.

A – Não. Nas compras estou... estou no topo. Não há mais (risos).

E- Pois. Por isso é que lhe perguntava se poderia subir para uma outra área, dentro da...

A – Pois. Isto depende da organização da empresa. Sabe que a organização das empresas, enfim.. depende de quem... em determinado momento administra a empresa. Um acha que assim está bem, outro acha que não está bem assim e quer fazer um bocadinho diferente.

E – Hum... hum. Ok. Qual é a sua percepção ... está quase a terminar... qual é a sua percepção eh... relativamente agora ao término do curso? O que acha que vai mudar, quando for mestre? E não falo apenas em termos profissionais. Falo dos outros níveis também... Pessoal, social? O que acha que pode eventualmente mudar?

A – Não acho que mude nada.

E – Não acha que mude nada?

A – Não. Porquê? Porque eh... seguramente no aspecto social, aquilo que eu fiz com a licenciatura é a mesma coisa que farei com o mestrado. Quando me derem o chamado canudo, eu coloco-o lá na vitrina e não faço publicidade (risos) de...

E – Mas os seus amigos, sabem que está a tirar o Mestrado?

A – Alguns sabem que estou a tirar o Mestrado. Aliás falei com um deles, que... que também tem um mestrado e dá aulas na Católica. Eh... mas depois acabei por não ir para lá. Eh... e mais alguns sabem. Mas não faço publicidade.

E – Não faz publicidade?

A – Não.

E – E eles o que dizem disso?

A – Alguns ficam um pouco surpreendidos de... de aos 50 anos, de voltar a estudar novamente. Eh...

E – Portanto e mais...? Acha que vai ficar por aqui? Acha que ainda vai fazer mais cursos? Vai estudar mais? O que acha que ainda pode eventualmente acontecer na...na sua vida?

A – A única coisa que é garantida, é que eh... não digo que acabe aqui. Ah... quando acabar este, não faço mais. Isso não digo. Tudo depende.

E – Mas está a pensar fazer mais algum grau académico?

A – Dependerá da oportunidade. Dependerá de haver algo que... que eu goste de estudar. Neste momento, não está nada... não está nada previsto, nem planeado. Depende. Depois deste logo se há-de ver. Depois deste, veremos o que o futuro nos reserva a seguir.

E – Ok. Olhe, eu agradeço-lhe imenso a atenção e disponibilidade. Eu sei que já está um bocadinho atrasado para a aula. (risos) Obrigada por tudo.

A – Eu é que espero ter contribuído para o seu estudo.

E – Contribuiu com certeza. Obrigada.

O Nuno | Entrevista 5

Mestrado em Gestão | 52 anos

E = Entrevistador

A = Aluno

E – Pronto, então depois de falarmos do objectivo do... do estudo do anonimato da confidencialidade e da autorização para gravar a... a entrevista, começo por lhe perguntar, qual é a sua formação académica?

A – Gestão de empresas.

E – Porquê?

A – Eh... porque eu sempre trabalhei na área da... dos seguros e portanto, sempre estive ligado às áreas de coordenação, e a gestão era aquilo que era inerente à minha experiência profissional.

E – Hum... hum

A – E portanto, acabei por ir para aí, até porque... por alguma simpatia de algumas pessoas amigas que diziam: Não... você agora vai acabar o curso de gestão. Você tem as competências da gestão. Como sempre mexi em distribuição, e gestão de recursos humanos, em negócios na área financeira, seria natural, sobrepor estas três coisas, ou quatro metendo o Marketing, e vir parar à gestão. Porque associava essas 4 valências.

E – Hum... hum. E portanto, quando terminou a... a licenciatura?

A – Terminei em 2009. Portanto, eu já sou dos primeiros Bolonha.

E – Ok.

A – Eh... sou dos primeiros Bolonha, mas não fiz em três anos. Fiz em 4. Portanto, deixei 5 cadeiras, para ... para o último ano, porque houve meia dúzia delas que se arrastaram e depois eu fiz depois.

E – Por causa do trabalho?

A – Sim, essencialmente por causa disso. Porque o trabalhador-estudante tem sempre... é mais difícil ter tempo disponível para estas coisas.

E – Hum... hum. E porquê só agora...? Porquê só agora? Porquê essa vontade de só muito recentemente entrar para a licenciatura?

A – Eu ... já havia. Não havia... eh... faltaram dois factores: motivação numa determinada altura, até porque eu tinha... eh... originalmente... originalmente eu em 78/79, entrei no ensino superior Militar. Concorri à academia militar, fiquei... eh... e estive lá um ano. Acabei por sair, fui para o mercado de trabalho... fiz carreira...

E – Mas não gostou?

A – Não. Não por isso. Olhe porquê... Pelas infantilidades dos vinte e poucos anos. Queria ter independência Financeira, sair da casa dos pais. Toda a gente dizia, na... não faça isso. Não faça isso. Não faça isso. Eu saí do exército, hoje estou arrependido (risos). De facto, era uma das minhas grandes vocações. Até porque cresci no meio militar e entendia-me bem com ele.

E – Hum... hum.

A – Mas... eh... eh... depois tive um... um comportamento paralelo. Entrei primeiro, num primeiro emprego, sem... sem expressão, aliás dois ... dois empregos sem expressão e depois vou parar por acidente à actividade seguradora. Gostei. É... é um bocado binomial, ou se gosta, ou se odeia, portanto, eu acabei por entrar na área de sinistros, dentro da área de sinistros para a área negocial, depois enveredei pela área negocial, essencialmente em empresas e portanto, todos os sectores da indústria e da actividade de serviço que me galvanizou conhecimentos. Eh... depois tive sorte, neste processo, a XXXX companhia de seguros privados em Portugal, selecciona-me para os seus quadros, na função, há 25 anos e eu que tinha acabado de sair de um ano de formação, dentro da companhia de XXXX, EP. Entrei na XXXX Companhia de Seguros, SA; que era a primeira, depois da abertura financeira de... a seguir ao 25 de Abril.

E – Hum... hum

A – Perfeitamente novinho, com a teoria toda, e meia dúzia de passinhos de rua. E tive de facto uma prova de fogo. Tive de trabalhar accionistas e perceber o que era a relação de accionistas com o grupo empresarial. Rechearam-me a ideia que para mim, conhecia como... enfim... genericamente que era a ideia de mutualismo que estava associada aos princípios do XXXX que estavam decalcados ali. Portanto, tive que trabalhar com os accionistas, com o mercado de empresas e o mercado da grande distribuição dos seguros, que é a corretagem, e as sociedades mediadoras ... Enfim... Portanto, fiz aí, muita coisa. Aprendi muita coisa, na área das Industrias. Já trazia a experiência da XXXX, que é um pouco a Universidade dos Seguros.

E – Hum... hum

A – E de facto, acabei depois por me concentrar a fazer uma carreira, dentro duma companhia nova. Portanto, fomos 18 pessoas a fazer a companhia, durante uma série de anos. Ela faz este ano..., fez em Junho, 25 anos. E portanto, eu sou um dos fundadores. Portanto, e digo isto, com alguma vaidade pessoal. Enfim.

E – É normal.

A – Sou o empregado nº16 e hoje somos 650 e o número mais alto é o mil e qualquer coisa. Portanto, eu estou no nível dos primeiros.

E – Hum... hum

A – Tive sempre a meu cargo áreas de coordenação e de chefia. Fiz..., fiz esta parte que lhe disse. Portanto, as grandes empresas. Tive alguns tratamentos de choque, por exemplo, o grande incêndio do XXXX, começa num prédio, que era do XXXX, que eu fiz e ganhei a

proposta. Portanto, são... são verdadeiros comportamentos de choque, de uma série de coisas. Mas enfim... não havia crime nenhum naquilo. Sabia qual era o estado daquilo. Mas o edifício é actualizado 15 anos, antes de arder. É daqueles azares, perfeitamente extraordinários. Depois... eh... durante muito tempo, a companhia era muito nova, e eu durante 10 ou 11 anos fui formador dentro da companhia. Portanto, acabei por fazer formação de gerações de indivíduos lá dentro. Eh... mais tarde fiz o CAP, aqui há uns anos, no ISLA.

E – Hum... hum... hum

A – Ainda faço formação cá fora, como outsourcing também.

E – Faz lá dentro e lá fora, é isso?

A – Cá dentro e cá fora.

E – Ok.

A – Eh... Depois de uma determinada altura, a companhia teve uma reestruturação em 99, e eu fiquei, à frente da maior dimensão da companhia. Foi assim uma dor de cabeça que era... (risos) assim uma coisa, desde Castelo Branco às Ilhas. Portanto, e eu na altura, eh... a situação estava bastante difícil, eu durante 4 anos e meio, só fiz literalmente aquilo. Portanto, tinha um target, que era equilibrar as contas do... do departamento. Na altura geria, para lhe dar uma ideia da dimensão, geria 75 pessoas de 17 delegações e 20 milhões de euros de carteira. Portanto, eu geria uma mini companhia.

E – Fantástico.

A – Como... como gestor de canal. Portanto, eu fazia “corrupção”, sinistros e recursos humanos da minha área. Era uma área autónoma. Quatro anos e meio, perfeitamente à prova de fogo feitos, e consegui trazer eh... o departamento a um determinado nível, que foi extremamente interessante. Claro que no meio disto, passam por aqui experiências desde eh... da gestão de sinistros, desde ter que tomar as decisões de acordo com as regras que se tem na operação interna. Desde estar confrontado com situações de tribunal que se tem de defender a companhia... eh... desde ter feito, enfim... que foi uma das minhas paixões consequentes... eh... por exemplo, eu sempre fui fã de trabalhar com cursos públicos e concorrer ao estado. Portanto, eu trabalhava aquelas coisas ao... ao... ao...

E – Ao pormenor.

A – Ao pormenor. Eh... percebia o que é que... eu percebi que poderia perder no preço, nunca queria era perder no papel. Portanto, eu estudava e ficava intragável naquele período, quando havia um concurso público (risos). Aliás, ainda hoje eu digo na Companhia, quando... quando a administração, me dava orientações para ganhar. Deus... Deus me livre, eu só estava para a família e era em primeiro grau. Portanto, não estava para mais ninguém.

E – Claro.

A – Portanto, onde chegava ganhava.

E – Muito bem.

A – Consegui fazer coisas dessas. Mais tarde, vim a fazer consultoria, para municípios e que ainda faço de vez em quando. E quando me pedem a consultoria, garanto que quem lá vai... (risos).

E – Hum... hum

A – O mercado de seguros, é muito pequenino.

E – Hum... hum

A – Ao ponto de haver colegas meus, que têm... que são mais antigos nisto, e têm alguma sensibilidade no mercado e percebem quem é que está do outro lado, quando um concurso público é feito de determinada maneira. Porque percebem, que quem lá está, sou eu por trás (risos).

E – Hum... hum

A – As coisas têm que ser estudadas, de determinada maneira e aí, temos que mudar de atitude. Em vez de ser seguradora, tenho que me pôr como consultor, no lado do cliente. Portanto, tenho que ver as variáveis todas. O que é um choque de culturas. É um choque de culturas do funcionário de estado, em que eu tenho de lhe dizer: olhe, que isto é assim, assim, assado. E ele não quer, porque tem um modelo standartizado do outro lado.

E – Claro. Claro.

A – Depois, numa determinada altura começam a perceber. Ah... Espere aí Doutor, se calhar tem razão. Vamos fazer assim e assado. Pronto. Eh... Foi uma das áreas, que eu tive sucesso. Eh ... quando migrei por essa altura, para a área das ... portanto, eu migrei das grandes empresas e dos grandes negócios, para a província.

E – Pois era desde Castelo Branco?

A – Era de Castelo Branco até às ilhas. Portanto este país é perfeitamente ... aliás, eu comecei a defender o... o critério que de facto, nós temos diversos processos de diferenciação, que não podiam ser uniformes no país.

E – Hum ... hum

A – Dava alguma atenção com um membro da administração que achava que o país era todo igual. E que eu sempre disse, atenção que eu chego a Coimbra e eh... e a realidade do negócio de Coimbra é um e eu ando vinte quilómetros para dentro do país mudou. E eu apanho um avião estou nos Açores e país mudou, muda por ilha. Portanto nós temos de pensar de outra forma.

E – Exacto.

A – Portanto, foi um trabalho extremamente interessante, esse. Eh... e foi um dos mais enriquecedores. Esse associado à área das indústrias e das empresas onde eu aprendi realmente muita coisa no terreno e que me serviu para fazer uma série de coisas. De facto, o... o meu target é muito esse tipo de coisas. A partir de determinada altura eh..., chegado a

director, eh... há determinados estágios, que nós temos de passar para cima. E esses estágios, nós precisamos de vir beber os conhecimentos que temos do terreno, mas temos que os associar ao conhecimento académico.

E – Exacto.

A – Razão pela qual, eu quando tive um espacinho eu disse assim: Não, agora vou estudar.

E - Mas teve mais tempo. É isso? Começou a ter mais tempo para si?

A – Comecei a ter mais tempo, porque mudei de área, passei para outros projectos eh... menos desafiantes, mas com mais tempo livre.

E – Ah ...ok.

A – Com mais tempo livre. Eh... porque gerir uma direcção operacional e especialmente se somos muito críticos, nós temos de ter várias valências. Valências do comportamento social, em que temos de perceber as pessoas e conhecer as pessoas. Mas... coisas deste género. Uma delegação que está perdida algures, geograficamente no país, tem vida própria sobre todos os aspectos. Sociais, humanos, tecnológicos, enfim... A visão que têm dos serviços centrais, a forma como a mensagem dos serviços centrais lá chega. E quando nós começamos a recolher estes dados todos, e a avaliar estes dados e a comparar pessoas e comportamentos, encontramos assimetrias e muitas vezes a assimetria, está até na motivação de um “fulano” qualquer que tem um problema sério.

E- Exacto...

A – Eh... portanto... a liderança... a capacidade de liderança, que tem de ir para aí. Eh... pronto, eu tenho alguma formação militar, que me dá alguma “deformação” neste aspecto e uma das... Quando eu tinha 16 ou 17 anos, lia muito as... os grandes estrategas, os grandes militares, enfim... os grandes militares. Deu-me alguma curiosidade quando ... quando concorri à academia militar e o psicólogo que me fez a entrevista...

E – Tinha na altura para aí 17, 18?

A – 20 para aí. Eu comecei a pensar nestas coisas aos 10, 12, 14, 15. O meu pai era Sargento do XXXX, porque eu vivia a vida militar. Para mim tinha uma capacidade de comunicação normal.

E – Hum... hum

A – Então na entrevista com o psicólogo, achou que eu tinha uns conceitos muitos formais... muito duros, para a academia militar. Quem está a ler a escola militar de “Brussel e Groslistfell” e, pensa assim de certeza... Mas retomando a questão o que se percebeu sempre nos grandes líderes de estrutura e que têm 4000 mil anos de experiência, não é? Desde os egípcios as estruturas estão organizadas, testadas e pensadas até hoje. Hoje o que nós temos é tecnologia em cima, mas na essência toda a comunicação que é feita está estruturada desde “Antime”, portanto, teve várias épocas. Enfim... eh... o que se percebe é que o líder, que é alguém que se distingue com naturalidade, não se impõe. Percebe-se pela sua experiência, pelo seu conhecimento, etc. Tem de ter uma noção do front-office e do back-office. Portanto,

nós nunca podemos ter uma visão de liderança, com uma equipa ou de um grupo, se nos encolhermos dentro da zona de intervenção do ar condicionado.

E – Da concha, não é?

A – Da concha e lermos os gráficos. Portanto, nós temos que ir à poeira e perceber como é que as coisas funcionam. E um dos homens que foi muito emblemático, expurgando todos estes conceitos, desde... da política e da carga que isso tem, eh... o 2º conflito mundial ou a 2ª Guerra Mundial, é feita por homens que tinham a visão de chefia e de coordenação e que alteraram todo o modelo de... de pensamento da filosofia militar, da tecnologia militar académica.

E – Hum... hum

A – O que é muito curioso, é que o homem que desenvolve a teoria do Blitzkrieg, que é o general Heinz Guderian, que é uma mente espectacular, e um estratega fabuloso, eh... inspirou-se numa coisa que um senhor escreveu que se chamava “Degool” e que era um coronel de um exército francês na altura, e que foi ele que montou a 1ª teoria. E é de facto, Guderian que percebe que o que tem que fazer é o... é o Blitzkrieg, que é a Guerra relâmpago e que aquilo é o que hoje fazem as empresas, que é a combinação óptima, de um conjunto de experiências. Portanto, nós hoje precisamos dos serviços administrativos para uma determinada função, da informática para outra, das comunicações para outra... enfim...

E – Exacto. Exacto.

A – E dos recursos humanos, para outra. Enfim... portanto, vai juntando uma série de peças, para fazer uma determinada operação. O que aquele homem fez, foi pôr por escrito isto. Eh... claro que toda a “produção” destes líderes, está feita em escolas que começavam muito na experiência do terreno. O próprio “Romel” era um individuo que estava na frente, sempre. E portanto, era um individuo muito exposto.

E – Hum... hum

A - Eh... para sairmos do formato dos alemães, o próprio “Berthing” foi um... um... o militar mais mal educado, da... da.... Aliás, até o próprio... a demonstração de “John Siscot”, é extraordinária. Mas de facto, era um homem que estava na linha da frente. Portanto, estes comportamentos de liderança, chefia, de perceber o terreno, o que falávamos há pouco. O perceber no terreno, como as coisas funcionam...

E – Hum... hum

A – Ajudam-nos a perceber organizações, a estruturar organizações e a viver dentro delas.

E- Que foi o que fez?

A – Que foi o que fiz. Como eu tinha associado a isto, um conjunto de experiências, da parte técnica, de ter mexido em Industrias, enfim... o agente, numa indústria têxtil... sei o que é que vou à procura e noutra indústria também sei o que vou à procura. Eh... uma das grandes

vantagens disto, é pôr as pessoas a falar sobre aquilo que sabem. Sobre o melhor que sabem. Nós vamos adquirindo conhecimentos sobre eles.

E – Hum... hum

A – Sobre isso, vamos contribuindo uma estrutura. E... depois tinha uma vantagem profissional muito grande, para além de uma companhia pequena que vamos crescendo com ela... vamos amadurecendo com... com a organização. Portanto, aí não havia tempo para estudar.

E – Pois...

A – Pois era... Havia horas de entrada e não havia horas de saída e tinha que se fazer tudo, de facto. Eh... mas... percebi por exemplo no... no... na altura da Expo em Portugal e na abertura de Portugal à União Europeia, dos fundos comunitários, nós... eh... fomos beber uma série de experiências de indústrias e serviços, que de repente explodiram neste País, não é? Porque pareciam organizações e serviços de uma série de... e nós fomos aprendendo uma série de coisas, sobre áreas operacionais, perfeitamente distintas das nossas. Eh... lembro-me que uma vez, entraram na empresa, o aspecto exterior, nada dizia, e a meio da conversa, o senhor diz que faz sistemas de comunicações para as forças armadas francesas e para o programa ARIANE. O que era qualquer coisa de perfeitamente extraordinário. Lamentavelmente, isto não é divulgado em Portugal. Estas e outras... para quem me compreende, desta maneira. Portanto, a razão profissional que me leva a enriquecer estas coisas e a necessidade de voltar à escola, é achar que isto já não chega. Eu andei a adiar um projecto e está na hora. Tempo livre, mais disponível, vamos fazer. Objectivos por aí... eh.... Objectivos de continuar, aliás... eh... isto é... é natural da idade, não é? Temos aquele ditado de que se soubesse o que sei hoje, começaria mais cedo (risos). Eh... não era possível começar mais cedo. Até 2004, eu não tive de facto, hipótese de tempo disponível ou se teria, chegaria aqui completamente amorfo. Não havia nada.

E – Pois.

A – Aliás aquela Direcção foi completamente absorvente em todos os aspectos.

E – Hum... hum

A – Desde o aspecto operacional, ao aspecto humano, era complicado. Foi preciso gerir muita coisa e muitos conflitos. No meio disto, fomos comprando companhias pequenas e fomos absorver culturas, estruturas e organizações.

E – Hum... hum. E é um processo difícil?

A – É um processo difícil e portanto, há pessoas que nunca se integram na nova marca, no novo modelo, na nova imagem. A nova estrutura tem sempre um link a uma experiência anterior que não... não quebram.

E – Exacto. Talvez o medo da mudança...?

A – Medo da mudança do Shine, eh... o... o... a teoria do Shine, do vale de lágrimas, da adaptação e isso... e isso, nós viemos beber. Eu sentia essas coisas teoricamente, mas aqui

tenho-as explicitamente. Quando eu cheguei ao Ensino Superior, eu disse... ah... ok. Houve uma série de coisas, que para mim eu sorria com elas. Ah... mas eu já vi isso noutra lado (risos). Ou pior, já percebi que nós fazemos, como não se deve fazer.

E – Pois.

A – Esse é um dos... dos... E de facto, devo dizer que eu fiquei fascinado com o ensino. Com o ensino que se aprende nas Universidades.

E – Hum... hum

A – A minha mulher não sabe, mas eu vou continuar (risos)

E – A sério?

A – Sim.

E – Vai para Doutoramento?

A – Exacto. A minha ideia é continuar. Estabilizar aqui a parte da... da tese, que me preocupa bastante, porque aliás.... a Prof. Sacramento Costa, deu ali dois ou três abanões e tem imensa razão. Portanto, nós temos que trabalhar dados primários... que é o que está a fazer. Trabalhar dados primários, porque não podemos trabalhar só com dados secundários. E eu vou trabalhar na área que é a minha melhor experiência, que é a actividade seguradora. Pronto. Nós temos que trabalhar aquilo que realmente conhecemos. Pronto. Eh... a minha, paradoxalmente é uma actividade blindada. Portanto, eu não consigo entrar na porta do parceiro.

E – Pois. Não o deixam. É concorrência...

A – Não deixam. A actividade seguradora é aquela onde... eh... por incrível que pareça, há mais cartelização. Eh... e há coisas perfeitamente extraordinárias. Porque ... há cartelização até determinado ponto. Depois, vou citar o meu administrador. Diz que quando descemos as escadas, já toda a gente destruiu a cartelização e é verdade (risos). E há um dia em que entre 2 ou 3 directores, pregou-nos lá uma descompostura de não sei quantas coisas. Tinha saído legislação nova, de acidentes de trabalho e regras para não baixarmos os preços de mercado.

E – Hum... hum

A – Mas tínhamos algumas regras aceites entre todos. Nós podíamos fazer acertos de taxa de risco, até à milésima e sempre trabalhei com os algarismos significativos. E eu ia à milésima, mas fazia 4 casas e depois fazia o arredondamento.

E – Hum...hum

A – E um dia, dou a cotação para a XXXX, acho que era... e acho que aquilo tinha uns milésimos a menos e os tipos queixaram-se. A... a Companhia que ia perder o... o negócio, queixou-se na.... Na Comissão Técnica, do Instituto de Seguros de Portugal. Na empresa, veio tudo em pânico ter comigo e tal... Não. Não. Eu explico, como é que fiz as coisas. Foi assim, assim, assim e assado. Porque é uma formação dos concursos públicos. Eu sempre fiz taxas até à milésima.

Porque... se o grande factor do estado é o custo, então eu... se eu tiver que ganhar por um cêntimo, eu ganho por um cêntimo e vamos até aí.

E – Exacto.

A – Mas ah... Isto para lhe contar que isto é uma pequena parte da história, mas dá para perceber, como é que funciona este mercado. O Administrador chamou-me... isto não pode ser. Você tem que pôr isto na ordem. Não. Não. Isto foi feito assim, Doutor e tal. Ele acabou de dizer isto, que nós temos que cumprir regras e tal e não sei quê... e entra outra pessoa, por causa do negócio do não sei quantos, que era preciso dar uma taxa, mas já saía do contexto e a história foi outra. Pronto, já me estendi muito. É que depois, não me calo.

E – Mas eu gosto de o ouvir (risos). Portanto, falou que tem tido uma grande evolução na... na sua companhia. Eh... e que foi formador... e que....

A – E sou.

E – E é. Mas fez muitas formações fora? Como é que foi? Fez alguma Pós-Graduação?

A – Não. O que fiz, foi numa determinada altura, eh... que apareceu a obrigatoriedade de fazer o CAP. Fiz no ISLA.

E – Hum... hum

A – Eh... Não fiz Pós-Graduação. Eh... o que acontecia nisto, é que a Companhia chamava periodicamente, chamava algumas Universidades eh... lá dentro e deu alguns cursos internos.

E – Ah... ok.

A – Fiz um do ISEG. Fiz outro no ISCTE – INDEG

E – Hum... hum

A – Foi até o melhor. Foi até o Prof. Luís Recto, que é conhecido no mercado e foi... extremamente interessante e isso ia-me galvanizando e no ano 2000, eh pá, eu tenho que voltar à escola... todos os anos adiava. Eu tenho que voltar à escola... eu tenho que voltar à escola. Agora, a minha vantagem como formador, é de facto, de eu tecnicamente ser conhecedor de todas as áreas da actividade seguradora e são cerca de 30 e poucos ramos, mais ou menos. E como mexi em todos ao longo da vida, sou um generalista dos conhecimentos dali e sei trabalhar nisto.

E – Mas os cursos que teve, foi na área da Gestão?

A – Eram todos profissionais.

E – Mas dentro da área da Gestão?

A – Dentro da área da Gestão. Gestão nas áreas comportamentais: vendas, eh.... alguns cursos técnicos internos dentro da companhia. Também se fez muita coisa.

E – Hum... hum

A – Tive uma vantagem extraordinária. A XXXX... eu trabalhava há 4 anos na XXXX. A XXXX seleccionou-me para o mercado empresas e durante um ano, deu-me formação teórica e prática, sem eu trabalhar.

E – É muito tempo...

A – Um ano.

E – É muito tempo.

A – A Companhia punha-nos uma semana em sala, uma semana nos Departamentos, uma semana a estudar na rua com os mais velhos e voltávamos outra vez. Um ano. O que foi uma vantagem extraordinária.

E – Conheceu a realidade ao pormenor, não é?

A – Conheci. E a área de distribuição nas seguradoras, é a que melhor conhece Aliás, é a que tem mais sensibilidade, sobre o estado da....da empresa. Conhece as suas competências e as suas deficiências.

E – Hum... hum

A – Nós começamos a ter uma noção muito boa, da capacidade como é que a Companhia age, em determinados produtos, em determinadas áreas. Quando nós, associamos isto à passagem para a vida prática, vamos ao terreno, conhecemos as empresas, eh... são-nos postos problemas, sobre as empresas e nós temos que os tratar. Eh... ganha-se uma... uma competência adicional, nesta área que é enriquecedora.

E – Hum... hum

A – Quando perceberam isto, à medida que nós íamos admitindo, naquela época admitíamos 10-15 indivíduos de cada vez. Portanto, a companhia tinha 50, 70, 100, 150 pessoas, 200. Vão passando pela “mão” pessoas do País inteiro e portanto, foram levando... eu fui formatando a formação. Eles estavam comigo um mês. Eu explicava-lhes uma série de coisas que estavam dirigidas à área, para onde eles iam. Depois, estive 2 anos na formação da companhia, o que... aí não me... na parte, não de formador, mas como director da área e portanto... a coordenar a área e que me serviu para agilizar uma série de coisas. Já tinha tirado a formação de formadores e portanto, inverti um bocado os modelos da seguradora, eh... Tentei afastar as pessoas que tinham atitudes muito expositivas. Eh... e a terem interacção com os formandos. Terem avaliação da formação, no final das sessões...

E – Hum... hum

A – Depois de organizar pensei, vou descansar, não é? Vou para a formação, dou lá um dia, viagem, etc. e introduzi a avaliação da formação, no meio. Portanto, chateava as Direcções dos Departamentos. Agora, é assim... as questões que querem ver tratadas e sabidas na formação, façam um questionário se faz favor, e dê cá para nós passarmos à organização.

E – Hum... hum

A – Isso ajudou-me. Eh... pá. Espera aí. Eu vou trabalhar e fiz isto quer para os grupos internos, como para os grupos externos. Uma vez que os agentes de seguros, são canal de distribuição das companhias e portanto, também havia formação para eles e também passou a deixar de ser expositiva. Passou a formação prática. Depois, inovei ali noutra coisa, era um problema que existia na companhia, que era a formação dos caixas, que era teórica. Eh... punha as pessoas.... Isto faz-se assim, assim e assado e os miúdos chegavam às delegações e sabiam. Tive ali, dois ou três braços de ferro e consegui dizer à financeira: vocês peguem eh... num caixa, ou uma dezena de caixas, e peguem em casos reais, já feitos. Vou falar com a informática, para se criar uma base de dados autónoma e eles têm que replicar as operações. Conseguiu-se fazer o 1º curso, técnico-profissional de... de caixa e então, criou-se uma base de dados, isolada do sistema do... do sistema da companhia. As pessoas tinham fotocópias de documentos reais, já lançados e estavam perante o problema de lançar. E portanto, se havia 12 formandos, havia 12 computadores e 15 formandos, 15 computadores e havia um formador da financeira. Portanto, era ele que ia lá e dizia: o caixa faz-se assim. Portanto, learn by doing. O objectivo foi... foi esse e de facto, foi interessante nesse aspecto.

E – Portanto, enquanto formador, acabou por ter... por ter a mais-valia da sua experiência?

A – Exactamente.

E – A sua actividade profissional, foi então sempre seguros?

A – Sempre seguros

E – Sempre seguros?

A – Sou um animal dos seguros (risos)

E – Mas começou logo, com cargos de Direcção, Chefia? Como é que começou?

A – Não. Não. Eu entrei em 1983. Fui 1º eh.... Gestor de sinistros, fui estagiário. Estive três anos como gestor de sinistros de seguros de saúde. Era outro ramo, na altura... o seguro de saúde, veio para Portugal em 1979 -80. Trazido por uma senhora que estava na XXXX, que era a Dra. XXXX, que tinha estado nos Estados Unidos e tinha bebido o know-how dos Estados Unidos. E a XXXX teve abertura para abrir cá. Eh... e fazia a área particulares e a área empresas e portanto, já conseguia perceber bem, na altura, o que é que era o tratamento de um cliente particular e o cliente empresas. Que valências, que comportamentos é que tinham. Na altura, era ainda lançar em fichas, depois é que veio a informatização. Eh... Isso serviu para aprender uma série de coisas. Um seguro de saúde, é complexo. Portanto, eu tive o 1º contacto com a actividade, numa área que tinha alguma complexidade. Porque se acaba de associar a um conjunto de coisas. A experiência dos Médicos e a contratualidade da actividade seguradora. Portanto, há ali uma fronteira e há determinados momentos, que eu fui perguntar ao médico, como é? Olhe isto, é assim porquê? Portanto, acabamos por perceber coisas, do outro lado da medicina.

E – Hum... hum

A – E havia muita coisa que tinha que ser feita, por essa via. E portanto, acho que isto ajudou. Desde 83... eh... eu entrei em Março de 83, até 83, 84, 85... até 84... até 85, digo bem. 85, antes do final de 85, concorri a dois concursos internos. Um para a formação e outro para a área comercial e da formação, fui o 4º seleccionado. Havia pessoas, realmente melhores que eu e eu nessa altura, tinha ainda... era extremamente tímido, para estar exposto em público. Hoje, já perdi a vergonha toda (risos). Pronto. Já me curei. Ter 200 ou 500 pessoas à frente, já não me faz diferença nenhuma. Mas é perfeitamente inibidor, numa 1ª fase.

E – Exacto.

A – O que também nos leva a dizer que nós devemos falar, exactamente daquilo que sabemos e aí estaremos sempre tranquilos, seja à frente de quem for.

E – Exactamente.

A – Isso é uma das regras de ouro, da formação, como muitos professores, o saber impõe que haja um conjunto de conhecimentos, que tenham que ser expostos. Portanto, isso... antes do final de 85, até ao verão de 86. Portanto, é um ano praticamente, ali que eu estou na formação. Eh... estou no período de formação, para a área do mercado empresas, como técnico-comercial e é nessa altura que aparece a XXXX, em Junho de 86. Foi em Junho de 86, que eu já estou na fase final, deste ano de formação. Portanto, estas datas são bocadinho de 85 para trás. Isto dá um ano, se não dá o ano, dá onze meses, ou isso, em que eu sou convidado de surpresa, para ir para a... para a XXXX e entro no quadro das 18 pessoas, que dão origem à companhia.

E – Hum... hum

A – Eh... aí tinha embebido toda a informação teórica e alguma prática, incipiente do terreno, em termos de canal de distribuição, em termos de comercial. Depois a vantagem que tive ali, é que tive que ... que de facto, como lhe disse enfrentar a questão dos accionistas, dos particulares, das empresas eh... e de uma coisa que era novidade, que era a banca seguros. Portanto... a 1ª.... Nós temos algum pioneirismo nisto. Porque quando o XXXX, com o Padre XXXX, o grande obreiro, desta ideia é que o Padre XXXX e querer associar o Banco...banco de cariz metebolista, uma seguradora. Eh... começa a dizer: Não. Não. Se há uma seguradora, o crédito à habitação é para a seguradora do Grupo, o que deu grandes confusões no Mercado. Pois... as pessoas, não estavam habituadas, davam queixas, na comunicação ao front-office, não era o melhor. O Banco era perfeitamente arcaico... o banco tinha vícios internos de... havia uma economia paralela, lá dentro. Porque as próprias seguradoras do mercado, tinham criado canais de distribuição, lá dentro. Foi uma resistência de entrada, associada ao facto, de ser uma novidade, a pessoa chegar ao balcão, pedir um crédito e dizer-lhe meu amigo, o XXXX faz, mas é a XXXX, que hoje é perfeitamente perceptível. Logo a seguir, apareceu o BCP Ocidental, apareceu a Real, uns anos depois, apareceu a Global, que na altura, não tinha banco nenhum. Exactamente, não tinha banco. Como se pode... portanto, era a Ocidental BCP, a Lusitânia Montepio, eh... a... a Real BPN, que aparece mais tarde, a... a Vivali BPN e acabou por vender a companhia. Entretanto, a Açoreana, ainda não tinha ligações ao Banif, acho eu. Portanto... as coisas estavam um bocado.... Foi uma experiência extraordinária, porque eu aprendi e foi por

tentativa-erro, no learn by doing, do trabalho da banca seguros com o XXXX e acontece que em 1991, enfim...

E – Mas a sua categoria profissional, durante esse tempo... era...?

A – Desculpe, estava-me a distanciar. É assim, vou dar-lhe a cronologia. Enquanto estive na XXXX, eh... fui desde estagiário até... até subchefe de secção, que era uma regra, para os comerciais. Quando saí, para a XXXX em 82, eu passo logo ao nível 2, chefe de secção, 4 anos depois, sou promovido a chefe de serviço e... e 12 anos depois, a Director. Pronto. E o estágio que falta, é director-coordenador. Mas... pronto.

E – É o topo?

A – É. Portanto, foram o trajecto de chefe de serviços, para director, foi o mais longo. Foi o mais complexo, o que é natural. Também se percebe que tinha que haver maturidade, conhecimento, experiência, uma série de coisas.

E – Hum... hum

A – Entregar uma Direcção.... Não quero fazer difícil, a minha função, mas percebo que apanhei alguns sustos, quando me deram coisas, muito grandes. Enfim... eh... é diferente. Sequencialmente, este é o trajecto.

E – Mas, como é que foi parar aos seguros? Porquê que foi parar aos seguros?

A – Por... foi acidente. À procura de um empenho de jeito, vou parar aos seguros. Por conhecimento de uma pessoa amiga do meu pai, que não sei quem e fui para lá, como podia ter ido parar a outro sítio qualquer. Mas fui parar, por acidente, como disse e portanto, ali o comportamento é binominal. Ou se gosta, ou não se gosta. E eu acabei por gostar. Existem coisas que gostava e portanto, identifiquei-me sempre com... com essa experiência. Vender... vender em seguros e especialmente vender a empresas, foi o que mais me fascinou.

E – Hum... hum

A – A banca seguros, não tanto. A banca-seguros, é engraçada para montar e é uma maçada depois. Depois, é tudo igual.

E – É muito rotineira é isso?

A – Depois aquilo é rotina. Mas há pessoas que adoram fazer aquilo. Nós temos que perceber: ah... esta gosta de rotina, então, ok. Você agora faça lá o controlo disto e tal. Porque... eh... o que é perfeitamente aliciante é pôr a máquina a funcionar.

E – Hum... hum

A – Que tem uma curiosidade associada. Eh... a que eu estava a dizer no... no início disto. Eh... nós, numa determinada altura, nós tínhamos um núcleo de accionistas, que foram vendendo posição e há um banco em Portugal, que compra uma fatia, que é o ... XXXX.

E – Hum... hum

A – E quando entra o XXXX, é o 2º maior accionista, depois do XXXX e voltam-me a chamar. Eu tinha a banca seguros e disse: “Nuno”, você agora tem que ir o XXXX com... pôr o canal de distribuição banco... XXXX a pôr a funcionar com a XXXX. O que eu achei perfeitamente encantador. Tinha a experiência do outro lado, tinha algum efeito que... o efeito algo... que era, pronto. Porque acho que o XXXX é melhor que o XXXX e tive um perfeito choque. Porque o raciocínio é exactamente igual, as pessoas nas mesmas áreas, funcionam da mesma maneira, eh... e para o Bancário era assim: isso dos seguros é muito complexo. Nós aqui... o que é complexo aqui, é o crédito à habitação, depósitos, títulos de bolsa, etc. Isso, vocês assinam no rodapé e depois não pagam nada (risos). Portanto, a cultura organizacional, era essa. Era mais organizada, tinha menos anti-corpos, foi mais fácil trabalhar. Depois, não... Acabei por não concluir. Depois saí da... da Banca Seguros. Acabei por ir para um pouco front-office, no XXXX. Depois o XXXX foi comprado pelo XXXX e a estrutura reorganizou-se. Depois, eles acabaram por vender posição ao XXXX que tem 90% da companhia. Portanto, é o accionista de facto, eh... e de facto, acabei por não explorar muito o canal do front-office. Portanto, fui da Administração para baixo, até aos directores regionais. Ia a alguns balcões, mas já não explorei, como tinha explorado o outro. Também já tinha outras funções. Quando apareceu alguém... eh... pá... olhe se você não se importa, você fica, sem a banca seguros. E eu: está aqui (risos). Está aqui. Leve lá. Porque de facto, o mercado de empresas, para mim, era o melhor.

E – Eu estou a ver o tempo...

A – Não se preocupe. Não se preocupe.

E – Então, e agora relativamente às razões que o levaram à procura do mestrado? Porquê o mestrado?

A – Por várias razões.

E – Mas porquê este mestrado?

A – Eh... muito bem. 1º Nós chegamos ao fim de uma licenciatura e tomamos a... a noção da dimensão de que precisamos de saber, que não sabemos e é absolutamente assustador. Quando nós começamos a entrar, por todos... por todas as áreas das... das ciências empresariais e começamos a tocar na ponta do iceberg e perceber que para... para mundo... há um mundo imenso, complexo, num circuito em que precisamos nitidamente de aprender mais.

E- Hum... hum

A – 1º factor. Portanto, assustei-me com aquilo que me faltava saber. É o 1º. O 2º é de natureza perfeitamente emocional. De facto, eu devia ter vindo para a Universidade mais cedo, porque gosto de aprender e gosto de saber. É o 2º

E – Hum... hum

A – O 3º, perspectivei uma alternativa complementar minha, de vir a ser Professor no Ensino Superior e portanto, razão pela qual me leva a querer continuar.

E – Para o Doutoramento?

A – Para o Doutoramento e um dia vir a pegar numa área que tenha a ver comigo. Que eu conheça e que suportado pelos conhecimentos académicos que for adquirindo, possa a vir a ser professor também. Porque enfim... porquê? Porque tenho capacidade didáctica, tenho uma série de anos de experiência de formação. Eh... tenho aquilo que todos os professores deviam ter. Serem formadores. Perceber que só a capacidade didáctica e a função de ser agilizador do processo.... E tive assim, alguns professores, na Lusófona. Que concretamente sabiam, que tinham gosto de... de capacidade didáctica e necessidade de comunicar. Portanto, estas são as razões que me levam a continuar... a querer continuar e a interessar-me por um conjunto de Pós-Graduações que vivo dentro delas e ando para aqui... Bom... tenho que me centrar nalgumas e portanto, é por aí que eu quero fazer. Porquê este mestrado? Porque eu achei, que os conhecimentos adquiridos na licenciatura, que eram insuficientes e que eu devia aprofundar.

E – ok.

A – Também vive aqui outra... eh... já tinha este esboço e tive aqui a confirmação e devo isso ao semestre anterior, até com... com o Professor Silva Rodrigues, porque eu de facto, tenho que ir fazer cadeiras de economia. Micro, Macro, Econometria, pelo menos. E tenho de adquirir conhecimentos de economia, que acho que me faltam.

E – Ok.

A – Que a Gestão, não me deu.

E – Hum... hum

A – Pronto. Porque é preciso percebe-los, aprofundá-los e conhece-los mais. Que era uma das minhas expectativas.

E – Pois (risos). E diga-me, porquê e que não fez outro curso? Porquê é que se manteve na Gestão? Só foi mesmo para complementar a licenciatura? ou...?

A – Não. Eu estava dividido. Porque eu tenho outras paixões. Uma das paixões é o Marketing. Enfim... quem trabalhou anos, na Distribuição, quem é comercial, tem naturalmente apetência pelo marketing. Eh... entendi que 1º tinha que consolidar a gestão, razão pela qual eu quis vir 1º para a gestão. Eu não sou um individuo das áreas financeiras. Eu não me dou bem com as contabilidades. Tive maus professores de contabilidade (risos). Já não gostava e... e a pior cadeira e que demorou mais tempo a fazer, foi a contabilidade II. Levei débitos e créditos e tenho um irmão que é contabilista. Técnico oficial de contas (risos). Adora aquilo e eu digo: como é que podes gostar disso. Mas pronto. Ele adora débitos e créditos. Eh... e eu acho que é importante ler um balanço. Mas não sou apaixonado pelo balanço. Depois a análise de investimentos, era extremamente importante. Foi a tal que não correu muito bem. Depois, eh... esta era uma das áreas. Depois, tenho alguma apetência pelos recursos humanos, mas não... Não terei tanto. À medida que os meus conhecimentos académicos, têm vindo a... a aprofundar-se eu começo a ser menos paciente com as áreas de... perdoe-me a frontalidade, mas menos paciente com as áreas dos recursos humanos. Ensinou-me cada vez mais, as coisas de natureza técnica.

E – Hum... hum

A – Eh... a fazer análise económicas. Perceber como é que... como é que se deve investir num mercado ou noutra. Como é que se vai comunicar no mercado. Isto tem a ver com o Marketing e com a Economia. E são as razões que me levam a centrar aí. Eh... depois, há coisas interessantes, a Gestão financeira. Mas depois... começamos a entrar numa área muito técnica e é como falar da contabilidade e eu tenho alguns receios, nisso. Eh... depois, tinha como toda a gente, o pânico da... da matemática. Porque eu fui um mau aluno de matemática, no secundário. Eh... hoje, acho que é a cadeira mais fácil de estudar (risos). Eu... o processo da matemática, é um processo de treino constante, para o qual, nós temos menos empenho e mais trabalho de mão e de facto, é mais fácil que algumas coisas que nós temos que meter os conceitos na cabeça.

E – Exacto.

A – Tive uma ajuda extraordinária... eh... um dos... a estatística, era um dos tubarões da Universidade Lusófona. Aliás, acho que corremos, eu e a minha turma, todos corremos quase os professores todos, do departamento. Até que fomos cair na regente. E de facto, a senhora é absolutamente extraordinária. Tem uma capacidade de conhecimento... eh... e de ensino e de... faz-me lembrar aqui o Professor Francisco Comprido. Porque ela na 3ª aula, sabe o nome dos alunos. Tem uma capacidade de memorização, fora da média. Ela chega ali...

E – E sabe?

A – Ela não pergunta, se eu me chamo “Nuno”. Entrega. E vê-me uma vez por semana. E estar senhora é muito boa. Esta senhora fez coisas deste género: eh... no dia em que estive a dar... a dar combinações, foi máquina a máquina, dizer ao aluno, como é que se faziam as combinações.

E – Era a Professora XXXX?

A – Não. É... a Isabel..... eh... XXXX. Confesso que não me recordo agora. Mas acho que de facto, está mal aproveitada. Tem até algumas contrariedades, já se percebeu, até com... com os outros... coisas... Mas a senhora sabe. Sabe e tem gosto e paixão. E há lá outra assim, que dá.... Que dá... essa é a XXXX, se não me esqueço, que é a que dá contabilidade de custos, que é outra senhora com um alto nível de metodologia, como poucas. E de facto, e acho que toda a gente quer contabilidade de custos. Porque a senhora, sabe de facto ensinar, é uma profunda conhecedora e é um... uma pessoa absolutamente agilizadora, no processo de ensino. Pronto, não é chegar aqui “Maxie Devine”. Estes são conhecimentos. Isso é importante, mas é importante ter as pessoas em sala. Aliás a XXXXX, começou a ter um problema. Começou a ter a turma a transbordar. E eu ia dizendo algumas coisas a alguns. Queres fazer estatística, faz com a XXXXX. Não te metas com mais ninguém.

E – Hum... hum

A – De facto, era... é uma senhora extremamente metódica. Ela dava a teoria e a prática, na sala, não é? Não é preciso comprarem nada. Não é preciso livros, eu dou a teoria. Dava as

combinações, explicava o que cada sigla, queria dizer e qual era o seu contexto e devo dizer que toda a gente, veio de lá apaixonado pela estatística.

E – E porquê o ISG?

A – Por... muito bem. Por várias razões. Sempre ouvi falar muito bem do ISG. Eh... pessoas de outra geração, que cá estiveram, diziam que era uma escola muito exigente. E quando eu percebi que estava no Grupo Lusófona, disse: Não... Prefiro continuar no Grupo Lusófona. Não me sinto mal com... com o Grupo e portanto, se há um sítio, mais pequeno, de outra dimensão, vou para lá. Por acaso, a minha ex. mulher foi aluna do INP, há muitos anos (risos).

E – Isso é que é uma ligação...

A – A minha ex. mulher. Mas de facto, quando cheguei cá e percebi que o INP fazia parte do Grupo, disse: curioso, sempre ouvi falar no Instituto Novas Profissões, há muitos anos. Mas de facto... mas não... O ISG teve a ver com isto. Teve a ver com pessoas que eu conheço ligadas ao meio académico, pessoas com que eu trabalho, até na área da formação, até na área do outsourcing e que são alunos do ISEG e que no ISEG, e há 15 anos atrás e que falam do ISG, como uma empresa de referência.

E – Hum... hum

A – Perdão. Como uma escola de referência. E se o ISG estava no Grupo, eu queria mudar de escola e eh... apanhar novas valências, eh... e não estou arrependido, nesse aspecto. Acho que ganhei com... com isso.

E – Hum... hum. Há pouco falou que ia seguir para Doutoramento e que a sua esposa... não ia ficar muito...

A – Porque isto, é sempre um chatice. Porque eu tenho uma filha. Sou..., fui pai de uma segunda relação, com 45 anos. Para fazer a licenciatura, a minha filha, viu-me eh... 5 minutos por dia e via-me ao fim-de-semana. E ela, quando comecei a estudar, ela tinha 2 anos e pouco e lembro-me do 1º mês, do 1º ano, do 1º semestre, ela não dormia com dois anos, até eu chegar a casa. Portanto, eu saía das aulas e ia a correr. Ela estava 5 minutos comigo e adormecia.

E – Estava à sua espera...

A – À minha espera. E portanto, este tipo de coisas, teve uma série de coisas muito complicadas. Aliás, a minha filha, houve coisas que cresceu, que eu só via, de 8 em 8 dias. Porque era fim-de-semana.

E – Pois.

A – Hoje, está mais habituada, porque o pai vai estudar. Mas pelo menos... e diz pai, hoje vens e tal. Não, filha. Hoje, vou à escola. Depois, quer vir à escola do Pai.

E – Tem que trazer.

A – Eu à Lusófona levei-a. Aqui ainda tenho que a trazer cá. Porque depois, faz imensas perguntas e quer ver e tal. E quer ver fisicamente a escola. Mas claro que não fica satisfeita, com aquela preocupação, porque eu normalmente não estou em casa, não é? Pronto. E por metodologia de estudo, eu tenho que estudar fora de casa, porque a casa, tem muitas solicitações (risos). E não são muito confortáveis, não é? (risos) e que vão desde o biscoito, à televisão e o que eu faço, muito e porque eu gosto bastante, eu vou muito para a Biblioteca da Lusófona.

E – Ah... pois. Lá tem 24 horas, sobre 24.

A – Tem desde as 10 às 10 e meia da noite. Ou melhor desde as 10 às 22h30.

E – Tinha conhecimento que...

A – Mas isso é umas salas. Como tem muitos estudantes africanos, percebe-se que precise de ter... as pessoas não têm lugar... eu lembro-me de... estudar em salas que nos disponibilizavam em dias de inverno. Levámos uns aquecedores (risos) e via-se muita malta com pizzas a chegar à porta da faculdade (risos) nos exames, nas frequências do 1º semestre. Porque... é claro que nesse aspecto, tem melhores condições que a biblioteca aqui, que é muito pequenina, não é? É diferente. Não... não é desprestigiante por essa via. Mas acabei por ser um animal de hábitos, de chegar ali, montar o computador e ficar lá o dia inteiro. Acabei por estudar ali, a partir do 2º ano. Portanto, estou ali, vem alguém também estuda, depois tinha um grupo de estudo e estudávamos juntos, etc. Portanto, isso foi uma das... é por aí que eu também me oriento um pouco. Não tenho ideia de sair do grupo (risos).

E – E a sua companheira, também é licenciada?

A – Não. Eh... a minha mulher, fez o ensino secundário, completou-o, eh... depois trabalhou sempre em informática e sempre em multinacionais. Portanto, ela fez... trabalho na XXXX, depois XXXX, depois XXXX. Elas foram sendo absorvidas sucessivamente e depois da XXXX, XXXX outra vez. Eh... Entre a XXXX e XXXX, foi uma das vítimas da fusão, e portanto, teve que se vir embora. Hoje, dedica-se a uma área de modelismo. O modelismo feminino e bordado e não sei quantas coisas e foi criando a sua própria actividade, porque de facto, ela trabalhou sempre em áreas de mainframes e de outras áreas e que não tendo formações académicas de informática, quando se chega aos 30 e tal anos, 40 anos, já se sai fora do mercado de emprego.

E – Exacto.

A – Tem uma vantagem. Ela trabalhou sempre numa multinacional. Sempre foi pessoa que viajou muito pela empresa e conhecia os mercados. Lembro-me que na altura, ela tinha uma função daquelas doidas, que eles têm não sei quantas saídas, por exemplo... que eu nunca hei-de ter. Os informáticos... e ela chegou a dar pela XXXX formação na Republica Checa. Portanto, mandavam lá uma portuguesa fazer aquilo. Era uma funcionalidade qualquer de sistemas e ela ia lá dar. Portanto... nós olhávamos para aquilo.... Mas pronto, ela hoje nota que tem uma profissão liberal, trabalha em casa. Mas o marido não está, claro que acaba por ter essa obrigação. A razão de eu inflectir um pouco nisto, a actividade seguradora, está a chegar a um ponto e eu estou a chegar a uma idade, que vou ter que fazer outras coisas também. Porque

gosto de as fazer e porque eh... o estado actual da economia e da sociedade vai dizer que nós vamos trabalhar a vida inteira.

E – Exactamente.

A – Enquanto eu estiver lúcido e capaz, cá andarei a fazer coisas. Porque o mais desperdiçado da vida é sentarmo-nos no sofá a ver passar programas de televisão (risos).

E – Exactamente. Eh... então a família, de alguma forma o incentiva a vir...?

A – Sim. Com alguma preocupação por não estar, não é? Mas sim.

E – Veio com alguém da Lusófona para cá? Veio com algum amigo?

A – Eu trouxe alguns para cá. Porque eu comecei a puxá-los para cá. Um que é o XXXX...

E – Já sei. Já sei.

A – Tentei trazer mais uns 2 ou 3. Uns não... não... não vieram. Uns por razões financeiras, outros porque estavam..., um tinha entretanto, perdido o emprego e estava preocupado, porque não conseguiu, eh... depois como fiz o... o meu último ano, fiz noutras turmas, tinha... aliás, eu acho que fechei o 2º semestre do último ano, em beleza. Tinha uma cadeira do 1º, uma do 2º, e uma do 3º (risos) e às pessoas dessas turmas, fui-lhes dizendo para onde é que ia, e ainda hoje tenho contacto com eles e digo: olhe, se vocês querem fazer alguma coisa e se não quiserem sair do Grupo, vão para o ISG. O ISG, tem uma vantagem complementar, pelo facto, das pessoas que vêm da lusófona, têm mais algum benefício para entrar, é uma facilidade. Os Mestrados são muito caros, lá fora. A forma como... o ISEG e os outros pedem, é perfeitamente uma barbaridade e portanto, isto é atípico. Não percebo, porque é que o Estado, cria mais dificuldades que os privados (risos). Mas a Lusófona, à meia-noite tem alunos a sair, mas a cidade universitária...

E – É mais cedo...?

A – Pronto... e quem está aberto, é o local do desemprego. É a Filologia Românica, a Germânica e as... enfim... as Filosofias estão abertas e isto é perfeitamente anacrónico. Foram os privados que agarraram os... os mestrados, que agarram primeiro Bolonha e que se vêem cada vez mais mestrados, e etc. e estão aí.

E – Quando entrou para a licenciatura, como é que entrou? Fez os exames nacionais?

A – Não. Não. Fiz na altura... fiz um teste na Lusófona.

E – Para maiores de 23?

A – Sim. Para maiores de 23. Eh... eu nem queria ir para a Lusófona, porque diziam muitas barbaridades, da Lusófona.

E – Pois... tem muitos cursos...

A – Pois e muita gente. Onze mil alunos. É muita coisa.

E – É muita coisa. Com a conclusão do Mestrado, vai haver mudanças? Para além do... do Doutoramento, o que é que acha que o mestrado lhe trás, eh... em termos pessoais, sociais, profissionais?

A – Em termos sociais... profissionais talvez. Ganhei competências e abordo as coisas de outra forma. Eu vejo. É o 1º contexto. Depois, algo que meteria no meu espírito, de uma forma implícita e que aqui sei de uma forma explícita. Que é a... nós quando abordamos um tema, temos que estudar e dar-lhe uma conclusão. Não temos que fazer aquilo que as empresas e as organizações, muitas vezes fazem. Reúnem os dados que é o hábito que trazemos da licenciatura e aí, está aqui. Está aqui, não chega. Você está aqui, estudou, averiguou, conclua. Portanto, tem que trazer soluções. Eh... acho que o mestrado tem vantagens nisso, porque nós vamos para o mercado empresas, com a preocupação de encontrar soluções e ajuda-nos a pensar de forma perfeitamente formal. Quando se põe um problema, é preciso procurar resolver. Ainda que tenha alguma tendência para ser formal, faz-se um esforço para ver as coisas, fora do contexto. Nesse aspecto, sim. No aspecto social, não lhe sei responder, porque eh... hoje em dia, temos um super-hábito de muitas coisas, não é? Estamos com o mercado saturado de licenciados, eh... não é, por essa via. Portanto, o que eu procuro, é nestas competências, vir a melhorar o futuro. O meu saber e aplicar o meu saber, na vida prática, na empresa e fora dela, dentro do que tenho a fazer ou posso vir a fazer, mas muito dentro dessa via. Portanto, para fazer isso, melhorar o que sei e fazer coisas diferentes, dentro e fora.

E – É isso que vai mudar, na sua vida?

A – Sim. Sim. Seguramente.

E – Hum... hum

A – Enfim... Perdão. Tenho ainda um protótipo de projecto com uma empresa. Mas é ir e vir.

E – Mas é ... em termos de...

A – Em termos de formação

E – Sim. Mas é ligada aos seguros, ou é uma actividade diferente?

A – Em principio ligada aos seguros ou ligada a canais de distribuição.

E – Ah... ok.

A – A consultoria de empresas, a organização...

E – Sim. Mas está a pensar criar uma empresa...?

A – Não. Não.

E – É dentro da empresa, em que já está?

A – Sim. Dentro de onde estou. Eu trabalho, com mais uma empresa em Outsourcing e portanto, posso fazer por aí... alguma coisa. Até porque uma pessoa tem que ter ideias de ir além-fronteiras. O nosso mercado, é cada vez mais pequeno e portanto, não... não... me

assustam alguns... sou muito europeu. Eh... tive experiências profissionais de seguros em Espanha. Até porque tive acções de formação em Espanha e gostei. E percebi o mercado e é enfim...uma coisa... o mercado... o Luxemburgo é outro, que eu conheço relativamente. O mercado de Africa, não. Não conheço... não conheço assim alguma coisa de espantoso. O mercado nessa área interessa-me tentar fazer alguma coisa, mas não tenho... está longe das minhas expectativas, ir abrir empresas e para mim, está fora de questão. Em todos os aspectos.

E – Hum... hum. Agradeço-lhe imenso a atenção, a disponibilidade, tudo. Algo que precise, disponha.

A – Muito obrigado. E se precisar complementar alguma coisa, diga-me.

E – Está bem. Um grande obrigada, uma vez mais.

O João | Entrevista 6

Mestrado em Gestão | 59 anos

E = Entrevistador

A = Aluno

E – Pronto, então depois de termos falado aqui dos objectivos do estudo, do anonimato, da confidencialidade e da autorização para a gravação da entrevista, começo por lhe perguntar, qual é que é a sua formação académica?

A – A formação base, licenciatura em Ciências... Ciências militares navais, curso de engenharia mecânica naval. Fiz uma pós-graduação em Estratégia... em Gestão Estratégica Empresarial, no ISLA e estou agora a fazer aqui o Mestrado em Gestão.

E – Portanto... eh... mas fez a licenciatura na altura... quando foi para a tropa? Fez na tropa? Porquê essa licenciatura?

A – Fiz essa licenciatura, porque isto é um curso que existe na escola Naval, onde se formam engenheiros para a Marinha de Guerra.

A – Ah... ok.

E – Foi aí que entrei com 18 anos, não é? E aproveitei e segui a carreira militar. Estive na Marinha durante trinta e tal anos. Depois estive na marinha e depois vim trabalhar cá para fora e... entretanto fiz esse curso.

E – Mas porquê, esse gosto pela área militar?

A – O gosto, eh... tem a ver com tradições familiares. Eu tive uma pessoa da minha família que foi vice-XXX da XXXX.

E – Hum... hum. Fantástico.

A – Era militar exactamente e depois houve alguma tradição na família entre militares e médicos. E eu queria ir para medicina, o meu pai era militar (risos) e acabei por ir para... para a marinha.

E – E portanto fez essa licenciatura... logo com 18 anos.... Acabou por fazer o secundário...

A – Exactamente. Acabei o 7º ano do liceu, antigo 7º ano do liceu, exactamente.

E – Entrou para a marinha. Exactamente. Fez a licenciatura e depois... fez a Pós-graduação? Eh... há quanto tempo?

A – A Pós-Graduação é muito mais recente, não é. Durante o tempo que estive na marinha, fiz vários cursos, mas dentro da marinha, não é?

E- Mas cursos pequenos?

A – Cursos que têm a ver, com... com a área de especialização em engenharia em várias áreas. Soldaduras, manutenção... enfim... enfim, áreas muito ligadas à área de... de engenharia mecânica naval. Depois de sair da marinha, aqui há 4 anos, fiz o... o curso nos ISLA de... de... o curso, quer dizer, a Pós-graduação em gestão e estratégia empresarial. Depois de acabar essa Pós-graduação, então resolvi vir fazer o Mestrado, aqui para o ISG...

E – Mas porquê essa Pós-Graduação?

A – Fiz a Pós-Graduação, porque o meu objectivo é... é passar da... da área técnica, para a área da gestão. Portanto, eu entendi que o 1º passo, para quem estava muito orientado ...

E – Para a engenharia?

A – Muito para a engenharia, para a área técnica. O 1º passo, seria realmente uma pós-graduação. O ISLA na altura, facilitava esse... esse tipo, esse tipo de pós-graduação e em termos de custo e horário disponível e tudo... e realmente foi uma boa oportunidade. E aproveitei. Depois, senti que era insuficiente para aquilo que pretendia e então procurei fazer um... mestrado. Dentro dos vários mestrados que... que eu na altura estudei, eh... acabei por decidir por este. Por aqui, pelo Instituto Superior de Gestão.

E – Mas, eh... porquê o Instituto Superior de Gestão?

A – Bem. Devo dizer que não foi a 1ª escolha.

E – Hum... hum

A – A 1ª escolha foi... foi a Universidade Católica. Mas os preços realmente eram muito... muito elevados. Não sendo possível a Universidade Católica, eh... ainda estive no ISEG.

E – Hum... hum

A – Inclusivamente estive inscrito no ISEG. Inscrito quer dizer, apalavrado com o ISEG. Entretanto, por várias razões, eh... quando resolvi confirmar a ... inscrição, já tinham fechado as inscrições.

E – Ah...

A – E portanto, perante essa situação, eh... telefonei para vários sítios e entretanto fui ver, enfim... uma das coisas que me chamou a atenção, foi infelizmente, depois acho que nem se veio concretizar, enfim. Pelo menos era a minha expectativa.

E – Eh... eh...

A – Que era o Eng. Mira Amaral, que era efectivamente o responsável pelo mestrado de gestão. E eu como tinha, sob o ponto de vista técnico, uma boa apreciação da pessoa, entusiasmei-me e portanto, acabei por decidir pelo Instituto Superior de Gestão.

E – Hum... Hum. Portanto, há pouco falou que eh... frequentou muitos cursos. Todos esses cursos que frequentou durante a sua actividade profissional foram todos... cursos pequenos, todos orientados para a engenharia, é isso?

A – Exactamente. Tudo cursos virados para... depende... várias formações. Alguns eram de 1 mês, 2 meses, quinze dias, enfim.

E – Sempre patrocinados pela empresa?

A – Sempre. Nessa altura, quando eu estava na Marinha, era a Marinha que os dava. Depois, quando saí da marinha, vim cá para fora e portanto 1º uma ideia de fazer apenas Consultoria. Depois cheguei à conclusão que só consultoria, também era pouco e então... e depois vim a reatar a minha actividade profissional, eh... também na área da engenharia de manutenção e... e depois foi aí, que eu decidi começar a fazer um upgrade, não é? Com a tal pós-graduação e agora com o Mestrado.

E – hum... hum. E agora, qual é a sua actividade profissional, neste momento?

A – Neste momento, sou Director de um Departamento, numa empresa que é uma Multinacional, em Portugal.

E – Hum... hum. Mas já lá está, há muito tempo?

A – Estou desde 2001. Nesta empresa, estou desde 2001.

E – Desde 2001. Eh... era aquilo que pretendia? Eh... quando saiu da Marinha... praticamente saiu da marinha e foi trabalhar para essa empresa, é isso?

A – Não. Ainda estive... antes estive noutra, não é? E depois acabei por ir para esta empresa. Eh... é dentro da área, enfim, é... é dentro da área da minha actividade.

E – Hum... hum

A – Portanto... eh... estou bem. Entendi que realmente a área da gestão era aquela que eu sentia, mais... digamos vocacionado, nesta fase da minha... da minha carreira. Eh... e portanto, procurei, digamos a formação necessária, para poder desempenhar essas funções e essa também foi a razão, também para vir parar aqui (risos).

E – E então em termos de... de actividade profissional, em termos de cargos... em termos de ocupações, qual era efectivamente o seu cargo na Marinha? Era Oficial?

A – Sim... Sim.

E – Era Oficial. E depois?

A – Oficial Superior.

E – Oficial superior. Depois saiu e agora, está como Director, correcto?

A – Agora, estou como Director.

E – Ok. E então, quais as razões que então... que o levaram a procurar formação pós-graduada. Porquê? Há pouco disse que que na prática sente que... que tem que aliar a gestão à parte de engenharia, correcto?

A – Sim.

E – Mas porquê o Mestrado? Porque não um MBA ou uma Pós-Graduação?

A – Eh... Não. Eu fiz uma Pós-Graduação.

E – Sim, mas há mais Pós-Graduações, também dentro...

A - Eh... fiz a Pós-Graduação em Gestão, em estratégia empresarial, como lhe tinha dito logo. Depois, entendi que... que o que eu penso é que dentro de pouco tempo, só se tem cargos de chefia, digamos que a nível mais elevado, com... com Doutoramento. Eh... o caminho vai ser esse. E portanto, entendi que só a Pós-Graduação, não é suficiente e portanto, daí o mestrado. O mestrado, já me dá possibilidade de estar a um nível da gestão que eu ambiciono. Portanto, mais alto, do que aquele que neste momento estou, não é? Eh... neste momento, ou director de um departamento, mas a ambição é chegar a Director-geral e portanto, para isso... tenho que subir mais um bocadinho.

E – Mas eh... há pouco falou que só com doutoramento é que agora se chega a... a cargos de...chefia, de topo?

A – Sim.

E – Mas pretende também fazer Doutoramento, é isso?

A – Estamos... estamos a falar de empresas de dimensão. Não estamos a falar de PMES, não é? Penso que em PMES, não será assim tanto. Mas enfim...

E – Mas numa Multinacional faz sentido?

A – Sim. Sim. Digamos que a concorrência é muito grande, não é? Os patamares, são outro nível, completamente diferente e portanto, ou temos bases e temos capacidade de mostrar conhecimentos para podermos subir ou então, ficamos no mesmo sítio. É isso.

E – Mas vai tentar seguir para Doutoramento?

A – Eh... vamos ver... vamos ver. Eh... porque enfim... sabe que na vida, nós temos que ponderar vários factores, não é? Não é só aquilo que a gente quer. É também o que é possível fazer, não é? Face às circunstâncias da família, face... enfim a um conjunto de outras situações que têm que ser ponderadas no momento. Eh... para já, é terminar o mestrado. Esse é o 1º objectivo, espero no próximo ano, terminar. E depois de terminar o mestrado, vamos ver que oportunidades é que... é que se põem e em função disso...

E – Mas a família apoia-o ou...?

A – A família apoia-me a 100%

E – A sua esposa, também é licenciada?

A – Eh... Pois. Neste momento, já estou divorciado. Já não... já não estou casado.

E – Ah... ok.

A – Mas vivo com uma pessoa que é licenciada, também. Sim.

E – E os filhos? Tem filhos?

A – Olhe. Tenho 2 raparigas, uma é minha colega.

E – Interessante (risos)

A – Colega, entre aspas. Estamos os dois a tirar o Mestrado. Ela em recursos humanos... de gestão de recursos humanos no XXXX. E eu estou a tirar o mestrado aqui. De maneira que já nos tratamos por colegas (risos). Mas sempre com respeito (risos). Portanto, somos colegas (risos).

E – E a sua outra filha, também é licenciada?

A – A outra... a outra... eh... acabou por não... fazer nenhuma licenciatura e está a trabalhar já numa empresa. Na área também das vendas, não é? Mas essa não chegou a terminar a licenciatura.

E – Hum... hum. E quando veio para o ISG, veio sozinho para cá? Conhecía já alguém, quando veio para cá?

A – Não. Não. Não. Não conhecia ninguém. Ninguém. Exactamente. No instituto superior de gestão, não conhecia ninguém.

E – Voltando um bocadinho atrás, eh... exactamente ao objectivo. A razão principal então que o fez vir fazer mestrado, foi aliar essa formação académica, aos cargos que pensa ainda desenvolver?

A – É evidente que sim. É evidente que sim. Nós temos que ter sempre um objectivo, não é? Na vida temos que ter sempre objectivos. E portanto, ultrapassando... conquistando e ultrapassando... e a partir do momento em que atingirmos esse objectivo, é procurar logo outro. A vida sem objectivos, não tem... não tem interesse. Penso eu.

E – Hum... hum. Pois. Portanto, relativamente ao... ao curso... gestão, já percebi que gestão vem complementar a parte de engenharia. E é gestão que pretende e não outro. E agora, com a conclusão do Mestrado, acha que vai haver mudanças? O que é que acha que vai mudar, quando concluir o Mestrado?

A – As mudanças já estão a acontecer, não é? Mudanças já estão a acontecer. É evidente que eh... sinto-me mais à vontade em muitas áreas, que tinha, enfim... Não vim totalmente descobrir, mas pelo menos melhorar os conhecimentos e ficar estimulado, para investir um pouco mais de tempo, nestas áreas e isso... isto é importante. E portanto, tudo vai depender do que vai acontecer, no nosso mercado de trabalho.

E – Hum... hum

A – É evidente que se quisesse ir para fora do País, tinha facilidade em...mas isso com a idade que eu tenho, já não estou com disposição de ir para fora do País.

E – Hum... hum. Pois Angola...

A – África, sim.

E – Brasil...

A – Sim. Sim. Muitas possibilidades. Mas realmente sair do.... 1º tenho que... tenho que pensar que vou fazer 60 anos, em Outubro e portanto... não é que se possa dizer que a idade pesa, no sentido de que eh... já não temos a mesma, digamos a mesma energia que tínhamos com ... com 30 anos ou quarenta, não é?

E – Mas portanto, a única mudança que diz que pode eventualmente acontecer, é em termos de conhecimento. Mas acha que vai haver mudanças pessoais, sociais.... Quando concluir o mestrado?

A – Bem, quer dizer... sob o ponto de vista pessoal, a valorização pessoal é... é evidente, não é? Sob este aspecto, é importante. Depois é a valorização social, é sempre mais qualquer coisa, que a pessoa pode pôr no cartãozinho, não é?

E – Hum... hum. Exactamente (risos).

A – Essas coisas às vezes, têm... têm um impacto até nas relações sociais... e... no ambiente em que nos movimentamos, não é?

E – Hum... hum.

A - Depois, quanto ao aspecto da... digamos da aplicação profissional, em termos do chamado elevador social, digamos que isto não depende só de mim. Agora, a 1ª fase depende de mim. Quer dizer, eu tenho que ter essas... essas habilitações, depois é uma questão de oportunidade.

E – Hum...hum. E quando fez a licenciatura, eh... mudou alguma coisa, em termos sociais...? Mudou... depois de ter concluído a licenciatura, acha que também mudou alguma coisa?

A – Não. Repare. Não.... Não. Não se nota, porque a licenciatura...

E – Porque estava num ambiente diferente?

A – Foi... foi na sequência da formação normal. Portanto...

E – E depois manteve-se por lá, não é?

A – Mantive-me por lá, durante 30 e tal anos e portanto... fiz a carreira eh... de sucesso. Por acaso, foi uma carreira de sucesso. E portanto, digamos que cheguei ao nível que eu... eu pretendia subir, nos escalões todos e portanto cheguei até aquela idade em que eu saí da marinha, portanto saí já na patente de Capitão de Fragata, que é o equivalente a... a tenente coronel. E portanto, dentro... dentro digamos da... da “estima” de promoções que existem nas forças armadas. Portanto, do ponto de vista, da realização pessoal, isso foi... foi conseguido. Depois foi, digamos que mudar o objectivo de eh... procurar outros níveis de desenvolvimento pessoal e ao nível profissional. Mais vocacionado para a área de Gestão que é aquilo que eu

neste momento acho que tenho... que tenho estas duas... estas duas valências, que acho que são... Para já, tenho uma parte técnica, estruturada e muito experiente, não é? Se agora aliar isso a uma área da Gestão, penso que tenho um potencial muito grande, para poder... aplica-lo enfim, em qualquer empresa, que eu possa fazer essa actividade.

E – Mas acha que com a conclusão do Mestrado, fica mais próximo de ser director-geral da empresa, onde trabalha?

A – Não. A empresa onde eu trabalho... não terá que ser aquela.

E – Sim. Exactamente. Mas pode ficar mais próximo... mas pode ficar mais próximo?

A – Sim. Sim. Sim. Sem dúvida, nenhuma. Sem dúvida, nenhuma.

E – Hum... hum

A – Isso conta, não é? Evidentemente que isso conta. Não é... não é o único factor, como é evidente.

E- Claro. Claro.

A – Uma empresa multinacional, com origem em França e está espalhada pelo mundo todo... Portanto, é evidente que quando abrem lugares, digamos que quando abrem lugares, digamos vagas em determinados sítios, concorrem várias pessoas e o 1º filtro... o 1º filtro é o currículo, não é?

E – Claro. Claro.

A – No currículo tem a formação académica e portanto, o 1º filtro, se a pessoa está naquele patamar muito bem, se não está, não vale a pena concorrer. Percebe a ideia?

E – Hum...hum. Portanto, a curto prazo, quando terminar o mestrado, pode... pode não mudar muito a sua vida?

A – Pode não mudar nada, em termos profissionais, não é? Depende daquilo que acontecer, não é?

E –Ok. Hum... hum

A – Ninguém me diz, fazes isto e tens aqui lugar à tua espera. Não. Fazes isto e agora... enfim, dentro daquela empresa ou fora daquela empresa, será uma questão... só o destino é que... que saberá bem.

E – Mas... e em termos sociais para... finalizar. Acha que pode haver mudanças em termos sociais?

A – Não. Não. Não. Nesse aspecto, não. Acho que valoriza, valoriza realmente as pessoas. Agora, não... no nível social em que... em que me movo. Já é a um nível alto, não é? Nesse aspecto, não sinto qualquer necessidade de... não é por aí que digamos as coisas vão lá. Agora, a questão é que efectivamente a pessoa, eh... e muitos dos meus amigos, ficam satisfeitos e admirados e dizem, eh... lá... mas então estás com essa idade e andas agora na escola, outra

vez. Pois... ando agora na escola e não sei quê.... Portanto... eu acho que as pessoas sentem, eh... um certo carinho e valorizam muito, valorizam muito. As minhas filhas também valorizam muito. Valorizam muito. Dizem até que estão muito orgulhosas de... saber... de dizer que o pai está outra vez a estudar e não sei quê. Então, mas olhe... o meu pai, tem 60 anos e está outra vez a estudar. E às vezes com ela, há competição de notas e tudo. Quanto é que tiveste? (risos)

E – Isso é muito engraçado.

A – É verdade. É verdade. Nesse aspecto é uma experiência fora do... do vulgar.

E – Muito bem. Muito bem, eu não o maço mais. Agradeço uma vez mais, toda a atenção e disponibilidade. Algo que precise, disponha. E agradeço-lhe imenso. Mesmo muito.

A – Espero que tenha sido útil.

E – Com certeza que sim. Com certeza que sim. Obrigada.

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 1

O António: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
A					
B	Qual é a sua formação Académica? Porquê?	Licenciatura em Comunicação Aplicada - UHLT	<i>"Porque a minha área sempre foi comercial, portanto...eu sempre estive na área comercial, eh... e desde... 86 e pronto, fazia todo o sentido, eh... tirar o curso na área... na área da Comunicação e do Marketing."</i>	1	. Analisou o conteúdo programático, gostou das cadeiras de Marketing e decidiu o curso, baseado na actividade profissional
			<i>"Por duas ordens de grandeza...1º tenho 50 anos, 2º a vida é agitada, 3º eh... 3º precisava de uma faculdade... ou melhor... precisava de estudar nalgum lado, em que não tivesse grandes problemas logísticos"</i>	1	. Idade A localização da faculdade, foi determinante para a selecção do curso de licenciatura
			<i>"(...) e portanto, achava... que para já... o meu objectivo era também ter a licenciatura... eh... e eventualmente, numa hipótese muito remota, fazer o mestrado. Remota"</i>	2	. O mestrado, era algo secundário.
			<i>Porque o Direito era o curso do meu coração e o Marketing, era... pronto... o curso mais pragmático, ou seja, mais relacionado com a minha actividade.</i>	5	. Esteve indeciso, com o curso de Direito
			. Entrou pelos maiores de 23 <i>"Entrei pelos maiores de 23, pronto."</i>	10	. Licenciatura Pós-Bolonha
		. Terminou em Julho de 2011	<i>"Terminei a licenciatura, nem há um ano. Terminei a licenciatura em Julho de 2010"</i>	2	
		. Fez como trabalhador-estudante	<i>"A trabalhar e a estudar"</i>	3	
		. Importância da Licenciatura	<i>"Relativamente à questão da licenciatura, pronto.... Para mim, foi um... era um aspecto para mim crucial, era como... era como morrer e não ter feito tudo o que tinha que fazer na vida"</i>	10	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 1

O António: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
B	Já fez alguma Pós-Graduação? Porquê?	Nunca fez	<i>“Não. Não é que não queira fazer, ainda não morri”</i>	3	. Se valer a pena, pondera fazer. . Revela o factor económico, determinante na realização deste tipo de cursos
C	Que outro tipo de cursos frequentou? Porquê?	Curso de especialização em Marketing - 1 ano IPAM	<i>“Fiz um de Marketing eh... de um ano lectivo inteiro...”</i>	4	. Ainda não era licenciado . Este curso foi pago pelo aluno
			<i>“(...)No IPAM (...) gostei imenso daquele curso. Acho que foi um curso muito bem montado, os <u>professores</u> eram muito <u>exigentes</u>. Eh... mas <u>aprendi muito</u>, ponto. E muito que soube, durante muitos anos, foi à “pala” desse curso. Porque acho que foi um curso, foi... foi bem empregue... empregue, o dinheiro que gastei.”</i>		
			<i>“Não serviu para nada, não dei titulo nenhum, não é Pós-Graduação, não é isto, aquilo e aqueloutro. Mas... na verdade aprendi”</i>	5	. Relevância à questão do titulo académico
		Cursos Pequenos 30/40 horas:	<i>“(...)dois ou três da qualidade, porque fui “processioner”</i>	5	. Regra geral, os cursos foram feitos nas empresas onde trabalhou
		.Qualidade			
		.Finanças (taxas de juro)			
		. Direito do trabalho			
		. Vendas	<i>“(...) depois também fizemos cursos internos eh... para... de ... uma forma de agir, em determinadas situações e de vender os nossos produtos”</i>		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 1

O António: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
D	Qual a sua actividade profissional, neste momento? Porquê?	Empresário e Consultor	<i>"(...)sou empresário em nome individual"</i> <i>"O que faço neste momento, é consultoria. E portanto, faço consultoria também no âmbito da Gerontologia. Porque.... a Associações basicamente"</i>	6	. Área de Gerontologia (Economia Social) . Cliente: Associações . Deduz-se pelo discurso que nesta empresa, também era sócio-gerente . Área de mediação imobiliária
	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?	Chefe de Vendas	<i>"(...) eh... depois tinha uma outra empresa, que era uma empresa de mediação imobiliária"</i>		. De 2 empresas na área da formação
		Sócio - Gerente de três empresas	<i>"(...)ou se quiser Gerente, sócio-gerente, de... de 3 empresas"</i>		
		Secção de Pessoal	<i>"Foi-me "atirada" a Direcção de recursos humanos e nessa aprendi muito"</i>	5	. De 1979 - 1986 . Aqui aprendeu muito. Fez muitos cursos em Direito do Trabalho
		"Financeiro" e proccessioner	<i>"era responsável financeiro da área"</i> <i>"esta empresa onde eu estive mais tempo, foi... foi... fizemos muitos poucos cursos, porque a empresa apostava pouco nisso. Pronto. Portanto, queria era paz e sossego e que as pessoas trabalhassem e que... que tudo funcionasse"</i> <i>"esta empresa onde eu estive mais tempo, foi... foi... fizemos muitos poucos cursos, porque a empresa apostava pouco nisso. Pronto. Portanto, queria era paz e sossego e que as pessoas trabalhassem e que... que tudo funcionasse"</i>	5-6	. Esta empresa, foi onde estive mais tempo e a que apostava menos em formação . Com a formação, haveria menos produtividade
			<i>"Até que há um dia, em que... em que.... Ou me promovem ou despromovem ou... isto não pode ser assim. Porque 16 anos.... a perspectiva é mais 16 anos. Oh... pá calma...eu tinha na altura 48 anos e disse... pá já me chega. Quer dizer, mais 16. Quer dizer, eu chego aqui de bengala"</i>		. Este 16 anos, nesta empresa . Não foi promovido . Demitiu-se com 48 anos . O facto idade, fê-lo questionar, se deveria continuar, numa empresa, sem prespectivas de evolução futura . Reconhece a diferença entre ser Empresário e
			<i>"... resolvi pedir a demissão. Foi aquilo que eu achei mais sensato"</i>		
			<i>"(...) porque fui "proccessioner"</i>		
					. Actividade na área da qualidade

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 1

O António: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Quais as razões que o levaram à procura de formação Pós-graduada?	. Descrédito da Licenciatura Pós-Bolonha	<i>"(...)ter a licenciatura, neste momento, pós-bolonha, é mais ou menos irrelevante. De maneira que decidi-me pelo Mestrado"</i> <i>"É assim, entendi que a licenciatura não chegava e pensei, ok. Vamos fazer Mestrado"</i>	3	. Pôs de parte, fazer um mestrado, na continuidade da licenciatura (Comunicação integrada). Acha que seria fazer mais do mesmo. . Não foi fácil, aceitar vinda para Gestão
		. Não parar	<i>"(...)se paro, nunca mais faço nada, pronto. Isto ou se entra ou não se entra e portanto, esse aspecto... houve vários factores, o 1º aspecto, é se eu paro acabou-se"</i>	7	
		. Factor idade	<i>"Tenho 50 anos, pronto"</i>		
		. Factores económicos	<i>"(...) pesaram aqui, factores económicos"</i>		
		. Pouco Reconhecimento do curso de Licenciatura	<i>"(...) já que vamos para uma coisa diferente, então vamos fazer uma coisa, com mais suporte e que dê mais valor ao curso, porque depois percebemos que, de facto o curso, é um curso que não tem reconhecimento fantástico, porque não tem matemática, não tem isto, não tem aquilo"</i>		. Referencia a Gestão, como algo difícil, trabalhoso, mas com valor . A ideia inicial, era fazer o Mestrado em Marketing
		. Vir acompanhado	<i>"(...)este acabámos, é sempre que estou a falar, eu e o XXXX colega da licenciatura , porque andamos os dois a decidir, um bocado isto"</i>	8	
	Porquê este curso e não outro?	. Aconselhado pelo Departamento, a fazer Gestão	<i>"Mas sempre em todas as pesquisas que fizemos, foi sempre na área do Marketing"</i> <i>"(...) até que depois..., enfim...tivemos a... cámos na asneira (risos) de falar aqui, com o Prof. Romero e acabámos por fazer Gestão"</i>		. Está a conseguir fazer, e afinal não é absolutamente incompetente

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 1

O António: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações	
E	Porquê o ISG?	. Professores . Conteúdos . Credibilidade da Faculdade	“Claramente foi... foi o conteúdo programático, foi os professores... eh...foi o que se ouvia sobre a faculd... sobre a universidade...”	12	. Analisaram 4 ou 5 Faculdades promenorizadamente, até decidirem	
			“começamos a fazer comparações com os professores do ISEG e eh... vimos conteúdos programáticos do ISCTE. E pá, sinceramente, não vi assim grande diferença na altura.”	13		. O custo foi determinante, para não irem para esta instituição de ensino . Não acha que se fosse, tivesse valor acrescentado . Diz haver um marketing bem montado
		. Analisaram a concorrência e decidiram ficar no Grupo	“(...) ficamos muito balanceados entre o ISCTE”			. Aqui foi terminante a localização. A logística, seria complicada, por se situar no centro de Lisboa
			“(...) ficamos muito balanceados, entre o ISEG” “É difícil parar lá o carro. Mas pronto... inclusive, chegamos a fazer contas, de metro, como fazíamos e tal e portanto, veja bem, o aspecto logístico”			
			“Deixem-me ver o que faz... o que fazem as faculdades, eh... que estão agregadas à lusófona”	8	Ser do grupo	
F	Com a conclusão do Mestrado, vai haver mudanças? O que pretende fazer?	Profissionalmente: . Abriram-se portas para Doutoramento . Quer continuar para Doutoramento	“(...)havia portas que eu não conseguia abrir, porque não tinha um mestrado em gestão e hoje consigo”	11	. A justificação para a credibilidade do Título	
			“Exactamente pela investigação”	14	. Actividade que pretende desenvolver, na área da Gerontologia	
			“Gostava de dar aulas, obviamente. Pronto.			
			“(...) em termos sociais, não trouxe grande coisa”	11	. Socialmente, não nota diferenças pela evolução académica	
	Na sua vida o que muda?	. O seu futuro é o Doutoramento e a continuidade da Empresa	“(...)acho que... que o mestrado, é uma porta de entrada, a um começo”	15	. Espera ter o suporte académico, para continuar	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 2

O José: Mestrado em Gestão da Energia | Idade: 54 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
A					
B	Qual é a sua formação Académica? Porquê?	Licenciatura em Gestão de Empresas ISLA	<i>“(...) eu licenciiei-me em Gestão de Empresas, licenciiei-me no ISLA”</i>	1	Não fez mais cedo a licenciatura, principalmente por causa dos filhos, da vida familiar, do trabalho. Estava muitas vezes fora.
			<i>“(...)poderia ter feito em engenharia” “Engenharia, tem sido mais ou menos a minha actividade profissional... sempre. Onde denoto que realmente tenho necessidade de ter formação, é na área da Gestão.</i>		Aliar a experiência profissional da Engenharia, à Gestão
			<i>“(...) a licenciatura funcionava como eh... desenvolver... desenvolver competências na área da gestão.”</i>	8	
		. Entrou normalmente	<i>"(...)quando era solteiro, precisamente porque quando acabei o secundário, fui... comecei a trabalhar"</i>	7	Fez o Secundário e começou a trabalhar
		. Terminou em 2007	<i>"Não há muito tempo. Alguns 4 anos, para aí"</i>	1	Licenciatura Pré-Bolonha
		. Fez como trabalhador-estudante	<i>"(...)a licenciatura, foi um pouco penoso, nesse aspecto. Porque a pessoa para... para se dedicar de corpo e alma, digamos, sendo... para ter estudado fundamentalmente como trabalhador-estudante, para se dedicar"</i>	11	
		. Importância de Esudar	<i>"(...)continuar a estudar. Que eu acho importantíssimo"</i>	7	
			<i>"(...)mas não sou pessoa, de ocupar os meus tempos livres, com coisas inúteis"</i>		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 2

O José: Mestrado em Gestão da Energia | Idade: 54 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
B	Já fez alguma Pós-Graduação? Porquê?	Fez 2	<i>“(...) um pouco antes, já tinha feito uma Pós-Graduação. Mas isso, ainda antes de ser licenciado. Como na altura, já tinha um currículo, bastante vasto, eh... permitiram que fizesse essa Pós-Graduação”.</i>	1	A 1ª Pós-Graduação que fez, ainda não era licenciado
			<i>“Fiz a Pós-Graduação, porque era um curso mais rápido. Eh... eu na altura, tinha uma ocupação profissional muito... muito grande. Portanto, tinha responsabilidades... equipas de trabalho no País todo e tinha dificuldade em... e... frequentar. Uma licenciatura, é muito exigente, em termos de carga horária.”</i>	2	. Comparativamente à licenciatura, era um curso rápido . Pesou o factor tempo
			<i>"As duas pós-graduações que tenho são em duas áreas específicas. Uma na Gestão da Manutenção e outra em... em Gestão da Eficiência Energética"</i>	1	. 1ª- Gestão da Manutenção . 2ª- Gestão da Eficiência Energética
			<i>“As Pós-Graduações, posso dizer-lhe que foram patrocinadas pela empresa.”</i>	3	. As Pós-Graduações foram pagas pela empresa
			<i>“(...) é uma pós-graduação muito engenhairesca”</i>	9	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 2

O José: Mestrado em Gestão da Energia | Idade: 54 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
C	Que outro tipo de cursos frequentou? Porquê?	Fez muitos cursos, pelas Empresas	<i>"Fiz lá um curso, em que estive um ano a estudar, à conta deles. A full-time"</i>	6	Cursos dentro da área da engenharia Industrial
			<i>"Fiz dois cursos nessa altura. Eh... mas na escola de formação deles"</i>		
			<i>"(...) muitos cursos de formação profissional. Cursos, congressos"</i>	3	
			<i>"Portanto, é sempre mais na área industrial, que é a área, onde me situo profissionalmente"</i>	4	
D	Qual a sua actividade profissional, neste momento? Porquê?	Gestão de Projectos	<i>"Eu faço Gestão de Projectos"</i>	4	Está há 14 anos nesta empresa
			<i>"Projectos de Engenharia, mais concretamente, mais ligados à área da energia dos equipamentos, gestão de infra-estruturas"</i>		
			<i>"Sabe que o percurso profissional, acaba por ser sempre condicionado, pela evolução das empresas, onde nós estamos, pelos lugares que ocupamos"</i>		
			<i>"A pessoa começa a evoluir, a construir uma carreira, mesmo dentro dessas áreas"</i>		
			<i>"Portanto, os interesses são comuns, entre aquilo que eu quero e a empresa também."</i>		
				5	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 2

O José: Mestrado em Gestão da Energia | Idade: 54 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
D	Qual a sua actividade profissional, neste momento? Porquê?	Gestão de Projectos	<i>Eu dedico-me fundamentalmente a projectos que têm a ver com a automação, com a energia, com... tudo o que diz respeito a... a equipamentos. A equipamentos de controlo industrial, eh... a equipamentos eléctricos, electromecânicos...</i>	5	Está há 14 anos nesta empresa
	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?	. Executante . Coordenador	<i>"(...)as pessoas 1º são executantes, pronto... na altura o que fazíamos, era fazermos a calibração de equipamentos, isso já há muitos anos</i>		. Percurso profissional condicionado pelas empresas onde esteve
			<i>"A pessoa começa a evoluir, começa assumir funções de coordenação"</i>		
		Empresário	<i>"fiz diversas passagens por outras empresas e também tive uma experiência como... como empresário como... já lhe disse.</i>	6	Enquanto empresário, também foi comercial
			<i>"Mas muito antes, cheguei a ter uma... uma empresa, a título de sociedade".</i>	5	
		Consultor	<i>"(...) também trabalhei ainda como consultor"</i>	6	Informações relevantes, sobre o tempo que permaneceu nas empresas

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 2

O José: Mestrado em Gestão da Energia | Idade: 54 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Quais as razões que o levaram à procura de formação Pós-graduada?	Programa do curso	“Porque na altura, tinha lido... o programa do curso, gostei e... e entendi que era importante”	3	Importancia do programa do curso
		Filhos crescidos	Depois, entretanto, casei-me vieram os filhos, três filhos e então...só quando os filhos praticamente tiveram criados é que tive condições para me meter, no... mestrado.”	7	Neste momento os filhos, já estão na Faculdade
		Importância do estudo / Conhecimento	“Eu acho que as pessoas, quando se tornam mais inactivas, mesmo sob o ponto de vista mental, acabam por... perder faculdades, com mais facilidade”		Não sente a idade que tem e diz que a vida académica, traz-lhe frescura.
		Título	“Interessa-me muito mais o conhecimento. Muito embora, o título também seja bem-vindo”	12	Importa-lhe o Título, mas mais o conhecimento
		Ser formação de alto nível	(...) quer as pós-graduações que tirei, quer agora o mestrado, é formação ao nível académico, ao nível mais elevado, muito específica.	8	
	Porquê este curso e não outro?	Importância pela área da Gestão da Energia	“ Já muito direccionada para um... para áreas, que eu acho, que são áreas de “furo”. Que continuam a ser bastante valorizadas e é realmente importante, as pessoas investirem, em termos de conhecimento, eh... nestas áreas”.		
		Escassez destes cursos	“(...) não há muitos cursos de energia, em Portugal"		
		Criar uma empresa	"O meu objectivo pessoal é... é poder estabelecer-me também nesta área"		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 2

O José: Mestrado em Gestão da Energia | Idade: 54 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Porquê este curso e não outro?	Aliar a Gestão à Energia	<i>"E – O que o trouxe aqui então foi aliar a Gestão. Na prática, aliar a gestão à... à energia?"</i> <i>A – Sim. Aliás, eu posso-lhe dizer que antes deste, eu antes de me inscrever neste curso, inscrevi-me num... num MBA.</i>	8	Pretende especializar-se o mais possível na área da Gestão da Energia
	Porquê o ISG?	O curso	<i>"Mas o que esteve fundamentalmente na base da decisão, foi o curso"</i>	11	A área da Gestão da Energia, foi determinante para a selecção a Faculdade
		A companheira, já tinha estudado no ISG e também veio fazer Mestrado	<i>"A minha companheira, já tinha estudado cá"</i>		Diz que a companheira, já era licenciada e quando ele foi fazer a licenciatura, foi penoso, pelo que agora vieram estudar juntos. Não tem filhos desta relação.
			<i>"Um mestrado em gestão fiscal onde a componente de contabilidade fosse mais reduzida, não é? A aí acabou por encontrar aqui"</i>		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 2

O José: Mestrado em Gestão da Energia | Idade: 54 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
F	Com a conclusão do Mestrado, vai haver mudanças? O que pretende fazer?	Não acha que vá haver grandes mudanças	<i>“(…)</i> a relação com os amigos mantém-se. Mantém-se aquela que era.”	12	No aspecto social e profissional há outro reconhecimento. Mas também já o tinha antes
			<i>“Eles apreciam qualitativamente como é que uma pessoa, já com… com a idade que eu tenho, se dedica e… os meus colegas falam… falam. Cada vez, que falam, dizem que não é normal, as pessoas continuarem a manifestar essa vontade”</i>		
			<i>“Se estou num meio, onde tratam as pessoas pelo título académico, faço questão, que também que seja tratado dessa forma, não é? Mas eu… se assim não for, se nos tratarem de uma forma normal, eu também gosto de ser tratado, como os outros são</i>	13	
		Abrir uma empresa no Brasil	<i>"Será lá que irei desenvolver todas estas ideias, que eu preconizo agora, neste momento. Mais concretamente, o Brasil"</i>		
	Na sua vida o que muda?	O futuro é a empresa e a sua saída do País	<i>“(…) o estatuto que as pessoas vão adquirindo, perante os outros, o reconhecimento, acho que é um estatuto que se vai adquirindo ao longo da vida”</i>	13	O reconhecimento, é um estatuto que se adquire ao longo da vida
			<i>“(…) se for pensar muito no assunto, como é que era tratado na altura e como sou tratado agora, naturalmente há diferenças. Vou reconhece-las.”</i>		
			<i>“Mas a situação em que o país se encontra, deixa-me preocupado”</i>	15	Refere a situação do País como preocupante
			<i>“o futuro é hoje”</i>		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 3

O Joaquim: Mestrado em Gestão Fiscal | Idade: 51 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
A					
B	Qual é a sua formação Académica? Porquê?	Fez o 7º ano antigo	<i>Fiz o 7º ano complementar antigo, numa escola técnico-profissional. Aliás, eu antes disso fui seminarista</i>	5	Valoriza o ensino do Seminário, comparativamente ao ensino normal
			<i>“(…) se calhar naquela altura, aquele 7º ano antigo, valia portanto, quase como algumas licenciaturas actuais, se calhar. Senão mais…”</i>	6	Depois do 7º ano, fez o Propedêutico
		Tem Duas Licenciaturas - ISCAL	<i>"Eu sou licenciado em duas áreas, uma em Contabilidade e Auditoria e outra em... em Solicitadoria"</i>	1	1ª Contabilidade e Auditoria 2ª Solicitadoria
			<i>"Porque na altura, eh... achei que gostava daquilo. E eu gosto e há uma parte que eu gosto." "(...) Gosto mais da área fiscal"</i>		Vai fazer Direito, porque gosta e porque vai ter equivalências. Só tem que fazer meia dúzia de cadeiras. Vai
		Entrou normalmente	<i>"A par da tropa, fiz uma parte e depois interrompi. Depois fiz mais tarde, continuei"</i>	5	Desistiu e retomou mais tarde
		Termino	<i>"(...)aquilo foi... para aí em 94, 95... por aí."</i>	7	Licenciatura Pré-Bolonha
			<i>"E – Então terminou solicitadoria ainda há pouco tempo? A – Sim. E agora fizemos o estágio. "</i>	4	CA - Terminou em 1994-1995 Soli . Terminou recentemente
	Foi trabalhador-estudante		<i>"E sempre trabalhei e estudei. Nunca fiz só uma coisa"</i>	5	Há medida que ia tendo disponibilidade, estudava
	Já fez alguma Pós-Graduação? Porquê?	Nunca fez	<i>"Não... não. Não fiz. Nunca fiz"</i>	2	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 3

O Joaquim: Mestrado em Gestão Fiscal | Idade: 51 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
C	Que outro tipo de cursos frequentou? Porquê?	Gestão Recursos Humanos Auditoria Tributária Línguas	<i>“Gestão para não executivos. Ainda me lembro do nome, do curso”</i>	2	ISG
			<i>“Gestão, Recursos Humanos, eh... sobretudo aí. Na área do trabalho”</i>		Área do Trabalho
			<i>“(…) tinha uma componente também técnica, na área fiscal, que era auditoria tributária”</i>		Citeforma
			<i>“Na área de línguas”</i>	3	
		Muitos outros Cursos	<i>“Estamos sempre em formações também, praticamente constantes”</i>	3	Por estar inscrito no OTOC
			<i>“(…) como eu então já fiz o estágio, na área... na área do ... da solicitadoria, agora também estou sempre em formação na área, na jurídica também.”</i>		Quer inscrever-se a Câmara de Solicitadores

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 3

O Joaquim: Mestrado em Gestão Fiscal | Idade: 51 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
D	Qual a sua actividade profissional, neste momento? Porquê?	Auditor	<i>“(...) neste momento, trabalho em auditoria”</i>	3	. Regime de Prestação de Serviços para uma Multinacional?
			<i>“(...) trabalho com uma sociedade de revisores de contas que é a parte, que eu gosto mais, que é na área fiscal, auditoria”</i>		
			<i>“A área de auditoria, é uma coisa muito abrangente.”</i>	4	Gosta da auditoria, porque há dinâmica
			<i>“(...) estão sempre a aparecer coisas novas. As empresas, são todas diferentes”</i>		
			<i>“(...) eu não tenho jeito para estar num ... num escritório, assim de uma forma contínua, seis, sete, oito horas. Eu gosto... de lidar com as pessoas, falar com as pessoas.”</i>		Não quer trabalhar só em Contabilidade, porque existe muita rotina
			<i>“(...)sou muito relações-públicas também”</i>		
			<i>“Estou muito tempo fora”</i>		Anda pelo país inteiro e em África
	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?	Contabilista Recursos Humanos	<i>“Antes, trabalhei em várias coisas. Trabalhei, portanto, na área da contabilidade, trabalhei nos departamentos de recursos humanos, trabalhei em vários sítios”</i>	3	Vários sítios

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 3

O Joaquim: Mestrado em Gestão Fiscal | Idade: 51 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Quais as razões que o levaram à procura de formação Pós-graduada?	Aprender mais	<i>“(…) pela vontade de aprender mais qualquer coisa”</i>	1	O conhecimento e a utilidade, em função da actividade Profissional. Acha que os cafés, são uma perda de tempo. Os pais, já foram em Trás-os-Montes, as pessoas mais intruidas da aldeia e sabiam que a educação era um bom investimento.
			<i>“(…) o saber não ocupa lugar”</i>	8	
		Utilidade	<i>“(…) ver até que ponto, ainda me vai ser útil”</i>	1	
		Descrédito das Licenciaturas	<i>“(…) agora tornou-se ... os licenciados, são quase analfabetos”</i>	8	Relevância do título, ainda que o considere secundário.
			<i>“(…) a 2ª era do analfabetismo, é ser licenciado. Portanto, para se ser alguma coisa, já tem que se ser Mestre”</i>		
		Descrédito das Licenciaturas	<i>“Para mim, o grau académico... isso é uma coisa particularmente secundária”</i>	10	Relevância do título, ainda que o considere secundário.
		Importância da área fiscal	<i>“esperei também, que fosse uma coisa que me interessasse”</i>		
		Grau académico	<i>“Queria fazer o mestrado, por uma questão do grau académico também, mas também numa área que me interessasse. E esta área interessa-me. Interessa-me porque eu trabalho com ela. Porque lido com ela todos os dias e porque quero fazer uso dela”</i>	8	
			<i>“(…) O Mestrado dá... confere grau académico. Uma Pós-Graduação, não confere”</i>	10	Constação da relevância do grau académico
		Capricho	<i>“(…) e depois também é um capricho meu”</i>	8	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 3

O Joaquim: Mestrado em Gestão Fiscal | Idade: 51 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Quais as razões que o levaram à procura de formação Pós-graduada?	Vir acompanhado	<i>“eu conheço uma pessoa, que... que está cá no Mestrado, que a conheço, através de um... um amigo meu. E que ela... telefonou-me e ela disse assim, eh... pá, sabes onde há?”</i>	9	A amiga foi determinante, para vir para o Mestrado
			<i>“Bom... como ela veio, eu também... disse pronto”</i>	10	
		Ambição Profissional	<i>“(...)mas é uma hipótese, que é fazer o exame de acesso à ordem dos revisores oficiais de contas, eu já tenho uma série de “borlas” com este Mestrado, percebe?”</i>	11	Quer ser revisor oficial de contas e o Mestrado, ajuda.
	Porquê este curso e não outro?	Porque complementa a restante formação académica	<i>“Eu quero-me dedicar à área fiscal e alguma utilidade, isto vai ter que ter. Mesmo que eu faça a licenciatura, em Direito... Porque Direito tem... quero ir para a área fiscal. É uma das coisas que tenho definido na minha cabeça e portanto, isto para alguma coisa, me vai servir. Eh... Acho que profissionalmente me ajudará</i>	10	Solicitadoria, Contabilidade e Auditoria e Direito
		Porque é um mestrado a sério	<i>“não fui para... e havia no ISCTE, que era... mas não era...Era um Mestrado Executivo”</i>	9	Os Mestrados Executivos, são uma espécie de Pós-Graduação
		Porque gosta e tem qualidade	<i>“(...)para já porque gosto. Depois, porque acho que o Mestrado, nas áreas essenciais, tem qualidade”</i>	11	O gosto pela área e a qualidade do curso, são factores essenciais para a selecção

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 3

O Joaquim: Mestrado em Gestão Fiscal | Idade: 51 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Porquê o ISG?	Porque já fez um curso no ISG	<i>"Já há muitos anos. Ainda isto não era Lusófona, ou coisa que se parecesse. Para aí, há uns 15 ou 16, por aí. Talvez 12. Talvez, sim. E era ali naquele... no Palácio"</i>	2	Referenciou o facto, do ISG ser agora do Grupo Lusófona. Não lhe passava pela cabeça.
		Porque veio com uma amiga	<i>"E que ela... telefonou-me e ela disse assim, eh... pá, sabes onde há? É no... no ISG, que eu também vou lá fazer (risos). Foi a XXXX [Amiga]. A XXXX que é minha colega."</i>	9	
F	Com a conclusão do Mestrado, vai haver mudanças? O que pretende fazer?	Profissionalmente	<i>"Acho que profissionalmente me ajudará e penso que... até se quiser fazer... dar formação e não sei quê... Ainda há dois dias... eu é que não tenho tempo. Porque, porque posso dar formação e já não é a 1ª vez que o faço."</i>	10	Pode vir a dar formação
			<i>"(...)porque eu vejo mais as coisas, sob o ponto de vista profissional e de utilidade."</i>		
		Socialmente	<i>"Não. Eu não me parece que a mudança seja significativa, nesse aspecto"</i>	11	Acha que não vai haver mudanças significativas
			<i>"Eu no ano passado, estive de férias, num... num País em que um técnico de electricidade, ganha mais, que um Doutorado, em muitas áreas"</i> <i>"Eu tenho um familiar meu, um primo meu soldador de... de profundidade, dos... das plataformas petrolíferas."</i> <i>"(...) E que tem o 5º ou o 6º ano. E de vez em quando, ele faz férias em Portugal e vem um avião buscá-lo para ir fazer uma soldadura de meia-hora ao México, por exemplo"</i>		Chama atenção para a falta de pessoas, em algumas profissões técnicas, nomeadamente na soldadura e a electricidade
	Na sua vida o que muda?	Pouca coisa	<i>"Não. Não vai mudar grande coisa"</i>	12	Não há uma expectativa do imediato, mas servirá para alguma coisa

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 3

O Joaquim: Mestrado em Gestão Fiscal | Idade: 51 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
G	Outros Tópicos	A companheira é Licenciada	<i>"É em... mas ela é de outra área completamente diferente. Ela é Fisioterapeuta"</i>	9	É Fisioterapeuta
		A família não o condiciona	<i>"Eu sempre fui muito independente, muito autónomo. Eu tenho a minha liberdade e dou liberdade às pessoas"</i>		Nada o condiciona
		Tem um filho	<i>"E já está lá, há... está lá há um ano e qualquer coisa e agora, também está a fazer lá, está a fazer uma especialização, também... numa... numa... faculdade lá em Nova York"</i>	8	É licenciado em Marketing, trabalha em Nova York, e está a fazer uma especialização lá
		Economia / Política	<i>"(...) é pena que as pessoas... não aproveitem o tempo, ou se calhar, não éramos o País que somos"</i>	13	Há uma preocupação com as políticas que têm vindo a ser tomadas e que têm influenciado a economia
			<i>"Enfim, ele fartou-se disto, disse assim...isto já não dá nada, isto já não presta para nada. Isto está tudo mal... foi de férias a Nova York"</i>	8	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 4

O Ernesto: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
A					
B	Qual é a sua formação Académica? Porquê?	Fez o 7º ano antigo	<i>"Eu terminei o... o antigo 7º ano e que mais tarde passou a ser chamado 11º e fui para o 12º ano e tinha três disciplinas"</i>	3	Pelo discurso, percebe-se que desistiu após ter terminado o 7º ano, retomou mais tarde e fez duas das três disciplinas do 12º e trabalhar, concluiu o 12º ano
			<i>"Ainda que toda a minha formação, fosse na área de... sei lá... das Letras".</i>		
		Licenciatura em Relações Internacionais - Univ. Autónoma	<i>"Inicialmente era para ir para Direito, depois... surgiu a oportunidade de ir para relações internacionais e nem sei porquê"</i>	1	Direito, eleito como o curso clássico e mais pretendido Objectivo fundamental tirar a Licenciatura
			<i>"(...) alguém me falou, já não sei em detalhe, mas alguém me falou em Relações internacionais. E eu disse para os meus botões, porque não"</i>	2	Não está arrependido
			<i>"(...) fazer essas coisas todas, com poucos recursos, em início de vida e em início de carreira, alguma coisa fica para trás, que foi o caso"</i>	4	Fez a licenciatura, quando teve tempo e dinheiro
			<i>"Porque entretanto, a gente pensa em casar, constituir família e essas coisas todas"</i>		Não fez o curso, na altura devida, porque pensou em casar
			<i>"(...) não tinha na altura, qualquer relação, tirar um curso da área de letras, digamos assim, com a minha actividade profissional"</i>	2	Ainda que já trabalhasse não fez a Licenciatura, a pensar no que depois podia fazer profissionalmente
			<i>"Não era... eu acabo o curso e ligo directamente à minha actividade profissional. Não."</i>		
		Entrou normalmente	<i>"(...) Já a trabalhar, concluí eh... essa disciplina do 12º ano, e depois parei aí uns 3 anos, 3 a 4 anos até que eh... surgiu a oportunidade de estudar novamente"</i>	3	Foi um curso de 4 anos. Licenciatura Pré-Bolonha
		Término	<i>"Depois em 95, salvo erro, conclui a licenciatura"</i>	4	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 4

O Ernesto: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
B	Qual é a sua formação Académica? Porquê?	Foi trabalhador-estudante	"E – Ah... ok. Fez o curso então, enquanto trabalhador-estudante já? A - Enquanto trabalhador-estudante"	2	Foi um curso de 4 anos. Licenciatura Pré-Bolonha
		Importância da Licenciatura	"(...)mas eu tinha um objectivo, que era tirar uma licenciatura"		
	Já fez alguma Pós-Graduação? Porquê?	Não fez nenhuma Pós-Graduação	"(...) conclui a licenciatura, depois estes 15 anos, fiz muita coisa, mas não estudei"	4	Importância do Grau (ainda que camuflada)
			"Não. Pós-Graduação, acho que não... não fazia sentido"	6	
C	Que outro tipo de cursos frequentou? Porquê?	Frequentou muitos cursos de formação de executivos	"É porque é muito curto. Quer dizer... às vezes o despejar de coisas, em... em 1 dia ou dois dias, não dá para consolidar conhecimentos"	4	A este tipo de cursos, não lhe atribui grande importância
		. Compras . Vendas . liderança . Produtividade . Segurança	"Essas formações, agora uma grande parte delas, são muito teóricas e mais viradas para a área comportamental, liderança, produtividade, essas coisas... eh... formação de vendedores, coordenadores Tudo. Vendas, eh... compras, liderança, eh... produtividade, segurança..."		Fez cerca de uma dezena, destes cursos
		Formação Prática	"Antes da formação profissional, era... que começou pelos anos 90, antes disso, havia... havia internamente eh... algumas formações, muito práticas"		
			"Mas alguns deles, seguramente já perderam a validade, pela... pela evolução das coisas."		Antes dos anos 90, havia formação muito prática
					Alguns destes cursos que fez, acha que já perderam a validade

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 4

O Ernesto: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
D	Qual a sua actividade profissional, neste momento? Porquê?	Chefe de Departamento de Compras	<i>“Entretanto, passei de chefe de compras, a chefe de departamento, nestes 11 anos”</i>	3	Está há 11 anos, nas compras
			<i>“Se compararmos no contexto actual, da economia portuguesa, não é uma grande empresa, mas também não é uma pequena empresa”</i>		A empresa, tem 200 trabalhadores
			<i>(...) acho que temos mais para ser uma... uma grande empresa, do que uma média empresa.”</i>		Pelo volume de negócios, considera-a uma grande empresa
			<i>“30 anos”</i>	5	Durante toda a vida, só trabalho numa empresa. Está lá há 30 anos
			<i>“Nas compras estou... estou no topo. Não há mais”</i>	11	No departamento, está no Topo
	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?	Gabinete de Controlo	<i>“(...) num gabinete de controlo... controlo de produção, meramente administrativo”</i>	6	Começou na área administrativa
		Responsável / Chefe de Produção	<i>“(...) era o responsável por uma... uma unidade de produção”</i>	2	Referencia que quanto mais baixas são as qualificações das pessoas, mais difícil se torna geri-las
			<i>“Tem a ver com indústria, engenharia e essas coisas”</i>		
			<i>“(...) e estive lá cinco... cinco anos e tal”</i>		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 4

O Ernesto: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
D	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?	Responsável / Chefe de Produção	“Era uma actividade difícil. ”	2	Referencia que quanto mais baixas são as qualificações das pessoas, mais difícil se torna geri-las
			“Por isso, uma equipa de 18 a 20 pessoas, também um pouco difíceis de gerir. Eh... quanto mais baixa é... é a formação das pessoas e mais difícil é o trabalho, mais difícil se torna a gestão delas.”		
			“Mas foi muito enriquecedor e... e ajudou-me para o futuro em muitas coisas”	3	
			“(…) foi gratificante. E quando digo depois... 5 ou 6 anos depois, mudei para a área das vendas e 5 ou 6 anos depois mudei para as compras.		
		Departamento de vendas	2	Reconhecimento da Licenciatura e consequente mudança de actividade	
E	Quais as razões que o levaram à procura de formação Pós-graduada?	Gosto pelo saber	“E como eu sempre gostei de estudar”	6	Conhecimento (o melhor sítio é a escola)
			“(…) não é um sacrifício”		
			“Nós fazemos muitas coisas durante muito tempo, até podemos pensar que fazemos muito bem”		
			“E o melhor sítio para saber, é na escola”		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 4

O Ernesto: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Quais as razões que o levaram à procura de formação Pós-graduada?	Gosto pelo saber	<i>“(...) porque alarguei horizontes; obter conhecimentos para a vida profissional”</i>	6	Alargar horizontes
			<i>“(...) é necessário saber o quê é que ... o que é que no mundo se faz”</i>		
		Importância do grau Académico	<i>"Só acrescenta, mais conhecimento"</i>	9	O título, só acrescenta mais conhecimento
			<i>“Não. Pós-Graduação, acho que não... não fazia sentido.” “o MBA ir-me-ia ocupar mais tempo, que eu não tenho”</i>	6	Importância do título, ainda que discreta
		Horário/Tempo	<i>“O nosso mestrado é um ano e meio, eh... mas é o tempo também. Consigo ou não consigo, conciliar com o trabalho, com a vida familiar”</i>	7	O curso, funciona em horário Pós-Laboral, três dias por semana, 10 horas semanais
		Incentivo da Empresa	<i>“A empresa tem apostado em dar formação aos quadros, de qualidade”</i>	9	A empresa pagou o curso
	Porquê este curso e não outro?	É o que faz sentido	<i>“Para a minha área de... de... área de actividade, fazia mais sentido, ou faz mais sentido, é Gestão.”</i>	10	Sendo que exerce uma actividade em Gestão e sendo licenciado em relações internacionais, faz sentido o aprofundamento desta área
	Porquê o ISG?	Curso Prático	<i>“Querida um mais ligado às empresas. Mais ligado à vida real.”</i>	10	O horário e o programa do curso, foram determinantes na selecção
			<i>E havia um, já não me recordo, qual era a instituição, que eu achei que seria muito académico”</i>		
		Horário	<i>“(...) daquilo que falámos os horários... foi o que cabia dentro dos buracos que eu tenho disponíveis”</i>	9	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 4

O Ernesto: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
F	Com a conclusão do Mestrado, vai haver mudanças? O que pretende fazer?	Profissionalmente	"Não acho que mude nada"	11	Em termos profissionais, vai aplicar na empresa, os conhecimentos do Mestrado, mas não pensa que a sua situação profissional se altere
			"Neste momento, não tenho qualquer expectativa, nesse aspecto"	8	
			"Mais-valias, vai. Não é uma situação que disse assim... bom, quando eu acabar o curso... já foi assim com a licenciatura... que eu não tinha garantido absolutamente nada"		
			"Portanto, serve-me para o trabalho actual, obviamente que serve. É saber mais, sobre o meu trabalho. Conhecimentos gerais, cultura e os conhecimentos que também me servem para a minha actividade."		
		"(...)porque tendo a formação, pode surgir. Se não tiver, seguramente não surge"	9	Contudo, tem a convicção, que as situações só surgem se fizermos por elas (caso do mestrado)	
	Socialmente	"Não acho que mude nada"	11	Percebe-se que é um gosto fundamentalmente pessoal	
		"Quando me derem o chamado canudo, eu coloco-o lá na vitrina e não faço publicidade"			
Na sua vida o que muda?	Vontade de continuar	A única coisa que é garantida, é que eh... não digo que acabe aqui."	11	O futuro pode passar por continuar a estudar	
G	Outros Tópicos	A esposa não é licenciada	"E – A sua esposa, é licenciada? A – Não. Não é licenciada"	7	Se necessário ajuda-o na vida académica. Na licenciatura, chegou a passar-lhe trabalhos na máquina de Escrever
			"a escola para ela, a escola é um sacrifício"		
			"Vou levar a minha mulher ao trabalho, às 8 da manhã e vejo-a às 11 e meia da noite"		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 4

O Ernesto: Mestrado em Gestão | Idade: 50 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
G	Outros Tópicos	A esposa não é licenciada	<i>É obvio que ela também acaba por... por apanhar alguns salpicos destas coisas, não é? Porque eu já não ajudava muito, nos últimos anos"</i>	7	Se necessário ajuda-o na vida académica. Na licenciatura, chegou a passar-lhe trabalhos na máquina de Escrever
			<i>"A minha esposa, normalmente nestas coisas, dá-me sempre uma reposta clássica. Tu é que sabes"</i>		
		Tem 1 filha	<i>"Tenho uma filha, que acabou agora enfermagem e anda neste momento, à procura de emprego"</i>	8	Licenciada em enfermagem, à procura de Emprego
		Amigos	<i>Alguns ficam um pouco surpreendidos de... de aos 50 anos, de voltar a estudar novamente.</i>	11	Mas não faz publicidade
		Veio sozinho	<i>"E- Veio então, completamente sozinho? A - Sim"</i>	9	
		Economia / Política	<i>"Se compararmos no contexto actual, da economia portuguesa, não é uma grande empresa, mas também não é uma pequena empresa"</i>	3	Dada a situação económica do País, uma empresa com 200 trabalhadores, considera-a uma grande empresa
			<i>"(...)anda neste momento, à procura de emprego. Mas não está nada fácil"</i>	8	Preocupações com o mercado de trabalho

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 5

O Nuno: Mestrado em Gestão | Idade: 52 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
A					
B	Qual é a sua formação Académica? Porquê?	Em 78/79 - entrou no Ensino Superior Militar	"(...)originalmente eu em 78/79, entrei no ensino superior Militar. Concorri à academia militar, fiquei... eh... e estive lá um ano. Acabei por sair, fui para o mercado de trabalho... fiz carreira"	1	Esteve um ano e desistiu para ir trabalhar. Esta desistência deveu-se à falta de motivação e à questão da independência financeira
			"Pelas infantilidades dos vinte e poucos anos. Queria ter independência Financeira, sair da casa dos pais"	2	Hoje está arrependido
			"(...) hoje estou arrependido"		
			"(...) era uma das minhas grandes vocações. Até porque cresci no meio militar e entendia-me bem com ele"		
		Licenciatura em Gestão de Empresas UHLT	"(...) acabei por ir para aí, até porque... por alguma simpatia de algumas pessoas amigas que diziam: Não... você agora, vai acabar o curso de gestão. Você tem as competências da gestão. Como sempre mexi em distribuição, e gestão de recursos humanos, em negócios na área financeira, seria natural, sobrepor estas três coisas, ou quatro metendo o Marketing, e vir parar à gestão"	1	Fala na saturação dos licenciados.
			"Porque eu sempre trabalhei na área da... dos seguros e portanto, sempre estive ligado às áreas de coordenação, e a gestão era aquilo que era inerente à minha experiência profissional"		A selecção da Licenciatura, foi baseada na actividade profissional
			"Desde o aspecto operacional, ao aspecto humano, era complicado. Foi preciso gerir muita coisa e muitos conflitos. No meio disto, fomos comprando companhias pequenas e fomos absorver culturas, estruturas e organizações"	7	Salienta a dificuldade de ter tempo e quando teve, não hesitou

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 5

O Nuno: Mestrado em Gestão | Idade: 52 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
B	Qual é a sua formação Académica? Porquê?	Licenciatura em Gestão de Empresas UHLT	“Comecei a ter mais tempo, porque mudei de área, passei para outros projectos eh... menos desafiantes, mas com mais tempo livre”	5	Salienta a dificuldade de ter tempo e quando teve, não hesitou
			“Temos aquele ditado de que se soubesse o que sei hoje, começaria mais cedo”	7	Depois deste tempo, já pensa que deveria ter começado há mais tempo. Estás encantado, com o ensino das Universidades
			“E de facto, devo dizer que eu fiquei fascinado com o ensino. Com o ensino que se aprende nas Universidades.”	8	
		Entrou pelos maiores de 23	"Sim. Para maiores de 23"	19	Licenciatura Pós-Bolonha
		Terminou	“Terminei em 2009. Portanto, eu já sou dos primeiros Bolonha”	1	
			“mas não fiz em três anos. Fiz em 4. Portanto, deixei 5 cadeiras, para ... para o último ano, porque ouve meia dúzia delas que se arrastaram e depois eu fiz depois”		
		Fez como trabalhador-estudante	“Porque o trabalhador-estudante tem sempre... é mais difícil ter tempo disponível para estas coisas.”	Referência à dificuldade de trabalhar e estudar	
		Já fez alguma Pós-Graduação? Porquê?	Não fez		"Não fiz Pós-Graduação"

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 5

O Nuno: Mestrado em Gestão | Idade: 52 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
C	Que outro tipo de cursos frequentou? Porquê?	. CAP - ISLA	"(...) mais tarde fiz o CAP, aqui há uns anos, no ISLA"	3	Cursos de Formação de Executivos
		Gestão Áreas comportamentais Vendas Cursos técnicos	"(...) a Companhia chamava periodicamente, chamava algumas Universidades eh... lá dentro e deu alguns cursos internos "	9	
			Dentro da área da Gestão. Gestão nas áreas comportamentais, vendas, eh.... Alguns cursos técnicos internos dentro da companhia. Também se fez muita coisa."		
D	Qual a sua actividade profissional, neste momento? Porquê?	Director	"(...)chegado a director, eh... há determinados estágios, que nós temos de passar para cima"	5	Chegar a Director foi o trajecto mais longo e mais complexo. Referencia a maturidade, o conhecimento e a experiência, como base para se exercer este tipo de cargos
			"(...) foram o trajecto de chefe de serviços, para director, foi o mais longo. Foi o mais complexo, o que é natural. Também se percebe que tinha que haver maturidade, conhecimento, experiência, uma série de coisas "	13	
			"(...) e 12 anos depois, a Director. Pronto. E o estágio que falta, é director-coordenador"		
		Formador	"Ainda faço formação cá fora, como outsourcing também"	3	Ainda faz formação e Consultoria
		Consultor	"Mais tarde, vim a fazer consultoria, para municípios e que ainda faço de vez em quando."	4	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 5

O Nuno: Mestrado em Gestão | Idade: 52 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
D	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?	2 empregos (sem expressão)	“Entrei primeiro, num primeiro emprego, sem... sem expressão, aliás dois ... dois empregos sem expressão”	2	A área não foi referenciada
		Companhia Seguradora:	“Por conhecimento de uma pessoa amiga do meu pai, que não sei quê e fui para lá, como podia ter ido parar a outro sitio qualquer”	13	Por conhecimento do pai, entrou numa companhia seguradora
			“(...) e depois vou parar por acidente à actividade seguradora”	2	Nesta seguradora, estive um ano em formação e saíu para outra companhia de seguros
			“Gostei. É... é um bocado binomial, ou se gosta, ou se odeia”		Nesta segunda Seguradora, é um dos fundadores. Tem permanecido lá, até hoje
			“(...) fomos 18 pessoas a fazer a companhia, durante uma série de anos”		
			“E portanto, eu sou um dos fundadores”		
		Estagiário	“Fui 1º eh.... Gestor de sinistros, fui estagiário”	11	Começou como estagiário, na área comercial e chegou a subchefe. Saiu.
		Subchefe	“(...) fui desde estagiário até... até subchefe de secção, que era uma regra, para os comerciais”	13	
		Chefe de Secção	“Quando saí, para a XXXX em 82, eu passo logo ao nível 2, chefe de secção, 4 anos depois, sou promovido a chefe de serviço”		
		Coordenação / Chefia	Tive sempre a meu cargo áreas de coordenação e de chefia”	2	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 5

O Nuno: Mestrado em Gestão | Idade: 52 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
D	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?	Coordenação / Chefia	<i>“(…) a situação estava bastante difícil, eu durante 4 anos e meio, só fiz literalmente aquilo. Portanto, tinha um target, que era equilibrar as contas do... do departamento. Na altura geria, para lhe dar uma ideia da dimensão, geria 75 pessoas de 17 delegações e 20 milhões de euros de carteira. Portanto, eu geria uma mini companhia.”</i>	3	A dada altura. Geriu uma Mini Companhia
			<i>“Havia horas de entrada e não havia horas de saída e tinha que se fazer tudo”</i>	7	
			<i>“A banca-seguros, é engraçada para montar e é uma maçada depois. Depois, é tudo igual”</i>	13	Não gosta de rotina
		Formador	<i>“(…) a companhia era muito nova, e eu durante 10 ou 11 anos fui formador dentro da companhia. Portanto, acabei por fazer formação de gerações de indivíduos lá dentro”</i>	3	A vasta experiência formativa, permitiu-lhe dinamizar toda a formação na companhia, tornando-a mais prática e introduzir a avaliação dos formadores
			<i>“(…) nós devemos falar, exactamente daquilo que sabemos e aí estaremos sempre tranquilos, seja à frente de quem for.”</i>	12	
		Consultor	<i>“Mais tarde, vim a fazer consultoria, para municípios e que ainda faço de vez em quando.”</i>	4	Fez e ainda faz consultoria para Municípios
		Director da Formação	<i>“Depois, estive 2 anos na formação da companhia, o que... aí não me... na parte, não de formador, mas como director da área”</i>	10	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 5

O Nuno: Mestrado em Gestão | Idade: 52 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Quais as razões que o levaram à procura de formação Pós-graduada?	. Falta de conhecimentos - (Descredito da Licenciatura)	<i>“1º Nós chegamos ao fim de uma licenciatura e tomamos a... a noção da dimensão de que precisamos de saber, que não sabemos e é absolutamente assustador”</i>	13	Os três anos de Licenciatura, claramente insuficientes em termos de conhecimento.
			<i>"Portanto, assustei-me com aquilo que me faltava saber"</i>	14	
			<i>“Quando nós começamos a entrar, por todos... por todas as áreas das... das ciências empresariais e começamos a tocar na ponta do iceberg e perceber que para... para mundo... há um mundo imenso, complexo, num circuito em que precisamos nitidamente de aprender mais”</i>		
		Razões emocionais / Conhecimento	<i>"O 2º é de natureza perfeitamente emocional. De facto, eu devia ter vindo para a Universidade mais cedo, porque gosto de aprender e gosto de saber"</i>	15	Gosta de aprender
		Ser Professor Universitário	<i>“O 3º, perspectivei uma alternativa complementar minha, de vir a ser professor no ensino superior e portanto, razão pela qual me leva a querer continuar.”</i>		Por essa razão, pretende continuar para Doutoramento
	Porquê este curso e não outro?	Actividade Profssional	<i>"(...) sempre estive ligado às áreas de coordenação, e a gestão era aquilo que era inerente à minha experiência profissional"</i>	1	Quer consolidar a Gestão, mas tem outra paixão que é o Marketing
			<i>"(...) entendi que 1º tinha que consolidar a gestão, razão pela qual eu quis vir 1º para a gestão"</i>	15	
			<i>“Porque eu tenho outras paixões. Uma das paixões é o Marketing”</i>		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 5

O Nuno: Mestrado em Gestão | Idade: 52 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Porquê o ISG?	Credibilidade do ISG	<i>“(…)pessoas de outra geração, que cá estiveram, diziam que era uma escola muito exigente”</i>	17	A exigência, é determinante para a credibilidade da escola
			<i>“Teve a ver com pessoas que eu conheço ligadas ao meio académico, pessoas com que eu trabalho, até na área da formação, até na área do outsourcing e que são alunos do ISEG e que no ISEG, e há 15 anos atrás e que falam do ISG, como uma empresa de referência”</i>		
		Continuar no Grupo	<i>“Prefiro continuar no Grupo Lusófona. Não me sinto mal com... com o Grupo e portanto, se há um sítio, mais pequeno, de outra dimensão, vou para lá.”</i>		A dimensão também foi preponderante
		Factor económico	<i>“Os Mestrados são muito caros, lá fora. A forma como... o ISEG e os outros pedem, é perfeitamente uma barbaridade e portanto, isto é atípico. Não percebo, porque é que o Estado, cria mais dificuldades que os privados”</i>	19	Relação Qualidade/Preço Crítica ao ensino Público (ISCTE e ISEG)

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 5

O Nuno: Mestrado em Gestão | Idade: 52 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
F	Com a conclusão do Mestrado, vai haver mudanças? O que pretende fazer?	Profissionalmente	<i>"(...) profissionais talvez. Ganhei competências e abordo as coisas de outra forma"</i>	20	Mais Competências O Mestrado ajuda a encontrar soluções profissionalmente
			<i>"(...) porque nós vamos para o mercado empresas, com a preocupação de encontrar soluções e ajuda-nos a pensar de forma perfeitamente formal"</i>		
			<i>"(...) aplicar o meu saber, na vida prática, na empresa e fora dela, dentro do que tenho a fazer ou posso vir a fazer, mas muito dentro dessa via"</i>		
			<i>"Tenho ainda um protótipo de projecto com uma empresa. Mas é ir e vir"</i>		Tem um projecto de outsourcing, para o Mercado Africano, para dar formação. Mas não quer abrir uma empresa
		Socialmente	<i>"No aspecto social, não lhe sei responder, porque eh... hoje em dia, temos um super-hábito de muitas coisas, não é? Estamos com o mercado saturado de licenciados, eh... não é, por essa via"</i>		Não deu grande ênfase
	Na sua vida o que muda?	Espera melhorar o futuro	<i>"Portanto, o que eu procuro, é nestas competências, vir a melhorar o futuro. O meu saber e aplicar o meu saber, na vida prática, na empresa e fora dela, dentro do que tenho a fazer ou posso vir a fazer, mas muito dentro dessa via. Portanto, para fazer isso, melhorar o que sei e fazer coisas diferentes, dentro e fora"</i>		Com o Mestrado, pretende melhorar o futuro

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 5

O Nuno: Mestrado em Gestão | Idade: 52 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
G	Outros Tópicos	A esposa não é licenciada	"E – E a sua companheira, também é licenciada? A – Não. Eh... a minha mulher, fez o ensino secundário"	18	Incentiva-o a estudar, embora com alguma preocupação de não estar
			"(...) ela hoje nota que tem uma profissão liberal, trabalha em casa. Mas o marido não está, claro que acaba por ter essa <u>obrigação</u> "		Trabalhou em informática. Ficou desempregada e agora, criou o seu próprio emprego
		Tem 1 filha pequena	"Porque isto, é sempre um chatice. Porque eu tenho uma filha. Sou..., fui pai de uma segunda relação, com 45 anos. Para fazer a licenciatura, a minha filha, viu-me eh... 5 minutos por dia e via-me ao fim-de-semana. E ela, quando comecei a estudar, ela tinha 2 anos "	17	Foi pai com 45 anos, de uma segunda relação. Foi muito e ainda é difícil, em termos familiares, estudar
		Amigos	Eu trouxe alguns para cá. Porque eu comecei a puxá-los para cá"	19	Veio com alguns amigos e foi divulgando o ISG, pelos colegas
		Economia / Política	"(...) o estado actual da economia e da sociedade vai dizer que nós vamos trabalhar a vida inteira." "(...) a actividade seguradora, está a chegar a um ponto e eu estou a chegar a uma idade, que vou ter que fazer outras coisas também."		Preocupação com a Economia actual
				18	Pela incerteza da actividade seguradora

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 6

O João: Mestrado em Gestão | Idade: 59 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
A					
B	Qual é a sua formação Académica? Porquê?	Fez o antigo 7º ano	<i>“Acabei o 7º ano do liceu, antigo 7º ano do liceu, exactamente”</i>	1	Entrou para a Marinha
		Licenciatura em Ciências Militares Navais	<i>“A formação base, licenciatura em Ciências... Ciências militares navais, curso de engenharia mecânica naval”</i> <i>“Fiz essa licenciatura, porque isto é um curso que existe na escola Naval, onde se formam engenheiros para a Marinha de Guerra.”</i>		Curso de Engenharia Mecânica Naval
			<i>“Foi aí que entrei com 18 anos”</i>		
			<i>“O gosto, eh... tem a ver com tradições familiares”</i>		Seleção do curso, orientada pela tradição familiar. Ainda que preferisse a Medicina, acabou por ir para área militar. O pai era Militar
			<i>“(...) houve alguma tradição na família entre militares e médicos. E eu queria ir para medicina, o meu pai era militar (risos) e acabei por ir para... para a marinha.”</i>		
	Já fez alguma Pós-Graduação? Porquê?	Fez 1	<i>“Fiz a Pós-Graduação, porque o meu objectivo é... é passar da... da área técnica, para a área da gestão.”</i>	2	Gestão Estratégica Empresarial - ISLA
C	Que outro tipo de cursos frequentou? Porquê?	Na Marinha, fez vários cursos:	<i>“Durante o tempo que estive na Marinha, fiz vários cursos, mas dentro da Marinha”</i>	1	Estes cursos eram pequenos e feitos pela Marinha Ligados à área da Engenharia Naval
		Soldaduras Manutenção	<i>“Soldaduras, manutenção... enfim... enfim, áreas muito ligadas à área de... de engenharia mecânica naval”</i>	2	
			<i>“Alguns eram de 1 mês, 2 meses, quinze dias, enfim”</i>	3	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 6

O João: Mestrado em Gestão | Idade: 59 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
D	Qual a sua actividade profissional, neste momento? Porquê?	Director	<i>"Neste momento, sou director de um departamento, numa empresa que é uma Multinacional, em Portugal"</i> <i>"Estou desde 2001. Nesta empresa, estou desde 2001"</i>	3	Exerce a actividade numa Multinacional, desde 2001
	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?	Começou na Marinha	<i>"E aproveitei e segui a carreira militar. Estive na Marinha durante trinta e tal anos."</i>	1	Este na Marinha mais de 30 anos
		Oficial Superior	<i>"Oficial Superior"</i>	3	
		Capitão de Fragata	<i>"(...) portanto saí já na patente de Capitão de Fragata, que é o equivalente a ... a tenente coronel"</i>	6	Saiu da Marinha, como Capitão de Fragata - Profissão equivalente a Tenente Coronel
		Consultor	<i>"Depois, quando saí da marinha, vim cá para fora e portanto 1º uma ideia de fazer apenas consultoria. Depois cheguei à conclusão que só consultoria, também era pouco e então... e depois vim a reatar a minha actividade profissional"</i>	3	Quando saiu, tinha ideia de fazer apenas consultoria e reactivou a actividade profissional

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 6

O João: Mestrado em Gestão | Idade: 59 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
D	Como foi o seu percurso profissional? Que actividades desenvolveu? Porquê?	Ainda esteve noutra empresa	<i>"Ainda estive... antes estive noutra, não é? E depois acabei por ir para esta"</i>	3	Pelo que se percebe, passou por três empresas
		Carreira de sucesso	<i>"(...)fiz a carreira eh... de sucesso. Por acaso, foi uma carreira de sucesso"</i>	6	Sente que teve uma carreira de Sucesso
E	Quais as razões que o levaram à procura de formação Pós-graduada?	Ser Director-Geral	<i>"O mestrado, já me dá possibilidade de estar a um nível da gestão que eu ambiciono. Portanto, mais alto, do que aquele que neste momento estou, não é? Eh... neste momento, sou director de um departamento, mas a ambição é chegar a Director-geral e portanto, para isso... tenho que subir mais um bocadinho"</i>	4	Numa grande empresa. Multinacional
			<i>"(...) que o que eu penso é que dentro de pouco tempo, só se tem cargos de chefia, digamos que a nível mais elevado, com... com Doutoramento"</i>		Pondera fazer o Doutoramento
		A Pós-Graduação insuficiente	<i>"(...) entendi que só a Pós-Graduação, não é suficiente e portanto, daí o mestrado"</i>		A pós-Graduação insuficiente
		Grau Académico	<i>"(...)é sempre mais qualquer coisa, que a pessoa pode pôr no cartãozinho"</i>	6	O título
			<i>"Essas coisas às vezes, têm... têm um impacto até nas relações sociais... e... no ambiente em que nos movimentamos"</i>		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 6

O João: Mestrado em Gestão | Idade: 59 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
E	Porquê este curso e não outro?	Necessidade Profissional	<i>“Entendi que realmente a área da gestão, era aquela que eu sentia, mais... digamos vocacionado, nesta fase da minha... da minha carreira. Eh... e portanto, procurei, digamos a formação necessária, para poder desempenhar essas funções”</i>	3	Área da Gestão, fundamental para a actividade profissional
	Porquê o ISG?	Eng. Mira Amaral	<i>Que era o Eng. Mira Amaral, que era efectivamente o responsável pelo mestrado de gestão. E eu como tinha, sob o ponto de vista técnico, uma boa apreciação da pessoa”</i>	2	Há um Professor que foi determinante na escolha
		Não foi a 1ª escolha	<i>“Devo dizer que não foi a 1ª escolha”</i>		Os preços foram relevantes. A Universidade Católica, pratica preços muito elevados
		Factor económico	<i>“A 1ª escolha foi... foi a Universidade Católica. Mas os preços realmente eram muito... muito elevados</i>		
		No ISEG, já não havia inscrições	<i>“Não sendo possível a Universidade Católica, eh... ainda estive no ISEG”</i>		No ISEG, já tinham acabado as inscrições
			<i>“(...) quando resolvi confirmar a ... inscrição, já tinham fechado as inscrições”</i>		

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 6

O João: Mestrado em Gestão | Idade: 59 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
F	Com a conclusão do Mestrado, vai haver mudanças? O que pretende fazer?	Profissionalmente	“As mudanças já estão a acontecer”	5	Acha que as mudanças, já estão a acontecer São em termos de conhecimento
			“É evidente que eh... sinto-me mais à vontade em muitas áreas”		
		Socialmente	“Essas coisas às vezes, têm... têm um impacto até nas relações sociais... e... no ambiente em que nos movimentamos”	6	Impacto do título
			“(…) no nível social em que... em que me movo. Já é a um nível alto”	7	
			“(…) sob o ponto de vista pessoal, a valorização pessoal é... é evidente, não é? Sob este aspecto, é importante. Depois é a valorização social, é sempre mais qualquer coisa, que a pessoa pode pôr no cartãozinho”	6	Valorização pessoal
	Na sua vida o que muda?	Pode não mudar nada	“Pode não mudar nada, em termos profissionais”	7	Após o Mestrado, é uma questão de oportunidades
			“Depende daquilo que acontecer”		
			“Ninguém me diz, fazes isto e tens aqui lugar à tua espera”		
			“(…) depois é uma questão de oportunidade”	6	

QUADRO SÍNTESE | ANÁLISE DE CONTEÚDO | ENTREVISTA 6

O João: Mestrado em Gestão | Idade: 59 anos

Bloco	Questões	Identificação Ideias-Chave	Unidades de Registo	Pág.	Tópicos/Observações
G	Outros Tópicos	A companheira é Licenciada	"Mas vivo com uma pessoa que é licenciada, também. Sim"	5	Está divorciado
		Tem 2 filhas crecidas	"Tenho 2 raparigas, uma é minha colega"		1 está a fazer Mestrado e a outra não terminou o ensino superior
			"(...) a outra... eh... acabou por não... fazer nenhuma licenciatura e está a trabalhar"		
			"Dizem até que estão muito orgulhosas de... saber... de dizer que o pai está outra vez a estudar"	8	Têm orgulho no pai
		Amigos	"No instituto superior de gestão, não conhecia ninguém"	5	Veio sozinho para o ISG
		Economia /Politica	"E portanto, tudo vai depender do que vai acontecer, no nosso mercado de trabalho"		Alguma preocupação com a economia actual
			"É evidente que se quisesse ir para fora do País, tinha facilidade em...mas isso com a idade que eu tenho, já não estou com disposição de ir para fora do País"		Mas não quer ir para fora do País
			"(...) tenho que pensar que vou fazer 60 anos, em Outubro e portanto... não é que se possa dizer que a idade pesa, no sentido de que eh... já não temos a mesma, digamos a mesma energia que tínhamos com ... com 30 anos ou quarenta"	6	Factor idade